

Y.N. Daniel



UM SONHO
NA
NEBLINA

Histórias feiticeiras para ninar monstros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM SONHO NA NEBLINA

Histórias feiticeiras para ninar monstros

Y . N . D a n i e l

EDIÇÃO SMASHWORDS

* * * * *

Publicado por:
Y. N. Daniel no Smashwords
Copyright © 2014 by Y. N. Daniel

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão, por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

* * * * *

Smashwords Edition License Notes

This ebook is licensed for your personal enjoyment only. This ebook may not be re-sold or given away to other people. If you would like to share this book with another person, please purchase an additional copy for each person you share it with. If you're reading this book and did not purchase it, or it was not purchased for your use only, then you should return to Smashwords.com and

purchase your own copy. Thank you for respecting the author's work.

Notas sobre a licença desta edição Smashwords.

Este ebook está licenciado para seu divertimento pessoal. Este ebook não pode ser re-vendido ou cedido à outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor adquira uma cópia adicional para cada pessoa com quem quer compartilhar este ebook. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou não foi comprado para seu uso, então, por favor, você deve voltar ao Smashwords.com e comprar sua própria cópia. Muito obrigado por respeitar o árduo trabalho do autor.

* * * * *

Apenas sobreviver não basta.

* * * * *

Dedicado à esperança.

* * * * *

UM SONHO NA NEBLINA

* * * * *

CAPÍTULO 1

Este corpo que habito veio ao mundo em 1972, mas eu mesmo só vim acordar em 1982. Não, eu não estava em coma. Estava dormindo dentro de mim mesmo. Dormi uma pessoa e acordei eu. E quem sou eu? Bem, esta é uma pergunta difícil de responder.

Isso já faz algum tempo, mas acho que posso lhe dizer exatamente como aconteceu.

Meu antigo eu adormeceu e acordou sob a sombra das folhas verdes e muito escuras de um abacateiro imenso e generoso na aparência. Nascer debaixo de uma árvore é sempre algo auspicioso. É o lugar perfeito para acordar depois de um sono de trezentos anos.

Como sempre, a primeira coisa que fiz ao acordar foi examinar minhas mãos. Vi que eram mãos belas e infantis. A pele delas era uma pele de camponês. Passei a mão pelos meus cabelos e vi que eram lisos, macios e abundantes em minha cabeça. Passei a mão pelos meus braços. Braços finos que jamais haviam sido agredidos por cargas maiores do que podiam suportar.

Eu era jovem, muito jovem.

Levantei-me, olhei ao redor e vi o que me pareceu uma espécie de savana.

Plano, tudo plano. Uma planície imensa enfeitada de capim dourado por todos os lados.

Levantei a cabeça e vi voando uma ave de bico grande, escuro e maciço.

Eu vestia uma camiseta regata branca, estampada na frente com uma garrafa. Nela estava escrito Coca-Cola. Eu vestia um calção preto com listras amarelas nas laterais e um par de sapatos desconfortáveis de um material estranho. As roupas me pareceram horrendas. Mal vestido, eu estava muito mal vestido. Senti um cheiro desagradável e vi que o cheiro vinha de mim mesmo. Eu estava sujo. A camiseta, o calção o sapato preto estranho de amarrar, tudo isso manchado por uma espécie de barro laranja.

Eu ainda estava me acostumando com aquele corpo quando senti um vento com cheiro de erva cidreira a acariciar meu rosto. Em

seguida, o som de um arrastar de escamas sobre o mato chegou aos meus ouvidos. Movimentos sinuosos e delicados o suficiente para não ferir o capim.

Uma veio em pé em cima da outra que rastejava. Uma mulher em cima da serpente albina. Ambas brancas como ossos de animais mortos há muito tempo. Ela vinha completamente nua, segurando uma sombrinha de palha para se proteger do sol. A medida que se aproximavam, eu podia ver as magníficas tatuagens de ambas. Ao redor da serpente, linhas escuras que se cruzavam até chegar ao topo da cabeça para tocar a parte de cima dos olhos. Na mulher, as tatuagens iam do tornozelo até o pescoço. Ela estava mais do que tatuada, estava praticamente vestida de tatuagens de símbolos desconhecidos para mim. Só mais tarde vim a concluir que eram símbolos das tribos do Novo Mundo.

A serpente se aproximou do abacateiro e ergueu a cabeça. Das laterais de sua cabeça se projetaram abas do mesmo modo como fazem as najas. A mulher desceu calmamente e se dirigiu para a frente da serpente albina. E quando achou que a sombra projetada pelo animal seria suficiente para protegê-la do sol, baixou e fechou a sombrinha.

- Eu estava me perguntando quando você apareceria – ela disse isso e seus olhos e os da serpente albina ficaram vermelhos como os de um coelho.

- Mulher Confinada?

- Ah, pensei que não ia me reconhecer.

- Eu reconheceria esses olhos vermelhos em qualquer lugar.

- Eu sei - ela sorriu como se aquilo tivesse sido um elogio – Agora se não se importa...

Na entonação estava embutida a mensagem, “Eu mostrei o meu, é hora de você mostrar o seu”.

E foi o que eu fiz. O menino deu lugar a um homem de sobranceiras grossas que se tocavam. Os olhos viraram dois abismos, minhas unhas ficaram grossas negras e espessas como as garras de um urso. Minhas vestimentas inadequadas foram substituídas por couro negro adornado com ferragens prateadas. Meus cabelos eram de novo longos, mal penteados, com fios

prateados aqui e ali. Em meu rosto uma cicatriz próxima do olho direito começou a coçar.

- Então, Yani Temujin, o que veio fazer dessa vez? O mundo deve festejar ou deve lamentar a sua volta?

- É cedo para tais considerações, Mulher Confinada.

- Eu sei, estou apenas puxando assunto. Afinal não é todo dia que se assisti ao nascimento de Yani Temujin.

A palidez, a serpente albina e os olhos vermelhos eram sua assinatura, mas o rosto estava longe do que eu me lembrava. Os cabelos estavam negros, lisos, pesados. Os olhos puxados, orientais. As maçãs do rosto estavam pronunciadas. O rosto estava redondo.

- Há quanto tempo está aqui? - perguntei.

- Cento e cinquenta anos.

- E ainda não conseguiu se misturar aos humanos?

- E por que eu deveria?

- Porque é para isso que nascemos.

- Só existe uma regra e você sabe muito bem disso. Eu não me exponho e nem tento expor nenhum de nós. Eu sigo essa regra e continuo aqui. Simples, não é?

Ela estava parcialmente certa. Havia outras regras, mas a principal era aquela. Não se expor e não expor aos outros.

- Da última vez que nos vimos você administrava o mais lendário dos bordéis de Paris. Não acredito que alguém como você viva isolada de tudo e de todos.

- Às vezes, quando estou mortalmente entediada, vou à cidade mais próxima. Mas não fico muito tempo.

- Por que não morar na cidade?

- Vivo bem entre os nativos desta terra. Eles me tratam como uma deusa. Além disso, nas cidades de hoje, há níveis de vulgaridade e baixeza que nem mesma eu posso suportar. Mas não se preocupe, você verá com seus próprios olhos.

- E é assim que você pretende passar o resto da eternidade? Adorada como uma deusa por nativos de uma tribo qualquer?

- Quem sabe você não veio para mudar as coisas. Até lá, eu e Mimi ficaremos entre os índios que nos tratam tão bem esperando, quem sabe, a humanidade se autodestruir.

- Isso pode demorar.

Ela sorri amplamente.

- Você verá com seus próprios olhos e então, poderoso Yani Temujin, nós teremos essa conversa de novo.

Ela levanta a sombrinha abrindo-a em seguida. Mimi se afasta e encosta a cabeça no chão. A Mulher Confinada usa a cabeça de Mimi como escada e se dirige até a posição onde estava antes.

- Até breve, Yani.

Mimi sai a deslizar suavemente e some nos arbustos levando consigo sua dona.

Minha verdadeira natureza se vai. O menino volta.

Não era aquela a recepção que eu esperava. Verdade seja dita, eu não esperava recepção alguma. Esperava renascer sem que ninguém notasse minha presença. Um desejo tolo, reconheço. Me dou conta que perdi a oportunidade de perguntar a ela detalhes sobre esta época e este lugar. Que lugar é este? Que século é este?

Dos arbustos, aparece e se aproxima de mim um cão vira-lata de cor indefinida. Algo entre o marrom, o vermelho e o laranja. Andava em um trote despreocupado. Passou por mim como se eu não existisse. Sua indiferença me atraiu. Um animal indiferente, principalmente um cachorro, é algo que sempre me chama atenção. Resolvi segui-lo.

Pela posição do sol, calculei que já passava das cinco da tarde, mas ainda faltava bastante para as seis.

O cachorro passou a caminhar por uma trilha. Era uma trilha feita pelo hábito de muitos viajantes que haviam passado por ali. O solo da trilha estava compacto. Era uma trilha antiga. Ao longo dela, arbustos mais densos. Por alguns minutos perdi a visão do horizonte. Eu e o cachorro pouco chamativo caminhamos acompanhados de muros verdes de arbustos durante uns bons minutos, até que de súbito eles se transformaram em arbustos ralos.

À minha frente, uma casa de alvenaria caiada de branco. Uma varanda ampla, cadeiras de balanço, um teto de quatro águas de telhas irregulares de barro.

Próximo a mureta, que circundava a varanda, pés de tomate misturados com margaridas e roseiras.

O cão passou pelos tomateiros, pelas margaridas e pelas roseiras sem demonstrar qualquer interesse. Passou pela entrada da mureta, aproximou-se de uma das cadeiras de balanço, deu duas voltas ao redor de si mesmo, e se derreteu preguiçosamente no chão avermelhado.

Fiz trajeto parecido, mas ao invés do chão, o qual estava limpíssimo, preferi sentar-me na cadeira de balanço cujo aspecto da madeira indicava sua idade avançada.

Ficamos os dois lá. O cachorro pouco inspirador, deitado, talvez sonhando, e eu a me balançar na cadeira.

Quando estava a ponto de adormecer, comecei a ouvir vozes ao longe. Vozes animadas. Um homem e uma mulher.

A mulher devia ter pouco mais de trinta anos, o homem era da mesma idade. Ambos de peles curtidas pelo sol. Ela usava um vestido azul florido e sandálias. O cabelo domado em uma única trança. Ele usava camisa xadrez de manga longa, calça cáqui desbotada de sarja rústica, botas e um chapéu de palha na cabeça. Ela vinha a carregar sacolas, ele, nada.

Eles se aproximavam com um andar pesado de cansaço. O andar de um dia bem vivido de ocupações simples e de trabalho duro.

- Tá bestando o que aí menino? - ela me perguntou antes de entrar na casa.

- Não ouviu sua mãe, não? Levanta e vai tomar banho - ele disse em uma voz grave e tranquila.

Português, eles falavam português. Que sorte e que alívio. Línguas de base latina são sempre as mais agradáveis.

Eu os sigo. O cachorro continua no mesmo lugar.

Era uma casa simples.

Meu quarto era composto de uma cama e uma cômoda. Tudo era simples, sóbrio, austero.

Em que ano estava eu? Com quantos anos estava? Que lugar era aquele? Portugal? Não. O português que eles falavam não era o de Portugal. E a Mulher Confinada havia mencionado índios, nativos, tribos. Portugal não possuía nada disso.

- Marcus!

Ouço a voz da mulher a me chamar. Marcus, um nome vindo das entranhas da aristocracia romana. Um bom presságio.

Vou até a cozinha e lá está ela. Próxima ao fogão de lenha a olhar panelas.

- Como é que foi lá na casa da sua tia?

- Acho que foi tudo bem - respondo e me maravilho com meu português perfeito.

- Colheu muito capim dourado?

- Acho que sim.

- Cê tá bem, meu filho?

- Estou.

Sinto uma mão pesada bater nas minhas costas.

- Rapaz, que que cê tá esperando que ainda não foi tomar banho?

- Eu estava conversando sobre o capim.

- Então chega de conversa e vai tomar banho.

Eu saio e deixo os dois na cozinha. Vou ao meu quarto e acho uma toalha na janela. Embaixo da cama encontro chinelos de um material tão estranho quanto o material dos meus sapatos pretos. De posse da toalha e dos chinelos, dirijo-me ao banheiro.

A água sempre me ajuda a pensar, calcular, extrapolar acontecimentos.

No caminho para o banheiro, vi um retrato de casamento na sala, junto a um retrato que parecia ser o meu, ambos pendurados na parede, mas nada além disso. Tudo indicava que eu era filho único. Não havia quadros ou retratos de outros filhos do casal.

No banheiro, a primeira coisa que procurei foi o espelho. Dele me olha um menino de sobrancelhas grossas, boca bem desenhada, nariz justo, cabelos escuros, quase pretos e olhos agateados castanhos claros.

Os olhos são sempre os mesmos. Não importa quantas vezes eu acorde, os olhos são sempre os mesmos. Tudo o mais muda. Cabelo, nariz, orelhas, cor, gênero, altura, tudo pode mudar, mas os olhos são sempre os mesmos.

Me vem a mente uma lembrança de uma aldeia na China - onde exatamente não me lembro com exatidão. Nessa lembrança, uma mulher, velha e curvada como uma árvore, me diz, "O sangue de Genghis Khan corre nas suas veias". Eu respondo algo como, "Metade da Ásia tem sangue de Genghis Khan, velha". Mas ela, como fazem as velhas curvadas, retruca, "Mas só você tem os olhos dele".

A lembrança se vai, diluída na água de um chuveiro de uma material que também me é estranho. A água inicia fria, mas depois de um tempo sinto que ela começa a aquecer. Água quente encanada? Não pode ser. Como aquela casa de camponeses poderia ter um luxo reservado apenas aos mais abastados? O que poderia ser mais insólito do que estar em uma casa de camponeses que possuíam água encanada e quente?

Saio do banheiro enrolado em uma toalha e noto no teto do corredor, que liga a sala à cozinha, pequenos sóis acesos. Fico maravilhado. Foi meu primeiro contato com uma lâmpada elétrica.

A me olhar, intrigada, aquela que nesta vida foi incumbida de ser minha mãe.

- Ô Marcus, cê bateu a cabeça? Tá lesado?

"Não, não estou lesado, mulher grosseira. Estou apenas admirando esta maravilha."

Mas o pensamento não tem a oportunidade de se transformar em palavras.

Passa por mim, em direção a sala, aquele que nesta vida foi incumbido de ser meu pai.

- Ô espelho sem aço, vai ficar aí no corredor?

Acordo de meu sonho. Vou para o quarto. Tenho a intenção de fechar a porta, mas percebo que meu quarto não tem porta.

Dirijo-me a cômoda e escolho um calção e uma camisa, os quais considero adequados para a noite que se aproxima.

Próxima a cama, uma mochila. Concluo que ela deve ser minha.

Sento na cama, abro a mochila, e fico espantado. Livros, a mochila está cheia de livros e cadernos.

Chama-me atenção o livro de matemática. É uma matemática básica. Operações aritméticas básicas. Princípios de geometria euclidiana. Nada de muito avançado. Ainda assim, era algo espantoso que uma criança, filha de camponeses, tivesse acesso aquele tipo de informação.

Uma casa simples, de camponeses, com livros. Isso dizia muito sobre a época em que eu havia renascido.

Em um dos cadernos vejo escrito no topo de uma página, "22 de abril de 1982". Século, 20. Então já havia se passado trezentos anos. Encontro um livro que demonstra, de forma rudimentar, a geografia do país em que me encontro. Como eu suspeitava, estou no Brasil. Mas em que parte exatamente? A vontade de indagar meus pais desta vida, sobre zil coisas, era imensa. Mas todo o cuidado era pouco. Era imperativo que eles não percebessem o que havia acontecido com seu filho.

Meu objetivo mais imediato era ter certeza de que a mulher não desconfiaria de nada. Mulheres são mais sensíveis. Mesmo não sendo uma médium ou mesmo uma feiticeira, ainda assim eu deveria tomar extremo cuidado com esta que havia trazido este corpo a este mundo.

Encontro um caderno com coisas escritas com minha letra. Minha letra é medonha. Imediatamente faço uma anotação mental de que isso deveria ser corrigido imediatamente.

Encontro um livro de história. Este também é um livro incipiente, mas ainda assim útil. Naquele momento toda e qualquer informação era vital. Eu tinha horas, no máximo dias, para me adaptar aquele novo século. Qualquer deslize e eu teria que mergulhar em um novo sono, e só os deuses poderiam precisar quando eu acordaria de novo.

Meu pai nesta vida estava sentado no sofá, vidrado em um quadrado luminoso.

Que maravilha, havia pessoas dentro do quadrado. Precisei de todo meu poder de dissimulação para não parecer surpreso. Foi meu primeiro contato com a televisão.

Sentei-me ao lado de meu pai e fiquei ali, maravilhado. Que tipo de ciência seria capaz de um feito tão assombroso como aquele? Ou

seria mágica das mais refinadas?

Um drama se desenrolava naquela pequena tela. Um homem poderoso ameaçava uma mulher jovem e bela. Havia escravos negros envolvidos na trama. Será que ainda existiam escravos no século vinte?

Nos intervalos do drama, imagens de pessoas que se concentravam em vender coisas. Coisas que eu não compreendia o que eram. Vender, eles queriam vender. Vender era imprescindível. Lembro-me que a primeira coisa que vi foi um homem fumando em cima de um cavalo, no final de tarde. Ao fundo, uma fazenda com cavalos que corriam levantando poeira. A mensagem na TV dizia que aquele era o mundo de Marlboro. Nesse mundo as pessoas fumavam ao ar livre e andavam a cavalo enquanto fumavam. Achei mais interessante do que a ideia das depressivas casas de ópio em Londres, as quais tive a oportunidade de frequentar com certa regularidade.

- Cê tá queto demais. Aconteceu alguma coisa? Tá tudo bem? - perguntou meu pai.

“Sim, aconteceu, estou diante de um milagre que, ao que parece, para vocês camponeses é uma coisa normal”, mas ao invés de dizer isso falo de forma lacônica.

- Tá tudo bem.

- A janta tá pronta! - ouço a mulher gritar da cozinha.

É quando noto que eu estava com fome.

Na mesa, arroz, feijão tropeiro, bifés, salada, uma jarra de suco de jenipapo. Uma comida simples, honesta, sincera, bem feita.

Durante o jantar, ela vai até um caixote de metal e de lá tira um prato com doce de goiaba. Do caixote de metal se projeta para fora um ar frio; como se o inverno estivesse encaixotado lá dentro. O caixote de metal era uma geladeira.

Chuveiros elétricos, camponeses com livros, lâmpadas elétricas, televisores, geladeiras, ao que tudo indicava, eu havia renascido em um século de maravilhas.

CAPÍTULO 2

Acordo ao som de dois galos que cantam ao longe. Como era bom ouvi-los. Um amanhecer sem galos não é um amanhecer de verdade.

É segunda-feira. Minha mãe está no batente da porta do meu quarto a me olhar. E eu a olhá-la.

“Perdeu alguma coisa?”, penso eu.

- Levanta Marcus, tá na hora de ir pra escola.

Escola? Será? Mas só os muito ricos vão à escola, e aqueles dois, definitivamente, não se encaixavam na categoria dos muito ricos.

Depois do banho procuro na cômoda algo que se pareça com um uniforme.

Acho uma camiseta branca e uma bermuda azul marinho. Embaixo da cama, sapatos pretos.

Na camisa um círculo com as letras G.E.S.T.D. . Ao redor da sigla estava escrito Grupo Escolar Santa Tereza D'Ávila. Ao entender o que significava a sigla na camisa não pude fazer outra coisa que não fosse sorrir. Uma religiosa notável que se me visse em minha verdadeira forma, provavelmente, morreria de um ataque cardíaco, mas não obstante uma mulher notável.

Meu pai já havia partido. Estávamos apenas eu e minha mãe.

O café da manhã era leite, café, pão, suco de laranja e bolo de fubá. Coisas que, assim que provei, ficaram tatuadas em meu paladar para sempre.

- Ô Marcus, a professor me disse que cê não tá indo bem na escola. Eu mais seu pai andamo conversando sobre isso. Cê tem que se esforçar mais. Se teu pai vê outro boletim que nem o da semana passada, eu num sei o que vai acontecê. Januário é homem bom, mas não brinca não. Se essas nota num melhorar, se prepara.

“Então sou uma criança de nível intelectual baixo. Que lástima.”

- Eu me esforçarei para mudar isso, minha mãe.

Ela me olha com uma interrogação na testa.

- Menino, cê tá estranho, hein?

“Se você tivesse saído do século dezessete e tivesse vindo parar aqui, neste século e neste lugar, você também estaria estranha, mulher.”

Depois do café, eu me vou com minha mochila nas costas.

Na beira da estrada, espero o que deveria ser a carruagem que iria me pegar.

Quando vejo se aproximar de mim uma estranha máquina, minha nuca coça. Ela tem rodas como uma carruagem, mas não tem cavalos. E parece ser inteira feita de metal. Deve ter custado uma fortuna, pensei eu. Quantos artesões e horas não deveriam ter sido gastas naquela carruagem sem cavalos?

A carruagem para a poucos metros de distância. Dentro dela um cocheiro de camisa xadrez, barba por fazer e chapéu de palha na cabeça.

- Tá esperando o quê?! - grita o cocheiro dentro da cabine de metal - Sobe logo aí!

Atrás da carruagem esverdeada, vi escrito, Toyota.

Com certa dificuldade e medo, subi na caçamba da carruagem. Nela estava um garoto de pele clara, cara arredondada, de idade similar a minha. Ele aparentava estar perdido em pensamentos, mas assim que me viu, saiu de seu transe.

- E aí Marcus? Tá pronto pra morrer hoje?

“Huummmm, morrer hoje. Do que você está falando menino do rosto redondo?”

- Não me sinto preparado para morrer hoje - respondi tentando parecer o mais natural possível.

- É, mas o Zezo disse que vai te pegar na saída.

- Vamos torcer para que isso não aconteça.

Leonardo olhou para mim com uma interrogação na testa.

- Cê tá bem?

- Este corpo... Sinto-me perfeitamente saudável

- Vamos torcer para que isso não aconteça - ele repete o que eu disse em tom de zombaria - Agora falta só você dizer, fascinante, que nem o Spock.

Fiquei com vontade de perguntar quem era Spock, mas achei melhor não. Tudo indicava que eu e o menino do rosto redondo éramos amigos. Só isso explicaria o nível de intimidade com que ele me tratava. E se éramos amigos, mais estranho que perguntar quem era Spock, seria perguntar qual era o seu nome. Achei melhor não. Perguntar seu nome levantaria suspeitas indesejadas.

O sol e o ar da manhã me pareceram agradáveis. Lembrei-me de outros tempos, de outras épocas, de outros séculos e comecei a sorrir.

- Cê tá rindo do quê?
- Esta é uma manhã agradável.
- Rapaz, cê tá esquisito mesmo.

A carruagem do senhor Toyota nos deixa em frente a um prédio, o qual deduzi ser a escola. A carruagem sem cavalos, impulsionada por magia ou por algum princípio mecânico ou alquímico que eu desconhecia, era rápida, mas desconfortável.

Era necessário fazer alguma coisa a respeito, mas minha missão naquele dia não era melhorar minhas condições de traslado. Minha prioridade era não levantar qualquer suspeita de que Marcus era na verdade Yani Temujin, um feiticeiro de quase dois mil anos.

- Olha lá – me tocou com o cotovelo o menino do rosto redondo – É o Zezo. É hoje que você morre.

Zezo era uma criança quinze centímetros maior do que os outros de mesma idade. Foi o que pude deduzir daquela distância.

- Diga-me o que sabe sobre meu inimigo.
- O nome dele é José. Todo mundo tem medo dele. Ele é filho do prefeito – disse ele com uma voz sem vida zumbificada.

Quando percebi era tarde demais. Sem querer eu havia usado em minha voz uma sugestão hipnótica. O menino estava em transe. O que eu havia feito havia sido um ato não intencional, desta forma senti-me à vontade para aproveitar-me do acidente.

- Por que ele deseja me matar?
- Você chamou ele de filho da puta.
- E você tem certeza de que a mãe dele é uma mulher virtuosa?
- O que é virtuosa?
- A mãe dele é uma mulher respeitável?

- A mãe dele é a mulher do prefeito.
- Huuummm, talvez eu tenha cometido um erro de avaliação.

Antes de entrar na escola, vejo Zezo me fitar com um ódio mal disfarçado.

- Qual é o seu nome? - volto minha atenção para meu amigo zumbificado.

- Leonardo Mendonça.
- Você é meu amigo?
- Sou seu melhor amigo.
- Tem certeza?
- Tenho certeza de que acho que sou seu melhor amigo.
- É uma resposta satisfatória. Sou uma pessoa bem quista neste

lugar?

- Bem quista?
- As pessoas neste lugar gostam de mim?
- Acho que sim. Você tem amigos.
- Muitos?
- Mais do que eu.
- Huuummmm, isso é satisfatório. Leonardo, acorde.

Ele volta tonto, a ponto de ter que se apoiar em mim para não cair.

- Rapaz, me deu uma tontura agora que minha Nossa Senhora...
- Deve ser sol, Leonardo.
- Que sol o quê rapaz? Não é nem oito hora da manhã.
- Pode ter sido alguma coisa que você comeu.
- É, pode ser.

Leonardo se recupera e nós entramos no prédio de Santa Tereza D'Ávila. É um prédio de um andar com pé direito alto, muitas salas, corredores longos e um piso cujo material não pude identificar. Era de se esperar que o piso de um templo do saber fosse de mármore, mas aquele não era o caso. De longe a construção parecia aceitável, mas ao se notar os detalhes tudo possuía problemas de acabamento. As paredes haviam sido mal lixadas, as janelas mal pintadas, os vidros encaixados de forma descuidada, os rodapés com falhas aqui e ali. O encarregado daquela construção era uma pessoa preguiçosa e eu, assim que o encontrasse, arrancaria sua língua e

cortaria suas mãos para que jamais repetisse aquilo em outro lugar. Uma escola e uma catedral devem ser construídas com igual zelo. O pedreiro e o mestre de obras, que não entendem uma verdade tão simples como esta, não merecem estar andando e respirando entre os vivos. Mas haveria tempo para corrigir aquela infâmia. Naquele momento eu deveria me concentrar em passar despercebido pela multidão de crianças que, se soubesse quem eu realmente era, sairiam a correr desesperadas.

Uma sirene infernal toca. Concluo que é o sinal do início dos trabalhos do dia.

Como não sei para qual sala me dirigir, sigo Leonardo. Ele para em frente a porta na qual está inscrito o número cinco seguido de um A. Ele entra e eu o sigo.

Vi em frente à mesa, próxima à lousa verde escuro, uma mulher com uma blusa de tecido delicado, cor de terra e uma saia azul marinho que passava dos joelhos. Ela usava sapatos fechados pretos. O cabelo era amarrado em um coque baixo pouco apertado. Calculei que ela devia ter por volta de quarenta anos.

O que ela estaria fazendo ali? Onde estaria o padre jesuíta com olhos de águia, mãos calejadas e roupa preta que lhes davam um bem adequado aspecto agourento? Afinal onde estariam os padres daquela escola? Aquilo era muito estranho.

Ignorei aquela inadequação e me concentrei em descobrir qual daquelas pequenas mesas seria a minha.

Espero que as outras crianças se sentem para ver qual das mesas ficará vazia. A mesa vazia fica ao lado de Leonardo e logo atrás de meu inimigo Zezo. Uma localização interessante.

Ao passar pelo Zezo sinto uma cotovelada nas pernas. Meu impulso inicial era o de arrancar os olhos daquela criatura que ousara tocar em Yani Temujin, mas não era o momento para uma violência daquela magnitude.

Todos sentados, a aula começa. É uma aula de matemática. E o que crianças daquela idade estariam aprendendo sobre matemática?

- Bom dia, pessoal!

- Bom dia, professora Adriana!

- Vocês lembram que semana passada eu pedi pra vocês trazerem a lista de exercício resolvida?

- Sim - eles respondem.

“Não, não lembro de nada disso.”

- Então, no final da aula, eu quero todo mundo deixando a lista resolvida na minha mesa, ok?

- Sim - eles respondem.

“Que ótimo, mais um fracasso.”

- Agora vamos abrir o livro na página quarenta e cinco.

Abro a mochila e tiro de dentro um livro de matemática. Dentro dele, encontro quatro folhas com exercícios relacionados a noções primitivas de geometria, retas e segmentos de retas de um plano, linhas poligonais planas, polígonos, ângulos, classificação de triângulos e quadriláteros.

Uma passada rápida e detecto várias inconsistências nas resoluções propostas por mim. Concluo que aquela era a lista sobre a qual a professora estava se referindo.

- Hoje nós vamos começar a falar de múltiplos e divisores de um número natural. Alguém aqui faz ideia do que isso significa?

- É dito que Y é um divisor de natural de X , quando X dividido por Y não deixa resto, ou seja, a divisão é exata. Nestas condições, X é um divisor de Y e Y é um múltiplo de X - penso em voz alta.

- Muito bem Marcus é isso mesmo. Parece que você andou estudando nesse final de semana.

Todos me olham com interrogações cravadas em seus rostos.

“Mulher, a matemática não tem segredos para mim.”

- Fascinante - sussurra Leonardo para mim levantando as sobrancelhas e baixando ligeiramente o queixo.

A aula começa. E como eu suspeitava, a professora fala sobre a ideia da divisibilidade dos múltiplos e dos divisores de um número natural. Ignoro-a em seus esforços em fazer com que aquelas crianças entendessem a beleza da matemática, e concentro-me em corrigir a lista de exercício de Marcus, O Deficiente Intelectual.

O tempo escorre e, pouco antes do final da aula, a professora faz uma alusão aos números primos.

- Alguém sabe o que é um número primo?

- São números que só tem dois divisores. O um e ele mesmo – respondo.

Leonardo fica de queixo caído, assim como o resto da sala.

A sirene infernal toca. Dirijo-me à mesa da professora e deixo, sobre a pilha de outras listas de exercício, a lista corrigida de Marcus, o agora Brilhante, devido às minhas correções.

A professora se vai. Zezo se aproxima de mim. Estamos ambos em pé. Ele é realmente grande para sua idade.

- Aí, ô cabeça, na saída eu vou te encher de porrada. Vou acabar com a tua raça.

Espero que ele passe das ameaças para ação. Assim, quem sabe, terei o direito de arrancar seus braços. Mas ele apenas ameaça. Me dá um ou dois empurrões e volta-se para seu séquito de seguidores. Sim, ele tinha seguidores. Em trezentos anos essas coisas pareciam não ter mudado. As pessoas respondem e se curvam ao medo com mais eficiência do que a qualquer outra coisa. Acho que isso se enquadra no que chamam de natureza humana.

Outros se aproximam de mim com comentários de natureza mais agradável. Eles me conhecem, ou melhor, eles conhecem Marcus. Felizmente nenhum deles é capaz de perceber minha verdadeira natureza. Tudo transcorre de acordo com minhas expectativas. Não pronuncio o nome de ninguém, mas isso parece passar despercebido por eles.

Nova aula, novo intervalo, nova aula, novo intervalo, e assim sucessivamente até que chega o fim das atividades escolares daquele dia.

- Agora é que eu quero ver - me diz Leonardo com a voz preocupada.

- Você se refere às ameaças de meu inimigo declarado?

- Sim, senhor Spock.

- Não se preocupe.

- Eu não tô preocupado. Não é a minha cara que ele vai socar.

Saímos eu e meu recém descoberto melhor amigo.

Mochila nas costas e aparentemente despreocupado, me dirijo para a rua que dará para a estrada principal, na qual seremos pegos

pelo senhor Toyota.

No caminho o esperado acontece.

Zezo corre em minha direção.

- Corre, Marcus! Ele vai te matar!

“Eu? Correr de um mortal? As coisas mudam com o decorrer dos séculos, meu caro Leonardo, mas não tanto assim.”

Fico parado. Ele chega perto e desfere seu soco desajeitado. No último momento, eu desvio de seu golpe infantil, mas que teria um efeito devastador devido a minha forma física também infantil. Ele tenta outros socos. Eu me desvio de todos. Ele está surpreso. Aliás todos que nos veem estão. Ainda não posso revelar minha verdadeira natureza. Se o fizesse, os danos que eu lhe causaria seriam permanentes. Descido então utilizar uma estratégia que não danificará o corpo de Zezo para sempre. Acerto-lhe, com os nós dos meus dedos indicadores e anelares, os centros nevrálgicos do corpo dele. A cada golpe, seu corpo vai perdendo o movimento até cair no chão como uma boneca sem ossos. Os golpes afetam sua capacidade de se movimentar e de falar, mas não afetam sua visão ou audição. Ele pode me ouvir e, sabendo disso, eu me aproximo e digo para que apenas ele ouça.

- Criança, da próxima vez que tentar me ferir, arrancarei suas tripas e farei delas cordas para um banjo. Ou quem sabe eu as utilizarei para fazer cordas de violino. Ainda estou em dúvida.

Olhei para o céu e calculei que passava pouco do meio-dia. A luz dura fazia seu rosto ficar ainda mais desagradável do que já era. Os olhos dele começaram a se mover freneticamente. Vi em sua expressão facial que ele achava que iria ficar daquele jeito para sempre.

- Não se preocupe. O efeito passa logo. Agora se me dá licença, a carruagem do senhor Toyota me espera.

No caminho para a estrada principal, Leonardo parece estar excitado com o que viu.

- Puta que pariu! Marcus! O que foi aquilo, véio?! Tu acabou com ele!

- Nenhum dano permanente foi infligido à criança.

CAPÍTULO 3

Eu estava em meu quarto a estudar. Algo que meus pais cobravam, mas que, ao me verem passar horas debruçado sobre livros e jornais, provocava neles um certo estranhamento.

Havia tanto o que aprender sobre esta época. Os jornais, apesar de mal escritos, eram uma ótima fonte de informação. Além disso era necessário ter o bom senso de saber que havia uma mente que comandava o que poderia ou não ser impresso neles. E essa mente nem sempre estava interessada em deixar que a verdade se manifestasse de forma íntegra. Os jornais apresentavam uma verdade manca, mas ainda assim eram úteis.

Uma das notícias naquele dia me causou profunda tristeza. O jornal falava da guerra entre Irã e Iraque. O Iraque era acusado de usar armas químicas contra forças iranianas e contra seus próprios dissidentes, os curdos. Ambos os lados estavam sofrendo muitas baixas, mas o Irã era o que mais estava sofrendo. O Irã estava usando jovens de quinze anos como soldados. Eu estava longe daquilo tudo. Mas me causava desgosto considerável, saber que um dos berços da civilização humana havia se tornado uma sombra do que havia sido um dia. Foi neste estado de espírito que fui chamado pela voz de Josefina, minha mãe. Seu nome era belo, mas todos a chamavam de Dona Zefa. Que lástima.

- Ô Marcus, para um pouco aí com essa estudação que nós vai na casa da cumadre Sônia pra levá umas latas de óleo, arroz, feijão e outras coisa.

A charrete, nosso único meio de transporte, não estava disponível. Meu pai havia ido à cidade e levado-a consigo. Isso significava que Josefina havia interrompido minha leitura para que eu fizesse o trabalho de um servo, ou seja, carregar coisas.

Era quatro da tarde. O sol não estava forte, e a casa da amiga de minha mãe, Sônia, não ficava muito longe. Menos de um quilômetro, eu diria.

Como eu havia suspeitado, meu papel naquela visita seria o de carregar coisas. Eu carregava uma sacola pesada com alimentos não

perecíveis. Minha mãe fazia o mesmo. Durante a viagem, ela me fez alguns alertas.

- Olha só, da última vez que a gente foi, cê ficou azucrinando a filha da Sônia. Num quero sabê desse tipo de coisa, hein? Deixa a menina em paz. Ela tem pobrema, mas a gente tem que respeitar. Cê tá entendendo, menino?

- Entendi.

- Bom.

Depois de alguns minutos, acompanhados por nosso cão de cor indefinida, que respondia pela alcunha de Lajota, chegamos ao nosso destino.

Comparada àquela choupana, minha casa era um palácio elisabetano. Eu estava diante da pobreza no seu estado bruto. Era uma gentileza chamar aquilo de casa. Paredes feitas de barro, palha e outros materiais não identificáveis. Uma porta e janelas igualmente tortas. A guardar aquela casa, cães esqueléticos.

- Cumadre Sônia! - grita minha mãe ao mesmo tempo em que bate palmas.

Me veio a mente que no Tibete, os habitantes daquele lugar batem palmas para afastar os maus espíritos. E me veio a mente também que os gregos batiam palmas para seus deuses. Fiquei tentando adivinhar se minha mãe estava tentando afastar os maus espíritos ou atrair os favores dos deuses. Fosse o que fosse, as duas coisas pareciam ser necessárias no lugar onde estávamos.

A porta torta se abre.

No batente da porta, aparece uma mulher magra em um vestido de chita impecavelmente limpo. Do seu lado, também com um aspecto irrepreensível em termos de asseio, uma menina também muito magra e também vestida em um vestido de chita azul todo salpicado de minúsculas flores amarelas.

- Ô, cumadre Zefa! Que coisa boa cê por aqui.

As duas se abraçam sob o olhar da menina que continua parada no batente da porta.

- Eu vim trazer algumas coisa. Tem feijão, arroz, óleo, fubá, açúcar e mais algumas coisas.

“Sim, Sônia, ela trouxe um monte de coisas, às custas de meus braços.”

- Ô, cumadre, não precisava.

- Bobagem. É pouca coisa, mas é de coração.

Coloco as sacolas no chão e sinto que minhas mãos pequenas estão dormentes.

“Ai que inferno, aquele menino chato de novo!”, o pensamento é da menina.

É um pensamento que se projeta como um vento forte.

- Vem, Marcus. Vamos levar essas coisa pra dentro.

- Ô, Beatriz, ajuda o Marcus – pede Sônia para sua filha silenciosa.

Minha mãe e Sônia entram na casa.

Beatriz, sem olhar para mim, se aproxima e pega algumas sacolas.

“Se ele mangar de mim de novo vou dá-lhe uma pedrada.”

- Pedras são uma forma um pouco grosseira de abater alguém, mas ainda assim são eficientes.

Ela olha para mim com os olhos esbugalhados e o queixo caído. As sacolas escapam de suas mãos.

“Você pode me ouvir?”

- Sim. Os pensamentos de alguns humanos são como relâmpagos na noite. É o seu caso.

“Desde quando você ouve pensamentos?”

- Desde antes de Roma se tornar um império. E você, não fala por quê?

“Sou muda.”

- Ah. É um motivo coerente.

“Quem é você?”

- Como assim?

“Você não é o Marcus.”

- Uma parte de mim ainda é.

- Marcus, traz logo essas sacolas! - grita minha mãe de lá de dentro.

Levamos os dois as sacolas. Beatriz me olha como se eu fosse uma criatura de um outro mundo.

- A cumadre qué um café? Acabei de passar agorinha mesmo - fala Sônia.

- Agradecida, minha amiga.

A casa tinha dois cômodos. Um quarto e uma sala. A sala era também a cozinha. Uma mezinha com alguns tocos de árvores que faziam as vezes de cadeiras.

Havia uma bancada próxima à janela com panelas, pratos e copos. Abaixo da bancada um botijão de gás. Ao lado, uma chapa de ferro sobre uma estrutura de barro. Era uma espécie de fogão a lenha adaptado para funcionar com gás. Uma ideia engenhosa.

A casa era simples, mas havia energia elétrica. E como toda casa brasileira, por mais simples que fosse, possuía uma televisão. A eletricidade chegava a todos os lugares, contudo para casas e famílias como aquela, o saneamento básico, importantíssimo, era um sonho impossível de ser alcançado.

Enquanto as duas mulheres amigas irmãs conversavam, eu e Beatriz, sem que elas percebessem saímos da casa.

Lajota e os outros cães de raça indefinida pareciam estar contentes com a companhia uns dos outros.

- Quem fez o seu fogão?

“*Eu.*”

- Foi uma ótima ideia.

“*Pois é. O povo acha que só porque a gente não pode falar a gente é idiota.*”

- É uma ideia antiga que, pelo que vejo, ainda persiste.

Nos anos oitenta, no Brasil, ser surdo ou mudo era o mesmo que ser deficiente mental. Não era necessário perguntar para saber que ela não frequentava a escola. Nenhuma escola a aceitaria e naquela época, naquele lugar, não havia escolas para pessoas como ela.

“*Cê fala engraçado.*”

- O português é uma língua sofisticada. Eu a uso como deve ser usada. Na verdade são vocês que a utilizam de forma equivocada.

“*Seus pais não desconfiam de nada?*”

- Eu sou seu único filho e tenho dez anos, é o que eles sabem – respondi.

Andamos até a sombra de um jacarandá, e lá nos sentamos em um pequeno banco de madeira.

“Se eu percebi que você não é o Marcus, como é que eles não percebem?”

- Você é diferente.

“É, sou muda.”

- Não, não é isso. Você só ouve, não fala. Você é obrigada a prestar atenção nas coisas mesmo que não queira. Pessoas que ouvem mais do que falam são especiais.

Ela fica reflexiva. Havia uma inteligência especial naquela criança. Um fogo embaixo de uma palha seca esperando ser despertado.

“Além de ler os pensamentos da gente o que mais você pode fazer?”

- Sou capaz de coisas que é melhor que você não saiba.

Ela me olha com curiosidade.

“Os seus olhos estão diferentes.”

- Diferentes como?

“Meio esverdeados.”

- É o início da transformação.

“Transformação?”

- Sim. Assim como as plantas crescem na direção do sol, este corpo irá se modificar em direção a minha verdadeira forma.

“E como é que é a sua verdadeira forma?”

- Digamos que é algo pouco convencional.

“Ah...”

- Você sabe ler ou escrever?

“Sei. Aprendi sozinha.”

Como eu suspeitava. Apesar de viver uma vida miserável em termos de conforto físico, ela era uma criatura dotada de inteligência acima da média.

- Você tem vontade de ir para a escola?

“Tenho não. Eles iam mangar de mim. Que nem você fazia antes. Fora isso, a escola num aceita gente que nem eu.”

- Sua análise está correta. Mas você poderia ir até a minha casa. Eu poderia ensiná-la.

“Sério?”

- Sim.

Ela sorri. Era um sorriso belo e infantil. A pobreza e a mudez, ao contrário do que se poderia esperar, não haviam transformando-a em uma pessoa opaca e amarga. Assim como seus pensamentos, Beatriz era um clarão de relâmpago na noite escura. Ao pensar nisso, sou eu quem sorri.

Ela levanta e começa a pular e rodopiar.

- O que você está fazendo?

“Cê não tá ouvindo?”

- O quê?

“A música.”

Fecho os olhos e me concentro para ouvir o que ela diz que está ouvindo. Aos poucos começo a ouvir flautas, tambores, violinos, violoncelos e corais. Começo a rir.

Só havia um jeito de ela estar ouvindo uma música que estava sendo executada em outro plano de existência. Beatriz era uma de nós.

Eu me levanto e danço. Celebro a existência de uma jovem feiticeira que ainda não sabe o que é, mas que com minha ajuda, se tornará uma criatura magnífica. Dançarina seria um ótimo nome para ela. Beatriz a dançarina.

Pela janela, sinto minha mãe e a mãe de Beatriz nos olhando a dançar na sombra do jacarandá, acompanhados por cães que também ouviam a música das esferas.

Aquele foi um dia bom. Um dia bom na sua essência. Alguns dias são assim, transcendentemente bons.

Depois daquela visita, Beatriz passou a frequentar nossa casa para que eu a ensinasse as coisas que, supostamente, eu havia aprendido na escola. Meus pais e a mãe dela não foram contrários à ideia. Ainda bem, pois caso Sônia representasse um obstáculo para a

educação de Beatriz, eu teria que tomar providências. Algo que, sinceramente, eu não desejava ter que fazer.

- Mãe, o que aconteceria se a dona Sônia morresse? - perguntei uma vez à minha mãe que estava lavando louça.

- Aff, que conversa esquisita, menino.

- A gente podia ficar com ela?

- Deus que nos livre, mas se alguma coisa acontecesse com a cumadre, eu tomaria conta da menina. É minha obrigação. Eu sou madrinha de batismo dela.

“Hummmm, bom saber.”

- Pra quê que cê tá perguntado isso?

- Nada. Só curiosidade.

CAPÍTULO 4

O tédio não mata, mas irrita.

Eu já havia perdido a conta de quantos minutos ou horas estava sentado naquele banco de igreja. Era uma missa longa, muito longa.

Meus pais não eram extremamente religiosos, mas eram católicos. E em sendo católicos, sentiam-se obrigados a observar certas datas. Uma delas, uma das mais importantes, a páscoa.

Era dia, manhã de páscoa, e a igreja estava lotada. Era uma igreja mal feita, mal acabada, com santos mal esculpidos e bancos mal conservados. Talvez os frequentadores daquela igreja pensassem que a coisa mais importante era a fé, e por isso ignoravam a falta de acabamento das coisas ao redor. Mas eu pessoalmente acho que fé sem acabamento é uma combinação péssima.

O padre, para o meu total espanto, rezava a missa em português e de frente para os fiéis. Que escândalo! Uma missa deve ser rezada em latim! Qualquer pessoa com o mínimo de discernimento sabe disso. Mas havia trezentos anos que eu não frequentava uma igreja, era de se esperar que as coisas estivessem mudadas.

E como eu sabia que as missas eram rezadas em latim? Apesar de ser Yani Temujin, um dos mais lendários dos feiticeiros de guerra, eu frequentava catedrais. Mas eram outros tempos. Nessa época, os mais brilhantes artistas trabalhavam para a igreja católica. As catedrais eram galerias de arte as quais qualquer um, ou quase qualquer um, poderia frequentar e apreciar.

Aquela, entretanto, não era uma catedral. E a nobreza e a aristocracia tinham dado lugar aos camponeses. Aliás, nobreza e aristocracia pareciam ter sido definitivamente extintas naquele lugar.

Outra coisa que havia mudado, e que me chamou especial atenção, era o fato de negros terem permissão para sentar nos bancos próximos ao púlpito. No passado, negros frequentando igrejas nos lugares destinados às grandes autoridades seria impensável. Entre eles havia uma menina que, como eu, estava mortalmente entediada. Uma menina de olhos castanhos dourados e cabelos cuidadosamente trançados e presos por miçangas. Ela não

era muita mais velha do que eu, calculei. Os adultos próximos a ela deveriam ser sua família. Pai, mãe, tios, tias, irmãos e irmãs.

Quando chegou o clímax da missa, aconteceu algo que nem o padre e nem nenhum dos presentes havia antecipado, o incêndio das hóstias.

Do cálice dourado começou a sair uma fumaça branca, a qual os presentes não perceberam no início. Depois a fumaça branca foi ficando negra, e então um fogo começou a arder as hóstias imaculadas.

O padre, um homem idoso, bonachão e de sotaque italiano, ficou deveras assustado.

- Dio mio! - disse ele ao ver o fogo consumir as hóstias.

E logo depois que ele disse aquelas palavras, o fogo se transformou em uma labareda que começou a lamber a toalha da mesa.

O fogo começou a se espalhar, e logo o pânico começou a tomar conta de todos. Alguns fiéis menos impressionáveis foram atrás de baldes de água para apagar o fogo, enquanto os outros saíram em disparada por acharem que um fenômeno sobrenatural estava se manifestando.

- É a ira de Deus! Valei-me Nossa Senhora! - gritavam alguns.

Entre os fiéis pragmáticos que haviam ido atrás de baldes de água para apagar o fogo, estavam meus pais.

Depois do fogo controlado, o padre agradeceu a todos por terem salvado a igreja.

- Obrigado meus filhos, muito obrigado - ele disse com o semblante cansado.

- O senhor tá bem, padre? - perguntou uma senhora toda vestida de azul escuro e que usava um véu negro.

- Estou sim, estou sim.

- Que coisa mais esquisita.

- Deve haver uma explicação perfeitamente lógica para o que aconteceu - disse o padre.

“*Só se for a lógica do diabo*”, ouvi ela pensar. Mas o pensamento não veio à tona. Ao invés disso, ela se aproximou e beijou a mão

dele.

- Sua benção, padre.
- Deus te abençoe, dona Ermelinda.

Outros repetiram a ritualística de beijar a mão do padre e foram se retirando.

Era uma igreja mal acabada, mas isso não era motivo para queimá-la, pensei eu.

Da entrada da igreja, a menina com miçangas no cabelo trançado me olhava.

Vi, por uma fração de segundos, pequenos chifres caprinos se projetarem de sua cabeça, e logo a reconheci, Dandara. Ao perceber que havia sido reconhecida, ela sorriu e sumiu.

- Eita nóis. Mais essa agora? Nem na missa a gente pode ter um pouco de paz - disse meu pai.

- Isso é um sinal - disse minha mãe.

- Sinal do que mulher?

- Tem alguma coisa errada nessa cidade, Januário. Hóstia pegando fogo? Onde já se viu isso?

- É. Hóstia pegando fogo é de lascar - respondeu meu pai.

No caminho de volta para casa, ao lado de minha mãe, na charrete, eu pensava no fogo da hóstia e ria por dentro.

“Dandara, Dandara, você não mudou nada.”

- Fogo na hóstia. Agora não falta mais nada - disse meu pai gargalhando.

- Que é isso, Januário?

- Num tô falando nenhuma mentira - ele deu de ombros.

De volta a casa, eu sentia como se um lobo estivesse à espreita. Um lobo negro de olhos amarelos era a minha suspeita.

A tarde veio e se foi. Chegou a noite e, junto com ela, uma sensação ruim tomava conta de minha mãe.

Na varanda, ao lado de Lajota, de braços cruzados, ela olhava para o nada. De camisa vermelha de manga longa, saia branca e sandálias de borracha, ela procurava algo no nada da noite.

Seu ar introspectivo me despertou a curiosidade.

Assim que cruzei o batente da porta da frente da casa, ela se virou para mim.

- Tá ficando frio, né, Marcus?

- Tá sim, mãe.

- Eita, sô. Frio ruim, frio maligno.

- Porque que a senhora acha que é um frio maligno.

- Num sei. Eu tô sentido uma coisa ruim no peito. Esse negócio da hóstia pegar fogo... Num sei, num tô gostando disso.

- O padre disse que deve existir uma explicação lógica e racional para o que aconteceu.

- Ele falou isso pra gente num surtá. Mas aí tem coisa, Marcus. Eu tô sentindo.

Aproximei-me mais ainda e segurei sua cintura.

- Se preocupa não, mãe. Eu protejo a senhora.

Ela me olhou e sorriu com uma honestidade que só as pessoas simples são capazes.

- Eita nóis. Cê vai me proteger? E quem é que vai proteger ocê?
- e riu.

Chegou meu pai com seu cigarro de palha aceso.

- Eita Zefa, que frio é esse?

- Pois num é Januário? Tu num tá achando isso estranho?

- Estranho por demais.

Eles estavam certos. E nas próximas horas aquele frio só iria aumentar.

De madrugada ouvi um murmúrio.

“Yani, acorde. Yani , acorde. Yani, acorde.”

Acordei, abri os olhos e saí debaixo das cobertas. Estava um frio invernal.

Calcei minhas sandálias de borracha e, de pijama, saí no meio do noite para encontrar um lobo negro de olhos amarelos.

Não precisei andar muito.

Das entranhas da noite, veio até mim, em um trote irônico, um imenso lobo de olhos amarelos.

- Yani Temujin, finalmente você despertou.

- Dandara, que surpresa - disse eu em tom blasé.

- Você não está em sua verdadeira forma.
- Você também não.
- Está frio. Achei que os pelos de um lobo seriam adequados para me aquecer.
- Há quanto tempo você está acordada?
- Dois anos.
- Eu te vi na igreja. Você veio bela, nesta existência.
- Sim, tive essa sorte. A transição para minha verdadeira forma não será tão difícil desta vez.
- Já tem planos para esta existência? - perguntei verdadeiramente curioso.

- Tenho.

- E quais são?

A loba dá voltas ao meu redor.

- Você não acha mesmo que eu diria a você, acha?

- Não sou seu inimigo.

- Mas até que me prove o contrário, também não é meu amigo.

- Touchè.

Então a forma da grande loba se derreteu deixando em seu lugar uma menina um pouco mais alta do que eu, de cabelos trançados e olhos amarelos. Ao contrário do que ela dava a entender sobre a história de pelos para se aquecer, nossa espécie é extremamente resistente ao frio. Somos intolerantes com relação ao calor, mas o frio é nossa casa.

Ela estava descalça. Estava vestida com uma camiseta regata rosa, na frente escrito California Dreams, e uma calça preta de moletom com elástico no tornozelo.

- Que ideia foi aquela de colocar fogo na hóstia?

- Tédio.

- Você deveria ser mais cuidadosa.

- Esse é o seu departamento.

- Alguém poderia denunciá-la.

- E quem faria isso? Você? - ela me pergunta.

- Não faz meu estilo.

Eu a conheci no Circus Maximus da cidade de Roma, na época em que Roma dominava o mundo. Ela, uma amante Núbia de um

General Romano, eu, um aristocrata. Mas cem anos antes, eu havia sido um escravo. Às vezes fico me perguntando como seria nosso relacionamento se ela tivesse me conhecido como escravo e não como um rico aristocrata romano.

Eu a conheci, alta, bela, elegante e cruel, em uma corrida de bigas.

Na primeira vez que disputamos uma corrida, ela jogou sua biga sobre a minha e eu fui jogado ao chão. A queda me fez quebrar o pescoço e deslocar um dos ombros. Mas antes que qualquer um na arquibancada pudesse notar o que havia ocorrido, as vértebras de meu pescoço se regeneraram e meu ombro voltou para o lugar. Bela e cruel, minha adorável Dandara, filha de Pan com uma mortal.

- Eu sei o que faz seu estilo – ela sorri - Mas esses corpos ainda são jovens demais para as atividades do prazer.

- Além do mais, nós não somos mais amantes.

- Não, não somos. Com o passar dos séculos você se tornou uma criatura sentimental demais para o meu gosto. Humano demais, eu diria.

- Todos nós já fomos humanos um dia.

- Menos eu.

- Você é uma exceção, mas a maioria de nós nasce humano.

- Ninguém é perfeito – ela zomba de mim.

Era noite de lua nova. E o frio só aumentava.

- Por que me chamou até aqui?

- Para dar boas vindas.

- Só isso?

- Eu o chamei para dizer que nesta existência eu não me intrometerei nos seus assuntos e você não se intrometerá nos meus.

- Você me chamou para selar um acordo.

- Precisamente.

- Você seguirá as regras de Azra?

- Sim.

- Então você não tem nada com o que se preocupar – eu digo tranquilizando-a.

- Com você, Yani, todo cuidado é pouco.

Ela se aproxima e estende a mão.

- Temos um acordo? - ela pergunta.

- Os amigos que tenho ou ainda possa ter, nesta existência, e minha atual família são intocáveis – eu afirmo.

- De acordo.

Nós apertamos as mãos. E ambos assumimos nossas verdadeiras formas.

Ela, alta, esguia, pele escura e sedosa, unhas de marfim, grandes olhos verdes, um queixo pronunciado, uma vasta cabeleira cor de cobre envelhecido e pequenos chifres caprinos que se projetavam das têmporas. A armadura de ouro na parte superior do corpo moldada perfeitamente ao seu corpo, desenhava a perfeição de seus seios. Uma saia de couro que pouco passava da linha do joelho. Os pés cobertos por botas de couro de corça.

- Não me traia, Dandara.

- Não me traia e eu não traio você, Yani Temujin - ela respondeu sorrindo maliciosamente.

Eu queria lhe dizer, “Eu ainda te amo. Você é sempre será o grande amor de minha vida”. Mas nem mesmo os pensamentos conseguem se formar.

Soltamos as mãos, e voltamos a ser dois meninos perdidos na noite.

Ela me dá as costas e se transforma na loba negra. Em condições normais, nenhum de nós consegue, não antes dos trinta e três anos de vida humana, sustentar uma forma animal com tal desenvoltura. Mas à noite, e sob frio intenso, nossas capacidades se intensificam. Ainda assim, pela manhã, ela estaria esgotada. “Veja, como sou audaciosa e não tenho medo de arriscar. Cuidado comigo, Yani”, era a mensagem. Outro tomaria aquilo como um blefe. Mas eu a conhecia intimamente. E se tinha uma coisa que Dandara não fazia era blefar.

- Agora que concordamos que não vamos cortar a garganta um do outro, venha me visitar. Vivo em um lugar miserável e cheio de camponeses. Você vai adorar.

Ela some na escuridão da noite.

Mas sua imagem, correndo em uma biga puxada por cavalos furiosos, continuava em minha mente.

Eu me vou a passos lentos. Convencendo a mim mesmo que Dandara pertence ao passado. Que as mil e uma noites que passamos nunca existiram. Que sua traição foi imperdoável. Que o fato de ela ter me traído com um querubim foi algo cruel. Mas ainda assim, apesar de todos os defeitos que sei que ela tem, ainda assim, no fundo de minha densa e perversa alma, eu sei que ainda a amo.

No caminho para casa sinto olhos mirando minha nuca. No breu da noite, um belo e faminto predador se esconde. Um felino potente como um trator e com uma força na mandíbula capaz de esmagar crânios de jacarés. Uma onça pintada. Eu paro e volto meu olhar para ela. Os olhos dela são dois espelhos a refletir a fraca luz das estrelas. Ela pode enxergar no escuro. Mas o problema é que eu também posso. Ela hesita por alguns segundos. Nesse momento, eu vejo seus lindos olhos amarelos e desejo com todas as minhas forças que ela não me ataque. É um animal magnífico escravo de seus instintos primários. Ela está faminta, e eu sou apenas uma criança a perambular pela noite. Ela corre em minha direção. Eu assumo minha verdadeira forma.

Ela percebe que algo está errado, mas é tarde demais. Não há como desistir. Seu ataque é direcionado ao meu rosto. Ela é previsível.

Ela salta com a boca aberta. Com um movimento rápido, eu seguro e quebro seu pescoço em pleno ar. Que desperdício, penso eu, arrependido de ter tirado a vida de um belo animal como aquele.

Veio-me a cabeça uma antiga canção de ninar. E murmurando-a, continuei meu caminho a arrastar uma onça pelo rabo. O frio da noite me permitiu manter minha verdadeira forma até chegar em casa. Assim, o esforço para arrastá-la não foi grande.

- Você podia ter desistido. Podia ter recuado. Mas não, tinha que tentar, não é?

O cadáver que eu arrastava não respondeu.

Seria aquele um presságio?

Dandara não blefava e, uma vez que tomava uma decisão, era incapaz de recuar.

- Será que um dia eu terei que fazer com ela o que fiz com você, minha amiga?

Pela manhã, ao sair de casa, meu pai tomou um grande susto. Encontrou na frente de nossa casa uma onça morta.

E o que ele fez? Tirou a pele do animal, curtiu-a e colocou na parede da sala.

E todos os dias, sempre que passava pela sala e olhava aquela pele, eu me lembrava do acordo que eu e Dandara havíamos selado. E desejava em meu íntimo, "*Dandara, por favor, não me traia*".

CAPÍTULO 5

Eu sei que é junho porque existe uma alegria no ar tão grande que até o capim parece querer se desterrar para dançar. É junho, é época de festa junina. Minha primeira, diga-se de passagem.

A festa acontecia todos os anos ao redor da igreja. Fogueiras, fogos de artifício, quadrilhas - esta última me pareceu especialmente peculiar. Pessoas fantasiadas, se é que podia se entender aquelas roupas como fantasia. Chapéus de palha, camisas xadrez, calças com remendos, dentes pintados de preto para emular um problema dentário, mulheres com pintas nas bochechas para parecerem bexiguntas, maquiagens pesadas, música alegre, coreografias saltitantes, noivos e um padre. Uma loucura total. Uma mistura de casamento com uma paródia das danças da corte da idade média. Tudo ao som de violas, acordeões e tambores.

As quadrilhas tinham tudo para serem a coisa mais escabrosa deste mundo, mas de alguma forma tudo se encaixava. Aquilo que poderia ser algo patético e grotesco, devido a alegria e a espontaneidade presentes, tornava-se algo agradável, leve e pitoresco.

As festas juninas eram, antes de tudo, genuínas. Alegria genuína, eu diria.

Eu e Leonardo havíamos sido escalados para participar de uma dessas quadrilhas.

Protestei quanto a indumentária que me obrigaram a utilizar, mas quando a música começou, esqueci-me de qualquer inadequação que por ventura ainda sentisse. Senti-me alegre e parte daquilo tudo. Era adequado ser inadequado.

No céu, as estrelas eram incomodadas de vez em quando por fogos de artifícios barulhentos.

No centro de tudo havia uma fogueira imensa. De vez em quando, eu ouvia o fogo dizer coisas.

“Livre para queimar, livre para queimar”, o fogo dizia.

Tudo aquilo era uma espécie de sonho coletivo. Um mundo onírico criado para produzir felicidade a partir de coisas simples.

- Cê viu a muda? - perguntou Leonardo.

“A muda tem nome. Ela se chama Beatriz e é melhor que você comece a tratá-la com o respeito que ela merece ou vou esquecer que somos amigos.”

- Vi sim, o que tem ela?
- Ela tá diferente.
- Diferente como?
- Num sei. Tá diferente. Tá mais bonita.
- Ela está ficando mais velha, deve ser isso.
- Huummmm, não sei.

“Eu a estou treinando. Visito seus sonhos diariamente. Ensino-lhe nossa história, nossa cultura, e encantamentos que você nem sonha que existem. Sim, ela está diferente, Leonardo. Ela está se tornando uma de nós.”

Uma coisa chamada buscapé passa ensandecido por nós dois.

- Eita porra, esse quase me pegou – ele diz dando gargalhadas.

Que noite memorável.

Beatriz apareceu vestida com as roupas típicas de uma festa junina do interior. Leonardo estava certo. A transformação nela já estava começando a acontecer.

“Cê não vai subir no pau de sebo?”, ela me pergunta.

“E por que eu faria isso?”

“Ué? Todos os meninos fazem”

“No dia em que Yani Temujin fizer uma imbecilidade dessas, este mundo estará em grave perigo”

- O que que tá acontecendo? - Leonardo perguntou ao notar algum tipo de interação estava ocorrendo entre Beatriz e eu.

“Ele sabe?”, ela me pergunta.

“Não, e nem vai saber, fui claro?”

- Acontecendo? - eu pergunto tentando parecer inocente.

- É isso aí. Vocês tão olhando um pro outro como se tivessem falando alguma coisa, mas cês não tão falando nada.

- Boa parte da comunicação entre seres humanos é não verbal. Então há uma grande possibilidade de estarmos conversando sem a necessidade de palavras. Você, como nerd que é, deveria saber disso.

Ele me olha desconfiado e ligeiramente insultado.

- É claro que eu sei disso – ele fala olhando para Beatriz – E desde quando vocês viraram amigos? Você vivia mangando dela.

- As coisas mudam. Talvez eu esteja amadurecendo emocionalmente. Quem sabe?

Beatriz me olha e sorri.

Um vento frio entra por dentro das minhas roupas e imediatamente eu sei o que aquilo significa.

“*Beatriz, vá pra junto da sua mãe*”, eu escondo minha preocupação.

“*Aconteceu alguma coisa?*”

“*Apenas faça o que estou pedindo, por favor*”

“*Tá certo*”

Ela se vai. Leonardo fica confuso.

- Ué? Por que ela foi embora?

- A mãe dela tá chamando.

- Eu não ouvi nada.

- Olha ali – eu aponto para o pau de sebo – acho que o pessoal vai começar a tentar subir no pau de sebo.

- Ih, é mesmo.

Ele vai ver a competição, mas no meio do caminho para.

- Você não vem?

- Daqui a pouco eu vou.

Ela traz o frio, e eu não preciso me virar para saber que ela está atrás de mim.

- Yani Temujin.

- Dandara.

Eu me viro e vejo uma menina negra de olhos amarelos cujos cabelos estão presos por uma tiara simples de madeira. Ela está vestida com um vestido simples quadriculado, branco e vermelho, com laços nas mangas.

- Você mandou seus amigos embora. Não confia em mim?

- Você confiaria?

- Não.

- Então, o que está fazendo aqui? - pergunto sem rodeios.

- Aproveitando a festa, que nem você.
- Por que não acredito em você?
- Por que você é você e eu sou eu – ela diz sorrindo.
- Então o que quer?
- Mostrar algo para você.

Ela começa a andar esperando que eu a siga. É um jogo antigo, o qual conheço melhor do que ela. Eu a sigo. Afastamo-nos da festa e vamos em direção ao centro da cidade. Depois de passar por ruas antigas e vielas abandonadas chegamos a uma casa iluminada por fora com luzes vermelhas.

Entramos. O salão está vazio, ou quase.

Em um pequeno palco, uma mulher, vestida como um vaqueiro, sentada sobre um banco alto, inclinada sobre um violão. Grande é a força que seu espírito emana.

Ela não se move. Está parada ali, perdida em pensamentos.

Atraído por aquela força, me movo a passos silenciosos, passando meus dedos nos encostos das cadeiras vazias.

Dandara se move em direção a uma das mesas do fundo. Ela se senta em uma das cadeiras e cruza as pernas. Ela está à vontade. Está claro que não é a primeira vez que ela visitava aquele lugar.

Como a limalha de ferro é atraída pelo imã, eu me aproximo vagarosamente da mulher parada com o violão no colo.

Mais próximo, percebo que ela está gasta pelo tempo. Ela é magra, seca, e seus dedos são como nodosos galhos de árvores.

Quanto tempo se passou até que ela notasse minha presença, eu não sei. Mas quando ela finalmente saiu de seu transe, eu vi em seus pequenos olhos uma ferocidade animal. Vi por aqueles olhos ferozes que dentro daquele corpo magro e ossudo habitava uma onça pintada.

- Eita nóis. Que que cê tá fazendo aqui, menino? Isso aqui não é lugar pro cê não.

- Marcus, meu nome é Marcus.

- Óia só Marcus, ocê tá no lugar errado. Vorta pelo mermo lugar que ocê veio, e vai te embora.

- Você toca violão? - perguntei ignorando os avisos dela.

- Cê ouviu o que eu disse? - ela perguntou apontado o dedo ossudo para mim – E ocê, coisa ruim? - ela estava falando com Dandara – ocê que trouxe esse menino pra cá?

Dandara, com a mão apoiada no queixo, debruçada sobre a mesa sem toalha estava se divertindo.

- Ele sabe tocar viola, Dona Hilda.

Ela me olhou incrédula, com aqueles olhos diminutos.

- Ocê toca?

“Eu costumava tocar na corte do Rei Sol. Eu tocava um instrumento parecido com o seu. Os ouvintes, pelo que me lembro, costumavam gostar da minha música.”

- Sim, eu toco.

- Então pega um banco aí, que eu quero vê se cê toca mesmo – disse ela movimentando o pescoço como uma coruja desconfiada – pega aquela viola encostada ali – ela apontou para uma viola lascada que descansava próxima de nós.

Tomei o instrumento para mim e sentei-me no banco.

A afinação me pareceu estranha. Toquei alguns acordes. A memória muscular começou a voltar. E logo eu estava a tocar peças do século quinze e dezesseis.

- Vixi, isso é coisa antiga mesmo - ela observou enquanto eu tocava.

E quando Dona Hilda sentiu que eu era alguém que valia à pena, ela também começou a tocar. E foi então que eu vi que estava diante de um ser especialíssimo. A técnica era impressionantemente perfeita. Ela solava e se acompanhava ao mesmo tempo. Logo minha música medieval se transformou em guaranhas, antigas músicas paraguaias, e outras músicas ainda mais antigas impossíveis de se decifrar a origem. E no meio do dedilhado dela surgiam sons de pássaros e notas tão agudas que arrepiavam os pelos do meu corpo.

Enquanto eu me perdia ao acompanhar Dona Hilda, Dandara se levantou e entrou em um dos muitos quartos da casa.

“Veja”, ela me disse mentalmente, ao mesmo tempo em que executava um encanto de compartilhamento de visão, e enquanto

meus dedos corriam pelas cordas de meu violão lascado.

Dentro do quarto um homem repulsivo a aguardava. No quarto, uma cama e uma mesinha, e só. Na mesinha havia um revólver e um facão. O homem estava sentado na cama, só de cueca.

- Eita menina, cê demorou.

- Demorei um pouco sim. Mas isso é bom.

- É bom? - ele segurou-lhe a cintura – bom pra quem?

- Pra você.

A coisa toda não demorou mais do que quinze segundos.

Ela assumiu sua verdadeira forma. O homem arregalou os olhos. O facão voou da mesinha até a mão direita de Dandara. E com um movimento rápido e certo, ela lhe decepou a mão direita. O grito de dor que ele ia emitir ficou preso em sua garganta. Com a mão esquerda, ela lhe quebrou o pescoço com rapidez e precisão.

Através do encanto dela eu via tudo, ao mesmo tempo em que meus dedos continuavam a deslizar pelas cordas, e ao mesmo tempo em que Dona Hilda continuava a produzir sua música divina.

Dandara pegou a mão que havia caído no chão e a aproximou-a de seus lábios. Um encanto, um sopro gelado. A mão tornou-se mumificada e acinzentada. De volta a sua forma de menina, ela tirou um saco plástico de um dos bolsos do vestido e colocou a mão mumificada nele.

O homem jazia morto, de cueca, sem a mão direita, deitado na cama, com os olhos abertos mirando o teto.

Segurando o saco com a mão dentro, ela deixa o quarto sem olhar para trás.

De volta ao salão, ela volta para a mesma cadeira onde estava.

A música termina.

- Eita nóis, cê é bom – disse Dona Hilda em sua forma simples e direta de falar.

- Você é magnífica.

- Magnífica? Aff, essa é nova. Eu sou magnífica. Tá ouvindo Socorro? Eu sou magnífica.

- Ouvi sim, Dona Hilda.

- Ocê toca bem – ela me disse – mas num pode frequentar lugar que nem esse. Casa de moderada num é lugar pra menino que nem ocê. Esse lugá é perigoso, menino.

- Eu sei me cuidar.

- Tá certo - ela fala ironizando.

Dandara se levanta e fica à minha espera próxima da porta.

- Eu voltarei – eu digo genuinamente feliz, para Dona Hilda.

- Ó – ela fala baixinho – cuidado com essa aí. Isso é bicho ruim. E de bicho ruim eu entendo. Fica longe dessa cobra.

- Tá certo. Vou seguir seu conselho.

Me levanto e deixo o violão lascado onde ele estava.

Quando estou cruzando o batente da porta, ela pergunta em tom de zombaria – Sô magnífica, né?

- Na verdade a senhora é mais do que isso, Dona Hilda. Mas a palavra exata para descrevê-la não existe nesta língua que falamos.

Andamos os dois lado a lado de volta para a festa de Santo Antônio. Eu com passos graves, ela com passos saltitantes.

- Que espécie de Mão da Glória é essa que você fez? Ele não deveria ter sido morto enforcado em um patíbulo? - eu perguntei.

- Os tempos mudaram. Criminosos não são mais enforcados em patíbulos. Os mortais não precisam mais desse tipo de espetáculo. Hoje eles têm a televisão.

- Nisso você está certa.

- Eu chamarei esta de Mão da Providência.

- Que tipo de criminoso ele era? - pergunto verdadeiramente curioso.

- Um assassino de aluguel, esturador e aliciador de crianças.

- Ah, o de sempre. Mas diga-me, para quem você dará esta mão?

- Para uma mulher chamada Sinhazinha. Ela é a matriarca de minha família nesta existência.

- Ela sabe o que você é?

- Sabe. Soube no primeiro dia em que me viu.

- Ela é uma de nós?

- Quase.

- Quase?

- Ela fala com os espíritos e conhece alguns encantamentos.
- Então a lei de Azra a protege.
- Sim. E é só por isso que ela continua viva.
- E o que ela dará em troca desta mão que abre portas e cadeados?

- Um diamante do tamanho de uma ameixa.
- Você continua fascinada por joias – eu falo sorrindo - Mas mudando de assunto, onde foi que uma feiticeira menor conseguiu um diamante deste tamanho?

- Uma herança do tempo dos primeiros escravos desta terra, dos quais ela descende.

- Você poderia ter simplesmente roubado a pedra.

Ela para e me olha indignada.

- Por quem você me toma? Acha que não tenho honra? Que sou uma ladra barata? Pode parecer estranho para você, Yani , mas eu sou uma feiticeira de guerra tão honrada quanto você.

- Eu não quis ofender.

Voltamos a caminhar nas vielas do centro da cidade.

- A menestrel foi um achado em tanto – digo eu.

- Sim, eu sabia que você ia gostar.

- Pensei que pessoas assim estariam extintas nesta época.

- E estão. Ela é um dos últimos exemplares da espécie.

- Seu nome é Socorro?

- Maria do Socorro. Pois é. Como é que você recebe um nome aristocrata e eu recebo o nome de uma freira? Que tipo de justiça é essa?

Assim que nos aproximamos da festa, Dandara some.

Eu por minha vez saio a procurar por meus pais.

Encontro minha mãe a conversar com uma mulher escura, de meia idade, forte, seios fartos, com um pano na cabeça e vestindo um vestido azul rendado com rendas brancas.

- Ô menino, eu e teu pai tamo de procurando já faz é horas.

- Se acalme Dona Zefa, o menino tá aí, são e salvo - Sinhazinha diz para tranquilizá-la.

- Com a graça de Deus, Sinhazinha, com a graça de Deus.

Dandara aparece por traz de Sinhazinha e lhe dá o saco com a Mão da Providência.

As duas me olham como um predador procurando o animal mais fraco da manada. Eu olho de volta, e faço-as entender que não se deve olhar para Yani Temujin daquele jeito.

- Dona Zefa, a senhora lembra de minha neta? Maria do Socorro?

- Mas é claro que lembro. Tá cada dia mais bonita,hein? Vai dá trabalho.

- Que nada, Socorro é tranquila. Né minha filha? - Sinhazinha pergunta, ao passar a mão nos cabelos de nuvem de Dandara.

- É sim senhora.

“Humpf. Agradeça aos seus deuses de África por ainda estar viva, Sinhazinha. E não conte com essa sorte por muito tempo. Se eu fosse você, e sabendo o que você sabe, arrumaria minhas coisas e iria para o lugar mais longe daqui que eu pudesse encontrar.”

- Ô Marcus, seja educado, cumprimente Sinhazinha.

- Boa noite, Sinhazinha – digo eu, tentando parecer o mais infantil possível.

- Boa noite meu filho – ela responde com um sorriso calculado – Socorro, cumprimente o filho da Dona Zefa.

- Boa noite, Marcus.

- Boa noite, Socorro.

As duas conversam sobre como serão os doces de São João. Pelo que entendi da conversa, Sinhazinha era doceira. Elas conversavam como se não estivéssemos ali. Era uma época em que as crianças não tinham permissão para entrar na conversa dos adultos.

- Sinhazinha, que bom que cê tá aí, firme forte – disse minha mãe.

- A gente faz o que pode, né cumadre?

- Depois a gente se fala mais. Agora tenho que ir. Januário já tá com uma cara de sono que Deus me livre.

- Vá lá, minha cumadre, vá lá.

No caminho de volta para casa, na charrete, perguntei para minha mãe de onde ela conhecia Sinhazinha.

- Vixi! Todo mundo conhece Sinhazinha. É doceira famosa.

- Mas desde quando a senhora conhece ela?

- Olhe, faz tempo. Lembro dela quando eu ainda era criança.

- Eu tombém – disse meu pai – faz tempo viu? Pelas minhas conta, aquela mulher deve ter uns oitenta ano. Mas parece bem menos. Né Zefa?

- Se parece. Sinhazinha vai enterrar todo mundo dessa cidade. O diabo da mulher não envelhece.

Só havia um jeito de esta feiticeira menor manter a juventude. E esse jeito era às custas da juventude de outrem. Provavelmente um encantamento súcubo. Um encantamento assim explicaria a longevidade incomum de Sinhazinha. Se ela estivesse utilizando o encantamento que eu supunha que estava, suas vítimas não sobreviveriam ao processo. Em outras palavras, sacrifício humano era uma das receitas, entre as muitas que ela já deveria ter, escrita em um caderno de pauta com letra cursiva e bem desenhada.

“Lembre-se do nosso trato Dandara. Minha família e meus amigos são intocáveis. Avise sua matriarca do nosso trato, caso contrário, você ficará órfã de avó.”

- E ainda bem – completou minha mãe – ninguém faz doce que nem Sinhazinha.

“Bem, não é só doce que ela faz, minha mãe.”

CAPÍTULO 6

A época do Natal produz uma energia emocional densa, ótima para ser canalizada em encantamentos que exigem grande quantidade de energia anímica. Uma data que feiticeiros do ocidente aguardam ansiosamente. Apesar de ser comemorado em todo o ocidente, cada lugar tem sua forma de comemorar a data. Em meu caso, a forma de comemoração era a tortura. A tortura das missas.

Como de costume, minha família compareceu a missa do galo que compreende o período da noite do dia 24 para o dia 25 de dezembro.

Tudo me levava a crer que seria algo profundamente enfadonho.

Minhas péssimas expectativas não foram decepcionadas. Como sempre, o padre não falava latim, o coral da igreja era péssimo, e os fieis estavam pessimamente vestidos. Aqui e ali, viam-se mulheres usando véu, mas a solenidade bizantina da peça não combinava com o resto da vestimenta que elas utilizavam.

Deveria ser o momento em que aqueles camponeses deveriam tentar vestir-se com pompa e circunstância, pelo menos era o que eu pensava. Mas aqueles infelizes pareciam não ter noção de que estavam celebrando a maior festa da cristandade. Que lástima.

A data do Natal é uma convenção, todos sabemos disso. É mais provável que J.C. tenha nascido na primavera, mas tentar explicar isso para minha mãe seria o mesmo que tentar fazer um telefone dançar uma valsa. Em outras palavras, uma perda de tempo.

A igreja estava lotada.

A família de Dandara, também conhecida como Maria do Socorro - nome que ela parecia detestar - estava em um dos bancos próximos ao púlpito. Ela, no entanto, não estava com eles.

Bem, não teríamos o espetáculo das tochas alimentadas por hóstias.

Sua vó, Sinhazinha, também não estava presente.

Seria uma missa longa. Talvez se eu fizesse o padre e seus coroinhas dançarem o Lago dos Cisnes tudo ficasse mais interessante. A imagem da cena me veio a cabeça e comecei a rir.

- Tá rindo do que, Marcus? - perguntou minha mãe incomodada.

- Uma coisa engraçada que Leonardo me disse ontem.

Meu pai Januário já dava visíveis sinais de irritação. Algo me dizia que aquele era o último ano em que ele participaria daquela tortura.

“Pela grande Olhos de Prata, por que esse coral tem que ser tão ruim?”

Foi então que vi Dandara entrar, toda vestida de branco e usando sapatilhas também brancas. Sua roupa me lembrava a roupa de uma bailarina.

Ela me olhou rapidamente e foi se juntar a sua família.

Mas e quanto a sua vó, Sinhazinha? Ela não deveria estar sofrendo aquela tortura coletiva junto com o resto de nós?

Uma hora depois saí para tomar um ar. Atrás da igreja encontrei Dandara a fumar um cigarro de cheiro desagradável.

- Então, o que vai ser dessa vez? Vai colocar fogo nas estátuas dos santos?

- Eu não tinha pensado nisso, mas parece uma ótima ideia.

- Eu pensei em fazer o cabelo do padre ficar azul - eu digo.

- Também uma ideia ótima.

- O cheiro desse cigarro é péssimo.

- Eu sei.

- Então porque fuma?

- Curiosidade.

Ela joga o cigarro no chão e pisa em cima.

- Tenho saudade das casas de ópio de Londres. E das orgias, é claro – ela diz olhando para o nada.

A noite estava quente e como sempre, o céu estava estrelado.

- Orgias e ópio. Nostalgia?

A nostalgia era algo perigoso para seres como nós. Era a principal causa de morte, ou melhor, de suicídio de nossa espécie. Trezentos, quatrocentos, seiscentos anos de existência fazem um mortal pensar e repensar sua vida inúmeras vezes. A nostalgia era o principal catalisador para o suicídio. Era preciso estar sempre alerta.

- Não é nostalgia. Estou apenas pensando em uma época em que a mágica não era tão rarefeita. Esta época, tão cheia de ciência

e tão vazia de mágica, me faz perguntar se nossa existência ainda faz sentido.

- Eu espero que faça. Não tenho intenção de voltar para o limbo.

- Esta é uma época de guerra, ciência, arte, farsantes e charlatões. Estou há três anos neste lugar, Yani, e ainda não me acostumei a viver em uma época em que tudo é tão miseravelmente camponês. E além disso, tudo se resume a comércio. Não há nada de errado em ter fortuna, ouro, joias, mas neste lugar, as pessoas parecem estar sempre rastejando por dinheiro. É tudo muito repulsivo.

Ela se agacha e tira um giz de cera do bolso. No pátio de cimento da igreja, ela desenha um pentagrama rodeado por símbolos sumérios. Em seguida, ela encosta a palma no centro do pentagrama. Um halo dourado surge da base da igreja e vai subindo até acabar na cruz da torre mais alta.

Dentro da igreja estão todos imóveis. Apenas as chamas das velas se movem.

- Você se arrisca demais – eu lhe digo – Qualquer dia desses alguém vai te denunciar.

- Talvez.

- Onde está sua avó, Sinhazinha?

- Não sei.

- Não sabe ou não quer me dizer?

- Não sei. Ela só me disse que tinha algo muito importante para fazer.

“*Huuuummmm... importante?*”

- Sua avó está jogando um jogo perigoso.

- Eu sei, mas de alguma forma ela sabe quem nós somos e conhece as leis de Azra Mahai. Ela sabe que em sendo uma feiticeira, ainda que menor, nós não podemos ir contra ela.

- Ela está usando um encantamento súcubo para se manter jovem. Isso não te preocupa?

- Não realmente.

- Você já participou de algum desses encantamentos?

- Yani, sou cruel, não sou estúpida.

Ela estava falando a verdade. Dandara era bela e cruel, mas não era uma mentirosa.

- Desfaça o encanto, antes que Azra Mahai apareça com um exército de esfinges e nos rasgue ao meio.

- Estraga prazeres.

Ela se agacha de novo e, de novo, coloca a palma da mão direita no centro do pentagrama. Um halo prateado surge na base da igreja e se move para o alto até a cruz no alto da torre mais alta.

O tempo dentro da igreja volta a se mover.

Em nenhuma época do ano ela poderia realizar um encantamento daquelas proporções. Só mesmo o Natal forneceria energia anímica suficiente para criar uma bolha de tempo parado daquele tamanho.

- E agora? - ela me pergunta.

- Vamos visitar uma certa menestrel.

- E a sua família? Eles não sentirão falta de você?

Pelo arco lateral da igreja vejo minha mãe e seu semblante contrito. Ao seu lado, meu pai, irritado e louco para ir embora.

Balanço minha cabeça de um lado para outro, como um cachorro molhado sacudindo o próprio corpo para se secar.

De meu próprio corpo surge uma cópia de mim mesmo.

- Vá - eu digo para mim mesmo.

Minha cópia se afasta e vai se juntar ao meu pai e minha mãe. Meu duplo durará tempo suficiente até que eu volte.

- E então, podemos ir? - ela pergunta com uma voz faceira.

- Podemos.

E saímos os dois, feiticeiros de guerra, a caminhar no meio da noite escura como se fossemos duas crianças inocentes.

Ao chegarmos ao bordel em que minha menestrel favorita trabalhava e morava, encontramos o local vazio e as escuras.

“Onde ela está?” - perguntei para mim mesmo.

Dandara fechou os olhos e quando os abriu disse – Ela não está aqui.

- Isso é lamentável.

Mal nos viramos para ir embora e uma figura curvada e magra, embrulhada em jeans, camiseta xadrez, chapéu de vaqueiro e botas de couro entrou pela porta.

- Eita nós! Que é que cês tão fazendo aqui?! É véspera de natal, cês devia tá com a família docês. Hoje num é dia de criança tá em casa de moderada.

- Nós viemos para ouvir você tocar – disse Dandara.

- Cês tá ficando doido? É dia do nosso senhor Jesus Cristo. Não é dia de festa de bordel não.

“Mas tenho certeza que ele prefere ouvir a sua música a ouvir corais desafinados de igreja.”

- Você não vai tocar de graça – diz Dandara tirando algo do bolso da saia rodada.

Quando Dona Hilda vê o que Dandara tem na mão, seus olhos se arregalam.

- Valha me Nossa Senhora, d'onde é que ocê arranjó isso, menina?

Era um diamante do tamanho de uma ameixa.

Dandara coloca a pedra na mão direita de Dona Hilda e sorri.

- Eu ganhei. E então, vai tocar pra nós? - ela pergunta.

Dona Hilda coloca o diamante no bolso da calça jeans e se afasta. Caminhando devagar, ela atravessa o salão até chegar no pequeno palco redondo com um banco no centro. Encostados, próximos do banco, dois violões.

Ela aperta um interruptor na parede e todas as luzes dos salões e acendem.

O chapéu de vaqueiro é pousado em uma das mesas.

Ela pega um dos violões e toma seu lugar no banco.

A mão direita começa a se mover. O dedilhado é lento, os acordes são longos, é uma música triste, melancólica, divina. Música pantaneira elevada a condição de sublime.

Enquanto ela toca, noto que seu coração bate de uma forma estranha, irregular.

Há algo errado com ele. Na verdade, em breve, ele irá parar. Seis meses, um ano, era difícil de saber. Mas não passaria de um ano.

Era natal. E eu era um feiticeiro tão cruel quanto Dandara, mas era também amante da boa música. Foi então que decidi que era cedo demais para que minha menestrel me abandonasse. Foi então que decidi dar ao seu coração mais vinte anos de sobrevida. Meu ato não passou despercebido por Dandara.

- Você se arrisca demais – ela repetiu minhas palavras com ironia – alguém pode denunciar você e quem sabe o que pode acontecer. Talvez Azra envie uma esfinge cretina para te rasgar ao meio.

- O que fiz foi por uma boa causa.

- Quando você usa magia é por uma boa causa, mas quando eu uso magia é porque sou descuidada. Que conveniente, não é mesmo?

- Mas você é realmente descuidada – eu digo sem emoção alguma na voz.

A Menestrel para e se junta a nós na mesa. Ela traz consigo dois copos e uma garrafa de guaraná.

A garrafa é posta na mesa e aberta com um abridor de metal. Os copos são enchidos e ela se senta.

- Ocês são duas criança bem esquisita.

- Esquisitas como? - eu pergunto apenas para provocá-la.

- Num sei, mas cês são bem esquisito. E o seus pais, menino?

Onde eles tão?

- Na missa, que nem o resto da cidade.

- Vixi. Quando eles soubé que cê tá aqui.

- Mas ninguém vai contar, então eles não vão saber.

- Aff, mas se tem resposta pra tudo, hein, menino?

Ela sorri.

- Socorro, cê tem que parar de trazer esse menino aqui. Aqui num é lugá pra ele.

“Na verdade, menestrel, nesta época de maravilhas, este é o único lugar que me é familiar. Tudo o mais me parece insólito.”

- Ele gosta daqui – responde Dandara – E onde tão as outras meninas?

- Uma parte tá na missa, outra parte tá com a família. Mulher da vida também tem família.

Eu bebo um pouco de guaraná servido no copo de vidro de geleia.

- E você, não tem família? - pergunto.

- Já tive.

- E não tem mais?

- Tenho mais não.

- O que aconteceu?

- Eita menino perguntador.

- Se não quiser não precisa responder.

Ela suspira.

- Eles queria mandar em mim. Não queria que eu tocasse viola. Queria que eu ficasse na beira do fogão fazendo comida pra marido. Na beira do tanque lavando roupa. Eu não aceitei. Larguei tudo. Larguei marido, larguei filho, larguei tudo e caí no mundo.

- Você foi corajosa.

Ela sorri e vejo seus olhinhos negros brilharem mais do que o normal.

- Pra mandar em mim só Deus. Aqui nessa terra dos homi, homi nenhum manda em mim. Eu sou eu, eu.

“Sim, e você é magnífica do jeito que é minha menestrel. É um fato.”

Talvez se eu não fosse a criatura malévola que era, até tivesse chorado com a coragem daquela mulher. Abandonar tudo para ser fiel à própria natureza, que coragem.

- Você tem filho? - eu pergunto.

- Tenho, mas tá tudo espalhado por aí.

- Você não tem curiosidade para saber como eles estão? – Dandara pergunta.

- Eles deve tá bem. Eu sou jaguatirica. Meus filho é tudo meio bicho. Eles deve tá bem.

Ela se levanta e volta para o banco do palco. A música recomeça.

Eu e Dandara brindamos com nossos copos de vidro de geleia cheios de guaraná.

Aquela era uma noite que ficaria impressa em minha mente para sempre.

Então, entre uma nota musical e outra, ouço uma voz em minha mente. É uma voz familiar.

“Marcus, Marcus, onde você tá? Marcus, eu tô me sentindo estranha. Marcus, ce tá aí?”

Aquela era a voz de Beatriz. Mas por que ela estaria me chamando?

- Alguma coisa errada? - pergunta Dandara.

- Talvez.

“Onde você está?”

“Não sei. Mas tô me sentindo estranha. Tá tudo embaçado. Tô sentindo um cheiro de doce.”

“Doce?”

“É, doce, bolo.”

Eu vejo pelos olhos de Beatriz, e o que vejo não é agradável aos meus olhos.

- Sim há algo errado. Sua avó cometeu um erro que pode ser o fim de nosso início de existência.

- Do que você está falando?

- Sinhazinha escolheu a pessoa errada para realizar seu encanto súcubo.

Eu me levanto e a música para.

- Dona Hilda, a gente já vai indo – digo eu.

- Ó, não vai falar pros teus pai que cê tava aqui, hein? Num quero confusão pro meu lado.

- Pode deixar, não vou contar - eu prometo.

Saímos apressados.

- Onde sua avó mora? Temos pouco tempo.

Ela para, tira um giz de cera do bolso e desenha uma porta na parede lateral de uma casa.

- Morumur – ela diz.

A linha marrom se ilumina e nós passamos pela porta.

Assim que passamos, mudamos para nossa verdadeira forma. Isso só podia significar que o nível de mágica do lugar para o qual estávamos indo era forte.

Do outro lado, encontramos uma sala com uma sofá cheio de novelos de lã e agulhas. Há nas paredes fotografias antigas nas quais ninguém está sorrindo.

Na cozinha encontramos o que eu mais temia. Uma mulher jovem, em roupas que pareciam dois números maiores do que deveriam ser, muito parecida com Sinhazinha, sentada em uma cadeira de madeira, e uma menina esquelética, vestida em um vestido de chita, deitada em uma mesa comprida.

Da menina saíam fios de energia púrpura que se ondulavam no ar e caminhavam em direção a Sinhazinha que naquele momento aparentava ter vinte e poucos anos.

Sinhazinha estava em transe, a energia que ela estava absorvendo estava tendo o mesmo efeito de um narcótico.

- O que há de tão especial nesta menina? - Dandara me pergunta.

- Ela é uma de nós.

- Por que você não me disse antes?

- Não achei que fosse do seu interesse.

- Esta mulher estúpida me perguntou sobre ela. Disse que a menina tinha uma aura parecida com a minha e a sua. Achei que ela estava apenas imaginando coisas.

- Temos que cortar o elo e reverter o que ela fez – digo preocupado.

- Talvez não seja mais possível.

- Reze para que seja, caso contrário estamos todos condenados.

Eu conjuro a harpe, a espada foice. E com um único movimento corto os fios de energia.

Sinhazinha sai do transe. E assim que ela abre os olhos e nos vê, seu terror é palpável.

- Aaaaaaaaaaaaaaaaaahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh! - ela grita.

Com uma mão, eu a pressiono contra parede segurando seu pescoço.

- Nem mais um pio, sua estúpida! Por sua causa, a qualquer momento uma esfinge pode aparecer aqui e nos matar.

Dandara conjura sua flauta e começa a tocá-la. Enquanto ela toca, seus chifres crescem. A jovem Sinhazinha presa pelo pescoço por mim começa a envelhecer enquanto Beatriz deixa de parecer um cadáver seco ao sol.

Eu a solto. Ela cai no chão, tossindo.

Dandara se aproxima e se agacha para encarar sua avó.

- Esta menina é uma de nós. Por que não me disse que planejava isso?

Com dificuldades Sinhazinha responde.

- Eu não sabia. Você não me avisou.

- Sua imbecil, você tentou matar uma bruxa sem provocação alguma - diz Dandara.

- Eles vão vim atrás de mim. Ocês quebraram o encanto antes dele terminar. Eles vão vim atrás de mim. Socorro, cê tem que me proteger.

O problema dos encantos súcubo, é que se algum deles falhar, o espírito das vítimas dos encantamentos anteriores volta para buscar a alma de quem pratica esse tipo de encanto. É um risco que algumas bruxas idiotas como Sinhazinha estão dispostas a correr em nome da juventude eterna.

Dandara se levanta e a olha com desprezo.

- Não se preocupe, infeliz. Os espíritos dos que você sacrificou não virão cobrar a sua dívida – ela fala.

- Não? - Sinhazinha parece aliviada.

- Não, porque uma outra criatura já está lá fora, pronta para fazer isso – eu digo, desfazendo qualquer esperança que Sinhazinha tivesse de sair ilesa daquele evento.

Assim que a esfinge tocou as patas na rua de paralelepípedos, eu senti a sua força. Uma criatura dura como pedra, imune a magia e invisível aos mortais.

Tirei Beatriz da mesa e segurei-a em meus braços.

- Dandara, vamos embora. Sua avó está esperando visitas.

Ela risca a parede azulejada da cozinha com a unha do seu dedo indicador direito. O toque de sua unha na parede queima o azulejo.

A porta é desenhada.

- Socorro, pelo amor de Deus, não vai embora! Me ajuda, pela amor de Deus!

O teto da casa se rompe.

Uma imensa esfinge com cabeça e corpo de leão, asas de águia e cauda de escorpião se precipita rugindo como vários leões ao mesmo tempo.

- Feiticeira! Por tentar assassinar uma outra feiticeira sem motivo algum, por quebrar a lei de Olhos de Prata, Azra Mahai, eu a condeno a morte.

Os pedidos de ajuda viram gritos de desespero.

Nós não esperamos para ver a sentença ser executada. Saímos pela porta criada por Dandara, mas sabemos que há possibilidade daquela esfinge ir nos procurar para saber os detalhes daquela tentativa de assassinato sórdida.

Saímos no cemitério da cidade. Túmulos de todos os formatos. Uns em formato de capela, outros muito simples, e uns rodeados por correntes, túmulos de maçons.

- Ela virá atrás de nós – diz Dandara preocupada.

- Sim, virá e nós diremos que somos inocentes, certo?

- Não me olhe assim, eu não sabia o que aquela imbecil estava tramando.

- É bom que você esteja dizendo a verdade.

- Eu estou, mas por via das dúvidas, adeus Temujin. Foi bom enquanto durou - Dandara assume a forma da loba negra e some sem se despedir.

Eu deito Beatriz no chão e volto à forma de menino.

Depois de alguns minutos ela acorda.

Ao perceber onde estamos, ela arregala os olhos.

“Que que eu tô fazendo aqui? O que tá acontecendo?”

“Relaxe, você está segura.”

“Aquela mulher fez alguma coisa comigo.”

“Já foi desfeito, não se preocupe.”

“Esse lugar me dá medo. Vamos embora!”

“Beatriz, eu falhei com você.”

“Como assim?”

“Eu encontrei você. Meu dever seria o de protegê-la. Eu falhei, agora ela virá para buscá-la.”

“Quem?”

Acima de um túmulo se materializa uma mulher de cabelos vermelhos revoltos por um vento invisível, envolta nas fitas vermelhas de Ashanti e com olhos que pareciam mercúrio prateado líquido. Aquela era Azra Mahai, senhora de todos nós.

“Meu Deus do céu! Vamo embora! Vamo embora!”

Beatriz se levanta mas suas pernas não obedecem.

Eu, como todos fazemos na presença da Fonte, me ajoelho.

- Yani Temujin, a lei foi quebrada e uma sentença foi executada.

Ela diz em uma voz grave que ecoa pelo cemitério.

- Sim, minha senhora.

- Você provou que não tem condições de proteger esta recém-nascida.

- Eu...

- Eu o quê?! - pergunta Azra com a voz visivelmente irritada.

- Eu falhei.

Azra move a mão direita e Beatriz começa a flutuar no ar. Ao mesmo tempo em que sobre cada túmulo surge uma chama.

“O que tá acontecendo? Marcus!”

- Você vem comigo recém-nascida. Você não está mais segura neste plano de existência.

“Marcus! Marcus!” - ela grita em minha mente desesperada.

“Não se preocupe, você estará segura. Eu tomarei conta de sua mãe.”

“Marcus! Marcus! Marcus!”

Desenhados com fogo, símbolos arcanos aparecem no ar e começam a rodopiar ao redor de Azra e Beatriz.

- Da próxima vez em que você encontrar uma recém-nascida e não me contar, eu colocarei você em uma masmorra tão funda e tão fétida que você vai desejar a verdadeira morte.

- Minha senhora, não fui minha intenção...

- Silêncio, eu não lhe dei permissão para falar.

Beatriz se debatia no ar.

“Marcus! Marcus! Marcus!”- ela gritava sem parar.

As chamas acima dos túmulos começaram a aumentar de tamanho, e por alguns segundos o cemitério se torna o lugar mais iluminado da cidade.

- Da próxima vez não serei tão compreensiva. Lembre-se disso.

Os símbolos arcanos emitem uma luz intensa e cegante, para depois se apagarem como velas sopradas. Ao final, as duas não estavam mais lá.

No chão, logo abaixo do lugar onde Beatriz flutuava, uma fivela de plástico rosa com flores brancas.

- Perdoe-me dançarina.

CAPÍTULO 7

Ao meio dia, do dia vinte e cinco de dezembro, no almoço de natal, minha mãe fez um anúncio.

Ela estava cansada, mas estava feliz. A felicidade das pessoas simples parece ter um gosto especial.

Na mesa havia um peru assado, farofa, rabanada, manjar branco com ameixas por cima, pavê de manga, guaraná e um espumante de gosto duvidoso.

Meu pai estava sentado à cabeceira da mesa. Minha mãe, por sua vez, estava de um lado da mesa e eu do outro lado.

- Marcus, esse ano tua nota foi muito boa. Uma das professoras inclusive veio me cumprimentar. Disse que você tirou a melhor nota do colégio. Fio, tô orgulhosa d'ocê. Muito mesmo. Eu sempre soube que você ia dá muito orgulho pra gente - disse minha mãe.

Januário, grave, como convém a um pai, me olhou e acenou positivamente com a cabeça.

- É isso mesmo. E por causa dessas suas notas, eu comprei um presente pro você.

Ele levanta, sai da cozinha, e quando volta, traz consigo uma bicicleta.

- Num é nova, você sabe, nós é pobre, mas tá bem conservada.

Levantei-me e fiz o que achava que uma criança de dez anos faria. Abracei-o e beijei-o no rosto.

- Obrigado, pai.

Ele se emocionou, mas não chorou. Januário era um pai antigo, não chorava, e isso me agradava.

- Agora deixa essa bicicleta pra lá e vamos almoçar. É natal, é dia do nascimento do senhor Jesus Cristo, vamos festejar. Vamos agradecer nossa saúde, nossa paz, nossa casa – disse minha mãe com um sorriso do tamanho da linha do equador.

As horas se passaram e a energia da casa continua boa e tranquila. Mas enquanto eu andava com minha bicicleta recém-ganhada ao redor da casa, vi se aproximar a mãe de Beatriz. Ela vinha de cabeça baixa, com o cabelo grisalho preso em um coque baixo, o vestido laranja aguado e as sandálias de dedo a arrastar no

barro do chão. A mão direita no peito, a mão esquerda na cintura direita.

Eu sabia o que ela tinha a dizer. Sabia qual drama que seria relatado. O inexplicável desaparecimento de sua filha.

Eu nada podia fazer para diminuir seu sofrimento. Não podia lhe dizer que Beatriz estava no lugar mais seguro do mundo e estudando com a melhor professora de todos os tempos, Azra Mahai, Olhos de Prata, A Fonte, A herdeira de Anu Ansar Mashra, a outra senhora de Atlântida. Não podia dizer que ela era a mais nova hóspede do lendário Palácio de Jade.

Ela entra em minha casa, e fico a imaginar o que ela diz para meus pais.

Uma hora depois ela sai do mesmo jeito que entrou, devastada por dentro.

À noite, depois da novela que ela costumava assistir religiosamente, na sala, minha mãe comenta sobre a visita da mãe de Beatriz.

- Minha nossa Januário, onde será que tá essa menina?

- Sabe Deus.

- Mas Beatriz é menina boa, ajuizada. Num fala, mas é menina obediente. Nunca fez esse tipo de coisa. Tem coisa errada nessa história.

- O negócio agora é procurar e rezar pra nada de ruim tê acontecido com a menina. E tem que achar logo.

- Ai minha Nossa Senhora, a cumadre tá arrasada.

- Também pudera. O marido já abandonô a pobre coitada, agora essa?

- Eu já te disse que ele num abandonô ela. Ele foi pra São Paulo, pra conseguir trabalho, pra mandar dinheiro.

- E cê sabe se ela recebe esse dinheiro que ele disse que ia mandá? - pergunta meu pai desconfiado.

- Nunca perguntei, né Januário? Num sô enxerida. Cê sabe disso.

Enquanto a conversa se estendia, retirei-me discretamente para o meu quarto.

Deitado em minha cama, eu pensava em como a mãe de minha dançarina estaria triste.

Fechei meus olhos e executei um encantamento que demandaria pouca energia anímica.

Soprei no vento um pedido a todos os vaga-lumes próximos a casa de Sônia. Disse a eles que hoje era um dia para iluminarem uma casa que precisava desesperadamente de luz.

À noite, naquele dia, ao redor da casa simples de Sônia, vaga-lumes dançaram durante horas até que ela dormisse.

E assim que ela dormiu, eu a visitei em seu sonho. Em seu sonho era dia. Em seu sonho o cerrado era dourado, o céu rosa e o sol azul.

- Marcus – ela me reconheceu e disse – Cadê minha filha?
- Eu não posso lhe dizer, dona Sônia, mas ela tá bem.
- Como é que ela pode tá bem, pelo amor de Deus? Ela num tá aqui, comigo, que sô mãe dela.
- Ela está segura.
- Segura do quê, menino? Do que que cê tá falando?
- Dona Sônia, acredita em mim. Ela tá bem.
- Eu num aceito. Isso tá errado. Minha filha nunca fez mal a ninguém. Num fala, mas isso é pecado? Isso é motivo pra raptar minha filha? Pelo amor de Deus, devolve minha filha Marcus. Devolve minha filha.

Ela ficou de joelhos a me implorar. E eu a lhe dizer que sua filha estava bem.

Então chegou a hora em que vi que seria inútil persuadi-la, mesmo em sonho. E decidi voltar para meu quarto, deixando-a naquele cerrado dourado, sob um céu rosa e um sol azul. Ela jamais se conformaria. Era simples demais para isso.

Aquele dia de Natal foi especial. Foi o dia em que minha atuação como humano foi perfeita. Fui uma criança agradecida e feliz e ao mesmo tempo, fui o falso amigo de uma mulher desesperada. Em suma, um ser humano perfeito.

Dias depois, meu pai trouxe o jornal da cidade no qual a notícia da morte de Sinhazinha estava na primeira página.

- Zefa, olha isso aqui – disse ele.

Ao ver a manchete, minha mãe precisou se sentar em uma cadeira da sala para não cair de costas.

- Valha-me Nossa Senhora! Mataram Sinhazinha. Misericórdia da minha alma. Quem é que ia querer matar uma mulher tão boa, como aquela?

- Lê o resto.

- Vixi! Aqui tá dizendo que o teto da cozinha desabou e que ela foi morta por algum tipo de animal. Tá falando que a polícia acha que foi onça.

- Mas isso num tá estranho? - ele pergunta.

- Por demais. Eita nóis - ela responde.

- Diz que acharam umas marca de garra na mesa da cozinha. Umas garra gigante.

- Vixi! Esse mundo tá perdido. Uma mulher que não fazia mal a ninguém.

- Mas desde quando onça arrebenta telhado de alvenaria? É a onça elefante? - ele pergunta retoricamente.

- Homi de Deus! Tu tá fazendo piada com a morte da mulhé?!

- Tô não mulhé! Mas esse negócio num tem lógica.

- Se têm ou não têm lógica, a verdade é que Sinhazinha era uma pessoa boa que não merecia uma coisa dessas.

“Bem, minha mãe Josefina, eu gostaria de lhe falar que Sinhazinha era uma feiticeira viciada em encantos súcubos e que ao longo da vida deve ter matado umas trinta ou quarenta pessoas. Mas não quero desfazer sua ilusão a respeito dela.”

- Que coisa ruim, né, mãe? - disse eu, fingindo inocência total.

- Ruim demais meu filho, ruim demais.

Durante os anos que se passaram, eu visitei a mãe de Beatriz regularmente. Observei-a em seu sofrimento diário. Arranjei dinheiro e trabalhadores para que refizessem sua casa. Aterrorizei o prefeito em minha forma verdadeira, a qual ele atribuiu a alcunha de O Coisa Ruim. Em minhas visitas, eu lhe dizia que havia uma mulher que vivia em condições precárias que não possuía água encanada e nem saneamento básico. Aparecia em seu gabinete e fazia-o ver milhares de aranhas, baratas, piolhos de cobra e outros insetos repulsivos a caminhar pelo chão e a subir pelas paredes. E lhe dizia, ao final de cada visita, que se a casa de Sônia não se tornasse um lugar

habitável, e logo, minhas visitas se tornariam cada vez mais desagradáveis.

A água encanada e o saneamento básico chegaram até a casa da mãe de Beatriz.

O conforto material, entretanto, não cicatrizava a ferida em sua alma. Era um ferimento que nunca iria se fechar.

Meus anos na escola da Santa Tereza D'Ávila se passaram tranquilos. Vez por outra alguém achava que podia importunar a mim ou ao meu amigo Leonardo. E eu era obrigado a fazê-lo entender que tal atitude não seria tolerada.

Uma perna quebrada, um braço quebrado, cegueira temporária, coma de algumas semanas, misteriosas erupções na pele, diarreias incontrolláveis, meu repertório era variado. No final, ficou claro para todos da escola que me deixar em paz era o melhor a se fazer.

Minhas notas, para felicidade de meus pais, continuavam impressionantemente altas.

Talvez se eu lhes dissesse que na verdade eu era um feiticeiro com quase dois mil anos de idade, eles não se impressionassem tanto com meu boletim. Mas essa era uma informação que eles jamais saberiam, nem mesmo depois de suas eventuais mortes.

Minha certa falta de vivacidade, comum em crianças, passou a ser considerada uma característica normal de uma pessoa inteligente.

Leonardo parecia ter se acostumado com meus comentários mordazes e minha aparente falta de compreensão de alguns fatos óbvios para qualquer pessoa do século vinte. Em uma de nossas conversas, o assunto adolescência veio à tona.

- Ser adolescente é muito difícil – disse-me ele com quinze anos de idade.

- A adolescência é uma invenção – eu lhe disse, também com quinze anos de idade.

- Uma invenção? Como assim? Eu sou adolescente e você também é.

- Não, eu não sou adolescente e nem você. Isso é uma invenção. Uma invenção do cinema americano dos anos cinquenta. Um ator chamado James Dean inventou a adolescência. Há homens com quinze anos tão sábios quanto homens de trinta anos. E há homens

de quarenta anos que se comportam como adolescentes. A adolescência é uma invenção do cinema americano.

- Você está inventando isso – ele me disse irritado.

- Estou? – eu lhe perguntei ironicamente.

Em outra ocasião, no intervalo de uma aula e outra, Leonardo me fez outra de suas perguntas óbvias, a qual, naturalmente, respondi com uma sinceridade ácida.

- O que você vai dar de presente de dia das mães pra sua mãe?

- Boas notas.

- Não, tô falando sério. Que é que se vai comprar?

- Nada.

- Caralho, meu. Nem um perfume, um pano de prato, nada?

- Nada.

- Tu é desnaturado mesmo, hein?

- O dia das mães é uma invenção do comércio para aumentar as vendas e bater metas de lucros estabelecidas no início do ano. A data foi escolhida apenas para que as pessoas que vivem do comércio consigam ficar ricas ou, em muitos casos, mais ricas ainda.

- Mas o que vale é a intenção – ele me diz, sentido com minha revelação da obviedade das causas das sociedades humanas terem instituído o dia das mães.

- Deixe me ver se eu entendi. A mulher, que sentiu dores lancinantes para te trazer a este mundo, merece ser lembrada apenas um dia durante todo o ano, e você quer me convencer que isso é demonstrar uma boa intenção?

- É, pensando dessa forma...

- É uma boa intenção?

- Cacete! É uma porra de uma data inventada pro comércio ganhar mais dinheiro, eu já entendi. Mas não dá pra não comprar um presente pra sua mãe, ela tá esperando isso. Cê num vai comprar nada?! Quer dizer, cê num compra nada no dia das mães?!

- Nesta data vazia, eu digo à Josefina, minha mãe, que tenho sorte de ela ser minha mãe, e que a considero uma mulher magnífica e adorável.

- É – ele me diz de cabeça baixa – acho que isso também funciona.

- Sim, funciona, você deveria experimentar.

- Se eu falar desse jeito com a minha mãe, ela vai achar que eu bati a cabeça em algum lugar.

Pode parecer que era eu quem ensinava coisas a Leonardo, mas em minha opinião era justamente o contrário. Era através dele que eu entendia como e o porquê de tantas coisas inúteis terem se tornado tão importantes no século vinte. Através dele, eu compreendia que tudo o que promovesse o escapismo psicológico era alçado à condição de sagrado. Fugir parecia ser o *moto* desses novos tempos.

Aos dezessete anos, ambos prestamos o vestibular para universidades do Estado de São Paulo. Passamos ambos em várias universidades, mas escolhemos a mesma universidade. Eu escolhi fazer o curso de matemática e ele escolheu o curso de engenharia mecânica. Eu desejava saber que avanços a matemática havia feito nos últimos trezentos anos. Ele, por sua vez, tinha o sonho de construir robôs.

Em nossa última noite na cidade, levei-o ao meu lugar favorito. Ao qual eu jamais o havia levado. Levei-o ao bordel onde minha menestrel tocava sua música celestial.

A casa estava cheia. Tropeiros, políticos, profissionais liberais, todos lá, se divertindo e sim, traindo as respectivas esposas.

- Uau, eu num sabia que se conhecia esse lugar – ele me disse maravilhado.

Dona Hilda me viu de longe e parou de tocar. Ela saiu de seu banco e eu pude ouvir o som musical dos saltos de sua bota a tocarem no chão.

- Eita nós! Quem é esse aí?

- É um amigo, Dona Hilda.

Ela estende a mão para Leonardo e ele retribuiu o gesto. Os dois apertam as mãos.

- Prazer, meu nome é Hilda.

- Prazer – ele diz acanhado – meu nome é Leonardo.

- Ó, aqui é puteiro mas é tudo com muito respeito. Se cê veio pra usar os serviço de alguma menina aqui da casa, acerta o preço

tudo certinho. Faça suas coisa mai sem loucura, hein?

- Tá certo – ele responde assustado.

Ela volta a atenção para mim.

- E hoje, cê vai tocá mais eu?

- Vô sim.

- Eita, então vamo lá, que agora é que esse lugar vai pegá fogo mesmo.

Assim que Leonardo ocupou uma das mesas, uma mulher na casa dos trinta anos, de seios enormes sentou-se ao seu lado.

No palco, eu e dona Hilda nos pusemos a tocar.

Veza por outra, eu encaixava frases musicais de trechos medievais e de música flamenca. Ela achava aquilo uma audácia, mas ninguém parecia notar minhas inserções ousadas.

Os que dançavam continuavam a dançar, e os que ouviam a música como quem ouve uma música de elevador, continuavam a ouvi-la sem nada estranhar.

Passaram-se horas.

Viola, whisky barato com guaraná, música, piadas, causos e mais música.

Em certo momento não vi mais o Leonardo. Ele havia sumido.

Deixei o pensamento de lado e voltei minha atenção para a música.

Mais whisky, mas causos, mais piadas. Mas chegou a hora que eu não queria que chegasse nunca. Chegou a hora de eu me despedir.

Leonardo chegou desarrumado, ao lado da mulher de seios enormes.

- Ô Marcus, cê num tem aí uns cinquenta paus pra me emprestar, tem?

Eu tiro do bolso de trás da carteira uma nota de cem e dou para a mulher que prestou seus competentes serviços ao meu amigo.

- Cacete, tu tá cheio da grana, hein?

A mulher de seios enormes lhe lança um beijo no ar e some.

- Dona Hilda, esse é meu último dia na cidade. Tô indo pra São Paulo.

- Pra São Paulo? Tu vai fazê o que lá?

- Vou estudar.
- Esse aí também vai com ocê?
- Vai sim.
- Eita nóis. Vai estudá. Vai sê dotô. É isso aí. Tem que estudá, pra num acabá que nem eu, tocando em puteiro.

“Você é, dos mortais que conheci nesta era, um dos mais incríveis espécimes. Você é perfeita exatamente do jeito que é.”

- Aqui não é tão ruim – eu disse.
- Inté que não. A vida é dura, mas a gente se diverte. É isso aí. Eu aperto a mão ossuda dela depois lhe dou um abraço.
- Inté, Marcus.
- Até mais, Dona Hilda.

E parto com a alma pesada.

Na soleira da porta de saída, eu a ouço.

- Cê num vai esquecê de mim não, né Marcus?

As palavras dela são lanças alexandrinas a perfurar meus olhos. As lágrimas vazam das órbitas de meus olhos.

- Vô não Dona Hilda, vô não.

Eu não tenho coragem de olhar para trás.

Naquele momento, dois mil anos de existência viram quinze. Eu me torno verdadeiramente um adolescente que está se despedindo da sua melhor amiga.

Eu saio a chorar. Leonardo, do meu lado, não fala nada, mas entende o que está acontecendo. Pois ele é um adolescente, que nem eu.

CAPÍTULO 8

Este corpo em que me encontro estava com dezessete anos.

A década de oitenta estava acabando, bem como minha vida no interior do Mato Grosso do Sul.

Era verão, era janeiro, era manhã, éramos nós, e o sol a brilhar com toda força.

O senhor Toyota, também conhecido como Célio, pai de Leonardo estava lá junto com meus pais.

Esperávamos o ônibus que iria nos levar para São Paulo. A mãe de Leonardo não estava lá pela razão de ter morrido quando ele ainda tinha cinco anos de idade. Mas talvez ela estivesse ali, em espírito.

Minha mãe estava triste, meu pai estava quieto.

- Ó, Marcus, quando chegá lá, manda um telegrama pra nós.

- Eu vou mandar.

- Tem certeza que num esqueceu nada? Os documento pra matrícula, as roupa. Diz que faz frio lá praquelas banda. Cê num esqueceu as blusa de lã, né?

- Não, não esqueci.

- Eita nós. Meu filho vai sê alguém na vida - ela diz.

Josefina cruza os braços abraçando a si mesma para se proteger de um frio que não existia.

Meu pai estava quieto, pensativo, braços cruzados. Vez por outra me olhava. Estava triste, preocupado, mas não falava nada.

O ônibus estava programado para partir às oito horas.

O ônibus chega. O cheiro de diesel me agrada.

O motorista desce do ônibus e abre o compartimento para as malas.

Eu e Leonardo colocamos nossas sacolas no ônibus, assim como todo o resto das pessoas, que não eram muitas.

O senhor Toyota dá as últimas instruções para Leonardo.

Minha mãe me abraça aos prantos.

- Deus te proteja, meu filho.

Depois me abraça meu pai.

- Vê se não vai fazer besteira, hein? - ele diz.

- Pai, assim que eu chegar lá, vou fazer a matrícula e em seguida vou achar uma pensão.

- Huuummm, tá certo.

Desde que eu o conhecesse, Januário sempre havia se mostrado um homem sério. Às vezes, inesperadamente, ele brincava, fazia chacota de pessoas e situações. Mas na maioria das vezes, era um homem sério, e talvez por isso mesmo, um homem involuntariamente elegante.

Então, eis que ouço sons de bota tocando no cimento da plataforma.

Ela fica longe, a me olhar com aqueles olhos pretos pequenos e ferozes. Suçuarana vestida de vaqueiro, Dona Hilda.

Ela tira o chapéu, me cumprimenta, e dá um sorriso sincero.

Eu quero correr até ela e abraçar seu corpo magro e gasto pelo tempo, mas isso seria indigno da elegância que ela estava mostrando naquele momento.

Eu sorrio de volta.

Ela se aproxima. Cumprimenta meus pais e me estende a mão.

Eu aperto sua mão e me encho de felicidade.

- Eu vim desejar boa viagem, boa sorte, e que Nossa Senhora Aparecida ilumine teu caminho.

- Amém - digo eu.

- Então, inté – ela recolhe a mão e se afasta pra junto de meus pais.

- Até breve.

Eu e Leonardo entramos no ônibus.

O ônibus parte.

De longe eu os vejo na plataforma a me olhar e a sumir no horizonte.

Uma fase de minha vida neste corpo havia acabado, e eu ainda estava no mundo dos vivos. Ao pensar nisso, dei um suspiro de alívio, o qual não sei como Leonardo, ao lado de minha poltrona, deve ter interpretado.

Menos de dez minutos de viagem e Leonardo já começava a ter pensamentos de desistência.

- Cara a gente deveria ter prestado para Universidade de Brasília. É bem mais perto.

- Bobagem, nosso futuro está em São Paulo.

Ele me olha incomodado com minha certeza.

- E como é que cê tem certeza disso?

“Tenho quase dois mil anos de experiência na arte divinatória do jogo das runas. Eu as joguei no equinócio do ano passado, em uma noite de lua cheia, sob o túmulo de um homem virtuoso. E elas me disseram que meu caminho seria o sudeste. Você, como meu assistente, deve me seguir. É a obrigação de todo assistente de um feiticeiro de guerra. Bem, tecnicamente você ainda não é meu assistente. Isso acontecerá quando você for vítima de um estranho acidente, talvez causado por mim, que o levará a morte. Depois disso, três dias depois para ser mais exato, eu o ressuscitarei e aí sim, você será meu assistente no sentido mais literal da palavra, como manda a tradição dos assistentes de feiticeiros de guerra. Mas isso ainda está longe de acontecer, não se preocupe. E talvez, se dependesse de mim, isso jamais aconteceria. Mas tradições antigas são difíceis de mudar. Por isso, meu caro amigo, aproveite essa sua atual vida e pare de fazer perguntas incômodas. ”

- Tendo – respondo laconicamente.

- Cê nunca tem dúvidas?

“Quando eu tinha sua idade, eu as tinha em grande quantidade.”

- Não.

- Cê tá mentindo.

- Estou?

- Cara, às vezes cê fala dum jeito que...

- O quê?

- Sei lá. É como se eu tivesse falando com outra pessoa.

Eu sorrio.

- Você é um nerd melodramático.

- Falô o Spock.

Eu começo a gargalhar.

A medida que nos aproximávamos de São Paulo, mais frequentes eram as plantações de laranjas, os canaviais e as plantações de

café. Foram quase vinte e quatro horas de viagem. Três Lagoas, Araçatuba, Ribeirão Preto e Finalmente São Carlos. Era uma energia diferente. Ao longo da viagem notei algo peculiar. A postura corporal das pessoas ia mudando a medida que os quilômetros iam sendo rodados. Quanto mais próximos a São Carlos, eu notava que as pessoas andavam de uma forma diferente. De certa forma, mais eretas.

Chegamos de manhã. Estava uma temperatura agradável.

Sob os protestos de um Leonardo cansado e irritado, nos dirigimos para a universidade.

Havia muitos jovens acompanhados de seus pais. Nós não estávamos acompanhados de nossos pais, e isso poderia ser um problema. Poderia, se eu não fosse Yani Temujin. Eramos menores de idade, e a mulher que nos atendeu estava louca para dizer que sem a autorização ou presença de nossos pais não seria possível realizar a matrícula.

Nós tínhamos as autorizações necessárias, mas a viagem havia sido desgastante e nem e nem Leonardo estávamos com paciência para trâmites burocráticos. Foi então que mulher com o crachá que dizia que seu nome era Joana, sentiu uma vontade irresistível de facilitar a realização de nossa matrícula. Bem, talvez eu tenha tido alguma coisa a ver com aquele sentimento súbito. Quem sabe?

A matrícula foi feita e voltamos ao centro da cidade. O objetivo era achar uma pensão para ficarmos. Achamos a pensão que ficava em frente a um café de tamanho ínfimo, mas sempre lotado de gente. A frequência da pensão era desagradável e logo vi que deveríamos conseguir um apartamento o mais rápido possível.

As aulas só começariam no início de março, assim teríamos tempo para nos adaptarmos a nova vida.

O senhor Toyota tinha condições de enviar uma ajuda de custo para Leonardo, o que não era o meu caso. Desta forma algo deveria ser feito para remediar minha condição financeira.

Uma de minhas habilidades como feiticeiro é a de falar e escrever em qualquer idioma conhecido pelo homem. Assim, apresentei-me a uma tradicional escola de idiomas para oferecer minhas habilidades. De imediato disseram-me eles que os

professores da instituição deveriam ser formados em Letras e deveriam ter experiência no uso do idioma inglês.

Eu poderia lhes dizer que vivi na Inglaterra elisabetana, e que inclusive havia corrigido alguns textos de algumas peças de Shakespeare, o qual havia sido meu amigo pessoal. Mas tais credenciais não poderiam ser usadas por motivos óbvios. Resolvi então submeter-me a todos os testes que a instituição dispunha para determinar proficiência em língua inglesa. Demorei alguns minutos para me adaptar ao novo formato da língua inglesa. Afinal, o inglês que eu conhecia e tinha familiaridade não existia mais.

Mesmo com a prova inequívoca que meu domínio sobre o idioma era superior ao de todos os professores da instituição, ainda assim, o diretor do lugar estava reticente quanto ao fato de me deixar lecionar naquele distinto lugar. Sua resistência não durou muito. Logo, assim como a mulher da matrícula, ele sentiu uma irresistível vontade de me ajudar, e eu me tornei o mais jovem professor daquela distinta instituição de ensino de idiomas. Tal era a sua vontade de me ajudar que ele até me pagou um salário adiantado. Foi muita gentileza da parte dele.

Ficamos duas semanas na pensão. Foi um período interessante.

Certo dia, à noite, Leonardo estava particularmente agastado com a situação da pensão.

- Como você chegou a essa conclusão?
- De que esses caras tem tudo cara de assaltante?
- Isso.
- Ué? É só vê na cara deles.
- Assaltantes não possuem um padrão de rosto, Leonardo.
- Cê entendeu o que eu quis dizer.
- O que você quer dizer é que eles têm um olhar frio, duro. Um olhar de quem já sofreu muito. É isso?
- Pode ser.

Estávamos os dois no quarto. Mas eu não tinha certeza da capacidade acústica isolante daquelas paredes. Mas depois daquela conversa, notei que os habitantes da pensão passaram a nos olhar de forma estranha.

Um deles, porém, foi além dos olhares incômodos.

Estava eu no que se poderia chamar de sala de estar. Lia o jornal regional. Em uma das matérias do jornal aparecia o brasão de armas da cidade. Segundo a matéria, havia um erro no brasão. O escudo arredondado era encimado por cinco torres, mas o correto seriam oito. Cinco torres denotavam que aquela não era uma cidade e sim um povoado não emancipado. Um erro de heráldica, o qual achei muito grave mesmo. Na sala havia três poltronas e uma mesinha de centro.

Entrou na sala um homem de olhar duro e frio, como era o olhar da maioria dos moradores da pensão. Ele usava uma jaqueta de náilon já gasta. Sem dizer nem ao menos bom dia, tomou para si uma das poltronas.

Depois de se acomodar, começou a me olhar fixamente, esperando talvez que eu me intimidasse com aquele comportamento.

Olhando fixamente para mim, abriu o zíper da frente da jaqueta e mostrou que estava armado.

Fascinante, pensei comigo mesmo. A leitura do jornal havia perdido a graça.

Então, algo estranho ocorreu.

Ele tirou a arma de dentro da jaqueta, atirou nos próprios pés depois atirou nas próprias coxas. Aquilo deve ter doído.

Assustado, ele largou a arma no chão e começou a gritar de dor.

Eu voltei a minha leitura do jornal. Felizmente Leonardo havia saído para passear. Mas creio que o termo espaiar era o que ele havia usado.

A atendente da pensão apareceu e ficou chocadíssima. A polícia e a ambulância foram chamadas.

A polícia chegou primeiro. Dois policiais chegaram e logo começaram a fazer perguntas sobre o ocorrido enquanto o homem agonizava na poltrona.

- Bem, eu estava lendo jornal e, sem aviso, este homem atirou nas próprias pernas.

- Alguém além de você viu o que aconteceu?

- Infelizmente não.

Naquela época a prática de colocar câmeras até nos vasos sanitários ainda não era uma praxe.

- O senhor vai ter que nos acompanhar até a delegacia pra prestar depoimento - disse um deles.

O outro estava a verificar se o homem que havia atirado em si mesmo estava bem.

- Eu gostaria de continuar lendo meu jornal - eu lhe disse.

Os dois me olharam com surpresa. Mas a surpresa logo se transformou em uma tácita concordância de que me deixar continuar a ler meu jornal era a melhor coisa se fazer.

- O senhor pode continuar lendo o seu jornal - disse-me aquele que antes havia sugerido que eu fosse até a delegacia para prestar depoimento.

- É muito gentil da sua parte. Obrigado - respondi amavelmente.

Minutos depois a ambulância chegou. O pobre homem foi levado em uma maca. Os policiais se foram. E eu continuei a ler o meu jornal da manhã.

Uma expressão em latim me chamou a atenção. A BANDEIRANTIBUS VENIO. Eu não precisava que aquilo fosse traduzido, mas o jornal dizia que a expressão significava, "Procedo dos Bandeirantes". Um professor de história lançava dúvidas sobre a veracidade daquela expressão que constava no brasão da cidade. Segundo ele, seus estudos levavam a crer que os bandeirantes jamais havia posto os pés na cidade de São Carlos. Dizia ele que a expressão representava uma falsidade. A notícia me trouxe grande perplexidade. Um erro de heráldica em um brasão e uma possível falsidade escrita em latim. Que gravíssimo! Em tempos antigos, uma notícia como aquela seria motivo para uma grande investigação. Uma porção de sangue seria derramada para corrigir aquela falha. Mas no século vinte, talvez eu fosse a única pessoa entre bilhões que dava importância àquele escândalo. Nestes novos tempos, as questões relacionadas aos brasões de armas e a quantidade de açúcar que se usava nos bolos feitos na padaria tinham a mesma importância. Que lástima, pensei eu.

E quanto ao homem que misteriosamente atirou em si mesmo? Teria complicações nas pernas? Isso realmente não me preocupava.

O que realmente me afligia era o erro no brasão de armas da cidade.

Depois daquele episódio os moradores da pensão mudaram seu olhar em relação a nós. O que antes poderia ser interpretado como agressivo tornou-se apreensivo. Passaram a nos evitar. O que para Leonardo representou uma grande melhoria na sua qualidade de vida dentro da pensão.

Apesar do isolamento benéfico propiciado pelos nosso queridos amigos da pensão, achei melhor resolver o problema. Alugar um apartamento era imprescindível.

A atendente da pensão, muito solícita, indicou-me uma imobiliária que não era muito longe dali.

Em determinado dia, às quatro horas da tarde fui visitar a imobiliária. Fui sem avisar.

Atendeu-me uma mulher de baixa estatura, cuja pele tinha um aspecto muito bonito. Seus olhos eram ligeiramente mais separados do que eu acharia adequado em um rosto humano. No mais, não havia nada que me desagradasse nela. Entretanto, quando ela abriu a boca, foi como se uma ratazana houvesse entrado em meus ouvidos. Foi provavelmente uma das vozes mais desagradáveis que já ouvi; aguda e estridente como o grito da mandrágora. E apesar disso, a julgar pelo anel de ouro em sua mão esquerda, tudo indicava que aquela banshee irlandesa era casada. Que herói deveria ser este homem, pensei.

- Boa tarde. Por favor, pode sentar. Meu nome é Roberta.

- Prazer, meu nome é Marcus.

Eu me sento na cadeira de plástico e avalio o lugar. Era simples. Portas de vidro, dois cômodos. Uma sala para atender os clientes e provavelmente uma cozinha, nada mais. Entre nós uma mesa também de plástico. Ela, do outro lado da mesa, vestia uma roupa informal. Parecia que depois dali, ela iria fazer compras ou coisa similar.

Seu olhar em relação a mim era de flagrante desprezo. Sentei-me e fingi não estar sofrendo um desconforto auditivo atroz.

- Estou procurando um apartamento para alugar.

- Tem fiador?

- Não.

O desprezo dela triplicou.

- Aqui nós só trabalhamos com fiador.

Junto ao seu desprezo, havia uma certa alegria sórdida misturada a sua voz. Algo nela se rejubilava com o fato de eu não ter fiador.

- Mas dou minha palavra de que jamais deixarei um débito pendente.

Ela sorriu.

“Que idiota”, ela deixou escapar o pensamento.

- Olha, sem fiador não dá. Aqui em São Carlos todas as imobiliárias trabalham assim.

- Entendo. A palavra é uma coisa que não tem mais valor nos dias de hoje, não é mesmo? - eu pergunto inocentemente.

- Hoje em dia não dá pra confiar. Sabe como é que é, né?

“Sua meretriz! Minha palavra vale mais do que esta cidade inteira! Eu deveria matá-la aqui mesmo, arrancar sua pele e usar seu crânio como taça!”

Mas ao invés disso, continuei a conversa utilizando o mesmo tom de desprezo dela.

- Vejo que você é casada.

- Sô sim – ela fala mexendo os dedos da mão esquerda.

- O matrimônio é uma instituição que muito me fascina.

Algo em minha voz deve ter ascendido algum alarme na alma daquela mulher; pois sua postura corporal sofreu uma leve mudança. Ela inclinou o tórax para traz.

- É casar é bom – ela disse com uma estranheza na voz.

- Seu marido sabe que você o trai com o irmão dele toda vez que ele viaja no final de semana?

O desprezo e a alegria sórdida se dissolveram instantaneamente.

Eu esperei que ela falasse alguma coisa espirituosa, alguma coisa coisa desafiadora. Mas tudo o que ela me deu foi um olhar aterrorizado.

Inclinei meu corpo para frente e literalmente, saboreei o terror dela.

- Eu estava pensando em um apartamento de dois quartos. Uma coisa simples, não muito longe da avenida principal. Ah, e lembre-se, eu espero um preço justo.

Eu me levanto.

- Amanhã, neste mesmo horário, eu venho para acertarmos a parte burocrática. Desnecessário dizer que se você falhar em conseguir uma morada para mim, seu marido saberá o que você faz quando ele viaja nos finais de semana. O que, aliás, não tenho absolutamente nada a condenar. Mas diferente do seu marido, venho de uma sociedade politeísta, matriarcal e poligâmica. Bem, foi um grande prazer conhecer você, Roberta. Até amanhã.

E me fui, sorrindo e saltitante, a andar pelas calçadas mal feitas de São Carlos.

CAPÍTULO 9

A universidade era um ambiente, de certa forma, anódino. Um lugar anódino cheio de pessoas anódinas.

A escolha pelo curso de matemática havia se mostrado uma decisão corretíssima. Em trezentos anos, para minha felicidade, a matemática havia avançado muitíssimo. E estar ao redor de mortais com nível de abstração tão alto, e que não davam a mínima para quem iria ganhar o campeonato brasileiro, ou sobre quem era quem na novela das oito, era um bem vindo alívio.

A biblioteca tinha uma aparência ligeiramente sombria, o que me agradava muito.

Aulas, conversas fúteis e horas sem fim na biblioteca. Era uma rotina, apesar da anodinez do lugar, agradável.

Leonardo parecia bastante encantado com seu curso, mas verdadeiramente o que mais lhe encantava era a presença das garotas bonitas. As quais, devo dizer, eram muitas. E aos dezessete anos, um jovem só pensa em uma coisa, sexo. Infelizmente para ele, os anos sessenta estavam sepultados no passado, e o amor livre havia se tornado uma nota de rodapé na história. Estávamos no período imediatamente pós-AIDS. O que significava, em outras palavras, que os jovens desejavam ter relações sexuais até que seus corpos ficassem exaustos, mas a perspectiva de terminar seus dias em estado cadavérico em hospital público era um considerável obstáculo a esses desejos. Somava-se a isso, para dificultar ainda mais a vida de Leonardo, a falsa emancipação feminina das brasileiras.

Na universidade ficou claro para mim que as brasileiras pareciam emancipadas sexualmente, mas só pareciam. No fundo eram mulheres conservadores com ranços católicos arraigados em suas psiques. Mas afinal, o que poderia se esperar de uma sociedade que achava que fio dental era uma coisa normal e que topless era uma coisa imoral?

Apesar da AIDS e do conservadorismo escamoteado das brasileiras, havia um grupo que parecia estar à margem destes impeditivos. Eles pareciam viver no império dos sentidos. Eram

belos, ricos e se destacavam dos outros por exibirem um certo desprezo em relação aos seus pares menos afortunados economicamente. Este último hábito, o desprezo, suscitava em mim uma certa simpatia por eles.

Eles eram filhos de usineiros e lojistas do interior de São Paulo, mais precisamente da região de Ribeirão Preto. Filhos de famílias abastadas, eles decididamente não necessitavam estar estudando em uma escola pública e gratuita, dado que sua condição financeira permitia-lhes escolher uma universidade privada e paga. Mas as melhores universidades eram as públicas e gratuitas, então era para lá que eles se dirigiam. Com melhores chances de terem uma boa educação de base, eles tornavam a tarefa para os estudantes mais pobres, de entrar em uma universidade pública, algo qualquer coisa de difícilíssimo.

Além disso, enquanto que muitos de nós se deslocavam até a universidade através de ônibus ou de bicicleta, eles iam e vinham com carros os quais eram melhores do que os carros dos professores. Eles eram a prova de que a burguesia, definitivamente, no Brasil, havia vencido.

Entre estes representantes da luminosa burguesia brasileira, havia uma garota chamada Anita. Ela era, segundo minhas pesquisas, filha do dono de uma conhecida rede de lojas que vendiam móveis e eletrodomésticos. A esses comerciantes, dava-se o nome de varejistas. A primeira vez que ouvi este nome senti certa repulsa; pois imediatamente lembrei-me da mosca varejeira.

Anita era arrogante, vazia, preconceituosa e ligeiramente cruel, todavia, a despeito de qualquer coisa, Anita era bela. E esta última característica era tudo o que Leonardo conseguia abstrair daquela criatura. Sempre bronzeada e loira, provocava em Leonardo os desejos mais lascivos que um homem poderia ter.

Certa vez, na lanchonete, que ficava próxima ao centro acadêmico da universidade, Leonardo estava a admirá-la.

- Rapaz, essa menina é linda demais.
- É bela, realmente - disse eu.
- É muito gata.
- Ela é uma garota bonita, mas e daí?

- Como e daí?
- Você deseja ter relações sexuais com ela, certo?
- Hannnn...
- Sim, esse é o seu intuito. Mas como exatamente você vai convencê-la a ter relações sexuais com você?
- Cara, eu só falei que ela é bonita.
- Sim, sim. Ela é bela e o seu objetivo é o sexo. E minha pergunta é, qual o seu plano para conseguir o sexo?
- Eu não pensei nisso.
- No plano?
- Isso.
- Você precisa de um plano.

E enquanto eu comia o doce preferido de D. Pedro I, também conhecido como quindim, Leonardo fantasiava a respeito de Anita, a loura bronzeada que desprezava garotos com situação financeira desfavorável.

Para mim, todas as garotas da universidade eram desinteressantes, apesar da beleza. E esta opinião continuou imutável até que conheci uma estudante do curso de biologia chamada Mila Modesto Becker. Ela era uma ruiva natural, muito branca de olhos verdes. Descobri que ela era proveniente do Estado de Santa Catarina e que seus pais eram descendentes de alemães. Mila era uma mulher bela que gostava de andar com roupas escuras que cobriam todo o corpo. Sua roupa favorita era um vestido todo preto de mangas longas, e cujo comprimento ia até o meio das canelas. Era alta, e talvez por isso sempre andasse a usar sandálias. Levava consigo uma bolsa de pano a tira colo. Seus cabelos eram longos, ondulados e raramente estavam presos. A cabeleira vivia solta, e isso lhe dava um certo ar de rebeldia. Alguns a denominavam como um bicho grilo. A expressão me era estranha e sem sentido, mas várias pessoas a identificavam assim.

A primeira vez que a vi foi na parada de ônibus dentro da universidade. Sentada no banco de cimento do ponto de ônibus, ela parecia completamente autossuficiente e perdida em seu mundo pessoal. Eu a encontrava sempre no final do dia, dia sim dia não.

Cabelo solto, roupas escuras e sandálias. Mila era constante em suas escolhas.

Um dia, no ônibus, sentei-me ao seu lado.

Ela lia um livro cujo título era, WICCA A RELIGIÃO DA DEUSA.

- Uma religião matriarcal de um tempo que não existe mais - eu lhe disse.

- A história é cíclica - ela me disse sem tirar os olhos do livro.

- A história parece cíclica, mas é na verdade uma espiral ascendente.

Ela para a leitura.

- Marcus.

- Mila.

Eu aperto a mão dela. Como era macia.

- Eu faço matemática e você? - pergunto.

- Biologia.

- É uma forma de estudar as forças da natureza.

- Sim, é sim.

Ela tinha o dom, mas ainda era incipiente. Ela estava no primeiro degrau de uma escada longuíssima.

- Você conhece sobre Wicca? - ela perguntou.

- Sim, um pouco.

- Nossa, que legal - ela sorri - E cê aprendeu onde?

“Com a mais poderosa feiticeira deste mundo, Azra Mahai.”

- Já li alguns livros a respeito.

- Esse é o meu ponto, tchau - ela se despede e se vai.

Vendo-a descer os degraus do ônibus, penso no fato de que uma mulher ruiva é por si só uma característica de notabilidade inequívoca. Encontrar uma delas é como encontrar um animal raro. Encontrar Mila Modesto, por exemplo, meu deu a mesma sensação que tive ao encontrar leões brancos na África. Elas tem um tipo muito especial de mágica. Uma mágica que seduz sem força. É como estar na beira da praia e ser banhado por uma sequencia de ondas. É uma força primária, neutra, mas forte.

Nossos encontros eram sempre breves. Fosse na lanchonete, no bandeirão da universidade, em alguma palestra, nossos encontros

eram sempre breves. E em todos eles, ela sempre me perguntava algo sobre a Wicca.

Certa vez, no final da tarde, eu a encontrei, em suas roupas escuras, subindo a pé uma das ruas que levavam a parada de ônibus.

- Você acredita em mágica? Quer dizer, de verdade? – ela me perguntou.

- Sim.

- Mas você tá fazendo matemática pura. Como é que você acredita em mágica?

- Matemática tem a ver com axiomas, extrapolações e provas. Mas acredite, não existe nada nela que prove que mágica não existe.

- Sério?

- Sim.

- Como é que você sabe tanto sobre Wicca? Quer dizer... Você pratica os rituais ou coisas assim?

- Não, não pratico rituais – era uma mentira.

- Quem te ensinou?

- Eu li muitos livros a respeito.

- Essa não cola. Mande uma carta para minha professora, lá em Blumenau e ela respondeu que você sabe coisas que só as bruxas muito experientes sabem. Afinal – ela para de andar – quem te ensinou?

- Uma parenta.

- E ela vive onde?

“*Em um Palácio de Jade, em um mundo paralelo a este.*”

- Paris – eu disse a mentira sorrindo.

Mas depois, pensando bem, se Azra fosse viver neste mundo, Paris seria uma cidade adequada para minha senhora.

- Huuummm, faz sentido. Ela é francesa?

- Árabe.

- Uau. Eu não sabia que os árabes conheciam a Wicca.

- Pois é. Parece que existem algumas coisas que você desconhece.

Ela voltou a andar.

- Você já fez alguma coisa assim... mágica? Quer dizer, já aconteceu alguma coisa diferente com você?

“Você escolheu o dia para me fazer mentir sem parar, Mila?”

- Algo já aconteceu.

- Algo como o quê?

- Que horas são?

- Cinco da tarde.

- Eu previ que às cinco horas e um minuto iria chover.

- Quando?

- Hoje.

- Cê tá falando sério? - ela perguntou incrédula.

Eu parei, toquei meu dedo indicador nos meus lábios e pedi silêncio.

Ela começou a olhar para o relógio e para o céu sem nuvens, alternadamente.

Às cinco e um, a chuva começou a cair.

Ela olhou para mim e sorriu seu sorriso mais belo.

- Uau!

Uau foi o máximo que ela conseguiu verbalizar. Estava sem palavras.

Debaixo da chuva, calmamente, nos dirigimos até o ponto de ônibus.

- Eu pensei que você ia sair correndo da chuva.

- Bruxas não tem medo de chuva.

“Falou como uma verdadeira bruxa, minha cara. Algo me diz que você tem futuro.”

Nos dias que se seguiram nossas conversas se tornaram mais longas. Todos os assuntos giravam em torno de mágica. Ela me trazia seus rituais e pedia uma opinião minha. Eu havia me tornado o seu consultor particular de assuntos metafísicos.

Seis meses de consultoria, e um dia ela me fez uma surpresa.

Estávamos os dois na lanchonete do lado de cima da ponte que passava sobre o lago. Ela pediu ao atendente da lanchonete um copo de chocolate frio. Depois disso, pediu para que sentássemos, pois ela iria me mostrar uma coisa.

Ela colocou o copo plástico em cima da mesa desmontável de metal, e olhou fixamente para o líquido. Este começou a esquentar até que uma fumaça começou a sair dele.

- E então? Não é o máximo?

Era um truque interessante. Olhei para ela, sorri e toquei na borda do copo plástico. Em seguida o líquido congelou.

Ela arregalou os olhos.

- Uau! Como você fez isso?

- As mulheres tem o fogo, os homens tem o gelo. É um princípio antigo.

- Você sabe tanta coisa.

- Eu sei o suficiente.

- Você vem na festa do Reggae? - ela mudou de assunto.

Periodicamente grandes festas aconteciam no campus da universidade. E eu sempre as evitava. Multidões e feiticeiros de guerra não são uma boa combinação. Se eu não estava enganado, a festa anual do Reggae seria em duas semanas.

- Provavelmente não.

- Por que não? Essa vai ser boa.

- Por que diz isso?

- Eu preparei uma surpresa pra você.

“Eu costumo não gostar de surpresas, Mila. Cuidado com o que vai fazer. Você pode não gostar da minha reação.”

- Então eu virei, por sua causa.

- Que bom!

Naquele mesmo dia, ao chegar em casa, tive uma surpresa. Antes de abrir a porta, ouvi uma voz feminina. Leonardo havia trazido uma mulher para nossa casa. Que avanço, pensei eu. Pois em um ano e seis meses, com relação às mulheres, meu melhor amigo era o que poderia ser descrito como um grandessíssimo perdedor.

Ao abrir a porta, minha surpresa foi maior ainda. Uma loura de ombros largos e pele bronzeada estava no sofá da sala conversando animadamente com Leonardo.

- Boa noite – disse eu.

- E aí? - respondeu Leonardo – Lembra daquela menina que eu falei pra você?

Ela se levanta e vem me cumprimentar.

- Oi, prazer, eu sou Anita.

“Sim, eu sei quem você é, fantasia sexual ambulante do meu melhor amigo. Mas o que realmente está esgotando minha capacidade de achar respostas para perguntas difíceis é o fato de você estar aqui. Então me diga. O que exatamente meu amigo Leonardo fez para trazê-la até aqui?”

- O Leonardo me falou de você. Você faz engenharia, né? - eu pergunto.

- É. E você?

- Matemática pura.

- Putz, que legal.

Ela pega a bolsa do sofá.

- Léo, já deu minha hora. Eu tô indo, depois a gente se fala. Tchau!

Ela o beija no rosto e depois faz o mesmo comigo. Em seguida sai, ligeiramente ansiosa. A forma com que ela pegou a bolsa e abriu a porta me fez ver o quão ágil e graciosa ela era. A proximidade do beijo me ajudou a precisar sua altura. Ela devia ter entre um metro e setenta e cinco e um metro e setenta e seis. O andar era o de uma dançarina ou de uma artista marcial, ou as duas coisas.

Assim que a porta se fechou, Leonardo soltou um suspiro longo e sonhador.

- Então você conseguiu pensar em um plano? - eu pergunto.

- É isso aí.

- Mas como exatamente Anita achou que era uma boa ideia vir até aqui?

- Hoje, na aula de calculo dois, ela perguntou se eu morava com você. Eu disse que sim, daí a conversa engatou.

- E o que mais ela perguntou?

- Nada. Só perguntou se eu morava com você e só.

- Fascinante.

- Fascinante o cacete! É do caralho!

CAPÍTULO 10

Aos finais de semana, quase todos os universitários voltavam às suas cidades de origem para visitarem os pais. Havia poucos alunos da cidade de São Carlos. A maioria era de fora.

Estávamos no mês de maio. Era manhã, sábado. O dia estava bom. Estávamos em uma sorveteria próxima ao mercado municipal, uma das poucas da cidade. Era uma sorveteria tradicional de mais ou menos quarenta anos.

Eu estava vestido com minha camiseta branca, calça jeans e botas. Meu uniforme. A vantagem de ser homem é poder criar um uniforme para si mesmo sem ser censurado por ninguém.

Mila estava com um dos seus vestidos escuros e botas de bico fino. Eu já havia lhe dito várias vezes que usar roupas claras não a faria menos bruxa, ao que ela me respondia, “Não adianta ser uma bruxa, é preciso parecer uma”. “E quem disse isso?”, eu lhe perguntava. “Eu”, ela respondia sorrindo.

Pela calçada víamos passar pessoas carregando suas preocupações simples de um dia de sábado ensolarado.

- Tem uma coisa que eu não entendo. Você controla os quatro elementos, você pode ler a mente das pessoas, você consegue mover coisas. E não adianta negar – ela aponta o dedo indicador para mim de forma acusatória – que eu já vi você movendo uma moeda do chão até a sua mão. Você pode fazer todas essas coisas, mas você não se aproveita de nada disso.

- Como pode ter tanta certeza que eu não me aproveito disso?
- Você é discreto e tem poucos amigos.
- Você também.
- É, mas não sou uma bruxa do seu nível.
- E se fosse? O que mudaria?
- Huuuummmm, acho que nada. A maioria das pessoas é vazia, egoísta e só pensa em dinheiro.

“Minha Mila, você está no caminho certo.”

- Elas não nasceram assim, elas foram ensinadas a serem assim – eu observo.

- Tanto faz. A maioria é insuportável – ela diz lambendo seu sorvete de creme com pedacinhos de chocolate.

- Há pessoas magníficas neste mundo, Mila.

- Ah é? Cita uma.

- Mahatma Gandhi.

- Esse não vale.

- Por que não vale?

- Por que não tem como criticar esse cara.

- Abraham Lincoln.

- Esse era advogado - ela fala com desprezo.

- Sim, mas foi provavelmente o melhor presidente que a América já teve.

- Cita alguém do Brasil.

- Ana Néri. Na guerra do Paraguai acompanhou os filhos e o irmão como enfermeira. É uma das duas mulheres que fazem parte do Panteão da Pátria e da Liberdade que fica em Brasília.

- Qual é a outra?

- Anita Garibaldi.

- Eu não sei muito coisa sobre ela.

- Pois deveria. Ela era do seu Estado, Santa Catarina. Pelo que li a respeito, ela era uma mulher fora do comum. Tinha uma coragem impressionante. Lutou em guerras. Era uma mulher que pegava em armas. Uma mulher não trivial, eu diria, matematicamente falando.

Pela calçada vejo se aproximar Leonardo, na improvável companhia de Anita.

- Oi pessoal – ele diz.

- Oi – respondemos eu e Mila, cordialmente.

Leonardo puxa outras duas cadeiras de metal e eles se sentam.

- Tá um dia lindo, né? - diz Anita.

- Está sim – eu respondo.

E começamos a conversar amenidades e a rir de coisas tolas, como se espera que façam os jovens.

Então, no meio da conversa, eu noto o pingente que estava escondido sob o cardigan que Anita usava.

- Ártemis? - eu pergunto e aponto para o seu pingente.

- Sim.

- Posso ver?

- Claro.

Eu viro o pingente. Do outro lado da medalhinha está escrito, ao redor de um hexagrama, "Ártemis Agrotera, Potnia Theron".

- Ártemis da floresta, senhora dos animais. Ela é a deusa da lua. Suas armas são o arco e flecha, a rede e a lança.

- Você fala grego?

- Um pouco.

- Um pouco que nada! - observa Leonardo – Ele fala Grego, Russo, Inglês, Italiano e o que você imaginar.

- Ele está exagerando.

- Num tô não.

Mila intervém.

- Ártemis, a deusa virgem caçadora.

- Posso ver? - Mila pergunta.

- Claro.

Ao tocar no pingente, ela sente a força do talismã.

- Prata pura. É antigo, não é? - ela pergunta.

- Era do meu bisavô. Ele me deu. Está na família há muito tempo.

- É lindo.

- Ce qué um sorvete? – pergunta Leonardo para Anita.

- Sim, de baunilha.

- Eu vou pegar.

Ele se levanta.

- Você é de Ribeirão Preto, não é? - eu pergunto.

- Sou sim.

- Você costuma ficar aqui no final de semana?

A viagem de carro até Ribeirão Preto não levava mais do que uma hora e meia. E como muitos alunos de Ribeirão Preto, ela possuía um carro. Provavelmente presente do seu pai rico.

- Raramente. Mas segunda tem uma prova ferrada de resistência de materiais. Daí eu preferi ficar pra estudar. Em casa não tem ambiente pra estudar.

- Entendo.

Mila me olha e vejo que, como eu, ela sente algo desconexo em Anita.

- Olha que engraçado. Quando você chegou nós estávamos falando da Anita Garibaldi. E o seu nome também é Anita.

- Que coincidência. Mas o nome verdadeiro de Anita Garibaldi era Ana Maria Jesus Ribeiro. Anita era o apelido dela, e o sobrenome era do marido – Nossa Anita explica com certa seriedade e até mesmo reverência.

- Você conhece a história dela?

- Li uma biografia ano passado.

- Que coincidência, hein? - eu digo.

- Anita é italiano, né? - Mila pergunta.

- É sim. O meu nome, por exemplo, é Anita Cacciatore.

- Que nome bonito – eu digo com sinceridade – E raro.

Leonardo volta com dois sorvetes.

- Opa! Cheguei.

Com o sorvete de baunilha na mão, Anita me olha e pergunta:

- Quantos anos você tem?

- Dezoito.

- Você não fala como uma pessoa de dezoito anos.

- É mesmo? - pergunto fingindo surpresa.

- É sim. Em geral, garotos de dezoito anos só falam de mulher, sexo e futebol. Eu não conheço nenhum que conheça mitologia grega - ela observa.

- O Marcus detesta futebol – fala Leonardo lambendo seu sorvete de chocolate – Ele diz que é um bando de crianças correndo atrás de uma bola.

- Que engraçado, eu penso a mesma coisa – ela diz.

Mais tarde à noite, em casa, Leonardo chega como quem acabara de encontrar o velo de ouro.

Assim que ele se joga no sofá da sala e liga a televisão, eu paro minha demonstração matemática, a qual eu estava escrevendo em papel vegetal, e que estava pela metade.

- E então?

- Então o quê?

- Vocês dois... Você sabe.

- Cara, você só pensa nisso?
- Quando você está com ela no que você pensa? - eu pergunto, levantando minha sobrancelha direita.
- Tá, tá certo, mas é normal. Mas do jeito que você fala, parece que eu tô premeditando um crime.
- Então eu devo concluir que vocês ainda não fizeram sexo.
- Não, Spock, nós ainda não transamos.
- Huuummm...
- Hummmm, o quê?
- Se eu fosse você não perderia tempo. Nunca se sabe o dia de amanhã.
- E você a esquisita da Mila? Vocês já transaram?
- Não.
- Mas cês já tão juntos há mais de seis meses.
- Nossa relação é mais complexa do que você imagina.
- Quer dizer que eu tenho que transar com a Anita antes que o mundo se acabe, e você não precisa transar com a Mila, porque no seu caso a relação é complexa demais para isso.
- Exatamente.
- Qué saber, você é um idiota.
- Idiota, do grego, significa pessoa leiga, sem habilidade profissional.
- Cara, se mata. Ninguém pode ser tão nerd assim.
- Eu não sabia que havia um limite para ser nerd.
- Esquece.

Eu sorrio.

“O mundo não vai acabar, Leonardo, mas eu estou com um mau pressentimento.”

E chega o dia da festa. A grande noite do Reggae de mil novecentos e noventa e dois. O gramado entre os ginásios de esporte e o lago estava lotado. As caixas de som vibravam com o volume ensurdecador da música. Nelas estava tocando I Shot The Sherif. A música era uma das mais singulares de Bob Marley. Nela ele dizia que tinha atirado no xerife, mas ao mesmo tempo ele insistia que havia sido um ato de legítima defesa. Mas como é que

se atira em uma autoridade policial em legítima defesa? Não era um paradoxo?

Mas eu era o único no meio daquela multidão capaz de pensar uma coisa dessas. Chope, cerveja, cachaça e outras misturas corriam pela festa como um rio, e isso parecia fazer com que as pessoas ficassem extremamente satisfeitas com o fato de Bob ter atirado no xerife, ainda que tenha sido um ato de legítima defesa.

Estávamos no meio da multidão eu, Mila, Leonardo e Anita, dançando. Quando de repente Mila dá três toques rápidos no meu braço. Havia chegado o momento da surpresa.

Coincidentemente, Anita falou alguma coisa no ouvido de Leonardo e sumiu. E antes que ele percebesse, eu e Mila também havíamos sumido.

Ela me levou até o bosque de pinheiros. O bosque estava escuro como breu. Segurando minha mão, ela me guiou até uma clareira. Eu podia ver tudo como se fosse dia, mas não quis estragar a ilusão que ela tinha de estar no controle.

Na clareira havia um círculo formado de tochas apagadas e, no centro, um lençol de algum tecido grosso e vermelho.

Sem aviso, ela começou a tirar a roupa. Primeiro foram os brincos, o colar com pingente de pentagrama, o vestido, a sutiã, a calcinha e as botas. Seu corpo era simplesmente perfeito, e por um momento, distraído, fiquei a admirá-lo.

- Marcus, isso não funciona se só eu tirar a roupa.

- Ah, mas é claro.

Tirei a roupa e ficamos ambos nus.

- É – ela me olhou sorrindo – acho que isso vai funcionar.

Sentamo-nos de frente um para outro e logo eu estava dentro dela.

Com os seios dela tocando meu peito, eu lhe disse:

- Há uma coisa que você precisa saber.

- O quê?

- Não poderei fazer isto nesta forma. Você está preparada para ver o meu verdadeiro eu?

- Só há um jeito de saber – ela diz sorrindo.

Então eu relaxo meus músculos e deixo minha verdadeira natureza tomar conta. O branco dos meus olhos se vai, minha pele fica branca como uma vela e meus cabelos começam a crescer. Eu aumento de tamanho, todo o meu corpo fica extremamente peludo, minhas mãos ficam grosseiras e minhas unhas se transformam em garras pretas.

Ela não vacila.

- Você não parece surpresa – digo usando minha verdadeira voz.

- Não. E então, podemos continuar?

- Estou ao seu dispor, minha senhora – eu brinquei.

Ela começou a se movimentar como uma amazona em cima de um cavalo. Depois me empurrou, e eu fiquei com as costas no chão enquanto ela ficava por cima a cavalgar-me. Passou-se quase um minuto até que ela fez o primeiro movimento de uma peça de cinco atos.

- Paralda – ela disse e uma ventania varreu o campus.

Mais um minuto.

- Ghob – e as plantas ao redor começaram se agitar. Flores começaram a desabrochar e raízes começaram a correr para cima em busca de um sol inexistente.

Mais dois minutos.

- Djiin – e as tochas ao redor de nós se ascenderam.

Mais três minutos.

- Niksa.

E um relâmpago, que se seguiu depois de um trovão ensurdecedor, rasgou o céu. E depois disso, uma chuva fria que apagou as tochas.

Mais alguns segundos.

- Mila – ela disse o próprio nome e a peça se encerrou.

- Mila – eu repeti.

E chegamos ao clímax ao mesmo tempo.

Ar, terra, fogo, água e Mila, o quinto elemento da equação. O pentagrama estava completo. Ela havia se tornado o próprio pentagrama. O ritual estava completo. Seu treinamento estava finalizado. Ela era agora uma bruxa de verdade. Como os deveres e obrigações que isso acarretaria.

Ela se inclinou até que sua testa encostasse na minha.

- Eu estava com medo de que isso não desse certo.

- Mas deu certo, é o que importa. E agora você é uma bruxa de fato e de direito.

Caso os elementais não a aceitassem, eles iriam persegui-la e deixá-la completamente louca no processo. E isso poderia ser um tanto, como vou dizer... desagradável.

Quinze minutos depois, eu e ela estávamos vestidos e prontos para voltar para festa. Aguçando minha audição, eu pude notar que estava tocando Turn Your Lights Down Low.

- Vamos? - ela disse.

- Vá na frente. Eu irei daqui a pouco.

Ela se foi, e eu fiquei ali, parado, em pé, esperando, até que ouvi passos leves se moverem com graça pelo chão do bosque.

A primeira flecha veio na direção do meu pescoço. Eu me desviei no último segundo e o projétil errou seu alvo. Vieram outras flechas em minha direção. Todas direcionadas aos pontos vitais do meu corpo. Finalmente uma delas me acertou na perna, seccionando a artéria femoral e me forçando a voltar a minha verdadeira forma. Eu retirei a flecha e regenei o ferimento interno. Nesse intervalo uma rede fina feita de náilon e elos de prata foi jogada em mim. Enquanto eu tentava me libertar uma flecha foi disparada e certa atravessou meu coração. Depois veio outra e atravessou meu olho. Eu arranquei as duas e dissolvi a rede com um encanto simples. O ritual de magia sexual com Mila havia me esgotado. Exausto, eu caí no chão de folhas secas.

Foi então que ela se mostrou. Estava vestida com uma roupa de couro curtido. Calça de couro, jaqueta de couro, botas especiais, facas nas laterais das coxas, e atrás das costas, uma aljava cheia de flechas e uma espada. Na mão direita, um arco leve e elegante.

- Você tá cansado. A ruiva sugou toda a sua energia, não é mesmo? Não precisa responder, eu sei que sim.

- Cacciatore, eu devia ter imaginado.

- Pois é.

Ela tira a espada de trás das costas e se prepara para cortar minha cabeça.

- Não é nada pessoal, você sabe. Eu até que gostei de você.

A espada desce na direção do meu pescoço, mas eu me dissolvo na terra.

- Huuummm, parece que você não está tão cansado assim – ela diz.

“Não, não estou sua cretina.”

Mas então ela começa a uivar nomes que só os muito corajosos ou muito estúpidos teriam coragem de uivar. Nomes que só o rei Salomão, há muitos milênios atrás, havia sido capaz de citar e controlar.

Meu corpo começa a se erguer da terra.

Ela continua a uivar, e espíritos inferiores seguram meus braços e minhas pernas e me prendem a um pinheiro próximo.

- Uma caçadora de demônios usando Goécia? Este século é realmente surpreendente.

- Nós evoluímos com o tempo, Marcus, ou seja lá qual for o seu verdadeiro nome.

- Sim, vocês evoluíram. Vocês estão se transformando em nós, sua idiota.

- Quais são as suas últimas palavras?

- Desista disso e dou minha palavra que não a perseguirei por tentar me matar.

- Isso é uma piada?

- Não, é uma proposta sincera.

Ao longe, eu ouço Rat Race tocando no volume máximo.

- Adeus.

Em um movimento certo, ela acerta meu pescoço e minha cabeça rola. Ela não nota, mas o sangue não espirra do pescoço cortado na intensidade que deveria. Ela uiva e os espíritos soltam minhas pernas e braços e meu corpo cai no chão.

Ela some, e depois volta com uma bolsa preta.

- E depois que eu mandar você, quer dizer, sua cabeça pro Vaticano, eu vou atrás da ruiva. Vocês dois vão fazer um belo par, empalhados – ela fala agachada.

Depois de colocar minha cabeça na bolsa, ela se levanta e se prepara para ir embora.

- Pode ser, mas tem um problema. Esse aí dentro da bolsa não sou eu – digo eu atrás dela.

Em um movimento rápido, eu arranco o talismã que ela utilizava para e proteger dos espíritos que invocava através das artes proibidas da Goécia.

Ela deixa cair a bolsa e puxa as facas que estavam nas laterais das coxas. Ela é rápida, mas eu tive tempo para descansar. Minhas garras contra as facas dela. Eu acerto o rosto dela, ela me acerta uma estocada no ombro. Uma sequência de golpes, e ela vai me furando como se eu fosse uma almofada de alfinetes.

Eu poderia conjurar espadas do Vale das Sombras, mas desejo saber o quão bem treinada ela foi.

Enxergo uma abertura mínima na postura dela e consigo acertá-la com um soco certo nas costelas. Ela cai e começa a uivar os nomes dos espíritos que ela acha que controla.

Só que dessa vez algo dá errado. Eles vêm, mas não para me atacar.

Eu tiro do bolso o talismã que ela levava consigo, e vejo nos olhos dela que ela percebe o erro que cometeu.

- Pois é, tsc. Sem um hexagrama pra te proteger, não é uma boa prática chamar esse tipo de espírito, você não acha?

Ela não responde, não dá tempo. Eles a rodeiam, e ela começa a gritar.

Enquanto ela grita e convulsiona, eu observo.

- Você é boa, muito boa. Mas eu estou nesse ramo há dois mil anos. Eu sou mais antigo que a sua ordem sua estúpida. E você? Está nisso há quanto tempo, cinco, seis anos? Um conselho, diga, se você sobreviver é claro, pros seus amiguinhos em Roma pra não mandarem outro caçador de demônios. Caso contrário eles não terão que vir aqui, eu irei até eles.

Dito isto, eu me afasto.

- Ah, e outra coisa. Nem pense em ir atrás de Mila Modesto. Isso me deixaria profundamente irritado. Adeus.

Enquanto estou atravessando a ponte, começa a tocar, Satisfy My Soul. Muito adequado realmente, penso eu.

Alguns minutos de procura e acho Mila e Leonardo a conversar, beber e a dançar.

- Você demorou – ela diz.

- Onde está a Anita? - eu pergunto para Leonardo, fingindo não saber que nossa amiguinha estava no bosque tendo uma acalorada conversa com espíritos inferiores milenares.

- Não sei. Ela disse que não estava se sentindo muito bem e que ia no banheiro e até agora não voltou – ele responde.

- Não deve ser nada – eu digo sorrindo.

Uma noite de bebida, sexo, música e violência. Poder-se-ia dizer que havia sido uma noite perfeita.

CAPÍTULO 11

Hoje a igreja católica apostólica romana prega a paz, a tolerância e o amor. Tudo isso através do diálogo entre as nações. Bem, até poucos séculos atrás, ela também pregava essas coisas, mas era através da espada, da lança e do machado. Sim, a igreja católica era uma organização governada por papas guerreiros e cardeais que se comportavam como duques de guerra. Tenho saudades desses tempos. Eram tempos mais interessantes, eu diria.

Houve um tempo que seu poder se tornou tão grande, que até mesmo nós os imortais começamos a ser encarados como uma oposição inconveniente a ser neutralizada.

E para lidar com criaturas como eu, a igreja criou uma ordem peculiar. Uma ordem de caçadores de monstros satânicos. Que é uma das denominações usadas para nos descrever. *L'ordine sacro dei cacciatori di demoni* foi fundada no século XI depois de Cristo, na mesma época em que a ordem dos templários foi criada. Ambas tinham o objetivo de servir a igreja e, por consequência, servir ao deus cristão.

Para nós, a ideia de sermos caçados por mortais era risível.

Mas a ordem, que não se mostrava à luz do dia, a cada século, se tornou cada vez mais forte. Protegida pelas sombras, se tornou um braço independente e esquecido da igreja.

Com os séculos, seus métodos de caça se aperfeiçoaram, e suas razões para caçar o que eles chamam de crias de Satanás tornaram-se cada vez mais obscuras. À cruz, foram acrescentados o arco e a flecha. E às missas, foi acrescentado o culto a deusa da caça. Em uma espécie de estranho sincretismo religioso, Diana Caçadora, a deusa virgem, havia se transformado em uma das muitas faces da virgem Maria.

Esta estranha ordem é composta, em sua maioria, por mulheres. E até que abandonem a função de caçadoras, elas devem se manter virgens. Por alguma razão, elas acreditam que a virgindade lhes dá poder sobre os demônios. Um crença tola, adianto a todas vocês que estejam lendo este meu relato.

Algumas tentativas foram feitas para tentar uma trégua, mas todas falharam.

Além disso, Azra Mahai, nossa líder, nos impôs uma existência de discricção e evitação de conflitos. Nós vivemos neste mundo, mas em verdade não fazemos parte dele. Todos sabemos disso. E a última coisa que queremos é entrar em conflitos com ordens de mulheres insanas. Infelizmente, convencê-las disso se mostrou, até o momento, impraticável.

Nos dias que se passaram, Anita Cacciatore não foi vista no campus.

Com um pouco de pesquisa, descobri que ela estava em um hospital psiquiátrico em São Paulo e que logo seria transferida para Roma. Lá, provavelmente, ela seria tratada por alguém que poderia curá-la dos estragos de uma Goécia mal praticada. Algo que nenhum hospital psiquiátrico convencional do mundo poderia fazer.

Leonardo estava desconsolado.

Pensei em lhe dizer que Anita era um pouco demais para ele, que a chance de sexo era nula, dado que ela era uma virgem caçadora de demônios. Mas concluí que informá-lo de tal coisa não seria algo bom.

Infelizmente tive que contar o desagradável incidente com Anita para Mila. Era hora de ela saber que nem tudo são flores no mundo da magia.

Ela não pareceu muito impressionada depois de eu lhe ter contado toda a história.

Em meu quarto, tarde da noite, na cama, nós conversamos a respeito.

- Você quer me dizer que eles usam o que existe de mais negro em magia para nos caçar? - ela perguntou.

- Sim.

- Mas eles acham que bruxos e bruxas são abominações?

- Sim.

- Eles cultuam Diana caçadora?

- Sim.

- E eles trabalham pro Vaticano?

- Mais ou menos. É uma organização independente com laços com o Vaticano.

- Será que eles entendem que isso é completamente contraditório? - ela pergunta.

- Provavelmente não.

- Eu sempre achei que caçadores de bruxas não existiam mais.

- Eu também achava isso. Mas eles não caçam só bruxas. Eles caçam tudo o que acham que é uma abominação.

- Que merda.

- Eu não teria dito melhor.

- Eles mandarão outra caçadora?

- Ou caçador.

- Eu não quero ferir ninguém.

- Eu sei, mas além da Wicca, acho que vamos ter que complementar seu treinamento com outras habilidades.

Se Mila tivesse nascido uma feiticeira, Azra já estaria aqui pronta para levá-la ao seu Palácio de Jade e treiná-la. Mas Mila havia se tornado uma feiticeira através de esforço próprio e não por uma volta inusitada em seu DNA. E neste caso, Azra não tinha interesse nela. Olhos de Prata considerava os que não haviam nascido feiticeiros como "sangue impuro". Suas palavras a respeito destes era, "não são problema meu", simples assim. Preconceito? Sim. Assim como entre os mortais, entre nós também há preconceito.

Se é assim, por que resolvi ajudar Mila Modesto Becker a se tornar um feiticeira plena? Solidão, talvez? Eu queria alguém para conversar, apenas isso. Eu gosto de uma boa conversa mais do que qualquer outra coisa.

Mila era uma mulher bonita, mas não era atlética, e isso deveria mudar. A muito custo, e usando ameaças veladas, eu a convenci a praticar a milenar arte do jiu jitsu. É claro que só isso não seria necessário para fazer frente a um caçador, mas seria um bom começo.

Então, além do jiu jitsu, eu a introduzi na sofisticada arte das facas. As aulas se davam no quintal da minha casa, à tarde, sempre que Leonardo não estava presente.

Em uma de nossas sessões, ela me perguntou o porquê das facas.

- Nas artes marciais há poucas coisas mais perigosas que uma mulher que sabe usar facas para atacar e se defender.

- Anita te atacou com facas.

- Sim, facas consagradas.

- Mas você deu um jeito nela.

- Sim – eu disse aproximando a ponta de minha faca no pescoço dela.

- Se um dia eu precisar me defender de você, só facas não serão suficientes – ela disse com a ponta da faca sendo pressionada no próprio pescoço.

- Exato.

- Bom saber – ela diz sorrindo.

- Mas esperemos que isso nunca aconteça.

Ela olha para baixo. E é então que vejo a ponta de uma faca encostada logo abaixo da minha última costela esquerda.

- Você está aprendendo rápido - eu observo sorrindo.

- Eu quero tá preparada caso outra vadia apareça querendo cortar minha cabeça.

Os meses se passaram. As férias vieram e se foram. Leonardo arranhou uma namorada que cursava Engenharia Química. Uma mulher que a primeira vista me pareceu uma fêmea de pavão de tão insípida. Mas ao ouvi-la, notei que ela tinha uma inteligência brilhante. Escolher uma mulher por causa de sua inteligência era uma prova inequívoca de que Leonardo estava amadurecendo. Havia também a possibilidade de ela ser sua opção mais viável para o sexo, mas este era um pensamento deselegante o qual eu evitava. O sexo entre mim e Mila era cada vez menos frequente. Ela agora estava a experimentar a poligamia, e a me contar suas experiências relacionadas a isso. Certa vez ela deixou escapar um pensamento a respeito de sua vontade de experimentar um encantamento súcubo. Algo que a proibi terminantemente.

- Mas por que não? - ela me perguntou.

- É um vício. É como uma droga. Quando você começa, não quer mais parar.

- Você nunca fez?
- Não preciso.
- Como assim não precisa?
- Não preciso.
- Dá pra explicar melhor?
- Hoje não.

Felizmente ela não insistiu na ideia. Um mês depois desta conversa, Leonardo e sua nova namorada nos convidaram para um passeio em um lugar cujo nome achei belo, Salto do Pântano.

Seria uma longa caminhada e depois, no final, encontraríamos uma cachoeira. Três horas para ir e três horas para voltar.

Mila aceitou de imediato, e eu também. Toda oportunidade para entrar em contato íntimo com a natureza era sempre bem vinda.

No dia marcado, partimos para nossa aventura até o Salto do Pântano. Nosso caminho seria feito passando por dentro de fazendas através de estradas de barro.

Nosso guia chamava-se Antonio Lanciere. Era um homem moreno de sol, alto e esguio.

Encontramo-nos às seis da manhã no ponto de encontro definido. Era um lugar afastado da cidade onde as casas eram esparsas e pequenas. À nossa frente, havia uma ladeira de barro que determinava o fim do asfalto.

O céu estava completamente sem nuvens. Seria uma caminhada sob sol forte. Um dia ensolarado é ótimo para as atividades físicas, mas infelizmente o sol também é um feroz destruidor de energia anímica e ectoplasma. Matérias primas indispensáveis para produção de magia.

Leonardo e eu estávamos acostumados a caminhadas como aquelas. Lá no Mato Grosso do Sul, nós costumávamos realizá-las com frequência.

Mila havia me dito que não teria problemas com a caminhada. A namorada de Leonardo, a fêmea de pavão, havia dito o mesmo.

Havia outras pessoas as quais pareciam todas muito experientes com suas mochilas de lona, e tênis que pareciam específicos para caminhar como aquelas.

- Atenção, são seis horas em ponto. A previsão é que retornemos a este ponto às sete da noite. Não é uma caminhada fácil. Se alguém acha que não vai conseguir, por favor diga agora.

Ele tinha um leve sotaque o qual eu não conseguia identificar.

Como ninguém disse nada que indicasse uma desistência, iniciamos a caminhada.

A trilha era ligeiramente montanhosa, o que nos proporcionava, de vez em quando, belos cenários para admirar. Por vezes senti antigos espíritos vagando por aqueles descampados. Alguns nos olhavam com curiosidade, outros fugiam ao nos perceberem a caminhar por lugares que raramente eram visitados.

Depois de seis horas chegamos a um trecho de mata fechada. Havia uma trilha estreita para chegar até a cachoeira. A qual, falando sinceramente, não era lá grande coisa.

Uma a uma, as pessoas foram entrando na mata para ver por qual motivo haviam caminhado seis horas sem parar.

- Que legal, hein? - disse Leonardo a admirar a cachoeira anã.

- É sim - eu respondi.

- Onde está a Mila? - ele perguntou.

- É - emendou a fêmea de pavão - onde está a Mila?

Não havia nem sinal de Mila ou do guia. Onde estariam os dois?

Olhei para a água e murmurei para as ondinas para que me mostrassem onde estavam os dois. E elas gentilmente me mostraram.

Na estrada de barro, próxima a entrada para a cachoeira, Mila lutava por sua vida.

O guia, como eu já havia suspeitado, era um caçador de demônios. Seu plano era simples. Primeiro ele iria atacar Mila, por achá-la mais fraca, depois viria atrás de mim. E por que eu não havia alertado-a? Bem, aquele seria o seu batismo de fogo.

Assim como Anita, Antonio era um soldado bem treinado e que também dominava os segredos da Goécia.

Eles lutaram. Ela com facas, ele com punhais curvos. E vendo que ela não era uma presa fácil, ele começou a uivar para os espíritos inferiores. E eles vieram com toda a sua virulência.

Mas o que nem ele e nem eu esperávamos é que o domínio de Mila sobre os quatro elementos fosse tão grande. Os espíritos vieram e a rodearam, e de dentro daquele redemoinho demoníaco, ela realizou sua manobra inesperada.

Era meio dia, o sol estava a pino, e talvez por isso Antonio não tenha notado o momento em que seu corpo entrou em combustão espontânea. Enquanto seu corpo queimava, eu apareci de dentro da mata fingindo surpresa.

- Você sabia o que ele era? - ela me perguntou enfurecida.

Aproximei-me do corpo carbonizado e me agachei.

- Não - menti.

Com um movimento fiz o corpo virar cinzas. E com outro movimento fiz o vento levar as cinzas para longe.

- Você lembra o caminho de volta? - ela me perguntou cheia de ira.

- Tenho ótima memória - eu lhe respondi sorrindo.

Com exceção de mim e Mila, todos acharam estranhíssimo o guia ter nos abandonado no meio do passeio. "Isto é um absurdo", dizia a maioria. "Eu lembro o caminho de volta", tranquilizei a todos.

E recomeçamos a caminhada. Depois de algumas minutos, eu e Mila nos distanciamos do grupo. Distância suficiente para que ninguém pudesse ouvir as dúvidas que ela estava tendo.

- Eu matei um homem - ela disse.

- Em legítima defesa.

- Mas isso não muda o fato de que eu matei um homem.

- Que estava querendo te matar.

- Por que isso não me faz sentir melhor?

- Por que você é humana. É normal sentir empatia por outros da mesma espécie, ainda que o membro da mesma espécie queira te matar.

- Eu tava pensando...

- Sim?

- Talvez eu devesse parar com essa coisa toda.

- A Wicca?

- É a Wicca e o resto.

- Ah, você está querendo desfrutar o ovo.

Ela faz uma cara de interrogação.

- Você sabe quanta energia é necessária para desfrutar um ovo? - eu pergunto.

- Não faço ideia.

- Talvez a energia seja incalculável. Seria necessário reverter uma lei fundamental do universo, a entropia. Você sabe o que é entropia, não sabe.

- Eu sei o que é entropia - ela responde irritada.

- Então você deve ter uma ideia do que estou tentando explicar para você.

- Eu queria dar um tempo. Sabe como é?

- Mila, Mila, Mila. Esta não é uma festa que você entra se diverte e vai embora. Uma vez que você entra, não tem volta. Você entrou no buraco do coelho, agora tem que ir até o fim, não há como voltar.

- Do que é que você está falando? Buraco do coelho?

- Você leu Alice no país das maravilhas, não leu?

- Li.

- Então. Agora você tem que continuar. Você vai encontrar o gato risonho, o chapeleiro louco e a dama de copas, e com sorte, depois de tudo isso, você acha uma saída.

- Isso é uma metáfora?

- Sim, quer dizer, quase.

Ela silencia por dez minutos.

- O que acontece com quem para no meio do caminho?

- Quase sempre essas pessoas ficam loucas e acabam se matando.

- Sério?

- Sério. Veja bem, você entrou em contato com espíritos elementais. Você mexeu com forças que cientificamente não existem. A mágica que você usa está te modificando em nível molecular. Você levantou o véu. Criaturas imortais que não sabiam que você existia agora sabem. Você é agora uma criatura de dois mundos.

- E de vez em quando vão mandar um filha da puta ou uma vadia pra me matar, é isso?

- Huummmm, eu não colocaria de uma forma tão direta, mas sim. De vez em quando você terá que lidar com pessoas inconvenientes.

- Que merda.

- Você não pensou que ia mexer com forças além da compreensão humana e isso não teria um preço, pensou?

- Você devia ter me dito. Devia ter tentado me fazer desistir.

- E você iria desistir se eu pedisse?

Ela faz uma pausa rápida.

- Não.

Ela silencia por mais dez minutos.

- Quantos anos você tem?

- Dezenove.

- Você não tem dezenove anos.

- Este corpo tem.

- Marcus, quantos anos você tem?

Eu sorrio.

- Minha primeira existência como feiticeiro começou no ano dez antes de Cristo em Roma, no império de Gaius Caesar Iulius Otavianus. Meus pais eram escravos do imperador. Eu nasci escravo.

Ela para a caminhada.

- Você tem dois mil anos?!

- Pode-se dizer que sim.

- Puta que pariu. E só agora é que você me diz?

- Você só me perguntou agora.

- Você é imortal?

- Minha essência é. E se eu não tiver ferimentos graves, este corpo pode se manter indefinidamente.

- E a sua outra forma?

- Minha verdadeira forma?

- Isso.

- Com o tempo este corpo ficará igual a ela.

- Em quanto tempo?

- Entre dois ou três séculos.

- Putz. E se eu virasse imortal, que nem você, eu ia virar monstro também?

Eu começo a rir e reiniciamos a caminhada.

- Não. Com as mulheres é diferente. A mágica gosta das mulheres. Com o tempo elas se tornam cada vez mais belas e mais potentes. No caso dos homens, a mágica parece nos enxergar como um mal necessário ou coisa assim.

- Que alívio.

Eu volto a rir.

- Não que a sua aparência verdadeira seja muito feia, não foi isso que eu quis dizer, entende?

- Eu fico feliz que você se preocupe em não ferir meus sentimentos.

- Eu ficarei imortal, que nem você?

- No seu caso é diferente.

- Diferente como?

- Você não nasceu bruxa. Você se tornou uma. Você está sendo avaliada desde o dia que realizamos aquele ritual no bosque da universidade. E o resultado dessa avaliação lhe será informado quando você completar o seu trigésimo terceiro aniversário. Na manhã desse dia você saberá tudo o que precisa saber.

- E quem está me avaliando?

- Azra Mahai, Olhos de Prata, a herdeira de Anu Ansar Mashra, A Fonte, a senhora de todos nós. Ela diz que não se importa com bruxas como você. Mas não se engane, ela está de olho.

Ao longe, vejo um relâmpago se precipitar de um céu sem nuvens.

- Mas não se preocupe com isso agora. Hoje nós vamos celebrar.

- Celebrar o quê?

- O seu primeiro caçador de demônios! Você tornou esse mundo mais seguro para criaturas como nós, e isso merece uma comemoração.

- Eu não quero celebrar nada. O que eu quero é cair na cama e dormir uma semana. Minhas pernas estão me matando.

“Sim, as pernas e a culpa de ter matado outro ser humano.”

- Se nós estivéssemos no País das Maravilhas e se você fosse Alice, quem você acha que eu seria? - perguntei.

- O gato que ri?
- Hummm, faz sentido - eu digo pensativo.
- Eu não quero encontrar a dama de copas – ela diz séria.
- Ninguém quer, mas ela faz parte da história. Sem ela, a história ficaria incompleta.

CAPÍTULO 12

Mila não estava brincando quando disse que tudo que ela queria fazer, quando o passeio ao Salto do Pântano acabasse, era cair na cama e dormir uma semana. Mas eu também não estava brincando quando lhe disse que os eventos que haviam ocorrido naquele dia mereciam uma comemoração.

- Eu não me lembro de ter chegado aqui - ela disse, mais curiosa do que preocupada.

Eu estava vestido com um smoking, com a obrigatória gravata borboleta. Meu cabelo estava cuidadosamente penteado para trás e fixado com gel. Este último detalhe, démodé, eu admito. Ela estava mergulhada em um vestido verde rendado, com um comprimento que mostrava pouco dos pés. A cabeleira ruiva estava presa em um penteado elaborado.

Nós dois em um salão vazio de setenta e três metros de comprimento e doze de largura. Ao longo do salão, mais de trezentos e cinquenta espelhos. A iluminação se dava através de belíssimos lustres que pendiam do teto. Além dos lustres, o teto continha em sua superfície um conjunto de pinturas de Charles Brun retratando acontecimentos do reinado de Luís XIV.

- Que lugar é este?

- Um bom lugar para se celebrar.

O bolero de Ravel começa a tocar. Uma das poucas peças musicais que consegue fundir o oriente e o ocidente com perfeição indescritível.

- Eu conheço essa música - ela diz.

Eu seguro sua cintura e ergo sua mão direita.

- Eu não sei dançar - ela avisa.

- Aqui, todos sabem dançar.

E nós dançamos. E a cada passo, figuras da França do século dezoito, com as roupas características da época começam a aparecer e a dançar conosco.

- Isso é um sonho?

- Quase. Eu chamaria de sonho lúcido.

E enquanto música toca, nós rodopiamos.

- Minhas pernas não doem. Na verdade eu me sinto ótima. Mas eu caminhei doze horas, como isso é possível?

- Seu corpo está dormindo, descansando.

- Então estou aqui em espírito?

- Pode-se dizer que sim.

- Lembrei! Bolero de Ravel.

Eu sorrio e assumo minha verdadeira forma.

- Exatamente.

- Porque esse lugar me parece familiar?

- Provavelmente porque você já esteve aqui antes.

- Isso é possível?

- A vida humana é uma longa série de existências. Não é impossível que em alguma delas você tenha passado por este lugar.

Rodopia próximo de nós um casal gargalhando.

- Sabe aquilo que eu disse de dar um tempo.

- Desfrutar o ovo?

- É. Talvez eu não possa abandonar a festa, mas nada me impede de ficar em um canto apenas observando, não é?

- É uma estratégia válida. Mas de vez em quando, alguém vai te chamar para dançar, e nem sempre você vai poder recusar o convite.

- Quando isso acontecer, eu estarei preparada.

- Tenho certeza que sim.

E todos nós, vivos e mortos, nos entregamos a música que nos convidava a rir, dançar e a rodopiar como dervishes em transe.

Depois daquela noite no salão dos espelhos, Mila abandonou as roupas escuras e começou a dedicar-se mais ao seu curso de biologia do que aos seus estudos de magia. Sua meta agora era se misturar. Desaparecer na multidão.

Com o passar dos meses, ela criou uma personalidade alternativa, uma espécie de personagem a qual era extremamente útil para transitar pelas normas sociais e ser identificada como uma jovem normal.

Eu, por minha vez, dedicava-me aos estudos transcendentais da matemática. Em especial, a um dos problemas abertos do alemão David Hilbert, o problema dezesseis. Este problema consistia em desenvolver uma topologia de curvas e superfícies algébricas. Este

problema poderia ser descrito em uma única palavra, infernal. Mas não se preocupe, não testarei sua paciência explicando-o.

Leonardo, um ano depois, mudou-se para viver com a fêmea de pavão, a qual ele chamava de namorada. À época, ele havia me dito que o senhor Toyota não ficara muito satisfeito com o fato do filho ir morar com uma moça sem antes ter casado com ela. Mas quando ele lhe disse que a moça em questão era filha de um industrial, o senhor Toyota concluiu que era seu dever como pai adaptar-se aos tempos modernos.

E os anos se passaram. Eu visitava a casa dos meus pais duas vezes por ano. E cada vez que isso acontecia, claro, visitava Dona Hilda, a quem eu havia dado o adequado título de magnífica.

Outros caciattori di demoni apareceram em nosso campus para degolar feiticeiros e feiticeiras distraídos, felizmente para estes e infelizmente para os caciattori di demoni, Mila Modesto tornou-se extremamente hábil na tarefa de convencê-los de que degolar feiticeiros não era uma boa ideia. Mas convencer um caçador de demônios de que sua atividade não é das mais corretas sempre se provou algo muito difícil, e na maioria das vezes eu, ou Mila, tínhamos que encaminhá-los para o além-túmulo.

Mas no final de mil novecentos e noventa e cinco da era cristã, a extensão da adolescência chamada universidade chegou ao seu fim. E para marcar o seu fim adequadamente, uma feira foi organizada no ginásio principal da universidade. A feira destinava-se a identificar e a captar os novos talentos que estavam em vias de se formarem naquele ano.

Um estande em especial chamava atenção mais do que qualquer outro. Nele, atrás do balcão, vestida com um terninho preto, com um sorriso extremamente convincente, a Mulher Confinada. Ao seu lado, uma das poucas criaturas neste e no outro mundo que me causavam arrepios, Morgana Le Fey. Esta última vestida em um terninho igual ao da Mulher Confinada, este, porém, verde escuro. E conversando com estas duas, sem se dar conta de suas verdadeiras naturezas, Mila.

- Marcus! Advinha! Acho que consegui uma bolsa para fazer meu mestrado em Paris!

Ela estava exultante.

- Isso é incrível - respondi.
- Não é? E você, já conseguiu alguma coisa?
- Ainda não apareceu nada que me interessasse.
- Mas vai achar. Suas notas são excelentes.

Ela mostra para mim o fôlder com a foto da universidade em Paris. Ela é só sorrisos.

- Nossa, vou telefonar pro meu pai agora! - ela me beija e se despede para telefonar do orelhão que ficava próximo ao ginásio.

Eu me aproximo do estande que deixou Mila tão feliz.

- Eu pensei que você ficaria escondida no mato até que viesse a consumação dos tempos - provoquei a Mulher Confinada.

- Este era o plano, Yani Temujin. Mas quando Azra chama, nenhum de nós pode recusar. Você sabe disso.

- E as tatuagens? Desistiu delas?

- Uma das vantagens de ser uma bruxa é que você pode mudar de ideia em relação a tatuagens. Além do mais, chamavam muito atenção.

- É um fato. Mudando de assunto, Mila em Paris? - pergunto para a Mulher Confinada.

- Sim - fala Morgana - Paris.

- Por quê?

- Azra se interessou por ela - diz Morgana.

- Ah, entendo.

- Ela é talentosa - diz Morgana estreitando seus imensos olhos azuis - para uma sangue impuro.

Morgana, alta, cabelos muito pretos, olhos azuis, quase iridescentes, e pálida como um cadáver. A palidez era cuidadosamente disfarçada com maquiagem, a mesma estratégia utilizada pela Mulher Confinada.

- Quem será o tutor dela?

- Eu - fala Morgana, em inglês.

- A taxa de sobrevivência dos seus alunos não é muito alta.

- Você está insinuando alguma coisa? - o tom de voz, que antes era calmo e tranquilo, muda.

- Não. Eu apenas quero dizer que ela vai sobreviver.

- Isso vai depender inteiramente dela.

- Não, você não entendeu Morgana. Ela vai sobreviver porque você vai se esforçar para que ela continue sã e salva.

Os olhos de Morgana se acendem.

- Quem você pensa que...

A Mulher Confinada, em cujo crachá estava escrito Nina, intervém.

- Estamos sob olhares mortais, por favor, não façam uma cena.

Os olhos de Morgana se apagam e ela volta para o português.

- Então quer dizer que o grande e poderoso Yani Temujin foi fascinado pela ruivinha. Ah, por favor – ela faz um ar de desprezo – seja lá que sentimento você tenha por ela ou ela por você, assim que ela colocar os pés no velho mundo esse sentimento vai sumir, e você sabe disso.

- Não queira me dar lições de vida, Morgana. Lembre-se que sou bem mais velho do que você.

- Mas no fundo você sabe que Morgana está certa – fala a Mulher Confinada, sorrindo para os alunos que passam na frente do estande.

Sim, ela estava certa, mas eu não queria admitir.

- Imagine o que vai acontecer quando ela conhecer um querubim. Uma noite com um deles e ela vai esquecer que você um dia existiu – Morgana fala querendo me provocar – Ooops, esqueci. Dandara trocou você por um querubim, que falta de sensibilidade a minha.

Dessa vez sou eu que perco a paciência.

- Sua cadela – eu falo sussurrando – eu devia mandar você pro limbo.

- É só escolher o dia e o horário, e eu estarei lá para ver você tentar – ela fala sem perder a calma.

O velho mundo era um lugar cheio de perigos. Feiticeiros, caciattori di demoni, assassinos e ladrões de Badal Singe, malditos querubins, anenakis, pictos, zelotes, vampiros, e outras dezenas de tipos de imortais vivendo lado a lado, sob leis de não agressão nem sempre respeitadas. Afinal, todo código penal tem brechas, e código penal não escrito do nosso mundo não era exceção.

- Ela sobreviveu a mais de um cacciatore. Isso deve ter chamado a atenção de Olhos de Prata – Morgana fala com seu sorriso falso no rosto.

Chega Leonardo que apoia o braço direito em meus ombros e fala no meu ouvido.

- Caralho, que gatas.

“Essas gatas devoram jovens como você, meu amigo.”

- Bom dia! Elas dizem jovialmente. Quer dar uma olhada em nossos programas de intercâmbio?

Ele se aproxima do balcão.

“Seu amigo?”, Morgana pergunta mentalmente.

“Sim.”

“Talvez ele possa ser meu amigo também, o que acha?”

“O que acha d'eu arrancar seu fígado pelo nariz?”

“Nossa, como estamos sensíveis”, ela sorri.

Felizmente a fêmea de pavão não estava longe, e isso me ajudou a plantar nela uma vontade irresistível de falar com Leonardo.

Ela chega.

- Nossa, Léo, ainda bem que eu te encontrei. Tenho uma coisa urgente pra te falar.

- Fala. O que é?

- É particular, não dá pra falar aqui.

Ela o arrasta para longe, para o meu alívio.

- E você? - pergunta a Mulher Confinada – Pra onde vai depois daqui?

- São Paulo.

- Sério? Você vai trocar Londres, Paris, Roma por São Paulo? - pergunta Morgana com ar de deboche.

- Algumas criaturas são especiais, independentemente do lugar que estejam. Outras precisam de uma corte, castelos, servos e outras coisas que já estão ultrapassadas há séculos.

- Yani, você não passa de um...

- Ei, vocês dois – fala a Mulher Confinada com o sorriso dissimulado para os que passam em frente ao estande – parem com

isso agora! Ou arranjem um quarto com uma cama redonda pra resolver isso de vez.

Chega um grupo de estudantes. É a minha deixa para me afastar.

De longe, eu lhe dirijo uma última ameaça.

“Cuide bem dela, Morgana. Caso contrário, eu cuidarei de você.”

“Aj, estou com tanto medo”, ela responde em inglês, debochando de minhas ameaças.

Minha inimizade com Morgana Le Fey era secular. Mas por mais que eu quisesse esfolá-la viva, ela era uma das favoritas de Azra Mahai. E por isso não havia nada que eu pudesse fazer sem despertar a ira de Olhos de Prata. E enquanto esta condição de favorita continuasse, havia pouco que eu pudesse fazer. Entretanto Morgana não era a única com influência nas altas esferas, eu também tinha amigos em lugares altos. Eu entraria em contato com eles e com sorte, eles ajudariam Mila a sobreviver a tutela de Morgana. Com sorte, muita sorte.

No dia vinte e dois de dezembro, de manhã, estávamos os quatro na rodoviária. O céu estava perfeitamente azul e a temperatura já avisava como seria o resto dia.

Mila, como parte de sua estratégia de se misturar com a multidão, usava tênis, calça jeans e uma blusa rosa da Hello Kitty. Por dentro, eu ria daquela escolha de indumentária.

- Marcus eu...

- Vai ser uma experiência ótima.

- É, eu acho que vai.

Ela me abraça apertado, e eu não preciso que ela diga nada para entender o que ela quer dizer.

“Você já sentiu uma vontade louca de ir embora e uma vontade doida de ficar?”

- Já – eu respondo ao pensamento dela.

Ela chora.

E depois de enxugar as lágrimas, ela me dá um cartão com o endereço e telefone da universidade.

- Assim que você arranjar um lugar em São Paulo, manda uma carta pra mim.

- Eu mandarei.

- Eu vou te escrever contando tudo. Prometo.

Ela me abraça de novo.

- Eu não vou te esquecer.

“Você está enganada minha flor vermelha. Você é jovem e linda. Assim que você colocar os pés em Paris, eu serei apenas uma boa lembrança, um sonho, nada mais que isso. Você conhecerá pessoas interessantes, cosmopolitas. Com o tempo a ideia de voltar para o Brasil lhe parecerá cada vez mais distante. E como todas as feiticeiras, você ficará fascinada por querubins com asas de luz. Mas eu, eu sempre lembrarei de você. Você sempre ocupará um lugar especial em meu coração de alcatrão.”

- Tenho certeza que não - digo eu.

O ônibus dela chega.

Leonardo e sua fêmea de pavão se aproximam e se despedem dela. Ela se vai com sua mochila cheia de chaveirinhos pendurados e duas sacolas pesadas. As sacolas são colocadas no compartimento de malas do ônibus e ela entra.

Por detrás do vidro, ela acena para mim enquanto o ônibus parte da plataforma.

“Adeus, Mila.”

- Vocês formam um casal bonito – diz a fêmea de pavão.

- Coisas bonitas tendem a não durar neste mundo – eu falo com certa amargura em minha voz.

- Que bobagem, cara! - me alegra meu melhor amigo – Esse mundo dá volta.

Eu sorrio.

- É, pode ser.

E chega o ônibus deles, com destino a Ribeirão Preto. O senhor Toyota e Leonardo passariam o Natal na casa da fêmea de pavão. A qual Leonardo havia me dito tratar-se de uma mansão.

Eles se vão e fico eu, só, na rodoviária.

E é nesse momento que sinto o peso de ter dois mil e seis anos, ainda que eu esteja em um corpo com apenas vinte e dois anos.

Então, finalmente, chega meu ônibus.

Antes de entrar nele, eu me despeço de São Carlos. É um adeus, pois jamais voltarei àquele lugar.

Espíritos que não sabem que morreram, e que continuam com suas mesmas atividades de quando ainda estavam vivos, fazem acenos de despedida como se me conhecessem. Cordialmente, eu aceno de volta. Afinal, um ato de gentileza merece outro, não importando se quem o pratica está vivo ou morto.

CAPÍTULO 13

O ano de mil novecentos e noventa e cinco havia sido um ano comum. Terremotos, guerras, atentados terroristas, avanços tecnológicos, trocas de poder, ou seja, o mundo continuava cheio de som e fúria, como de costume.

Eu e Dona Hilda não nos víamos mais. Ela havia se tornado uma celebridade. Uma revista americana havia concluído que seu lugar era entre os deuses da guitarra. E isso havia tornado-a, aos olhos do grande público, o que ela sempre havia sido para mim, uma instrumentista fenomenal.

O tempo avançava sobre meus pais. Era inevitável.

Mas sempre que eu chegava, nas férias ou no natal, sem que eles percebessem, eu os curava de pequenos problemas de saúde.

O dinheiro que eu enviava para eles, que não era muito, fazia grande diferença em suas vidas.

A mãe de Beatriz continuava de mãos dadas com sua tristeza infinita, mas continuava viva. Talvez, aquela coisa que Pandora havia deixado sair daquela maldita caixa, a esperança, ainda vivesse em algum lugar dentro de sua alma cansada. Eu também lhe enviava algum dinheiro, que também parecia fazer grande diferença em sua vida.

A missa do Galo havia sido terminantemente abolida dos ritos de Natal de minha família. Meu pai havia decidido que aquilo não lhe era mais importante. E minha mãe, em parte para não suscitar falatórios sobre o fato de estar desacompanhada na missa, também parou de ir.

Era meia noite e cinco. O Feliz Natal havia sido gritado em alto e bom som. Mesmo Sônia havia se esquecido de sua tristeza por alguns minutos. A mesa estava farta, como sempre. Eu havia comprado um espumante francês. À época os espumantes brasileiros ainda não tinham a qualidade que têm hoje.

Lá fora os vagalumes, atendendo a um pedido meu, dançavam e iluminavam o entorno de nossa casa.

Estávamos sentados ao redor da mesa a falar sobre amenidades, quando minha mãe inseriu o assunto de minha decisão de ir para ir

para a cidade de São Paulo.

- O povo fala que é uma cidade perigosa, meu filho - disse minha mãe.

“*Viver é perigoso, Josefina.*”

- As pessoas exageram. É uma cidade grande. Tem perigos, mas também tem oportunidades.

- O menino já decidiu, Zefa - disse meu pai me olhando como se pudesse ver minha verdadeira natureza - Marcus tem juízo.

- Morar em São Paulo - disse Sônia com uma voz sonhadora - Eu nem imagino como deve ser. Aqueles prédio gigante, aquelas pessoa bem vestida, aquele monte de carro passando pra cá e pra lá. Deve ser um negócio de doido.

- Dizem que é, dona Sônia, dizem que é – eu sorrio.

No dia trinta e um de dezembro de mil novecentos e noventa e cinco, eu estava na Avenida Paulista a comemorar a entrada do ano novo. A música dos alto falantes não me agradava. Na verdade, qualquer coisa que não fosse música clássica ou guaranhas me desagradava. Mas estar ali, me alimentando de toda aquela energia, compensava qualquer desconforto auditivo.

Era uma noite de lua crescente. Um bom presságio. O ar estava cheio de esperança e eu, rodeado por milhares de pessoas estava completamente, e perfeitamente, só.

Veio a contagem regressiva. Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, “Feliz Ano Novo!!!”, gritavam os telões.

O ano do rato havia chegado à São Paulo, e eu, Yani Temujin, havia chegado junto com ele àquela cidade terrivelmente feia e pujante.

Mas talvez você esteja se perguntando, onde exatamente eu havia escolhido morar, não é?

Caso você ainda não tenha entendido, meu objetivo era fazer parte da máquina social, e chamar o mínimo de atenção possível. Mas ao mesmo tempo, eu deveria entender o *zeitgeist* do tempo que eu estava vivendo. E que lugar me possibilitaria anonimato e ao mesmo entender o espírito do tempo em que eu estava vivendo?

Bem, existe um lugar em São Paulo, o qual, por falta de adjetivos melhores, eu chamarei de pitoresco (há pessoas que o acham tenebroso, mas pitoresco é um adjetivo mais elegante), que fica na rua Paim 235.

O exterior não suscita lá as melhores sensações em quem o vê, mas os apartamentos eram amplos e o preço dos alugueis era baixo. E por causa deste último fato, este foi o lugar o qual escolhi para me instalar.

De dia, uma pessoa incauta poderia até achar que era um lugar como outro qualquer, mas à noite... Entre outras coisas, podia-se ver, nas imediações, pessoas as quais eram chamadas de travestis. As quais, vim a saber, habitavam o mesmo prédio que eu. Havia também prostitutas, mas estas eram menos identificáveis que as anteriormente mencionadas. E estas também habitavam o mesmo prédio que eu havia escolhido como morada.

Travestis, prostitutas e garotos de programas, viviam harmonicamente com os outros moradores do lugar. Obedecendo ao lema, viva e deixe viver, a vida naquele lugar corria seu curso sem grandes solavancos.

Devidamente instalado, restava-me agora a tarefa de arranjar um emprego.

Eu era um recém-formado em matemática pura que havia decidido não continuar na vida acadêmica. Por quê? Eu decidira que continuaria meus estudos de matemática sozinho. Simples assim.

Nesta época a internet ainda era um bebê. Ela ainda não era esse belo monstro onipresente que temos hoje. Desta forma, o jornal era a forma mais comum de se procurar emprego.

Demorou alguns dias para que eu encontrasse algo que despertasse meu interesse.

Eu estava a tomar um café na padaria Bela Paulista, na Haddock Lobo, quando um anúncio me chamou atenção.

REDSTAR, MULTINACIONAL DO RAMO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE TRAINEE PARA RECÉM FORMADOS
PODEM SE INSCREVER OS FORMADOS EM MATEMÁTICA, FÍSICA
E ENGENHARIA

Tive um bom pressentimento a respeito daquele anúncio. Resolvi ingressar no processo seletivo daquele programa de trainee.

E qual o primeiro passo para entrar em um programa de trainee? Resposta, testes de aptidão. Estes testes não representaram para mim um grande obstáculo, mas da segunda fase do processo eu não poderia dizer o mesmo.

A REDSTAR não era a responsável por avaliar os candidatos para trainee, não, não. Para isso a empresa contratou uma empresa de recursos humanos, a qual tinha um prédio muito elegante na zona oeste da cidade de São Paulo.

Na mesma sala onde realizei os testes, deu-se o ritual chamado dinâmica de grupo.

Era meu primeiro contato com esta técnica de selecionar pessoas para um emprego, e eu estava deveras curioso para saber seu funcionamento.

Estávamos no vigésimo sexto andar. O relógio da sala marcava oito horas da manhã. A sala era toda bege. Estávamos, os vinte cinco candidatos, sentados em cadeiras de escritório não muito confortáveis, esperando que alguém entrasse na sala e começasse a tal da dinâmica.

Pois bem, quinze minutos depois, a porta se abre e entra uma mulher com uma camisa social branca com flores delicadas estampadas, uma saia vinho e saltos de salto médio. Ela usava óculos de aro dourado e seus cabelos estavam presos. Seu rosto denotava um esforço calculado para causar em nós algum tipo de empatia.

- Bom dia a todos.

- Bom dia! - respondemos.

- Os que estão aqui passaram na primeira fase do processo seletivo, parabéns. Agora vamos para a segunda fase, a dinâmica de grupo.

“Huuuummmm.”

- Como vocês sabem a REDSTAR é uma multinacional bastante conhecida no Brasil e no mundo e está procurando pelos melhores

talentos. E o nosso trabalho aqui na HumanEye é identificar os recursos mais adequados para essa excelente empresa, a REDSTAR.

“Huuuummmm.”

- Alguma dúvida? - ela pergunta sorridente.

- Alguém da REDSTAR vai vir aqui? - pergunta um jovem de cabelos encaracolados, magro e sem barba.

- No final do processo sim. Mais alguma pergunta?

- São quantas vagas? - pergunta o mesmo jovem.

- Quem passar na dinâmica será automaticamente contratado para o programa de trainee da REDSTAR.

Há um alívio geral.

- Qual o seu nome? - pergunta um jovem ruivo.

- Sirlei, meu nome é Sirlei. Mais alguma pergunta?

Silêncio.

- Pois bem vamos começar. Por favor, tirem o sapato do pé direito e a meia.

“Huuuummmm.”

Todos fizemos o que ela pediu.

- Agora afastem as cadeiras e andem pela sala com o cuidado de não esbarrarem em ninguém.

Quinze minutos depois ela pediu para que voltássemos para nossas cadeiras e recolocássemos a meia e o sapato.

De sobre a mesa, ela pega uma prancheta com uma ficha, a qual eu não conseguia ver o conteúdo, e faz uma anotação nesta mesma ficha.

- Agora por favor, tirem o sapato do pé esquerdo e a meia, e comecem a andar pela sala. Por favor, tenham o cuidado de não esbarrar em ninguém.

Quinze minutos depois, ela pediu para que voltássemos aos nossos lugares. E de novo ela fez uma anotação na ficha presa na prancheta de plástico transparente amarelo.

- OK - ela disse depois de fazer um risco na ficha - Agora imaginem que vocês são uma empresa e que a meta de vocês é vender um elefante cor de rosa. Qual o argumento que vocês utilizariam para vender um elefante cor de rosa. Lembrem-se a

concorrência também vende elefantes cor de rosa. Por favor, tentem ser criativos, ok? Dividam-se em grupos de cinco. Serão cinco empresas.

“Huuuummmm.”

Mas se o programa de trainee era direcionado a área tecnológica, por que estávamos fazendo algo relacionado à propaganda e marketing?

Uma hora depois, as estratégias de cada grupo estavam montadas. E um a um, Sirlei pediu que ela mesma fosse convencida de que deveria comprar o elefante cor de rosa da empresa que estava apresentando o argumento.

“Huuuummmm.”

Por mais estranho que aquilo me pudesse parecer, fingi que aquilo fazia sentido e tentei não prejudicar meu grupo.

Acabadas as apresentações e os argumentos lísergicos, ela marcou alguma coisa em sua enigmática ficha.

- Certo, certo - ela diz.

Com a prancheta na mão, ela sai e volta com um rádio toca fitas.

Depois do rádio colocado sobre a mesa, ela se volta para nós com um semblante muito sério. Tive a impressão que a qualquer momento ela iria proferir o discurso de Martin Luther King, I have a dream, tal era a seriedade em sua face.

- Agora vou tocar uma música e, ao final, quero que vocês façam um resumo dizendo quais foram os sentimentos que a música causou em vocês, ok?

Dito isto, ela aperta o play.

Qualquer coisa que não fosse música clássica ou guaranha, era para mim uma perda de tempo. Sim, eu conhecia outros estilos de música, mas não me concentrava em ouvi-los. E logo no início da música, percebi que aquilo não era música clássica e nem guaranha.

O cantor, logo no começo da música, pedia que deixassem-no dançar para que seu corpo ficasse odara. Odara? Eu falava dezenas de idiomas e não tinha a menor ideia do que significava aquela palavra.

A cuca tinha que ficar odara, o mundo tinha que ficar odara. Afinal, o que significava aquilo? A estranheza que senti deve ter se cristalizado em meu rosto, pois o jovem ruivo me olhava com os olhos arregalados.

Em meu resumo escrevi: "Se o mundo tem que ficar odara que fique. Não tenho nada contra".

Ela recolheu as folhas brancas de papel sulfite nas quais os candidatos escreveram suas impressões sobre o odara e, como de costume, fez uma anotação na ficha.

- Bem, agora eu peço que todos afastem as cadeiras mais uma vez. Vocês vão deitar no chão e imaginar que estão se afogando. Pensem que sua única salvação é um barco que está a cinquenta quilômetros de distância. Lembrem-se, vocês estão em mar aberto e sem colete salva-vidas. Podem começar.

Felizmente o chão era de carpete e parecia estar limpo.

De novo, imaginando que aquela mulher era uma profissional da área de recursos humanos que sabia o que estava fazendo, deitamos no chão e começamos a nos afogar em alto mar.

O afogamento durou cerca de dois minutos.

- Ok, podem parar. Voltem aos seus lugares.

E de novo ela marcou algo na sua ficha. Em seguida saiu de novo e voltou acompanhada de um homem que trazia um projetor de slides.

Ele se foi, ela apagou as luzes e começou a projetar slides.

- Por favor, prestem atenção nos slides. Haverá um momento em que eu vou parar em uma imagem e vou pedir a opinião de vocês sobre essa imagem, ok?

Elefantes, golfinhos, máquinas industriais, imagens do carnaval carioca, naves espaciais, crianças, praias, montanhas, morsas, ursos, araras, bules de café, e então ela parou em uma imagem.

Nesta imagem havia pessoas vestidas de terno e gravata cruzando uma linha final de uma pista, que eu deduzira ser uma pista de atletismo.

Eis que ela começou a perguntar o que nós achávamos que aqueles executivos estavam pensando. E os comentários foram, "

“Eu preciso vencer”, “Eu vou vencer”, “Estou cansado mas vou vencer”, e coisas similares. Quando chegou a minha vez, respondi, “Eu deveria ter escolhido usar tênis ao invés de sapatos sociais. Isso melhoraria bastante minha performance”. Assim que proferi o comentário, ela me olhou como se a agulha de um disco de vinil tivesse deslizado causando um ruído desagradável. Não disse nada. Apenas fez uma anotação na ficha e encerrou a exibição das imagens.

- Bem, é meio dia. Recomeçaremos os trabalhos à uma hora da tarde. Obrigada pela colaboração.

Do lado de fora do prédio, comendo a maçã que havia trazido comigo, encostado na parede, comecei a pensar sobre o andamento da dinâmica de grupo. E por mais que eu analisasse a questão, de baixo pra cima, de traz pra frente, de cima pra baixa, de frente para traz, não consegui enxergar lógica alguma naquela sequencia de atividades.

Tal qual a mim, alguns candidatos também estavam em dúvida sobre o andamento dos trabalhos da dinâmica.

- Mas que porra é essa? - dizia um candidato de topete que usava óculos de aro grosso.

- Essa mulher tá cheirada? - dizia outro.

Outros comentários de igual natureza eram proferidos aqui e ali, me dando a certeza de que eu não era o único a estranhar o que estava acontecendo.

À uma hora da tarde, voltamos para a sala bege.

À uma e quinze, ela adentrou à sala.

- Olá, boa tarde! Tudo bem? Tudo tranquilo? Ok, agora vamos para a segunda parte da nossa dinâmica.

“Huuuummmm.”

- Por favor, afastem as cadeiras e tirem as camisas.

Olhamos uns para os outros com igual ar de “o que está acontecendo?”.

Tiramos nossas camisas.

- Agora, comecem a girar no mesmo lugar olhando para o teto. Fixem um ponto no teto e girem. E enquanto estiverem girando,

pensem numa sequencia de passos para fazer um bolo simples. Podem começar.

E tal qual dervishes sem chapéus altos, começamos a girar.

Depois de dois minutos, um dos candidatos passou mal e vomitou. Outros caíram, e outros simplesmente pararam para não cair.

- Ok, ok, podem parar.

E uma nova anotação foi feita na ficha.

- Por favor, vistam-se e voltem para as cadeiras.

“Huuuummmm.”

- Agora, para esse exercício, eu preciso que vocês imaginem que são galinhas com patas de tigre. Ou seja, vocês vão, da cintura para cima, se movimentar como galinhas e, da cintura para baixo, se movimentar como tigres. Ok, vamos lá, valendo.

Bem, finalmente eu havia chegado a um conclusão. Aquilo tudo não passava de uma grande e total imbecilidade. E também tinha concluído que eu havia sido exposto a um ridículo atroz. E algo assim merecia uma resposta a altura.

Feiticeiros são quase sempre bons necromantes, mas feiticeiros de guerra são muito mais que bons, nós somos necromantes excepcionais.

Desde o início do achincalhe, eu havia notado um certo espírito irritado ao lado de Sirlei. Era uma mulher vestida como as espanholas do século dezenove. Toda de vermelho, vestido longo com sobreposições de renda, corset para estruturar o tronco, mangas amplas, e a parte de baixo cobrindo os pés. Um adorno na cabeça que prendia seu cabelo, semelhante a um pente em forma de lua, colares de pérola, um cordão com um imenso crucifixo, anéis com pedras preciosas, os ombros à mostra, olhos pequenos, castanhos, nariz diminuto, os lábios finos como um risco, sobrancelhas suaves e uma pequena bíblia segurada com as duas mãos, estas repousadas na frente do vestido volumoso.

Eu a olhei nos olhos e ela percebeu minha presença.

“Quem és?”, perguntei mentalmente em espanhol.

“*Eu?*”, ela perguntou mais curiosa do que espantada com o fato de eu poder vê-la, “*Meu nome é Maria Consuelo Ternero de Astúrias. E tu, quem és?*”

“*Yani Temujin.*”

“*És tártaro? Mongol? Este nome me parece coisa daqueles lados da Ásia.*”

Era um espírito culto.

“*O que tens com esta que está ao teu lado?*”, perguntei.

“*Esta salafrária? Enganadora? Bandida? Meretriz? Ela plantou mentiras ao meu respeito para ficar com meu marido! Ela está agora com outro corpo, outra cara, mas eu a reconheceria em qualquer lugar. A miserável não me engana!*”

Ah, um espírito vingativo.

“*Queres te vingar?*”

“*Quero, mas não posso. Estou morta e ela está viva.*”

“*Isto pode ser remediado*”, eu disse a sorrir.

Fechei os olhos, recitei um encanto simples, e quando os abri, vi que ela sentiu a diferença.

“*Que fizestes comigo?*”

“*Dei-te a oportunidade de se vingar.*”

- Algum problema? - perguntou Sirlei ao ver que eu não estava a realizar os movimentos da galinha tigre.

E eis que se ouviu na sala, com nitidez, o som de uma mão esbofetear uma face.

Com face ardendo, Sirlei olhou para os lados sem saber o que estava acontecendo. E eis que outro tapa, de intensidade ainda maior lhe foi desferido na outra face. Depois, ouviu-se um som estranho. Era como se um livro tivesse sido jogado na cabeça de nossa querida instrutora. A saia desceu sozinha, os botões da camisa social começaram a se romper, uma das mangas da camisa se rasgou, também sozinha, marcas vermelhas começaram a aparecer em sua face, como se um gato a estivesse arranhando, novos sons de tapas, sons de socos, pontapés. Com o sutiã e a calcinha preta à mostra, ela começou a girar no mesmo lugar e a gritar. Novos ataques invisíveis, mais gritos, mais giros. Com violência seu corpo

foi atirado contra a parede. Ela gritava enquanto seu corpo voava com a força do arremesso.

Eu fecho os olhos. Os ataques param.

Ela estava no chão, consciente, mas em estado de choque. Também em estado de choque estavam os candidatos presentes.

O ruivo consegue sair do seu estado de paralisia e sai a correr para chamar ajuda. Os outros, vencendo a paralisia que aquela cena havia causado neles, começam a se aproximar da instrutora para perguntar se ela estava bem.

O ruivo volta dizendo que a ambulância já está a caminho.

- Cacete, que diabo foi isso? - sussurra um dos candidatos próximos a mim.

- Um colapso nervoso, quem vai saber? - respondo tentando parecer tão surpreso quanto os outros.

- Será que ela tá possuída? - perguntou outro.

- Que possuída o quê. Que besteira. Isso não existe - respondi fingindo indignação.

O processo da dinâmica não continuaria, disso eu tinha certeza. Ainda assim, fui até a mesa, próxima da qual estava jogada a prancheta com a ficha. Peguei-a e levei-a até Sirlei. Talvez, quem sabe, ela quisesse anotar alguma coisa em sua ficha. Algo como, "Espírito de espanhola doida me dá uma surra inesquecível". Quem sabe?

Parecendo chocado, surpreso e estupefacto, tal qual os outros candidatos, me retirei da sala.

Ao sair do prédio, encontrei o sol forte das três da tarde. Olhei-o de relance para ver se eu seria alvo de algum tipo de censura do astro rei, mas não, nada. Ele brilhava alegremente.

Sob o sol, comecei a andar pela calçada em direção ao ponto de ônibus. E ao meu lado, muito elegantemente, acompanhava-me uma espanhola do século dezenove a qual exibia um sorriso de orelha a orelha.

CAPÍTULO 14

Três dias depois do insólito acontecimento com a senhora Sirlei, de um telefone público na Avenida Paulista, liguei para a HumanEye para saber o resultado de minha avaliação. Fui informado que havia passado no processo seletivo. Na verdade, depois vim a saber, todos os vinte e cinco candidatos haviam sido aprovados no processo.

Minhas atividades no laboratório de informática da REDSTAR começaram no dia vinte e seis de janeiro de mil novecentos e noventa e seis.

Neste dia, como de costume, acordei às quatro da manhã para vasculhar a cidade. Um ritual através do qual eu procurava sentir se havia outros imortais nas redondezas com os quais eu devesse me preocupar. Havia súcubos, íncubos e uma pequena quantidade de vampiros. Nada com o que eu devesse me preocupar.

Além desta atividade imprescindível, eu também aproveitava este horário para escrever em meu livro das sombras. Nele, eu escrevia meus encantos antigos, os novos que havia criado e um pouco dos acontecimentos do cotidiano. E se alguém achasse tal livro? Bem, digamos que isso seria um pouco difícil. Em primeiro lugar, eu o guardava em uma outra dimensão. Em segundo lugar, quem folheasse suas páginas não encontraria nada além de páginas brancas. Em terceiro lugar, quem por ventura conseguisse quebrar meu encanto e conseguisse ler o que estava escrito, teria seus pulmões cheios de água em uma questão de minutos. Este último encantamento é uma pérola que aprendi com uma feiticeira semuriana.

Eu não sabia exatamente o que vestir. Optei então por sapatos e couro preto, uma calça de sarja preta, uma camisa social branca e uma gravata azul com pequenos losangos prateados. Como adorno útil, decidi levar minha pequena mochila preta.

Meu relógio de pulso marcava sete horas da manhã, eu estava pronto.

No corredor cruzei com um homem vestido de mulher, ao vê-lo fiz a única coisa correta a se fazer.

- Bom dia.

- Bom dia, chuchu! - ele respondeu esfuziantemente.

Eu sorri.

Na calçada do prédio cruzei com outros homens vestidos de mulher e com mulheres com roupas de lycra extremamente reveladoras.

- Bom dia - eu dizia para todos.

Alguns respondiam, outros não. Eu nunca guardava o rosto dos que respondiam ao meu bom dia. Mas o rosto daqueles que não respondiam meu cumprimento era imediatamente memorizado. Sabe, eu posso perdoar tudo, mas falta de modos é algo para mim intolerável. Assassinato, tortura, traições, eu posso entender e até aceitar essas coisas, mas falta de modos, isso é inaceitável.

O centro de P&D a REDSTAR ficava localizado em um prédio pretensioso na zona sul. Uma caixa de vidro cinza, como são a maioria dos prédios de São Paulo. O prédio passava a mensagem, "Veja, somos poderosos, temos dinheiro". Não havia qualquer sinal de elegância no design daquela caixa mortuária que muitos na época insistiam em associar com modernidade e progresso. Apesar de me causar repulsa, a falta de senso estético do arquiteto que havia projetado aquela monstruosidade não me impediria de trabalhar. Iria requerer esforço da minha parte, mas eu poderia conviver com aquele desastre arquitetônico. E afinal, o número de prédios pretensiosos em São Paulo era grande. Eu tinha que me acostumar com aquilo.

Depois de informar na recepção do prédio cheguei ao sexto andar, o qual era inteiro ocupado pela REDSTAR. Com meu crachá provisório, abri a porta e vi uma sala ampla com várias fileiras com bancadas beges e cadeiras de escritório cinzentas. Em cima das bancadas, monitores e teclados. O piso era forrado com carpete marrom escuro e o teto, branco, era repleto de lâmpadas fluorescentes. O número de lâmpadas era tal que, por alguns segundos, aquilo me lembrou a granja.

O lugar era silencioso, um ótimo sinal.

Perguntei a um jovem, próximo da porta de entrada, onde estava o gerente.

Sem dizer nada, ele apenas apontou para uma mesa que ficava no fundo da sala e estava isolada em uma pequena sala que parecia um aquário.

Caminhei até a sala e bati na porta.

Como ninguém respondeu, abri a porta.

- Pois não? - perguntou um homem de meia idade, óculos de aro grosso, ligeiramente calvo, uma pinta no canto esquerdo da boca, de camisa social azul e gravata cinza.

- Bom dia. Eu sou trainee. Este é o meu primeiro dia aqui.

Ele não respondeu meu bom dia.

- Ah - disse ele de forma neutra - trainee. Vem, vou mostrar sua mesa.

Ele me levou à minha mesa, que na verdade era uma bancada. Ao lado do monitor havia uma pilha de manuais e um calendário do ano passado.

- Antes de começar qualquer coisa, eu preciso que você leia todos os manuais. Depois que você ler, a gente conversa.

E ele se foi, sem mais cerimônias.

Ficamos eu, o teclado, o monitor bege e uma pilha de manuais.

Sentei-me na cadeira cinza, olhei para trás, para frente para esquerda, para direita, para cima, e a sensação de estar em uma granja voltou. A sensação veio junto com um curioso insight. Aquela era uma granja, e nós, atrás daqueles monitores, digitando linhas de código, tap, tap, tap, tap, tap, tap, nos teclados, éramos galinhas. Não, nós não colocávamos ovos, nós éramos galinhas que produziam programas de computador. E esses programas produzidos eram tão valiosos quanto ouro. Et voilà, eu tive um *insight*. Nós éramos todos galinhas dos ovos de ouro.

Depois deste estranho insight, peguei um manual azul e comecei a ler.

Depois de quinze minutos chega uma galinha, quer dizer, um funcionário do laboratório e senta-se do meu lado direito.

- Bom dia. Você é novo aqui?

- Bom dia - interrompo minha leitura - Sim, sou novo. É o meu primeiro dia.

Ele me estende a mão, e eu respondo o gesto com um aperto de mão firme.

- Já falou com o gerente?

- Sim.

- Meu nome é Rogério.

- Marcus.

- Se precisar de ajuda é só falar.

Rogério, O Cortês.

- Você sabe qual é o nome do gerente?

- Luciano.

Luciano, O Rude.

Os dias se passaram e uma rotina agradável se estabeleceu.

Eu acordava cedo, vasculhava as redondezas, escrevia em meu livro das sombras, cruzava com homens vestidos de mulher e mulheres de roupas muito curtas, subia uma longa ladeira, chegava até o metrô, pegava um ônibus, chegava na REDSTAR às oito e quinze, programava, socializa pouquíssimo, trabalhava até às dezoito horas, chegava em casa às dezessete e quinze, cruzava com homens vestidos de mulheres e mulheres de roupas muito curtas, jantava frutas, lia livros de diversos assuntos de diversas áreas do conhecimento e à meia noite ia dormir.

Aos finais de semana, de dia, eu passeava pela cidade e tirava fotografias com minha rolleiflex comprada em um brechó. À noite, eu andava por lugares, os quais uma pessoa em sã consciência não andaria, para observar a dinâmica dos imortais que viviam nas sombras. E por que eu fazia isso? É o que nós feiticeiros de guerra fazemos. Assim que chegamos a qualquer cidade grande, reconhecemos o território, identificamos possíveis aliados e possíveis inimigos. Conhecer bem o lugar onde se vive, pelo menos para nós imortais, é a diferença entre uma vida longa e a morte prematura. Em um mês de reconhecimento notei algo que me deixou intrigado. Os súcubos e íncubos de São Paulo eram surpreendentemente saudáveis e andavam tranquilamente sem serem importunados ou perseguidos. Até mil e setecentos nenhum desses sugadores de energia vital ousaria se alimentar a céu aberto sem se preocupar com absolutamente nada. Os tempos eram realmente outros.

O trabalho na REDSTAR era maçante e repetitivo. Os colegas (colega é uma palavra que em português soa mal) do trabalho, apesar de serem todos formados em excelentes universidades, tinham um repertório limitado de assuntos. Falavam sobretudo de família, campeonatos de futebol e, vez por outra, de novelas. Eu sabia, por experiência própria, que São Paulo possuía uma noite efervescente, com casas de show, teatros, cinemas, ótimos restaurantes, prostíbulos de ótima qualidade, até mesmo bares, destinados a imortais como eu. Mas se era assim, por que aquelas pessoas insistiam em falar dos mesmos assuntos todos os dias?

A exceção era Luciano, O Rude. Luciano era um sádico, um psicopata que adorava tornar a vida de seus subordinados um inferno, e eu o admirava por isso. Talvez suas investidas contra aquelas pessoas, que falavam todos os dias das mesmas coisas, fosse a única coisa diferente que acontecia em suas vidas vazias.

Você deve estar esperando que eu conte algum exemplo de sadismo de Luciano O Rude, não é? Pois bem, vamos lá.

Ao descobrir, na sexta-feira, que o filho de um funcionário estava fazendo aniversário naquele mesmo dia, Luciano decidiu marcar uma reunião de emergência com este funcionário. A reunião durou duas horas. Quando Cristiano, o funcionário, voltou para pegar suas coisas e ir embora, a chave do seu carro e sua carteira haviam sumido.

Disseram-me que Cristiano, que morava em São Caetano, chegou em casa à meia-noite. E que quando lá chegou, seu filho de quatro anos já estava dormindo. A chave e a carteira, misteriosamente, no dia seguinte, apareceram em cima de sua mesa.

E como tenho tanta certeza de que foi Luciano o responsável pelo sumiço dos objetos? Eu faria a mesma coisa caso quisesse infernizar a vida de Cristiano naquele dia. Sim, é isso mesmo, um animal peçonhento reconhece outro.

Aquele contratempo na vida de Cristiano foi o assunto favorito do andar durante alguns dias. Afora isso, todos os sons que as bocas de meus colegas de trabalho produziam eram relacionados a família, futebol e novelas. Desta forma, concluí que Luciano, O Sádico,

estava fazendo um serviço de utilidade pública àquelas pessoas insípidas.

Em casa as coisas caminhavam sem solavancos ou grandes surpresas. E assim foi até que em um sábado à tarde, ouvi batidas na porta da sala. Mesmo sem estar esperando a visita de ninguém, abri a porta.

Lá estava o homem, vestido de mulher, o qual eu cumprimentava quase todos os dias de manhã.

- Boa tarde.

- É, boa tarde. Eu sou a sua vizinha. A gente se vê todo dia. O senhor é tão educado. O senhor é a única pessoa nesse prédio que me dá bom dia. É o máximo. É, o senhor tem aí um dorflex?

Eu não tinha nem mesmo um band-aid. Desde que havia acordado debaixo do imenso abacateiro, lá no Mato Grosso do Sul, jamais havia ficado doente.

- Eu...

Não consegui completar a frase.

Ele caiu como uma pedra no chão da sala.

De bruços, vestido com uma camiseta baby look rosa, de minissaia jeans e de sandálias havaianas, ele ficou ali, estático.

Demorei um pouco para processar o que havia acontecido. Quando se tem dois mil anos, poucas coisas te surpreendem. Afinal, você já viu tudo que havia para ver em termos de comportamento humano ou imortal. Mas aquela cena, devo confessar, me deixou sem saber o que pensar.

A sorte dele é que a sala era vazia. Havia uma televisão no canto, a qual eu pouco utilizava, e uma poltrona. Assim, não havia nada que pudesse tê-lo interceptado enquanto ele caía.

O que fazer?

Depois de alguns minutos sentado em minha poltrona, a pensar sobre o assunto, concluí que deveria ajudá-lo. Aquela criatura poderia ter coisas diferentes, inusitadas e estranhas para me contar.

O apartamento em que eu morava possuía dois quartos. Um para mim e outro para livros.

Ele estava desacordado então na havia perigo em usar mágica.

Primeiro, o fiz ele levitar através das paredes até o quarto dos livros. Depois, com ele no ar, fiz os livros se movimentarem de tal forma a formarem uma espécie de cama.

Voltei a minha forma original, a qual tinha abandonado para atender a porta.

Havia uma garrafa de água mineral com água pela metade. Fiz a água flutuar, e se espalhar acima do corpo deitado sobre os livros até formar uma lâmina finíssima.

- Elemental da água, diga-me o que ocorre com esta criatura.

- As águas dentro deste ser estão profundamente desequilibradas, Yani Temujin - respondeu-me uma voz feminina, suave como a pluma.

- O que é possível fazer por ele?

- Ela possui doenças desta vida e de outras vidas. Sua dívida é alta.

O espírito de meu paciente já ameaçava se desprender.

Fiz um movimento e desencorajei-o a fazer tal coisa.

- Ele pode ser curado?

- Em parte.

- Faça-o.

- Feiticeiros de guerra não se dedicam a isso, Yani Temujin. Diga-me por que eu deveria? Que méritos esta criatura tem para ser curada de doenças tão graves?

- Que eu saiba nenhum. Mas eu gostaria de saber mais sobre ela.

- Estranho é o teu pedido.

- Eu sou Yani Temujin, irmão de batalha de Kanora, rainha da Semúria, senhora dos sete mares. Em nome desta amizade, eu peço que atenda meu pedido.

- Kanora é um nome que tem peso e substância. Teu pedido será atendido.

E a lâmina começou a descer e passar pelo corpo dele. Ao completar a passagem a lâmina estava cheia de buracos e a água, antes cristalina, estava leitosa.

- Teu pedido foi atendido. Sabes que agora acompanharemos este que foi curado.

- Eu sei - pensei malevolamente - e com certeza ele não irá se importar.

A água voltou a ficar cristalina e voltou para a garrafa de água mineral.

O conteúdo da garrafa foi direto para o vaso sanitário e a garrafa para o lixo.

O processo estava completo.

Meia hora depois, meu paciente acordou.

As pilhas de livro devem ter lhe chamado atenção. No canto do quarto, em minha forma menos assustadora, eu o observava curioso para ver qual seria a sua reação.

- Nossa, quanto livro. Nossa chuchu, você gosta de ler, hein? - ele se ergueu e se sentou.

- Meu nome não é chuchu, meu nome é Marcus.

- Ai, desculpa. É que quando o homem é legal com a gente, a gente chama de chuchu - ele disse sorrindo.

Sua voz era intrigante. Não era feminina, mas também não era masculina. Era algo entre as duas coisas.

- Qual é o seu nome? - perguntei verdadeiramente curioso.

- Linda Carter.

Enquanto eu abria a cortina para matar os germes e qualquer vestígio de ectoplasma que houvesse sobrado daquele procedimento, o nome passava pela minha cabeça e me despertava uma sensação de familiaridade.

Linda Carter, Linda Carter, onde eu havia ouvido aquele nome? Então me veio uma luz.

- Esse é o nome da primeira mulher maravilha.

- Nossa! Chu, quer dizer, Marcus, você é o primeiro homem que eu conheço que sabe o nome da primeira mulher maravilha. Que máximo, arrazô! - ele disse batendo palmas com os cotovelos colados ao corpo.

Pensei em Linda Carter e olhei para aquela criatura que estava na minha frente. Era como comparar uma taturana com uma borboleta monarca. Desnecessário dizer quem era a taturana e quem era a borboleta monarca.

- Ai, tô me sentido ótima.

- Que bom.
- Como é que eu vim parar aqui?
- O que importa é que você está se sentindo bem, não é?
- Ai, eu não me sentia assim há muito tempo, viu?
- Diga-me, Linda Carter, o que você faz da vida?

A alegria dele diminuiu assim que fiz a pergunta.

- Eu me viro por aí.
- Entendo.
- E você?
- Sou programador. Faço programas de computador.
- Nossa, que chique - ele fala cruzando as pernas.

“Ser uma galinha em uma granja de luxo é uma atividade monótona, Linda Carter. Tenho certeza que suas atividades devem ser bem mais excitantes do que as minhas.”

- Você trabalha à noite?
- É, trabalho à noite - ele fala mexendo na orelha esquerda.
- Tenho certeza de que deve ser interessante.
- Às vezes é bom. Mas às vezes dá merda.
- Huummmm...

“Agora estamos chegando a algum lugar.”

- Eu batalho, faço calçada - ele fala suspirando, como se fosse um alívio dizer aquilo.
- E você ganha bem?
- Bem, eu consigo me manter, mandar um dinheiro pros meus pais que são do Piauí e guardar alguma coisa.
- Linda Carter, eu não quero ser rude, mas eu estava lendo e já que você já está melhor...

- Ai, longe de mim atrapalhar o senhor, jamais.

Ele se levanta da pilha de livros e me cumprimenta apertando minha mão.

- Nossa, eu tô me sentindo bem mesmo.
- Que bom.

Ele se vai, a porta se fecha.

“Isso vai ser bem interessante.”

Três semanas depois, Linda Carter apareceu em minha porta, à tarde, de novo.

- Boa tarde - disse eu.

- Seu Marcus - ele disse com lágrimas nos olhos - eu não sei o que o senhor fez, mas eu tô curada. Eu tô limpa.

Dito isto ele me deu um abraço inesperado. Pelo menos para mim foi inesperado.

Do bolso da calça jeans ele tirou um bolo de dinheiro e colocou na minha mão.

- O que é isso?

- É pelo que o senhor fez por mim.

- Eu não sei do que você está falando - devolvo o dinheiro.

- O meu exame de AIDS deu negativo. Eu fiz duas vezes. As duas vezes deu negativo. Eu tô limpa.

Ele estava deveras emocionado.

- Fico feliz que você esteja bem.

- O senhor não sabe como é a vida de quem tem AIDS, e agora eu tô curada, graças ao senhor.

- Eu honestamente não sei do que você está falando, mas eu tenho uma pergunta, e eu espero que você não se ofenda.

- Pode perguntar o que o senhor quiser - ele fala sorrindo.

- Você se veste de mulher ou você acha que é uma mulher?

- Ai, eu.. - ele olha para baixo, enxuga as lágrimas, coloca a mão na cintura e fica pensativo - Eu, eu, sabe que eu não sei. Eu sou assim, sempre fui assim, desde pequenininha. Tipo assim, com seis anos de idade já dava pinta.

- Mas você acha que é uma mulher?

- Eu acho que eu sou eu.

- Você gostaria de ser uma mulher?

- Acho que sim - ele fala como se estivesse olhando para um lugar em sua alma que pouco visitava.

- Huuummm... por favor, entre.

Minha cozinha era composta de uma pia em aço inox, um fogão, uma geladeira, uma mesa e dois bancos de madeira.

Convidei-a a sentar-se em um dos bancos de madeira da cozinha, fiz café e ambos conversamos demoradamente durante

horas.

Na verdade ele falava e eu ouvia. Daqui para frente, por questões de adequação, vou me referir a Linda Carter como ela.

Histórias bizarras, engraçadas, escabrosas, tristes, ela era um poço sem fundo de histórias. Estava com trinta anos, disse-me. Não me era possível averiguar a veracidade desta informação, mas isto era para mim algo de menor importância.

Disse-me ela que apanhar da polícia não era o maior problema. Havia o conflito com as prostitutas e os drogados e que estes últimos eram os mais perigosos. Contou-me que já estava acostumada aos olhares tortos que as pessoas lhe davam. “Com o tempo a gente nem nota mais”, disse ela dando de ombros.

Mencionou, como se isso fosse um detalhe de pouca importância, que mais de noventa por cento da sua clientela era de homens casados. Era muito raro que um homem solteiro a procurasse, ela garantiu.

Desses clientes, destacou um que, como eu, era um executivo de TI e que tinha uma pinta no canto esquerdo da boca. Tentando demonstrar certo pudor, disse-me que esse executivo em especial gostava de fazer todo o tipo de, nas palavras dela, sacanagem. Oral, anal, ativo, passivo, tudo, disse ela. Depois de descrever as preferências sexuais do executivo, ela fez um pausa. Pareceu-me que ela achava que aquilo era algo pesado demais para um jovem programador ouvir.

Eu vivi na Paris dos séculos treze, quatorze, quinze e dezesseis. Não há nada que você possa me dizer que vá me chocar, eu queria lhe dizer, mas ao invés disso, apenas sorri.

- Ele paga bem?

- É cliente fixo e paga bem sim. Casado, quatro filhos.

- Qual o nome dele?

- Luciano, Luciano Dagoberto Neto. Pelo menos é isso que tá escrito no RG dele.

“Oh.”

- Você não tem umas bolachinhas, né? Só café assim é meio ruim, né?

Fui até o armário e tirei de lá uma lata de biscoitos champagne a qual estava guardada para uma ocasião especial. Coloquei em cima da mesa e abri a lata.

- Sirva-se.

- Uau, que luxo! Arrazô!

Sentado ali, na cozinha, ao lado de uma exótica Linda Carter brasileira, pensei, "*Luciano, rude, sádico, psicopata e bom pagador. Fascinante*".

- Linda, você já ouviu falar de Charles Darwin?

- Que eu me lembre não - ela respondeu curiosa.

- Darwin escreveu que a natureza, para gastar em um lugar tem que economizar em outro lugar.

- Faz sentido.

- Você me disse que está curada, não é?

- Graças a Deus - ela une palma com palma e olha para cima.

- Eu penso que a natureza gastou com você e economizou em outro lugar. E caso eu tivesse alguma coisa com a sua cura, eu diria que, para curar outra pessoa, eu teria que tirar alguma coisa de você, entende?

- Acho que entendi - ela fala preocupada.

Eu tomo um gole de café.

- Que bom. Mas claro, é apenas uma hipótese.

"É, minha Linda, nem pense em contar para suas amigas que eu farei por elas o que fiz por você. Eu sou Yani Temujin, não sou um curandeiro. Sou um feiticeiro de guerra, cruel e com coração de piche. Ponha isso nessa sua cabecinha. Além disso, eu fiz bem mais do que simplesmente curar você. Mas isso você vai descobrir em breve."

- Bom esse biscoito - ela fala com a boca cheia, mas ainda preocupada.

- Que bom que gostou.

CAPÍTULO 15

É possível que eu tivesse um rosto confiável. Isso talvez explicasse o porquê de certas atitudes em relação à minha pessoa.

Certo dia, domingo pela manhã, uma mulher a qual não me era estranha, mas com a qual nunca tinha trocado mais do que um bom dia, bateu à minha porta.

Do seu lado, uma criança com não mais do que oito anos de idade.

- Oi, bom dia. A gente não se conhece, mas a Linda disse que o senhor é gente boa. E eu tô desesperada. Eu preciso ir fazer uma prova de concurso público e não tenho com quem deixar minha filha. O senhor podia ficar com ela? É coisa rápida. Eu vou fazer a prova e volto logo. Volto antes do meio dia, prometo.

- Bom dia - disse curioso - seu nome é?

- Solange.

“*Huummmm*”

- Prazer, Solange. Meu nome é Marcus.

- É coisa rápida seu Marcus. Eu vou num pé e volto noutro.

A camiseta folgada, a calça jeans, os tênis, a vestimenta me impediu de notar de imediato que Solange era uma das mulheres seminuas com as quais eu cruzava pela manhã, quando ia para trabalho e à noite quando voltava. Ela estava com o cabelo preso e o rosto sem maquiagem alguma. Como a maioria das mulheres, levava consigo uma bolsa enorme de um material que parecia couro.

- E o nome dela? - perguntei olhando para a menina.

- Andreza.

A menina era magra, pálida e de cabelos naturalmente frisados. Era uma menina bonita. Não possuía qualquer semelhança com a mãe. Usava uma camiseta regata com uma imagem que era de uma personagem de um desenho animado. Penélope Charmosa, era a personagem impressa na camiseta. Calça jeans e sandálias de plástico transparente completavam o seu visual casual.

- Será um prazer cuidar da sua filha - disse eu, sorrindo com certa dificuldade.

Ela se foi, deixando sua filha aos meus cuidados.

Com ares de Sherlock Holmes a menina começou a investigar o apartamento.

- Você mora sozinho?
- Sim.
- Você não tem namorada?
- Não.
- Você é gay?
- Não.

Foi até o meu quarto de dormir. Depois, se dirigiu até meu quarto de livros.

- Nossa, é muito livro.

E começou a folhar os livros. Interessou-se por um de ciência natural. As imagens aumentadas de borboletas, gafanhotos, aranhas e outros insetos e aracnídeos pareciam atraí-la de sobremaneira. Enquanto ela vasculhava os livros, sentei-me na poltrona da sala e iniciei minha leitura de Ulisses, de James Joyce. Leitura a qual eu estava adiando havia alguns anos.

Quinze minutos depois, ela voltou à sala.

- Eu não vi nenhuma bíblia lá nos seus livros.

Parei minha leitura.

- Não tenho interesse em livros religiosos.
- Você não acredita em Deus?
- Para acreditar em Deus é preciso ter uma bíblia?
- Acho que sim.

Voltei à minha leitura.

- Você já leu tudo?

Interrompi a leitura de novo.

- Tudo o quê?
- Todos aqueles livros?
- Quase todos.
- Você faz isso o dia todo?
- Isso o quê?
- Fica lendo livro.
- A maior parte do tempo.
- Por quê?
- Eu necessito entender esta época, este tempo.

- Isso é bem esquisito.
- É uma forma de encarar a questão.
- Você sabe contar história?

“Tenho dois mil anos, conheço uma infinidade de histórias e relatos.”

- Conheço algumas.
- Que tipo de história você conhece?
- Que tipo de história você quer ouvir?
- Eu gosto de história de princesa.
- Princesas humanas são quase sempre criaturas preguiçosas e vazias.

Ela demorou um tempo para processar o que eu tinha dito.

- Não, não. Princesas são bonitas, tem cabelo bonito, elas tem castelo, tem príncipe e um monte de coisa legal.
- São criaturas de caráter flácido.
- Você tá errado.

Suspirei.

- Eu conheço muitas histórias.
- Conta uma!
- Quantos anos você tem?
- Tenho oito, vou fazer nove daqui a três meses.

“Hummmmmm”

- Conheço uma história que talvez lhe interesse.
 - Conta!
 - Pegue um banco da cozinha, a história é longa.
- Ela sai correndo e volta com o banco de madeira.

Sentada e atenta, ela me olha com ansiedade.

- Era uma vez três Deuses.
- O pastor da igreja que a minha mãe vai disse que só tem um Deus.

- Você quer ou não quer ouvir uma história?

Ela silencia.

- Era uma vez três Deuses. Eles se chamavam Regina, Max e Serena. Regina era uma deusa generosa, mas às vezes se tornava colérica. Max era um deus alegre e divertido, mas às vezes se

tornava insano. Serena era uma deusa pacífica, mas às vezes se tornava dura como granito. Generosidade, cólera, alegria, insanidade, serenidade, dureza. Cada um deles tinha um lado bom e um lado terrível.

- O que é colérica?

- Uma pessoa raivosa.

- Ah.

- Estes deuses comandavam o mundo e nada, absolutamente nada, era capaz de fazer frente aos seus poderes divinos.

Um dia, porém, Serena teve sua espada, Sonho Púrpura, roubada. Esta espada possuía toda a dureza, frieza e crueldade de Serena e era guardada por Minaeh, a capitã do exército das zelotes de Serena. Quando isso aconteceu, o poder que esses três deuses exerciam sobre o mundo foi abalado.

- E quem roubou a espada?

- Ótima pergunta. Sonho púrpura foi roubada por Amazaros, um demônio vermelho habilidoso e cheio de recursos. Com a espada de Serena, Amazaros tornou-se poderoso. Tão poderoso que dominou um lugar terrível chamado, o Vale das Sombras. Este vale abriga os espíritos de muitas criaturas mortas que não conseguem achar a passagem para uma nova existência. Lá elas vagam, caçam e se mutilam mutuamente. É um lugar sombrio de dor e tristeza sem fim.

- Que medo.

- É sábio de sua parte ter medo desse lugar. Pois bem, de posse de Sonho Púrpura, Amazaros declarou guerra aos deuses. E para ajudá-lo a derrotar Max, Serena e Regina, Amazaros convocou todos os mortos do Vale das Sombras. Agora, pequena Andreza, pense em um lugar terrível que existe antes de tudo que existe neste planeta. Algo tão antigo que ninguém consegue se lembrar de quando foi criado.

- É antes de Adão e Eva?

- Sim, bem antes. Agora pense em um lugar assim que possui bilhões de espíritos de criaturas raivosas que não conseguem encontrar a saída desse lugar medonho. Imagine todos esses espíritos querendo se vingar. Amazaros deu a eles a oportunidade

perfeita para extravasar centenas de milhares de anos de ódio represado, ódio contra os deuses.

Com Sonho Púrpura nas mãos, Amazaros pretendia dominar o mundo dos homens, fundindo este mundo com o Vale das Sombras. Mas para isso, ele precisava primeiro derrotar os deuses.

Sabendo dos planos de Amazaros, os três irmãos decidiram se unir e dar um fim no demônio vermelho, antes que ele conseguisse abrir o grande portal entre este mundo e o Vale. Mas como Serena era metade do que costumava ser, os deuses pediram ajuda a seus filhos. A primeira convocada foi Azra Mahai, líder dos feiticeiros. Depois foi chamada Leto, senhora dos barbalaras, os homens lobos. Ghob, rei dos pequenos pictos que habitam as profundezas da terra. Kanora, rainha dos semúrios que habitam os oceanos. Ariel, Aurora, Kara, a trindade que liderava os querubins. Hamila, filha de Serena, rainha guerreira, líder dos zelotes beihds do deserto. Salu Aramagai, rei de Badal Singe, a lendária cidade de assassinos e ladrões. Neheliins, filhos dos deuses com os mortais, que se travestiam de deuses usando as lendas locais para serem adorados. E somado a tudo isso, as temidas zelotes de Serena. Imagine só, feiticeiros, querubins, pictos, semúrios, neheliins, barbalaras, semúrios, ladrões, assassinos, todos estes foram convocados para a batalha.

Amazaros e suas criaturas decadentes contra um exército de imortais. Foi a batalha das batalhas. E ela durou muitos dias, sem que a vitória pendesse para nenhum dos dois lados; um impasse. Um impasse que todos sabíamos que só havia um jeito resolver. Tomar de Amazaros Sonho Púrpura e devolver a espada à Serena.

A ex-dragonesa, Isabela, Arrukzalanokai, ajudada por Minaeh, uma zelote exilada que antes havia pertencido ao exército de Serena, conseguiu investir contra Amazaros em um combate um contra um. Amazaros e a drogoneza lutaram durante muito tempo até que, finalmente, o demônio vermelho, mesmo sem a habilidade para tal, matou Isabela. Foi quando Serena decidiu que era hora de ela mesma desafiar Amazaros. Mas Sonho Púrpura não a reconhecia mais como dona, e Amazaros, ajudado pela espada, transpassou o ventre de Serena, matando-a.

- Que horrível - disse Andreza.

- Sim, foi uma cena horrível. Mas não se pode matar a morte e Serena é um avatar da morte. Sonho Púrpura, arrependida de ter tramado contra a própria dona, voltou-se contra Amazaros e se fundiu a Serena. Sonho Púrpura na verdade era a parte terrível de Serena transformada em espada. Algo que havia sido feito há muitos milênios atrás. Pois o que havia sido separado para que o mundo não sofresse tanto, foi reunido uma vez mais. Serena estava completa com sua parte boa e sua parte terrível.

Inteira, e ao lado de seus dois irmãos, Serena voltou a ser a senhora absoluta do Vale das Sombras. Ela obrigou que os monstros do mar do esquecimento e do rio de lágrimas, voltassem para as profundezas. Ordenou que as feras do ar, voltassem para os picos das montanhas de desespero. E ordenou que todos os espíritos dos que viviam em eterna danação se acalmassem e cessassem suas hostilidades imediatamente. E eles, contrariados, obedeceram.

Depois deste dia, os deuses decretaram, para proteger o mundo dos homens de outro desastre semelhante, que um véu separaria o mundo dos imortais do mundo dos mortais. Foi decretado que nenhum imortal revelaria a existência de um outro mundo mágico e perigoso que existia lado a lado com o mundo dos mortais.

Este decreto assegurou uma paz duradoura, pois nenhum imortal se arriscaria a quebrar a lei do véu, pois a pena era a morte verdadeira e imediata.

O véu decretado pelos deuses é o que permite que crianças como você possam dormir e ter sonhos tranquilos. E esse é o fim da história.

- Tem uma coisa que eu não entendi - disse Andreza deitada no chão, de bruços, com a mão no queixo - A Serena tá viva?

- Pode-se dizer que sim.

- Mas ela é a morte?

- Ela é um avatar da morte.

- O que é um avatar?

- Uma representação de algo.

- Se ela é um avatar da morte, como é que ela pode tá viva?

Isso é esquisito.

- Concordo com sua observação. Mas ela é uma deusa. Os deuses são difíceis de entender.

- Esse Vale das Sombras é o inferno?

- HUUUUUUUUUU, é uma forma de encarar.

- E não tem mais perigo deles invadirem a gente?

- A cada trezentos, ou quatrocentos anos, depois de uma tétrade, aparecem buracos no Vale das Sombras que dão acesso a este mundo.

- O que é uma tétrade?

- Quatro eclipses lunares consecutivos.

- Os demônios passam por esses buracos?

- Quando esses buracos aparecem acontecem grandes revoltas no Vale das Sombras. Em todos os lugares grita-se que o sonho de Amazaros não morreu, e muitos tentam, desesperadamente, passar por esses buracos, que na verdade são portais para outras dimensões, não só para a Terra. Mas sempre que isso acontece, feiticeiros de guerra e querubins são convocados para evitar as fugas.

- Querubim é anjo?

- Eles gostam que as pessoas pensem assim - digo com certa irritação.

- Tem anjo na bíblia. Anjo é bonito. Tem asa, ajuda as pessoas.

“Sim, na sua bíblia os anjos são o máximo, e nós bruxos somos uma abominação. Mas deixe-me lhe dizer uma coisa, mocinha. Sabe qual é a real diferença entre nós e eles? Eles tem um departamento de marketing melhor do que o nosso. É isso. Tudo se reduz a isso marketing. Eles podem ser tão cruéis quanto nós, feiticeiros. Mas como aqueles anoréxicos têm aquelas asas de luz, aqueles cabelos brancos e aqueles olhos azul cobalto, todos pensam que eles são o máximo. Mas não são. Eles também fazem coisas terríveis, infames, iguaizinhos a nós!”

- Não acredite em tudo o que lê.

- Que pena que a Isabela morreu.

- Na verdade ela foi ressuscitada depois por Rato, seu fiel escudeiro.

- Mas ela não era um dragão? Como é que um rato ressuscita um dragão?

- Rato era um apelido. Na verdade ele era um jovem mortal que havia caído em um poço de água da vida. Quem cai em um poço de água da vida e sobrevive, adquire a capacidade de ressuscitar os mortos.

- O que é um poço de água da vida?

- Ótima pergunta.

- Um poço de água da vida é um poço com uma água muito especial. Mas por que falar se eu posso mostrar. Venha - eu me levantei - me dê sua mão.

Ela se levantou e me deu a mão.

Em minha sala havia dezenas de dobras de papel e... Um momento. Acho que não lhe disse o que é uma dobra de papel, não é? Pois bem, imagine que o universo é uma imensa folha de papel. Agora imagine dois pontos distantes de si. Se você puxar um ponto e unir com o outro, você terá uma dobra. Quando isso acontece, a distância entre esses dois pontos é nenhuma. Existem dobras de papel naturais e artificiais. Estas últimas, feitas por feiticeiros como eu. Uma dessas dobras de papel, feita por mim, unia minha sala à floresta de Svanazya, o lar dos barbalaras, o lugar com a maior fonte de água da vida que se tem conhecimento.

Nós passamos pela dobra, e chegamos a um poço de águas cristalinas e luminosas, redondo, feito de pedras muito antigas. Próximo, um templo em estilo indiano, repleto de estátuas de lobos. E ao redor de tudo, uma floresta densa de folhas verde escuro. Sentada na beirada do poço, uma adolescente de cabelos longos e brancos como algodão, mirava as águas luminosas. Ao nos ver, ela para sua contemplação.

- Uau! Isso é demais! - Andreza fala olhando para todas as direções.

- Yani Temujin, o que estais fazendo aqui? - pergunta a adolescente sentada na beira do poço.

- Turismo.

- O quê?

- Rainha Leto, senhora dos barbalaras, me foi dada a custódia desta criança. E eu a estou ajudando-a a passar o tempo.

- E quantos anos ela tem?

- Tenho oito, vou fazer nove daqui a três meses - a menina se adianta em responder.

- Ela já passou pelas águas vermelhas? - por águas vermelhas ela se referia à menstruação.

- Ainda não - eu respondo.

- Sorte. Se ela já tivesse passado pelas águas vermelhas, eu teria que matá-la. Você sabe disso, não sabe?

- Sim - eu disse sorrindo - eu sei.

Leto se levanta.

- Fique à vontade. Meu tempo aqui acabou. Tenho afazeres reais à minha espera.

- Como queira, vossa majestade - eu faço uma medida de cabeça.

Ela se vai na forma de uma loba branca de um metro e oitenta, e some na floresta.

- Ela é linda.

- É sim.

“Linda e mortal.”

Andreza se aproxima do poço.

- Foi aqui que o Rato caiu?

- Precisamente.

Assim que ela fixa o olhar na superfície da água, esta começa a borbulhar.

- É quente?

- Não.

- É fria?

- Não.

- É morna?

- Não.

- A gente pode beber dessa água?

- Algumas pessoas podem.

- Eu posso?

Sem que ela perceba, tiro um dos fios de seus cabelos frisados e jogo no poço. Inesperadamente seu cabelo não se dissolve.

- Talvez outro dia. Agora nós temos que ir, sua mãe vai chegar a qualquer momento.

- Mas a gente acabou de chegar.

- O tempo aqui passa de outro jeito, Andreza.

Eu pego sua mão esquerda e me dirijo para uma dobra de papel. Mas antes, chamo o fio e cabelo frisado que brinca nas bolhas do poço, e ele vem voando e se agasalha no bolso direito da minha calça.

Assim que chegamos a sala do meu apartamento, ouvimos três batidas na porta.

Abro a porta e vejo Solange.

- Como foi a prova? - pergunto, fingindo estar genuinamente interessado.

- Mãe, cê não vai acreditar! Ele contou uma história incrível, a gente foi pra floresta, viu uma menina virar lobo, e tem esse poço com água que acende, foi incrível.

- Foi boa. Acho que até tenho chance de passar - ela fala ignorando as informações que sua filha está lhe fornecendo.

- Que bom - eu digo.

- Mãe, você tá me ouvindo?

- Claro que tô, filha.

- Sua filha é uma menina com muita imaginação.

- E bota imaginação nisso - ela diz sorrindo.

- Mãe, ele faz mágica!

- Tá bom, Andreza, tá bom. Agora agradece o tio Marcus pra gente ir embora.

- Tio...

- Querida Andreza - eu a interrompo - meus pais são filhos únicos e eu também sou filho único. Não há nenhuma possibilidade de eu ser o seu tio. Desta forma, para não macular nossa recém criada amizade, por favor, chame-me simplesmente de Marcus.

- Brigado, Marcus - ela disse as palavras com cuidado com medo de cometer alguma gafe.

Solange, disfarçando a surpresa da minha explicação sobre o fato da impossibilidade de eu ser tio de sua filha, me exhibe um sorriso amarelo.

- É, muito obrigado seu Marcus. Minha filha parece que gostou muito do senhor.

- Ele é mágico, mãe!

Ela se despede com um aperto de mãe, e se vai sem saber o que pensar de mim.

Segundos depois estou em minha poltrona com aquele fio de cabelo frisado, que não se dissolveu no poço barbalara, entre meus dedos.

- O que é você, minha pequena Andreza?

CAPÍTULO 16

Estava eu, domingo de manhã, em minha livraria favorita quando senti uma presença familiar se aproximar. Conforme ele se aproximava a eletricidade no ar aumentava.

Um metro e noventa, pálido, óculos escuros, boné azul, com o Los Angeles Lakers bordado em amarelo, calça moletom, agasalho esportivo, tênis e cabelos brancos que iam até a cintura.

- Então você está de volta - ele disse enquanto tocava as lombadas dos livros das prateleiras aleatoriamente.

- Ao que tudo indica, estou.

- Trezentos anos é um bocado de tempo.

- A um grande trabalho, um grande descanso.

- Você estabeleceu sua morada aqui, em São Paulo?

- Sim - eu digo a folhear um livro de fotografias de Sebastião Salgado.

- Você sempre gostou do velho mundo, estranho que tenha escolhido este lugar para ficar.

- Se não me engano você escolheu Berlim para morar, no entanto você também está aqui, Sino.

Estávamos em uma espécie de fosso cilíndrico de livros. Na parte de cima, algumas pessoas perambulavam também a procura de livros. Elas tentavam disfarçar, mas a figura de Sino chamava atenção.

- Estou de passagem.

- Ótimo. Então logo, logo, você já estará longe daqui.

- Minha presença o constrange, Yani Temujin?

- Constrangimento é uma boa palavra para explicar o que a sua presença me causa.

- Você encolheu?

“Não, seu cretino, filho de uma rameira. O processo de despertar ainda não está completo.”

- É possível. Afinal, o que você quer, querubim?

- Conversar.

- Eu não tenho nada para falar com você.

- O elo entre você e ela não existe mais. Sua animosidade em relação a mim não faz sentido.

Não, não fazia, mas às vezes nos acostumamos a certos tipos de tristeza e a certos tipos de ódio. E eu me lembro como se fosse ontem.

Inglaterra, condado de Warwickshire, Stratford-upon-Avon, vinte e seis de abril, mil seiscentos e dezesseis. Havia muitas horas que William Shakespeare havia sido sepultado. E eu estava lá, de madrugada, sozinho, na igreja da sagrada trindade, sobre sua tumba para prestar minhas homenagens. O mundo havia ficado bem menos interessante com sua morte.

- Todos sentiremos falta dele - ela disse, escondida na escuridão.

- Foi uma grande perda - observei - Também vieste para prestar homenagens?

- Também.

- Também?

- Vim para prestar homenagens ao teu amigo e dizer-te que nosso elo se partiu.

Um silêncio estrondoso me feriu os ouvidos.

- Não dizes nada? - ela me perguntou.

- O que queres que eu diga?

- Que estais furioso, que queres me matar e coisas assim.

- Estou furioso e sim, quero matar alguém. Quem é ele?

- Sino.

- O querubim?

- Ele mesmo.

O nosso é um mundo de politeísmo e poligamia. Mas o elo é algo sagrado para nós. É o amor, o respeito, a amizade, a paixão, tudo junto. O elo é o nosso lar. O lugar para qual sempre podemos voltar. Quando ele se quebra, é como se alguém ateasse fogo ao nosso lar.

- E ele te seduziu?

- Ninguém seduziu ninguém. Estas coisas acontecem.

- Mil anos não são mil dias, Dandara.

- Não, não são. Adeus, Yani.

- Pelo menos tivestes a decência de me dizê-lo cara a cara.

- Era o mínimo que eu podia fazer.

Nós não gritamos, não fizemos uma cena, nem nada próximo do que amantes mortais costumam fazer. Éramos criaturas milenares, práticas, utilitaristas, cruéis. Mas aquele dia me foi dolorido. Não apenas dolorido em meu ego, mas também em minha alma sombria.

Atrás de mim, os vitrais explodiram em mil pedacinhos.

Sem se impressionar com a explosão, ela se foi a passos lentos, com a barra do vestido roçando o chão, e me deixou ali, na companhia de milhares de cacos de vidros.

- Perdoe-me, nobre amigo - disse eu para um Shakespeare falecido abaixo de mim - Não quis ofender-te com esta explosão emocional.

Movimentei minhas mãos com suavidade, e os cacos de vidro flutuaram e retornaram a sua antiga forma de vitral.

E foi assim que depois de mil e setecentos anos, Dandara e eu nos tornamos estranhos. Ela e seu amante foram viver em Berlim, e eu fiquei a vagar em Paris.

Décadas depois viemos a nos encontrar de novo. No final do século dezessete, uma nova onda de revoltas assolava o Vale das Sombras. E claro, nós fomos convocados por Azra para fazer o que juramos fazer para todo o sempre; vigiar os portais e não deixar que ninguém os utilizasse para fugir do Vale.

Nós éramos guerreiros experientes, mas aquela era uma revolta atípica. Bem organizada, com uma clara estratégia militar por trás de tudo.

No Vale existem muitas criaturas raivosas descerebradas, mas existem também aquelas que são sagazes e altamente letais.

Enquanto guardávamos um portal que ficava entre a floresta cinzenta e as dunas azuis, fomos cercados por um grupo de guerreiros abissínios amaldiçoados por Sheba. Diferente da maioria de nossos inimigos eles usavam espadas forjadas no próprio vale. Nós feiticeiros somos capazes de nos recuperarmos de graves ferimentos em pouquíssimo tempo. Mas ferimentos causados por aquelas lâminas não cicatrizam com facilidade e eles eram impressionantemente hábeis.

Dandara é uma amante soberba, mas é ainda melhor como guerreira. Mesmo assim, ela não conseguiu fazer frente aquele

bando de guerreiros abissínios.

- Perdoe-me, Yani.

Quando ela me disse aquilo, todo meu ódio se dissolveu. Ela estava ali, morrendo, e o resto de vida que possuía, ela usou para me pedir perdão.

- Eu te perdoo, Dandara - foi o que eu disse antes que ela partisse para o limbo.

Minutos depois, pelas mãos de dois guerreiros, eu também fui mandado para o limbo.

Em dois mil anos, fui mandado duas vezes para o limbo para depois renascer. Na primeira vez, senti-me irritado por ter que ficar séculos em lugar nenhum, esperando uma chance de renascer. Na segunda vez, senti-me estranhamente aliviado. O elo entre Dandara e eu havia sido quebrado, mas com ela vagando no limbo, os dois, ela e Sino, ficariam separados, pelo menos por um tempo. Eu sei, eu sei, é um sentimento vil e patético. Nós homens temos dificuldade de sermos largados. Mas trezentos anos se passaram, tempo suficiente para que eu aceitasse a escolha dela.

- Um café? - perguntou Sino, em alemão, com sua voz malditamente agradável.

- Claro. Quanto mais rápido isto acabar, melhor - respondo eu, também em alemão.

Em frente a livraria havia um café. Ele foi na frente e eu o segui. Admirei sua coragem ao me dar as costas.

Ocupamos em uma mesinha, próxima a uma janela de vidro.

Uma moça sorridente e jovial veio nos atender.

- Bom dia!

- Um café, puro - disse eu.

- Um chá de hortelã e um strudel de maçã - ele pediu.

- Pois não - disse ela ao se retirar.

Entre nós, o silêncio.

Passou pela nossa mesa uma mulher branca, de rosto fino, ombros estreitos e um quadril imenso. Ela devia ter por volta de um metro e sessenta e cinco, mas seu quadril era de uma mulher de três metros.

Ele moveu o rosto na direção da mulher e depois olhou para mim, esperando algum comentário, talvez. Mas eu não disse nada.

- Você parece bem - ele me disse.

- Obrigado.

- Você parece perfeitamente adaptado. Não há nada na sua aparência ou movimentação que indique, nem mesmo remotamente, o que você realmente é. Vinte e cinco anos de existência e você já entendeu o *zeitgeist* destes novos tempos. Parabéns.

- Você, por sua vez, parece não se importar que alguém descubra o que você realmente é.

- Sou um querubim. Na percepção de todos, sou uma criatura benigna. Não tenho que esconder minha natureza.

Eu toco a base do meu nariz para dizer que o que ele fala não é completamente verdade.

- Ah, os óculos. Bem, olhos azul cobalto faiscantes não são uma coisa lá muito comum. Os óculos são uma necessidade. E eles fazem com que as pessoas achem que eu sou algum astro do heavy metal. Algumas pessoas até pendem autógrafos.

- E o que você escreve?

- Sino Querubim.

- Nossa, que original - eu digo forçando minha cara de tédio - Mas você não veio aqui para dizer como os humanos adoram você, veio?

- Nós nunca tivemos a oportunidade de ter esta conversa.

- Passou pela sua cabeça que eu não tivesse o menor interesse de ter esta conversa?

- Eu pensei nisso, mas ainda assim eu gostaria de esclarecer algumas coisas.

A moça volta com o café, o chá de hortelã e o strudel.

- Obrigado - nós dizemos ao mesmo tempo, em português.

Ela se vai.

Olhei para os talheres, para a xícara de chá quente e o prato com o strudel em cima. Eu poderia lhe jogar o chá quente na face, enfiar-lhe a faca na traqueia e bater-lhe na têmpora com o prato. Isso certamente me deixaria mais relaxado.

- Não foi uma coisa calculada - ele diz olhando através da janela para os carros que passam.

- Isso deveria me fazer sentir melhor?

- Não.

- Então por que está me contando isso?

- Mesmo que você não queira admitir, somos irmãos de batalha.

Sendo assim, este mal entendido deve acabar aqui e agora.

Alguma coisa não estava certa, ele não estava me contando tudo.

- Sei, sei. Você voou de Berlim até aqui apenas para assegurar a política da boa vizinhança, é isso?

- Precisamente.

- Hummmmm. Diga-me Sino, como está Dandara?

Ele para com os dentes cravados no strudel. Depois continua vagarosamente a tarefa de morder, mastigar e engolir aquele strudel que de repente pareceu ser de concreto.

- Eu ainda não a vi.

“*Oooooops.*”

- Acho que não entendi.

- Ela ainda não me procurou.

- Ela habita um corpo que já se tornou adulto. Por que ela não o procuraria?

- Talvez ela ainda esteja se adaptando.

“*Você é um péssimo mentiroso, passarinho.*”

- Ou talvez tenha arranjado outro? Quem sabe?

- Ela...

- Arranjou outro?

- Ela ainda está se adaptando.

Eu apoio meus cotovelos na toalha da mesa, e apoio meu queixo em minhas mãos unidas.

- Outro querubim?

- Não - ele disse incomodado.

- Feiticeiro?

- Não.

- Semúrio, vampiro, picto, barbalara, zelote, neheliin, com que tipo de imortal ela está, nas suas palavras, se adaptando?

- Ele é...

- Ele é...?

- Um mortal.

Naquele momento passaram pela minha mente expressar-me com a máxima vulgaridade que me fosse possível. Mas segurei meu ímpeto.

- Um mortal? Não, não acredito. Que inesperado. Mas não se preocupe. Tenho certeza que não foi nada calculado, afinal, essas coisas acontecem, não é mesmo?

Se ironia tivesse peso, minhas palavras provavelmente teriam o peso de uma montanha.

Ele não responde. Limita-se a comer o strudel de concreto.

- Quem é ele?

- Um rico industrial do interior deste Estado.

- Quão rico?

- Muito, muito rico.

- Dandara é tão previsível - pensei alto - Sabe, Sino, quando você apareceu na livraria eu pensei, "*O que esse miserável veio fazer aqui?*". Mas agora, sinto que sua visita foi algo agradável nesta linda manhã de domingo.

Pelo vidro do café, vi uma enorme SUV branca. Um carro que, naquela época, era pouquíssimo comum no Brasil. Aquele carro só podia ser de uma pessoa.

- Aquele carro é seu?

- Sim, por quê?

- É um belo carro.

A SUV estava abrigada do sol pela sombra de grande árvore na calçada. Ele bem que deveria ter estacionado-a em um estacionamento. Deixar um carro daqueles na rua era sempre uma coisa arriscada. Já naquela época os roubos de carro em São Paulo eram frequentes.

Dum repente, em questão de segundos, o tempo fechou. Nuvens carregadas vindas do nada começaram a chorar uma chuva

torrencial. Então, para iluminar esta tempestade instantânea, caiu um relâmpago que acertou o tronco da árvore próxima à SUV.

Infelizmente a árvore não aguentou o ataque violento do relâmpago e, também infelizmente, caiu em cima da SUV, que por uma infeliz coincidência era o carro de Sino.

E do mesmo modo que a tempestade veio, ela se foi, devolvendo ao domingo um lindo sol risonho.

- Oh, seu carro. Que desastre - disse eu.

- Você tem ideia de como isso foi infantil?

- Eu não faço ideia do que você está falando. Mas de todo modo, dizem que os homens nunca amadurecem completamente. No fundo nós somos crianças crescidas. A diferença de um menino e um homem é o tamanho dos brinquedos. É o que dizem.

Eu me levanto.

- Bem, o café estava ótimo, mas eu preciso ir andando. Por favor, pague a conta. E sim, acho que agora está tudo bem entre nós.

CAPÍTULO 17

Uma imensa sala, dois banheiros e uma propositalmente pequena copa. Ela era pequena, provavelmente, para que as pessoas não conseguissem ficar nela muito tempo. Galinhas não podem perder tempo socializando, era o que deveria pensar o diretor da área de P&D.

Era na copa que eu descobria curiosidades sobre meus colegas de trabalho. Havia um que, por exemplo, me despertava certa curiosidade. Seu nome era Rodrigo.

Ele era um interessado em sociedades secretas como Rosa Cruzes, Maçonaria, Fraternidade Branca, Priorado de Sião e outras organizações similares.

Teorias da conspiração, ele as conhecia todas. Alienígenas também faziam parte do seu menu de interesses pouco convencionais. Ao seu redor, as pessoas ouviam suas palavras com atenção, mas é claro, no outro dia, elas não lembravam de uma única palavra do que ele havia dito.

Tenho para mim que Rodrigo era encarado como uma fonte segura de assuntos bizarros os quais serviam como uma forma de entretenimento para seus amigos e conhecidos.

Estávamos em setembro do ano de 1997. Era segunda feira. Diana, princesa de Gales, havia morrido no sábado. Uma comoção geral havia tomado conta do planeta. Ela e Dodi Al-Fayed haviam sido vítimas de um terrível acidente de carro no túnel da Ponte de l'Alma, em Paris, na França.

As teorias conspiratórias sobre o acidente ainda estavam sendo tecidas, mas Rodrigo, claro, já tinha a sua pronta e embrulhada para presente.

Eu estava na copa, bebendo meu café com calma, quando ele e seu amigo César entraram com o assunto já engatado.

- Cara, foi a Rainha que mandou matar a Diana. Tá na cara - dizia ele para César, o qual todos chamavam de gigante.

César Torres era natural da cidade Mocooca, cujo nome significa casa de teto baixo. Era um homem de ossos de baleia, alto, louro como um viking e corpulento como um austríaco montanhês. Apesar

de sua aparência intimidadora, era um homem de caráter dócil e gentil. E talvez por isso, o único capaz de ouvir Rodrigo falar por horas e horas de assuntos os mais esdrúxulos possíveis sem mostrar qualquer sinal de tédio ou incômodo.

- E por que ela fazia isso? Ela já estava separada do Charles - observou César.

- Mas esse povo da realeza é terrível. Assassinato tá no sangue deles. A história da nobreza europeia é cheia de assassinatos. É uma tradição entre eles.

- Será? - perguntou César.

- Batata!

- Sua hipótese não é de todo absurda. Realmente, o assassinato sempre foi um meio para se alcançar o trono real - disse eu.

- Viu só? - fala Rodrigo.

- Entretanto, Diana já era um problema resolvido. Divorciada do príncipe Charles, os danos que ela poderia causar à uma monarquia milenar já estavam bastante minimizados. Mas há o problema dos tabloides ingleses que perseguem e ao mesmo tempo fazem propaganda da monarquia. Há uma simbiose entre a monarquia britânica e os tabloides. Talvez o comportamento de Diana representasse uma perturbação desta delicada simbiose.

Os dois olharam para mim como se estivessem congelados no tempo.

- Mas nunca se sabe. Tudo agora não passa de especulação - eu complemento meu raciocínio.

E eles voltam ao tempo presente.

Saí da copa e os dois, quer dizer, Rodrigo continuou com suas teorias e César continuou a ouvi-lo.

Naquele dia, diferente de outros, almocei com a dupla Rodrigo e César. O lugar escolhido foi um restaurante por quilo. Na entrada do restaurante havia flyers de divulgação. Um divulgava uma banda de rock, outro divulgava os milagres de emagrecimento de um shake, e um outro estava mascarado por mágica. Era um flyer de reinauguração de um bar hiperbóreo. Mascarado por mágica, apenas imortais poderiam ver aquela pilha de flyers. Discretamente peguei um flyer invisível para mortais e pus no bolso da calça.

Durante o almoço, o qual foi regado a óvnis, aos livros de Zecharia Stitchin e Isaac Asimov, pitadas de satanismo e algumas conspirações do Vaticano, fiz a sugestão.

- Vai acontecer a reinauguração de um bar de um amigo meu, vocês não querem ir?

- Bar? - perguntou Rodrigo desconfiado.

- É mais uma casa de shows, mas as pessoas conhecem como bar.

- Você não parece o tipo de pessoa que gosta da noite - ele disse.

“Ah, se você soubesse...”

- Realmente, eu não sou muito de sair à noite, mas este bar é especial. E então César, o que você acha? - perguntei inocentemente.

- Parece legal.

- Ótimo! A inauguração vai ser amanhã à noite.

Coloco a mão no bolso, tiro a máscara mágica do flyer e coloco na mesa.

No flyer, uma Serena estilizada, vestida como Athenas Parthenos segurando uma lança e um escudo. Aos pés de Serena, escrito, Bar Hiperbóreo Uranus, Rua Doutor Carvalho de Mendonça, 40, Campos Eliseos. A mais aguardada reinauguração do Novo Mundo.

- Nunca ouvi falar - fala Rodrigo.

- Nem eu - fala César.

- É um lugar ótimo. Os artistas que se apresentam lá são muito bons.

- E quanto morre nessa história? - pergunta Rodrigo.

- Nada, vocês são meus convidados.

- Como assim? - pergunta César.

- Eu tenho dois convites VIPs sobrando.

- Se a gente não vai pagar nada, tô dentro - fala Rodrigo.

- É...

- É o que, César? A parada é de graça!

- Tá certo. Vamo vê qual é a desse lugar.

“Essa reinauguração promete”, pensei comigo.

No dia seguinte, terça-feira à noite, às onze horas, nos encontramos em frente a um prédio do século passado que mais parecia uma igreja. A entrada com arco em forma de ogiva, que no passado deveria ter abrigado imensas portas de madeira, agora estava fechada por uma porta de correr, de metal.

Ao chegar lá, encontrei o viking e o conspirador a olhar para os lados. Rodrigo estava vestido com uma camisa polo, calça jeans e tênis. César estava vestido com uma camisa folgada de flanela, calça jeans e botas.

- Faz tempo que vocês estão aí?

- Não, acabamo de chegar - respondeu Rodrigo - Nossa rapaz, esse lugar é sombrio. Tem certeza que a reinauguração é aqui? O lugar parece que tá fechado - disse Rodrigo.

- É, não tô ouvindo nada - disse César.

- É aqui sim.

Fico de frente para a porta de metal e procuro uma pequena marca ao lado dela. Uma lira mascarada com magia. Eu acho-a e toco-a. Ela se mexe e um som de arpa soa na escuridão da rua. A porta de metal se abre. E para minha surpresa, um imenso serenita e está lá a nos observar.

Reza a lenda que os deuses, depois da primeira grande rebelião do Vale das Sombras, há mais de dois mil anos, decidiram realocar seus livros de Galmazar, a cidade das esfinges, para outro lugar. E como nova morada destes livros, eles escolheram algum lugar na Sibéria. E para guardá-los, já que as zelotes de Serena haviam sido enviadas aos quatro cantos do mundo para impor o véu entre o mundo dos mortais e o nosso, foram criados os serenitas. Diz-se que Serena escolheu crianças da fria sibéria, que estavam entre a vida e a morte para cuidar da nova biblioteca dos deuses. Ela lhes dava a escolha entre viver para servi-la ou morrer. E claro, a maioria escolhia viver, ainda que fosse para servir uma deusa que eles mal conheciam. Apesar de terem sido treinados por soldados zelotes, a função primordial de um serenita é ser um bibliotecário. Desta forma, essas criaturas são a junção perfeita de meticulosidade e violência.

De dentro do bar era possível ouvir murmúrios e o som de instrumentos de corda.

O serenita é um homem pálido, olhos azuis acinzentados, alto, quase dois metros, cabelos longos, ondulados, sobretudo de couro pesado, botas com bico de metal aparente, e nas mãos, uma espécie de soco inglês - os quais eram usados como se fossem adornos - e uma faixa de metal ao redor do pescoço.

- Boa noite - ele fala com tom de voz extremamente grave, em russo.

- Boa noite - respondo, também em russo.

- Convite - pede o serenita.

- Eu entrego o flyer.

- Que língua é essa que ele tá falando? - pergunta Rodrigo, quase sussurrando.

- É russo - responde César.

- E desde quando você fala russo? - pergunta Rodrigo espantado.

- Eu estudo como hobby - responde César com tranquilidade - Boa noite - ele fala em russo, mas o serenita não responde.

- Eles estão comigo - digo para o serenita.

- A casa não se responsabiliza com o que acontecer com eles. Qualquer dano a integridade física dos dois será responsabilidade sua. Você aceita as condições?

- Aceito.

- Podem entrar - ele faz uma mesura e aponta para dentro com a mão direita.

Eles entram primeiro.

Na minha vez, o serenita segura meu braço direito.

- Yani Temujin, não foi fácil conseguir licença para este bar. Qualquer descuido e eu chuto você e seus amigos mortais daqui. Fui claro?

- Claríssimo, Gregory.

- Ótimo, divirta-se - e ele solta meu braço.

- Isso é música de bar? - pergunta Rodrigo.

- Cacete, que frio! - fala o corpulento César.

Eu havia esquecido o detalhe da temperatura.

- Vamos lá no bar. Eles sempre tem os casacos para pessoas sensíveis ao frio.

“E para mortais que não deveriam estar em lugares como estes.”

No palco, uma querubim de cabelos castanhos canta O mio babbino caro, de Giacomo Puccini. Acompanhando-a, três violoncelos tocados por três querubins de cabelos cor de neve. Todos vestidos de branco da cabeça aos pés.

Espalhados pelo salão, toda a fauna imortal conhecida, ou pelo menos quase toda.

Adolescentes de olhos milenares, cheios de tatuagens, os quais chamamos de pictos. Feiticeiros, com roupas, discretas para se fazerem passar por humanos, vampiros vestidos como yuppies, querubins vestidos de branco, zelotes de Serena vestidas em estilo punk, zelotes do Saara vestidos com roupas de nômades do deserto, semúrios semi nus de pele azulada na beirada de um enorme chafariz próximo a parede, barbalaras vestidos como motoqueiros Hells Angels, neheliins homens de terno e gravata, neheliins mulheres em vestidos de festa, e serenitas, aqui e ali, prontos para agir a qualquer sinal de confusão.

No caminho para o bar, os dois notam os semúrios semi nus.

- Rapaz, aquele pessoal tá pelado - fala Rodrigo, ligeiramente escandalizado.

Na verdade os semúrios estavam vestidos com túnicas de festas. As quais eram semitransparentes, e que revelavam mais do que escondiam.

- E eles passaram alguma coisa na pele. Eles tão azul - fala César utilizando um tom mais analítico na voz.

- E daí, cara? Eles tão pelados!

Chegamos ao bar.

A bartender é uma zelote de Kalidah Luna. Uma das mais ferozes e conhecidas entre nós, Névoa. Assim como as outras zelotes de Serena, ela também estava vestida à moda punk.

Não era de todo mal ver uma zelote vestida daquele jeito. Trocar a proteção peitoral de centurião romano e a saia negra de tecido grosso por uma vestimenta no estilo punk era uma mudança

benéfica, em minha opinião. Os cabelos soltos ao invés das oito tranças também eram uma melhoria a ser notada.

- Névoa, querida, você não em dois casacos aí sobrando, tem?

Ela me olha e depois olha para meus amigos. Em seguida se abaixa e quando reaparece tem nas mãos dois casacos pesados para o frio.

- Cuidado com eles. São de pele de chinchila verdadeira.

- Cê não tá com frio? - pergunta Rodrigo para mim.

- Não, já estou acostumado.

Eles colocam os casacos de chinchila e imediatamente se sentem melhor.

- O que vais ser?

- Um martíni com casca de árvore da vida para mim - eu digo.

- E vocês dois? - ela pergunta.

- Pra mim um chope - pede Rodrigo.

- Pra mim uma taça de vinho - pede César.

Névoa olha para César e sorri.

Enquanto ela prepara as bebidas, eles observam o ambiente.

- Rapaz, eu nunca vi um bar que toca música clássica. Isso é bizarro - observou Rodrigo.

- E aquelas placas na parede, o que tá escrito nelas? - perguntou César.

Era latim. Infelizmente, em nosso mundo, a língua franca ainda não era o inglês. O grego e o latim, ainda figuravam como línguas universais entre os imortais.

Em uma delas estava escrito, "Proibido enfeitiçar os clientes". Em outra, "Proibido se alimentar dos clientes".

- Deve ser alguma saudação - eu respondo.

O vinho, o martíni e o chope são servidos.

Quando César prova do vinho, seus olhos se arregalam.

- Meu Deus, isso é muito bom!

- Vinho querubim, ano mil - diz Névoa.

- Cacetada, esse o melhor vinho que eu já bebi!

Assim que Rodrigo prova o chope, sua reação é parecida.

- Puta que pariu, esse chope é bom, hein?

- E o martíni aí, tá bom? - pergunta César.

- Está suportável.

Névoa dispara um olhar de censura em minha direção.

- A casca foi retirada de uma árvore da vida com mais de mil e seiscentos anos, cultivada ao pé do Vesúvio. Não insulte o meu martíni.

“*Ou arranco a sua cabeça*”, era como ela queria finalizar aquela frase.

A peça de ópera acaba e a voz de James Brown sai dos alto falantes e entra no salão sem pedir licença. Ele diz, com seu jeito audacioso, I FEEL GOOD!

- Agora sim - fala Rodrigo.

Os presentes começam a dançar e a se aglomerar no meio do salão.

Seguindo a direção da corrente, os dois se dirigiram para o centro do salão.

Eu, sentado no banco do bar, observo.

Sem que Rodrigo perceba, próximo a ele, observando-o cuidadosamente, estava Kazenora, uma vampira de origem eslava, muito bem maquiada e vestida com taier vinho. César, por sua vez, estava sendo observado por uma querubim de cabelos castanhos avermelhados, a qual eu nunca tinha visto.

- Você está se arriscando - fala névoa.

- É o tédio. Preciso de distrações se não enlouqueço. Por favor, outro martíni.

- De onde você os conhece?

- Eles trabalham comigo.

- No quê?

- Programação. Eu trabalho em um laboratório de P&D.

- Deve ser um tédio.

- A informática é o futuro, não há como fugir.

- Você está vendo computadores aqui?

- É o futuro dos mortais.

- Ou a fonte da sua destruição.

- Um pouco dos dois, eu diria.

A música muda. Bee Gees, Alive.

- Anos setenta?

- É o que está fazendo sucesso ultimamente. Já tentamos colocar música dos anos oitenta e noventa, mas a resposta dos clientes é sempre negativa. Ou é música clássica ou música dos anos setenta. O cliente é que manda.

- Hummmm, fascinante.

- Esse bar é seu?

- Meu e do meu marido.

- Marido? - pergunto chocado - As zelotes de Serena podem se casar?

- Claro. A deusa Serena nunca colocou nenhum impeditivo quanto a isso.

- E quem é o sortudo?

- Você conheceu ele na entrada.

- Uau. Uma zelote e um serenita, isso sim é algo completamente anti-tédio. E... vocês estão pensando em ter... filhos?

- Não é da sua conta.

A música muda. Bee Gees, More Than a Woman.

- Onde está Dandara? - ela pergunta.

- Por aí.

- Ah, esqueci, vocês não estão mais juntos.

- É isso aí - eu digo depois de tomar mais um gole de martíni.

Viro o banco na direção do centro do salão e percebo uma agitação.

Névoa salta por cima do balcão e seus cabelos, como um ato reflexo, se trançam sozinhos em oito tranças. Ela se vai, criando um caminho na base da cotovelada. Eu a sigo. A música para.

Eu vejo o punho fechado de um querubim se movimentar e acertar o rosto de César. Impressionantemente ele não cai. E o revide vem em seguida, mas diferente dele, o querubim cai como uma pedra.

Estamos todos em choque. Só um tipo de mortal seria capaz de nocautear um querubim. As lendas o chamam de Rompe Véus.

“César, um Rompe Véus? Quem diria?”

Dois serenitas seguram César pelos braços, mas a querubim o defende.

- Não, não, foi meu irmão quem começou. O mortal é inocente - ela fala em grego.

Névoa olha para César e depois para mim.

- Levem o querubim para fora.

Eles o levam arrastado pelos braços.

- Ok, pessoal. O show acabou podem continuar a dançar.

A música recomeça.

Earth, Wind and Fire, Boogie Wonderland.

A querubim está fascinada. É a primeira vez que ela vê um Rompe Véus. Na verdade é primeira vez de todos nós, mas disfarço melhor minha surpresa.

Uma hora depois Kazenora já está íntima de Rodrigo e pronta para sair do bar com ele.

Eu os intercepto.

- Kazenora, há quanto tempo.

- Yani Temujin, há quanto tempo. Pensei que você ainda estava no limbo.

- Estou de volta.

- Essa mulher é muito gata, puta que pariu! – diz Rodrigo movimentando os lábios.

- Parabéns, agora tchau - ela diz querendo encerrar a conversa.

- Você está com algo que me pertence.

- Ah, vocês dois...

- Não, não, não - Rodrigo se apressa em dizer - nós dois nada. Sai fora! Eu sou espada!

- Dá pra entender. Ele é bem bonitinho. É uma pena. Bem, eu já estava de saída mesmo.

Ela se vai enquanto Rodrigo grita.

- Eu não tenho nada com ele! Eu sou espada! Eu sou espada!

Ele me olha furioso.

- Caralho, meu. A mulher tá achando que eu sou viado! Que mancada, meu!

- Eu me expressei mal. Me desculpe.

“E acabei de salvar sua vida, seu tolo.”

Chega César ao lado da querubim.

- Pessoal, essa é a Estela.

- Olá - eu digo.

Rodrigo está inconsolável e nos ignora.

- É uma honra conhecer alguém como você - ela fala com sinceridade.

- Você é nova.

- Ela tem a nossa idade - fala César.

“Ela nova, César. Uns trezentos anos, eu diria.”

Ele não percebe, mas todos no bar estão a olhá-lo com admiração.

- Esse lugar é bem legal mesmo. E olha que eu nem sou ligado em música dos anos setenta.

Gregory chega, passa por nós e se posiciona atrás do bar junto com sua esposa.

- Você parece bem forte - ele fala em russo - interessado numa queda de braço? Se eu perder - ele tira o cinto cheio de medalhões de prata e coloca em cima do balcão - é seu.

- E se eu perder? - pergunta César.

- Você ficará com a honra de ter perdido para Gregory, o serenita.

- Então tá - ele fala com pouca auto-confiança.

Os dois se posicionam. A música muda. Aretha Franklin, Chain of Fools.

Todos no bar param para ver o resultado daquela queda de braço.

- Vai! - Névoa dá o sinal.

Os braços tremem. Gregory começa a apertar os lábios. César aperta os olhos. Os segundos se passam e então, de repente, sem aviso, o antebraço de César faz o antebraço de Gregory tocar o balcão.

Todos ficam de boca aberta, inclusive eu.

- Uhu!!! - grita Rodrigo.

- Agora eu vi vantagem! - ele grita.

O tempo voou. Dançamos, bebemos, rimos, gritamos, e tudo isso sob o bom presságio do Rompe Véus.

Às cinco da manhã, Gregory abre a porta de metal para nós.

- Rompe Véus, venha sempre que quiser - ele fala para César em russo.

- Hã, ok! - César faz sinal positivo com o polegar direito.

- Yani Temujin, hoje foi uma noite de bons presságios.

- Sim, foi.

Ele se prepara para fechar a porta de metal.

- Ei, ei, cê não vai falar nada pra mim? - pergunta Rodrigo.

- Evite os vampiros - ele fala em português.

E a porta se fecha.

César, com um cinto serenita sobre o ombro esquerdo, eu e Rodrigo nos pomos a caminhar na rua vazia.

- Evite os vampiros? Que porra de conselho é esse? - pergunta Rodrigo.

“Um ótimo conselho.”

- A Estela me deu o telefone e o endereço dela de Berlim - disse César.

- A Mira disse que qualquer dia me encontra numa praia qualquer por aí. Vê se pode. Porra como é que só eu achei estranho aqueles caras pelados? Que porra de clube é esse?

“Pare de exagerar, eles não estavam pelados. Estavam seminus. Será que você não consegue ver a diferença?”

- É isso é bem estranho - pondera César.

- E aquele povo saiu por onde? Como é que eles foram embora? Cadê os carros? Cadê as motos?

“Um bar hiperbóreo é uma gigantesca dobra de papel. Na verdade, havia poucas pessoas de São Paulo naquele lugar. A maioria era de outros lugares do mundo. Mas como é que eu vou explicar isso pra vocês dois?”

- Tinha uma saída nos fundos.

- Saída nos fundos? Eu não vi nenhuma saída nos fundos - fala Rodrigo.

- Você bebeu muito, por isso não viu.

- Isso é verdade. Acho que eu nunca bebi tanto chope na minha vida. E sabe que eu não tô com dor de cabeça, nem nada? Parece que eu não bebi nada.

- Pior que é mesmo. Eu bebi bastante vinho, mas tô me sentido bem - fala César.

Chegamos ao carro do Rodrigo. Um Fiat Uno.

- Foi uma noite em tanto. Até mais - eu digo.

- Você não quer uma carona? - pergunta César.

- Não se preocupem, eu me viro.

- Tem certeza? - pergunta Rodrigo.

- Absoluta.

- Tá bem, você que sabe - fala Rodrigo.

E eles se vão.

Eu caminho mais um pouco, viro a esquerda e chego à sala de meu apartamento instantaneamente.

E se alguém me visse sumindo na esquina?

Qualquer pessoa que viva em São Paulo pode ser acusada de insanidade mental. E acusar essa possível pessoa, que me viu sumir em uma dobra de papel, de insana, seria a coisa mais fácil do mundo. Afinal, viver entre centenas de milhares de pessoas neuróticas tem as suas vantagens.

CAPÍTULO 18

Você gosta de se exercitar? Se não gosta, deveria. Eu sei, eu sei. Exercitar-se é algo chato, muito chato. Aliás, só pisei em uma academia de ginástica uma única vez. Foi uma experiência ruim. Música alta e de baixa qualidade. Uma combinação terrível.

Felizmente, feiticeiros de guerra não precisam frequentar academias de ginástica. E como é que nos exercitamos? Como mantemos a forma?

Nossas habilidades mágicas, treinamo-las em casa. Nossas habilidades físicas, essas são afiadas fora de casa. Como? Cada um de nós tem uma forma diferente de fazer isso.

No meu caso, uma vez por semana, eu saio para me exercitar. Tarde da noite, saio a perambular por lugares que uma pessoa não deveria se aventurar. E, quase invariavelmente, encontro criaturas que estão a esperar pessoas incautas. Pessoas como eu, talvez.

Era uma sexta-feira, trinta e um de outubro de mil novecentos e noventa e sete, o dia da festa celta dos mortos, Samhain, Halloween. No Brasil, e talvez só no Brasil, este dia era conhecido como o dia das bruxas.

Eu estava a andar em uma rua escura do bairro chamado curiosamente de Liberdade. Mas antes de se chamar Liberdade, aquele lugar, pelo que eu havia me informado, havia se chamado o campo da forca. E naquele lugar, os escravos, há não muito tempo, eram enforcados. Ao que parece, o enforcamento era a única forma de liberdade que esses escravos poderiam aspirar a ter. Quantos escravos haviam sido enforcados ali? Quantos haviam perdido seu ar na corda, pendurados sobre um patíbulo? A ideia me causava um certo frisson, devo admitir.

- Aí, não adianta correr. Passa tudo aí! Vai! Vai! - é o que dizia um homem de jaqueta jeans, calça jeans e tênis. Ele estava nervoso, alterado talvez por algum tipo de droga psicotrópica.

Eu, como mandava meu protocolo pessoal, não passei coisa alguma.

- Você está sozinho? - perguntei a sorrir.

- Tá zuando, mano?

- Acredito que você esteja perguntando se estou brincando, certo?

- Cê tá fudido!

Ele tira um revólver da jaqueta e puxa o gatilho, mas nada acontece. Ele puxa o gatilho de novo, e de novo, e de novo, mas curiosamente, nada acontece.

Vejo em seu rosto que ele não esperava que aquilo fosse acontecer.

- Algum problema?

Seu comparsa aparece com uma arma em punho. Ele puxa o gatilho de sua arma, mas infelizmente nada acontece também. Ele tenta várias vezes, mas a arma se recusa a funcionar. Que sorte a minha, não é mesmo?

Das costas eles tiram facas. E eu, como não podia deixar de ser, faço o mesmo. Do bolso de trás retiro duas kunais feitas de ferro. Eles ficam apreensivos.

- Vamos fazer isso, ou não? - eu pergunto.

O maior deles avança. Eu me desvio com facilidade, acerto o outro no peito, depois me volto para o primeiro que está surpreso com a minha agilidade e enfio minha lâmina em forma de losango em seu ventre. Nosso embate dura não mais do que quinze ou vinte segundos.

Os dois, inertes, no chão, parecem estar olhando um para o outro. No último momento eles pareciam ter entendido a estupidez que haviam feito.

De um deles, do menor, eu arranco dois cordões e guardo-os no bolso de minha jaqueta de couro. Um com uma cruz, o outro com um escapulário que tem a imagem da Virgem Maria. Tiro um lenço branco do bolso de minha calça e passo no ferimento daquele estava com o escapulário.

Era o início da noite. Como sorte, outros tentariam me matar e em seguida me roubar. Se não me engano, em linguagem jurídica, isso se chama latrocínio. Uma palavra tão bonita para algo tão vil. Aliás, essa era uma característica da língua portuguesa que me

fascinava e ainda fascina. Havia palavras que soavam tão bonitas, cujos significados eram ignóbeis. Assassinato era uma delas. Em espanhol a palavra não tem a mesma força, mas em português soa sonora, aberta, precisa, quase alegre. Em inglês a palavra *murder* bem como em alemão, *murd*, soa fria, lúgubre, e quer dizer a mesmíssima coisa. O português, definitivamente, renovou meu interesse pela filologia.

Na próxima esquina, alguém alto, de botas, com calça de lona e agasalho com o capuz cobrindo a cabeça, com as mãos dentro do bolso do agasalho, aparece do nada.

- Passeando?

A voz é feminina e cristalina. Há um leve sotaque, o qual não consigo identificar.

- Pode-se dizer que sim.

- C'est bon.

“*Oh, oh.*”

- E você? O que está fazendo em um lugar tão perigoso como esse, à essa hora? - eu pergunto.

- O mesmo que você. Me exercitando.

“*Oh, oh.*”

- Certo.

Ela tira duas adagas *sai* das costas.

“*Oh, oh.*”

- Espero que aqueles dois não tenham cansado você.

As lâminas das adagas eram negras e foscas. Armas feitas no Vale das Sombras? Não, impossível.

Ela avança, rápida e mortal. Eu mal tenho tempo para me desviar.

Ela é flexível, rápida, ágil e chuta com a força de um cavalo. Quem quer que a tenha treinado fez um ótimo trabalho. Os segundos se passam e de repente, não estou mais lutando para me exercitar e sim para me manter vivo. Ela me perfura o tronco, no lado esquerdo. É então que resolvo que é hora de jogar sujo. Uma fração de segundos de descanso e faço as partículas de poeira da calçada e do asfalto envolverem sua cabeça para que ela engasgue

e perca a visão. Ela nota o que estou tentando fazer e baixa as adagas.

- Onde está sua honra, Yani Temujin?

De repente, sinto energias telúricas emergirem do chão e por elas sou jogado através da rua e me choco com força na fachada de um prédio. No momento do impacto sinto duas ou três costelas se partirem. Respirar dói. Um dos pulmões foi perfurado. Não tenho outra saída a não ser acessar minha verdadeira forma.

Ela guarda as adagas e atravessa a rua com calma. Um táxi passa. Sinto o olhar do taxista sobre mim. Ele vê meu rosto e pisa no acelerador.

“Sábia decisão, meu amigo, sábia decisão.”

Dominar energias telúricas é um dom natural raro. O que é um dom natural? Algo que fazemos sem esforço. É algo que faz parte de nós de tal forma que executamos com a mesma facilidade com que respiramos. Comandar energias telúricas fazia daquela mulher a minha frente alguém extremamente perigoso.

Bem, eu também tinha um dom natural, o qual se manifestou assim que completei quinze anos. Sou capaz de criar dobras de papel para qualquer lugar que já tenha visitado. Basta pensar e pronto, a dobra está lá. E quando eu já estava pronto para rolar e aparecer na sala do meu apartamento, ela tira o capuz.

Os cabelos dela eram azuis, mas o rosto me era familiar. De onde eu a conhecia? Sem dúvida era uma feiticeira de guerra, mas eu jamais havia encontrado-a, tinha certeza absoluta disso.

- Não me reconhece?

Ela se agachou e olhou-me como um gato olha para uma gaiola com um canário dentro.

- Não tenho a menor ideia do quem é você, sua doida.

A dor é grande.

Ela solta os cabelos que estavam presos em um coque alto, balança a cabeça e elas se pintam de castanhos amadeirados.

- Não... - eu digo, reconhecendo-a - Beatriz?

- Ah, o patife lembrou de mim.

- Huummmm - a dor.

Ela me estende a mão. E quando me levanto sinto uma pontada. Não é fácil se recuperar de um ferimento causado por uma arma do Vale. Mas em algumas horas eu ficaria bem.

Levei-a ao meu restaurante favorito, o Kenko.

Era um restaurante pequeno o qual havia sido escolhido pelas profissionais do sexo para iniciar a jornada de trabalho. E havia sido escolhido também pelos praticantes de kenjutsu como última parada depois do treino. Profissionais do sexo e samurais comendo no mesmo lugar era uma combinação curiosa, mas harmoniosa; pois ambos falavam baixo. Elas, por saber que era importante serem discretas, e eles, por uma questão de polidez.

Pedi para nós o clássico somen. Uma sopa gelada que eu considerava deliciosa.

- Pelos deuses, isso é ótimo - ela disse chupando um fio de macarrão.

- Eu sabia que ia gostar.

- Sorte sua. Eu tava louca pra furar teu olho.

- Então, devo meu olho ao Kenko.

- Deve sim.

- Huummmmm, muito bom.

Há um momento de silêncio.

- Há quanto tempo está de volta? - eu pergunto, observando-a comer.

- Um ano.

- E só agora decidiu vir me matar?

- Eu estava ocupada.

- Com o quê?

- Minha carreira.

- Ah, você trabalha.

- Sim. Sabe como é, temos que nos misturar aos mortais, entender o *zeitgeist* e blá, blá, blá, blá.

- Você acabou o seu treinamento em quanto tempo, treze anos?

- É isso aí.

- Você foi rápida. Eu demorei vinte anos.

- Os homens são mais lentos de raciocínio. É o que Azra diz.

“Que vadia.”

- Ah, claro.

- E você trabalha como o quê?

- Modelo.

- Ah, faz sentido.

- Pois é. Me aceitaram no meu primeiro cast.

Ela acaba de comer.

- Quero outro desses.

- Kenko, onegaishimasu, outro somen - eu falo para Kenko que está atrás do balcão.

- Hai.

Ele responde de forma neutra.

- Já foi visitar sua mãe?

- Já - ela fala despreocupada - Você cuidou bem dela.

- Era o mínimo que podia fazer.

- Quando ela me viu, desmaiou. Depois chorou por horas.

- Ela deve ter ficado feliz.

- Ficou sim. Mas você já está com dois mil anos. Você é incapaz de entender os sentimentos dos mortais.

“Ah, se você soubesse, minha dançarina.”

- Vou levá-la comigo pra Paris.

- Paris?

- É.

Chega um novo somen.

- Você se estabeleceu lá?

- É. Azra também.

- Azra? Como assim?

- O Palácio de Jade está fechado.

O ferimento para de doer.

- E ela está morando no quê?

- Num castelo na Normandia. Não chega aos pés do Palácio de Jade, mas ela diz que é aceitável.

- Mas você disse que ela estava em Paris.

- A sede da empresa é em Paris, e ela passa uma boa parte do tempo lá. Mas na maioria das vezes, ela está nesse castelo. É lá que

ela passa a maior parte do tempo, principalmente os finais de semana.

Azra vivendo no plano dos mortais. Quem diria?

- E ela está... Quer dizer... O *zeitgeist*? É...Ela está se misturando com os mortais?

- Sim, sim - ela chupa um fiapo de macarrão e faz uma cara de puro prazer - Isso é bom demais. Ela abriu uma rede de spas de luxo que estão por toda a França.

Luxo e Azra eram duas palavras que combinavam.

- A rede se chama Âme d'Argent.

- É um nome bem sugestivo.

- É sim.

Noto que algumas moças estão a observá-la. Eu não as culpo.

Ela para de comer.

- Sabe o que mais me irritou?

- Hã, não.

- Ter que atravessar a porra do Saara a pé. Pra quê isso? O que isso prova?

- Todos temos que fazer a travessia.

- Eu sei, mas pra quê?

- É uma prova de resistência física, mental e espiritual.

- Eu sei, eu sei, mas estamos no século vinte. Isso parece tão arcaico, tão antiquado. E o *zeitgeist*? O que tem de *zeitgeist* atravessar um deserto daquele tamanho? Nada! É isso aí, nada!

Ela estava ali, tão cheia de vida. Eu queria abraçá-la. Dizer que eu sentira sua falta enormemente. Mas preferi apenas olhá-la e sorrir. Afinal, ela dominava as energias telúricas. Alguém assim pode sentir e traduzir energias emocionais como ninguém. O cabelo azul era provavelmente um efeito colateral disso.

- Também senti sua falta - ela diz.

- Obrigado por não me matar.

- De nada.

Eu a deixei no metrô Liberdade. Nós despedimos com um aperto de mão, sem abraços.

Com o tempo a intimidade entre nós retornaria, mas naquele momento éramos estranhos. Eu a via como minha irmã mais nova, e ela me via como a sua primeira grande decepção.

Subi as escadarias da estação, dirigi-me até a banca fechada, fui para trás da banca, passei por uma dobra e cheguei ao meu apartamento.

Estava feliz e cansado ao mesmo tempo. Tudo o que eu queria era me jogar na cama e dormir. Mas havia algo a ser feito antes disso.

Fui até a cozinha, peguei do armário uma tigela de cobre, coloquei-a em cima da mesa, e nela coloquei o lenço com sangue.

Chamas fantasmagóricas começaram a surgir do lenço.

- Mostre-me, salamandra. Quem era esse que caiu em batalha?

Vejo uma casa simples, ou como as pessoas gostavam de dizer, um barraco. Uma mulher dorme junto com uma menina. Elas dormem profundamente. Acima da cabeceira da cama há uma representação da virgem Maria emoldurada e protegida por um vidro.

- Então você tinha uma família.

- Tinha sim - ele fala sentado no banco próximo da mesa.

- Agora não tem mais.

- Não. Você me matou.

- Você tentou me matar primeiro. Foi legítima defesa - falo sabendo que aquilo era uma meia verdade, ou quase uma mentira. Ele nunca teve chance.

As chamas iluminam o rosto dele.

É um rosto comum, difícil de recordar.

A única característica marcante nele é a pele escura e o nariz adunco, nada mais.

- E agora? - ele pergunta apoiando os cotovelos na mesa.

- Os chineses tem nove infernos. Eu só tenho um, e pra lá que eu deveria mandar você.

- Cara, eu já tô no inferno há muito tempo. Minha vida sempre foi um inferno - ele diz sem se impressionar com o que eu disse.

- É, eu imagino. E é por isso que estou abrindo mão do seu espírito.

- Como assim?
 - Pra onde você vai, não é mais minha responsabilidade. Mas acredite, você se livrou de um destino terrível.
 - E quanto ao Washington?
 - O seu amigo?
 - É.
 - Ele não teve a mesma sorte.
- “Foi direto pro Vale das Sombras numa viagem sem escalas.”*
- Adeus.

Ele some, as chamas das salamandras se extinguem e o lenço se transforma em cinzas.

Ali mesmo na cozinha tiro minhas roupas até ficar completamente nu.

Dirijo-me até meu quarto, faço menção de ligar as luzes, mas não o faço. Ligar as luzes era, e é, apenas um reflexo para parecer normal e mortal.

Retiro um envelope branco da escrivaninha, coloco o crucifixo e o escapulário nele e fecho-o.

Eu havia dito que posso criar uma dobra de papel que me leve a qualquer lugar que tenha visitado antes. Bem, eu não preciso exatamente ter estado lá. A visão do lugar já me permite isso. Desta forma, com o envelope na mão direita, ergui o braço, e deixei ele cair. Antes de tocar o chão de madeira do quarto, ele sumiu, e caiu em uma cama ocupado por uma mulher e uma menina que dormiam profundamente.

Sonolento e sentindo uma leve dor nas costelas, me joguei na cama e dormi um sono profundo e sem sonhos.

CAPÍTULO 19

Naqueles dias a frota de helicópteros de São Paulo era a segunda ou a terceira maior do mundo.

Apesar de isso parecer um sinal de modernidade e de potência econômica, na prática era bem desagradável ter esses pássaros de metal sobre nossas cabeças emitindo um som irritante nas horas mais inconvenientes possíveis.

Naquele dia específico, no final da tarde, um helicóptero pousou no heliporto do prédio onde eu trabalhava. Apesar de o prédio possuir um heliporto ele não era usado com frequência. O frisson, que já havia começado no início da manhã, aumentou quando o helicóptero pousou.

Usando as palavras de Rodrigo, o super master de luxe dono da REDSTAR havia decidido visitar a filial no Brasil. Mas quando perguntei o motivo, ele não sabia responder.

- Como é que eu vou saber? O cara é dono de tudo isso aqui. Ele pode vir a hora que quiser. Ele não tem que ficar avisando quando ou porquê ele decidiu visitar uma das suas filiais.

- Você já o viu? - perguntei.

- Ninguém aqui nunca viu esse cara. Talvez o Luciano tenha visto o cara, mas acho difícil.

- De onde ele é?

- Parece que é sueco. O nome dele é Jonah Godsson.

- Nome interessante.

Quando era final da tarde, e eu estava pronto para ir embora, o telefone tocou.

Uma voz de mulher do outro lado da linha falou com uma voz impessoal.

- Marcus?

- Sim.

- O senhor poderia comparecer ao trigésimo terceiro andar, sala cinco?

- Qual o motivo?

- O senhor Godsson deseja falar com o senhor.

Olhei ao redor para ver se ninguém estava ciente do convite que eu acabara de receber.

- Já estou subindo.

- Ok, obrigada.

Eu jamais havia visitado o trigésimo terceiro andar.

Saio do elevador, viro a esquerda e dou de cara com uma porta de vidro automática.

A porta abre.

- Senhor Marcus? - ela pergunta vestida em um uniforme azul e com o cabelo preso em um coque baixo.

- Sou eu.

- À sua direita, subindo as escadas, terceira porta a esquerda.

- Obrigado.

Ela sorri um sorriso econômico.

Subo as escadas, viro a direita, chego a terceira porta a esquerda e bato três vezes.

- Pode entrar - soa uma voz de barítono.

Abro a porta e encontro um homem sentado na cabeceira da mesa oval de madeira, com o cabelo castanho claro, penteado para trás, barba cerrada, nariz forte, olhos castanhos e sobrancelhas grossas. Estava vestido com um terno, na definição real da palavra - calça, colete e casaco - de linho bege, camisa branca e uma gravata de seda cor de ouro velho.

Ele levanta e apertamos as mãos.

- Boa tarde - ele diz com um sorriso genuíno no rosto - por favor, sente-se.

Eu sento na outra cabeceira da mesa.

Aquela era uma sala reuniões comum. Paredes brancas, chão de carpete, e uma tela retrátil para projeções.

- Acho que já nos conhecemos - ele diz.

- Sim, mas da última vez que eu o conheci, você usava cabeça raspada.

Aquele era Toth, ou Hermes, ou Mercúrio, o nome dependia do tempo e do lugar que ele estava. Ele era um neheliin. Em nosso mundo, um neheliin é o que mais se aproxima do conceito de semideus. De todos, esse agora que se denominava Jonah, era o

único do qual não sabíamos da paternidade ou maternidade divina. Ele era filho de algum dos três deuses, ou Regina, ou Max, ou Serena, mas ninguém sabia de qual, e ele fazia questão de esconder essa informação de todos.

Os neheliins também são chamados de príncipes. Desta forma, eu estava diante da realeza, e deveria ter bastante cuidado com o que fosse falar.

- Sim, mas os tempos mudaram. Além do mais algumas pessoas achavam que eu era monge budista, hare krishna ou estava fazendo quimioterapia. Então achei melhor deixar o cabelo crescer. É engraçado que todo mundo achava que eu não tinha cabelo.

- Por que estou aqui? - pergunto da forma mais polida que posso.

- É uma pergunta justa - ele disse apoiando os antebraços na mesa.

- Eu vi a sua ficha.

O português dele era perfeito, mas isso não me admirava. Éramos todos políglotas, mas alguns, como ele, eram capazes de falar vários idiomas sem o mínimo sotaque. Concluí que ele encarava isso como uma espécie de arte.

- Você fez matemática pura em São Carlos.

- Sim.

Ele sorri.

- Qual problema de Hilbert você escolheu?

- O dezesseis.

- Boa escolha.

- Mas alguém como você não precisa se preocupar com isso.

Você praticamente inventou a matemática.

- Inventar a matemática não significa ser dono dela.

- Então...

- Não, eu não resolvi os problemas de Hilbert.

- Isso não faz sentido, você é...

- Filho dos deuses, eu sei. Mas parece que a matemática não se importa com isso.

A porta se abre, e uma senhora de uniforme de copeira entra carregando uma bandeja inox com dois copos de água e duas

xícaras de café.

Ela deposita a bandeja na mesa e começa a nos servir.

- Obrigado, Rita - ele diz.

- De nada, seu Jonah - ela responde.

Ela se vai e aporta se fecha.

- Por que estou aqui?

- Você parece bem adaptado a estes novos tempos. A sua forma de agir, falar, movimentar, tudo perfeitamente adaptado. Mas sim, você quer saber por que foi chamado aqui. Huummmmm, parece que temos um Rompe Véus entre nós, e parece que ele trabalha aqui, neste prédio. É isso mesmo?

Ele tomar um gole de café.

- Ele trabalha no laboratório junto comigo.

- Como ele é?

A pergunta é genuína. Não há segundas intenções nela.

- Forte. Ele nocauteou um querubim e venceu um serenita em uma queda de braço.

- Não me diga.

Ele une as pontas dos dedos das mãos e faz uma pausa.

- Mas como ele é? Quero dizer, como é o caráter dele?

- É um homem bom, comum, simples, paciente, bom amigo.

Ele balança a cabeça positivamente ao mesmo tempo em que extrapolava algo que eu não tinha a menor ideia do que poderia ser. Em Roma, eu o conheci como Mercúrio, com chapéu com asas nas laterais, uma tanga que cobria pouco, sandálias aladas - as quais ele não precisava para voar - e um caduceu, o qual não passava de um ornamento sem nenhuma utilidade prática. Vê-lo daquela forma me dava uma nova perspectiva do significado de adaptar-se aos novos tempos.

- Eu quero que você o observe e me envie relatórios sobre ele.

- Só isso?

- Ah, e é claro, mantenha-o vivo.

- Mantê-lo vivo?

- Nem todos nós queremos que o véu se rompa, Yani.

- Alguns de nós querem que as coisas continuem exatamente como estão.

- Você quer que as coisas continuem como estão?
- Não sei. Isto é bem mais complexo do que você pode imaginar.
- Os deuses já sabem?
- Já.
- E o que eles irão fazer?
- Nada.
- Como assim, nada?
- Eles não irão interferir, foi o que me disseram. Tudo deve seguir seu curso natural, foi o que Regina disse.
- E Serena?
- Ela diz que não se importa.
- E Max?
- Ele diz que com véu ou sem véu, sempre vai haver diversão.
“Uma resposta típica de um deus com tendência a insanidade.”
- Então, se eu entendi bem, eu devo lhe enviar relatórios sobre o Rompe Véus e devo assegurar a integridade física dele.
- Exatamente.
- Entendi.
- Ótimo. Então acho que nossa reunião acabou.
Eu espero que ele se levante e só então me levanto. Quando se está diante da realeza, todo cuidado é pouco.
Apertamos as mãos.
De repente o aperto de mão dele fica mais forte.
- Ah, eu me esqueci de dizer - a face jovial e sorridente desaparece, e é substituída por uma antiga e sombria - que a sua integridade física depende do seu sucesso em manter o Rompe Véus vivo. Assim, se eu fosse você, Yani Temujin, eu levaria esse trabalho bastante a sério.
- Entendi perfeitamente, alteza.
- Ótimo - ele diz, e a face sorridente e jovial volta à cena - Até mais.
Eu saio com a mão direita dolorida.
“Eu odeio príncipes, eu odeio a monarquia e eu odeio os deuses”, foi o que pensei ao descer as escadas.

Fo final do dia, na saída do prédio, de mochila, igual a mim, encontrei César se dirigindo para o ponto de ônibus.

- Onde você tava? - ele pergunta.
- Reunião.
- Reunião?
- No trigésimo terceiro andar.
- Com quem?
- Com o dono da REDSTAR.

- Uau! Cacetada! Mas por que ele queria falar com um zé ninguém que nem você? Quer dizer, você entendeu, né? – ele fala tentando se desculpar do zé ninguém.

“Entendi que eu acabei de dizer que você era um homem bom e você acabou de dizer que eu sou um nada. Sorte sua que estou sendo ameaçado por um semideus para manter você vivo. Caso contrário sua noite não iria acabar muito bem, meu caro amigo César.”

- Ele me pediu um favor.
- Ce tá brincando, né? Esse cara deve ser um dos caras mais ricos do universo. Que favor alguém como você poderia fazer pra ele?

“Manter você vivo.”

- É uma informação confidencial. Não posso falar pra você.
- Acho que cê tá inventando isso.
- Estou sim. É brincadeira.
- Tsc, sabia. Então? Onde você estava?
- Cheirando cocaína no banheiro.
- Ah, bom.

Por uma pequena abertura em sua mochila, uma aranha azul metálica de oito olhos coloridos entra.

“Observe e, se necessário, defenda nosso amigo, minha pequenina.”

A aranha de metal o observaria e, caso alguém achasse que César não precisaria mais ocupar espaço neste planeta, ela poderia crescer até cem vezes para defendê-lo. Ele ficaria tremendamente assustado, isso é verdade, mas pelo menos continuaria vivo.

Minutos depois, sem saber que estava levando em sua mochila uma terrível guarda-costas, ele pegou o ônibus e se foi.

Afastei-me do ponto de ônibus e fui em direção ao quiosque fechado que não ficava muito longe dali. Dei a volta, passei por uma dobra de papel e cheguei em casa.

Cansado e irritado, joguei minha mochila no chão e sentei-me em minha poltrona reclinável recém-comprada.

Reclinei-me, fechei os olhos e comecei a pensar em formas de matar Jonah Godsson. Eram pensamentos puramente retóricos. Em qualquer cenário ele arrancaria minha cabeça em uma fração de segundos. Ele era provavelmente a criatura mais rápida deste mundo e provavelmente também uma das mais inteligentes. Mas isso não me impedia de sonhar em arrancar sua pele e fazer dela um lindo abajur.

Quando estava começando a relaxar, eis que ouço batidas na porta.

“Quem eu tenho que matar para ter um minuto de paz?”, perguntei a mim mesmo.

Abro a porta e dou de cara com Linda Carter.

Sua pele estava perfeita, sem manchas ou sinais. Os cabelos castanhos escuros estavam sedosos, longos, ligeiramente ondulados. O corpo estava esguio, como se ela tivesse sido esticada em uma cama de tortura.

- Linda Carter, há quanto tempo.

- Ai chuchu, nem te conto - ela diz já entrando sem ser convidada e acendendo todas as luzes.

- E então, o que me conta de novo? - pergunto tentando soar polido.

- Você tem sal aí?

Ela vai para cozinha a procura do pó branco.

Quando chego lá, ela já está com saco de sal em uma mão e uma colher na outra.

De uma gaveta, eu tiro um prato e dou para ela.

O sal é colocado no prato e ela começa a comê-lo com a colher, como se estivesse tomando uma sopa.

- Por favor, sente-se - eu digo, observando o sal ser comido a colheradas.

- Cê num tá achando estranho eu comer esse sal todo?

Ela se senta.

- Deveria?

- Amore, sabe quanto tá minha pressão?

- Não.

- Dez por seis.

- Você está com pressão baixa.

- Pois é, chuchu, mas eu tô comendo um quilo de sal por dia!

- Meu nome é Marcus, não é chuchu.

- Ai, tô fazendo a íntima, desculpa.

E o sal vai sumindo.

- Você parece bem.

- Pois num é? Esse sal todo deve tá fazendo bem pra mim.

- Você já pensou em viver em outro lugar? - pergunto, ignorando todo o sal que está sendo consumido.

- Claro, né meu bem? Um apartamento lindo, cobertura, todo luxo, ia ser o máximo.

- Você já pensou em viver perto do mar?

- Nossa, que coincidência. Sabe que eu não paro de pensar nisso? Todo santo dia, eu sonho com água, rio, mar, é uma coisa de louco.

- Que coisa.

- Um dia desses eu sonhei com um bofe, que você não faz ideia.

Um escândalo!

O sal acaba.

- E vocês tiveram relações sexuais?

- Nossa você fala dum jeito tão seco.

- Vocês tiveram relações sexuais? - eu insisto.

- Ai, infelizmente não. Não rolou. - ela fala decepcionada.

- Você sente sede?

- Sim.

- Você sente fome?

- Muito pouca. Tô comendo tão pouco que acho que vou sumir. E sabe o que é estranho?

- O quê?
- Essa vontade de comer sal foi depois que eu vim aqui e... você sabe.

- Não, não sei.
- O negócio da AIDS e tal.
- Ah.

O que eu não havia dito para minha cara Linda Carter é que eu a havia curado utilizando um encanto antigo e com consequências um pouco dramáticas para quem se submete a ele. Ao invocar o nome de Kanora, rainha da Semúria, eu havia selado o destino de Linda. O preço para se curar de uma doença incurável? Tornar-se semuriana. Pois é. Eu sei, eu sei, eu deveria ter dito isso a ela, mas... Eu sou Yani Temujin, e às vezes faço esse tipo de coisa. Tomo decisões a revelia daqueles que serão afetados por elas.

- Seus pais são do Piauí, é isso?
- É sim.
- Eles moram na praia?
- Não.
- Eu aconselho que você os convença a se mudarem para a praia.

- Por quê?
- Aconselho também que nas próximas semanas você resolva todas as pendências que você porventura tenha.

- Num tô entendendo.
- Linda Carter, veja bem. Viver na praia é mais saudável. E resolver pendências é sempre uma boa coisa.

“No seu caso, eu calculo que você tenha no máximo mais três semanas.”

- Do jeito que cê fala parece que eu vou morrer.
- A gente nunca sabe quando nossa vida irá mudar radicalmente, e para sempre.

- Você tá sabendo de alguma coisa que eu não sei?
“Querida, semúrios vivem nas profundezas do mar, não em apartamentos.”

- É apenas um pressentimento.

- Ai, que susto. Quase faleci agora.

- Mais sal?

- Tem aí?

Abro o armário e ela vê outros dez sacos de sal marinho. Os olhos dela brilham.

- Você adivinhou que eu vinha?

- Tive um pressentimento.

- Menino, tu é médium.

“*Também.*”

CAPÍTULO 20

Quando um neheliin ameaça sua integridade física, é preciso tomar providências.

A primeira providência era visitar um certo rei avesso a visitas inesperadas.

Coloquei um mapa no chão e sobre ele parei um pêndulo de cristal picto e esperei que ele se movesse. Para minha infelicidade, ele apontou, sem hesitação, para o continente africano, mais precisamente, África do Sul.

Não foi fácil chegar àquele lugar. Em mil novecentos e noventa e sete o olho que tudo vê, o googlemaps, ainda não havia mapeado o planeta. Não havia um streetview para todos os lugares do mundo.

Depois de vários dias pesquisando em várias bibliotecas, finalmente conseguir uma boa foto do lugar para criar uma dobra de papel que me levasse até lá.

56 Darling Street, Cape Town, Western Cape, South Africa, é o que dizia na foto. Era o lugar que o cristal picto havia me indicado como atual porta de entrada para o reino de Ghob, o rei dos pictos, o senhor dos ferreiros.

Quando cheguei lá, foi por uma fração de milímetros que não fui atropelado. Devido a uma imprecisão minha, a dobra me fez aparecer no meio da avenida. Felizmente há uma diferença de cinco horas de fuso horário ente São Paulo e a Cidade do Cabo. Assim, quando cheguei lá, já eram três horas da madrugada e havia poucos carros em circulação.

A buzina do pequeno caminhão soa furiosamente no meio da madrugada, e o motorista irritado me gritou alguma coisa em africânder.

À minha frente um grande prédio antigo em estilo nitidamente greco romano. Na fachada, duas faixas verticais com a cara risonha de Nelson Mandela. Sim, eu estava no lugar certo.

Agora vinha a parte mais difícil. Como encontrar a entrada para o reino dos pictos?

Deveria haver alguma marca, discreta, provavelmente no meio fio, ou próximo dele, com a chave para abrir um portal.

Depois de quinze minutos examinando meticulosamente a calçada e o meio fio, encontro um pequeno quatro com uma das pontas finalizada com um pequeno círculo, e a outra finalizada com um pequeno traço perpendicular.

Da esquina vejo dobrar um carro de polícia.

Encosto meu joelho direito no chão, e cubro a marca com a palma de minha mão direita.

- Trago presentes para o rei que já tem tudo – eu digo antes que o carro da polícia se aproxime.

A marca se acende, a luz vaza por entre meus dedos, o chão se abre, e repentinamente estou em uma sala com o chão, parede e teto de mármore impecavelmente branco. Em uma das paredes, uma porta de jade sem fechadura ou maçaneta. Nesta, em alto relevo, a mesma marca da calçada.

Agora é esperar. Quanto tempo? Quem vai saber?

Quanto tempo se passou eu não sei, mas foi o suficiente para me fazer sentar, assumir a posição de lótus completa e entrar em alfa.

Ouçõ então uma voz adolescente.

- Que presentes você tem para o rei Ghob?

Ela parece uma adolescente. Descalça, morena, com cabelos na altura do ombro, da cor do ouro envelhecido. Capacete de mineiro na cabeça feito de um material luminescente, macacão de tecido grosso, bege, com manchas aqui e ali, luvas grossas, ela aparenta estar fantasiada. Mas ao ver que ela carrega na mão direita uma picareta com metade do seu tamanho como se esta fosse de isopor, qualquer um entenderia que aquilo não era uma fantasia. Em seu pescoço vejo as tatuagens que provavelmente estão espalhadas por todo o seu corpo. Tatuagens que renderam aos outros como ela o nome de pequenos pictos.

- Uma única pedra preciosa.

- Que tipo de pedra?

- Uma pedra muito especial.

- É bom que seja mesmo.

Eu me levanto.

- Siga-me, Yani Temujin. O rei está curioso para saber o que você traz.

A porta de jade se abre, e me vejo dentro de um elevador de metal com um painel que indicava cento e quarenta e quatro andares para baixo.

A adolescente aperta o cento e quarenta e, sem aviso algum, o elevador se precipita como se os cabos que o sustentavam tivesse sido cortados.

Enquanto caímos, ela me olha, esperando algum tipo de reação vexatória. Eu não lhe dou esse gosto. Recusei-me a perder face perante aquela clara demonstração de sadismo infantil.

Quando pensei que íamos morrer esmagados pelo choque com o chão, o elevador desacelera como se a gravidade tivesse sumido. Depois, lentamente, ele pousa.

A porta do elevador abre para a esquerda.

Ela sai primeiro, eu a sigo.

Encontro-me em um salão de chão de mármore branco, impecavelmente limpo, do tamanho de um estádio de futebol. No salão, inúmeras colunas negras, com o diâmetro de um elefante, se erguem em direção a um céu pedregoso.

Andamos um pouco e chegamos até uma barra de ferro na qual estão estacionados vários patinetes.

Ela pega um deles. Eu faço o mesmo.

O chão é impecavelmente plano e liso como um espelho. Com poucos impulsos é possível percorrer dezenas de metros. No caminho vejo escadarias que se projetam para baixo. E delas vejo saindo e entrando, sem parar, outros adolescentes vestidos com macacões e com desproporcionais picaretas em punho.

A música de fundo é o som de metal contra metal, de rocha contra metal, de rocha sendo serrada, de metal líquido sendo resfriado repentinamente, tudo isso em um ritmo constante, nem muito rápido e nem muito lento. Vez por outro vejo clarões se projetarem das escadarias.

Aqui e ali, flutuando, lapidadores descalços, vestidos com camisetas brancas, aventais brancos, e calças de couro curtido, a

examinar e imperfeições de pedras preciosas que levitavam ao redor destes.

Nenhum deles nota minha presença.

Depois de dez minutos chegamos a uma enorme estrutura cilíndrica com uma imensa escadaria ascendente.

Ela sinaliza para que eu, assim como ela havia feito, estacione o patinete em uma barra de ferro que está próxima.

- Essa escada é bem grande - eu digo.

- É sim.

Ela fica em pé no primeiro degrau e pede para que eu me junte a ela.

- E agora? - pergunto.

- Segure-se.

- No quê?

- Em mim.

A imensa escadaria começa a se mover como uma fantástica escada rolante. Para não cair sou obrigado a me segurar nela. Ela não se move. O que não é nenhuma novidade. Pequenos pictos, quando assim desejam, se estiverem com os pés no chão, são virtualmente irremovíveis. Em segundos chegamos ao topo da estrutura cilíndrica.

Lá encontramos um adolescente com short estilo surfista, descalço e sem camisa. Vê-se em suas tatuagens, assim como em todos os pequenos pictos, um estilo notadamente celta. À sua frente, uma mesa maciça de mármore branco esculpido de uma única peça. Sobre a mesa, estendida, a planta de alguma espécie de fábrica. Ao seu lado, outros dois adolescentes também vestidos com estilo surfista, também a examinar detalhes da planta.

- Alteza - eu digo.

Ele tira os olhos da planta e para a conversa com os outros dois.

- Você tem algo para mim? - pergunta Ghob.

- Sim.

- Então me dê.

- Em troca de um serviço dou-lhe um presente - digo a fórmula padrão para que ele fique obrigado a fazer o que vou pedir em seguida.

- Se possível de ser feito o pedido for, seu presente será aceito - ele responde à fórmula.

Eu tiro de minha jaqueta uma pedra da vida, me aproximo da mesa, e coloco-a em cima da planta que ele estava a analisar.

Ela brilha como gim tônica fosforescente.

Os olhinhos milenares de todos eles começam a brilhar.

- Como conseguiu isso? - pergunta o rei.

- A pergunta de um milhão de dólares.

- Como a conseguiu? Você roubou esta pedra de Merlim?

- Sou audacioso, não louco - eu respondo sorrindo.

- Então como?

- Digamos que eu conheço alguém que pode mergulhar em um poço de água da vida.

- Impossível. O único que consegue mergulhar naquelas águas e não ser dissolvido por elas é Merlim.

Eu também acreditava nisso, caro rei, mas conheci uma certa menina, de nome Andreza que também é capaz disso. Assim como Merlim, que um dia foi um menino chamado Rato, que viajou durante anos com a dragonesa de jade, Arrukzalanokai, Tiamat, hoje chamada Isabela, encontrei outra criança que também é capaz de mergulhar no poço sagrado dos barbalaras. Mas você não precisa saber de nada disso.

A mãe desta criança precisou outras vezes que eu cuidasse dela, e adivinhe só, em uma dessas vezes, ela acidentalmente caiu no poço. Quer dizer... Eu a empurrei no poço. Mas foi sem querer, acreditem em mim. Felizmente ela sabia nadar. Sim felizmente pois quando eu a empurrei, quer dizer, quando ela caiu acidentalmente, esqueci de perguntar se ela sabia nadar. Para minha felicidade, ela se mostrou uma amante da água e, segundo ela, era possível respirar dentro água da vida. Isso não é incrível?

Pois bem, eu pedi que ela mergulhasse até o fundo do poço e pegasse algumas pedras.

Metade das pedras ficou comigo, a outra metade ficou com ela. Mas é claro que Ghob jamais saberia que Andreza guardava em uma linda caixinha com corações vermelhos pedras de valor incalculável.

Caso contrário as consequências para ela seriam nefastas. E eu perderia minha fonte de pedras da vida, é claro.

- Digamos que eu descobri uma forma de consegui-las, sem a ajuda de Merlim.

- O que quer em troca desta maravilha? - pergunta o rei.

- Cinco anéis bússola.

Eles olham para mim com uma cara pouco amistosa.

- Meu rei, isto é um disparate - fala um dos surfistas ao seu lado
- certamente...

Ele levanta a mão direita e sinaliza com o indicador e o dedo anular. Um claro pedido de silêncio.

- Bem, vocês sempre podem tentar a sorte com Merlim.

A inimizade entre Ghob e Merlim era antiga e conhecida por todos. Ambos eram apaixonados pela dragonesa de jade, mas era a Merlim que ela amava. E lembrar disso sempre o deixava furioso.

Eu tento pegar a pedra de volta, mas meu pulso é seguro por uma mão jovem, adolescente, mas com a força compressora de uma morsa.

Os ossos do meu antebraço direito estalam. A dor da fratura me apunhala, mas meu rosto não trai minha dor. Perder face é a última coisa que eu precisava naquele momento.

- A pedra fica. Você terá seus anéis - ele diz isso e, graças aos deuses, solta meu antebraço.

- Grato, alteza.

Faço uma medida e me preparo para me retirar com meu braço quebrado.

- Soube da existência de um Rompe Véus na sua cidade - ele fala descontraidamente - Como ele é?

- Mortal.

- O que ele tem de especial, além da força?

- É uma mortal comum, alteza - sinto uma pontada no braço.

- Ele é seu amigo?

- Pode-se dizer que sim.

- Você acredita nas lendas?

- Com ou sem um Rompe Véus, a palavra final é dos deuses, alteza.

- Sim, sim, a palavra final é dos deuses. Bem, quando os anéis estiverem prontos eles serão entregues na sua morada. E mais uma coisa.

- Sim, alteza?

- Este encontro nunca aconteceu.

- Que encontro? - eu respondo em tom de cumplicidade.

Ele faz um sinal de quase desprezo, com a mão direita, que sinaliza para mim que minha audiência acabou.

Eu repito a mesura, e minha acompanhante me escolta para fora do reino de Ghob. Mas dessa vez, ao longo do caminho, todos os olhares estão direcionados para mim. Em seus rostos falsamente adolescentes, eu vejo nitidamente a pergunta, *"Como foi que este feiticeiro conseguiu uma pedra da vida?"*.

E eu devolvo o olhar deles com uma expressão que diz, *"Shit happens"*.

Do lado de fora, no número 56 da Darling Street, eu respiro o ar da madrugada e ele parece doce.

"Até aqui, tudo bem."

Duas semanas depois, chega à minha casa, em uma caixa de papelão do correio, uma linda caixa de mogno, forrada com veludo negro, em estojos separados, cinco lindos anéis bússola. Um anel bússola tem várias utilidades. É para um feiticeiro o que uma máquina de costura é para uma costureira, comparando mal e porcamente.

O segundo passo seria ainda mais difícil do que pedir ao rei dos pictos que concordasse em forjar cinco joias altamente cobiçadas no mercado da magia. Eu deveria convencer César, o Rompe Véus, a usar um deles. Para minha sorte, ele já usava um anel que dizia ser do seu falecido bisavô.

Então, em um dos nosso almoços, em um restaurante por quilo, na região da paulista, extremamente barulhento, em que as pessoas, incapazes de falar como seres humanos, optavam por se expressarem de forma simiesca como se estivessem em alguma jaula de zoológico, sem que ele percebesse, eu fiz a troca.

- Esse seu anel é muito bonito mesmo, César.

- É do bisa. Sempre me deu sorte.
- Tenho certeza que sim.

Um gesto, e a troca foi feita. E a aparência do anel? Anéis bússola adquirem a aparência que seu usuário quer que eles tenham. Em sua memória, o anel na sua mão direita, era o anel de seu avô. Então, assim que o anel tocou sua pele, tomou a forma do que já estava lá.

Por uma fração de segundos tive dúvidas se a troca ia dar certo, mas os pictos são os melhores ferreiros deste universo, ou seja, era um medo infundado.

É óbvio que antes de fazer a troca realizei um pequeno encanto sobre o anel bússola que César estava usando. O que ele estava usando era na verdade um localizador mágico.

Depois de a manobra ter sido feita com sucesso, pude almoçar tranquilamente, e mesmo toda aquela gritaria daqueles símios, já não me perturbava mais.

- Cara, cê não vai acreditar. Recebi uma carta da Mira - disse Rodrigo bastante empolgado com o fato - Sabe da onde? Do Havaí cara! Ela me convidou para passar férias lá! Não é du caralho?

- É ótima notícia - disse sorrindo.

- Ótima notícia porra nenhuma. É du caralho!

Naquele lembrei-me das palavras da Mulher Confinada.

“Há níveis de vulgaridade e baixeza que nem mesma eu posso suportar.”

Acho que estou começando a entender o que você quis me dizer, Mulher Confinada. Mas vendo-o falar, gesticular, dizer palavrões e sorrir honestamente, concluo que ele é um bom homem e acima de tudo é um homem autêntico. Fosse ele um homem bonzinho e dissimulado, não teria durado um dia em minha companhia. Provavelmente iria parar no necrotério, vítima de um terrível atropelamento, no qual um ônibus o arremessaria no ar e ele cairia no asfalto a uns dez metros de distância. Mas Rodrigo era autêntico e bom, e isso o fazia digno de almoçar ao meu lado sem o risco de engasgar até a morte. Ah, por favor, não seja tão sensível, estou apenas tergiversando.

Sinto meu próprio anel bússola esquentar. Ele se torna vermelho, depois púrpura. Um péssimo sinal. Ele me alertava da proximidade de vampiros, súcubos e, ou, íncubos. A pior combinação possível para uma aglomeração de mortais.

Olho ao redor e não consigo identificar ninguém que se encaixe no perfil de criaturas que se alimentam de seres humanos. Concluo que se eles estavam ali, estavam no andar de cima.

- Pessoal, acho que vi uns amigos da faculdade subindo a escada. Vou falar com eles. Acho que vou demorar. Se quiserem, podem ir sem mim.

Despedi-me e fui para o andar de cima.

Em uma mesa, com roupas escuras, com os pratos intocados, Kazenora e Serimandos. Ela, uma vampira, ele, um íncubo. Ela, uma mulher jovem, rosto quadrado, cabelos muito pretos, longos, e a pele, surpreendentemente, bronzeada. Ele, também jovem, pele cor de azeite, cabelos grisalhos e rosto triangular. Ambos com olhos de um azul fantasmagórico, escondidos por lentes contato que os faziam ter uma aparência quase normal.

- Que belo casal.

- Por favor, Yani, não dê ideias para ela.

- Esse seu bronzeado é qualquer coisa de intrigante, Kazenora.

- Ah, o bronzeado? Querido, o protetor solar e a maquiagem nos libertaram.

- Mas a cabeça? Se você sair neste sol que está fazendo seu couro cabeludo vai pegar fogo, literalmente.

Ela se inclina para trás e pega um chapéu de aba larga que estava encostado na parede.

- É para isso que servem os chapéus.

A camisa de gola alta, manga comprida, e as luvas, deveriam realmente protegê-la do sol, mas eu não estava completamente convencido.

- Não gostaram da comida? - falo ao mesmo tempo em que ocupo um lugar na mesa.

- Temos um gosto refinado, Yani. Você sabe disso - fala Kazenora, lânguida como um gato.

- O que eu sei é que vocês não deveriam estar aqui nos expondo
- digo-lhes endurecendo minha voz.

- Relaxe, viemos apenas para observar seu amigo, o Rompe Véus - fala Serimandos.

- Com que intuito?

- Bem... Nós gostamos de como o mundo está - Kazenora fala me olhando nos olhos.

- Não temos o menor interesse em que as coisas mudem - fala Serimandos.

- Se as coisas vão ou não mudar é uma decisão dos deuses.

- Talvez. Mas será que um Rompe Véus não poderia influenciá-los? - ele pergunta.

- Se tivéssemos o conceito de blasfêmia, você teria acabado de falar uma - eu lhe digo.

- Talvez.

- Você parece tão humano - eu digo com sinceridade.

- Olhe mais de perto. Veja a textura da minha pele.

Eu me aproximo e não noto nenhum tipo de falha.

- Realmente perfeita.

- Resultado de uma boa dieta.

Por boa dieta Serimandos queria dizer uma oferta abundante de vidas humanas.

- Como está se livrando da perseguição?

- Esse é o ponto, Yani. Não há perseguição. Lembra daquela vez em Ávila quando suguei aquela serva... Qual era mesmo o nome dela? Fátima, Fernanda... Eu não lembro. Ela era uma serva sem nenhuma importância. Uma ajudante de cozinha. Mas mesmo assim a cidade inteira me perseguiu. Hoje eu posso me alimentar de uma dúzia de mortais e ninguém faz absolutamente nada. Cartazes de desaparecidos aqui e ali, mas é o máximo. E i caciattori di demoni? Nada. Simplesmente pararam de nos caçar. Não é máximo?

Para qualquer pessoa a forma de falar de Serimandos pareceria repulsiva. Mas nem eu e nem ele éramos pessoas no sentido literal da palavra.

- Perfetto - fala Kazenora.

- E onde você está encontrando essas pessoas?

- Nas ruas.

- Nas ruas?

- Sim. Debaixo de pontes, mendigos, viciados, moradores de rua. Aaaah, Yani, esse tempo, esse lugar, é o paraíso para gente com necessidades especiais como as nossas – Ele me olha esperando um sinal de aprovação de seu comportamento – Não importa de quantos eu me alimente, ninguém parece se importar. É realmente uma benção. Viva o século vinte! - ele bate nas próprias coxas em sinal de felicidade.

- É, viva – eu falo com menos entusiasmo.

- Mas eu estou falando demais de mim. E quanto a você? O que está fazendo? Um feiticeiro de guerra como você deve estar se esbaldando nesta cidade.

- Estou me adaptando.

- Muitos duelos?

- Alguns.

- Você sempre foi uma pessoa reservada. Eu não espero que me fale as barbaridades que anda fazendo nesta cidade – Ele me sorri um sorriso de cumplicidade.

Eu suspiro e sorrio de volta.

- Vejam, eu não quero que isso soe como uma ameaça, longe de mim, mas gostaria de não mais ver vocês, ou qualquer vampiro, súcubo ou íncubo, próximos do Rompe Véus.

- Estranho, porque isso soou como uma ameaça - fala Kazenora mostrando os caninos superiores.

- Para mim também soou como uma ameaça - fala Serimandos.

- Não, não, eu jamais faria isso. Sou um feiticeiro de guerra, é verdade. Trucido pessoas para passar o tempo, é verdade, mas eu jamais ameaçaria vocês. Afinal, nós nos conhecemos a tanto tempo, não é verdade? O que eu acabei de expressar foi um desejo, não uma ameaça. Vocês entendem a diferença, não entendem?

Coloco minhas mãos sobre a mesa e elas mudam de forma, tornando-se grandes, peludas e com garras.

- Você se acha muito especial porque é um guardião do Vale das Sombras, não é, Yani Temujin? - fala Kazenora com desdém explícito.

- O que eu acho, minha querida Kazenora, é que eu tenho dois mil anos de experiência em combate. E que já enfrentei coisas que você nem sonha que existem. Mas não, eu não me acho especial.

- Você acha que o mundo será melhor sem o véu? - Serimandos pergunta irritado.

- Não interessa o que eu acho. Fui incumbido da missão de proteger o Rompe Véus, e pobre daquele que tentar me fazer fracassar em minha missão.

Eu arranho o tampo da mesa, fazendo minhas garras penetrarem profundamente na fórmica e me levanto.

- Foi um prazer revê-los. Vocês estão ótimos.

- Somos criaturas da noite, Yani. Nos ameaçar pode não ser uma boa política - fala Kazenora.

- Não se preocupe, Kazenora. Eu enxergo muito bem no escuro.

CAPÍTULO 21

Estávamos no mês de dezembro de mil novecentos e noventa e sete. Nas conversas, tipicamente insípidas, daqueles que comumente trabalham em grandes corporações, foram acrescentadas perguntas como, "Onde você vai passar natal?", "Onde vai passar o Ano Novo?", "Vai viajar?". Ao longo dos dias, essas três perguntas eram realizadas várias vezes. A ordem era variável, mas eram sempre essas três perguntas. E as respostas eram, "Vou passar na casa dos meus pais, mas o Ano Novo...", "Vou passar na casa da minha família, mas o Ano Novo...", "Vou passar com meus filhos e o Ano Novo...". Os presentes que iriam ser comprados e o lugar da incrível viagem de final de ano eram grandes preocupações no mês de dezembro.

Além dessas questões, havia uma outra ainda mais tange. No final do século vinte, instituiu-se, nas corporações em geral, que no final do ano era necessário que todos se reunissem em um ritual chamado festa da empresa. Nesta festa além de gente bêbada e vexames na pista de dança, ocorre algo chamado amigo oculto, ou amigo secreto; a expressão muda, dependendo do Estado da federação em que você se encontra. O evento como um todo parece ser uma sequencia de acontecimentos vexatórios com o objetivo de não deixar dúvidas de que cada um que está ali tem uma vida completamente patética. Era provavelmente um dos eventos mais deprimentes criados pela espécie humana. E como cheguei a esta conclusão? Da única forma possível, participando de uma dessas festas da empresa.

No dia da festa de fim de ano da empresa acordei com a estranha sensação de estar ouvindo a grama crescer. Minha audição, olfato, visão, tudo estava mais sensível. Demorei alguns minutos para entender o que estava acontecendo. Até que ao me olhar no espelho entendi que era um momento de transição.

Minhas sobrancelhas estavam mais grossas. Minha pele morena havia perdido um pouco da sua cor. Meus olhos castanhos claros estavam se esverdeando. Os pelos do meu corpo estavam mais grossos e mais longos. Da noite para o dia, eu havia crescido um

centímetro. Era a mágica modificando meu corpo fazendo com que ele caminhasse cada vez mais para minha forma verdadeira. As pessoas iriam notar? Provavelmente não. Em uma cidade como São Paulo, as pessoas são tão autocentradas, que se todos os pombos da cidade sumissem, elas demorariam pelo menos seis meses para notar a desapareição das aves.

Abri a janela do meu quarto e inspirei profundamente. Fechei os olhos e me concentrei no silêncio da madrugada. Era um silêncio de coisas mortas. Um cheiro, quase imperceptível, que há muito eu não sentia, me passou pelas narinas. Couro, óleo essencial de lavanda, cinzas. Aquele seria um dia interessante, muito interessante.

Afastei-me da janela, fechei os olhos e todos os pentagramas invisíveis aos olhos mortais, desenhados nas paredes, se acenderam.

Aproximei-me da janela de novo. O cheiro havia sumido. Os pentagramas protegeriam a mim e ao meu lar, mas algo me dizia que eu não era o alvo daqueles que estavam a me vigiar.

Fui até a cozinha e de um dos armários retirei um pequeno estojo de madeira e uma caixa de metal, pintada com tinta fosca preta. A caixa e o estojo foram colocados, lado a lado, em cima da mesa. O estojo de madeira foi aberto sem problemas, estava vazio. Mas para abrir a caixa de metal tive que desfazer uma dezenas de encantos de proteção. Depois de cinco minutos, abri a caixa que continha meu tesouro particular. Três lindas pedras da vida. Joias feitas de pura mágica.

Uma delas seria o suficiente para realizar um encanto que, modéstia parte, é minha especialidade; a criação de mezmers. Mezmers são construtos de mágica. Um gato, uma serpente, uma aranha, a forma não importa. Eles parecem reais, mas não são. O problema é que para fazer um mezmer, o feiticeiro ou feiticeira, tem que tirar de si mesmo a mágica para mantê-los coesos. E isso gasta uma quantidade considerável de energia. Isso nos deixa vulneráveis, e é por isso que fazer uma belezinha dessas é um recurso utilizado somente em último caso.

O mezmer em forma de aranha que eu havia criado para proteger César deve ter durado duas semanas. Mantê-lo cem por cento funcional me exigiu um esforço considerável. Felizmente, com

o anel bússola em seu dedo, eu não necessitava mais de um mezmmer para monitorá-lo.

Hoje, entretanto, seria um dia em que eu necessitaria de não apenas um, mas de vários mezmers. E como se dá a construção de um construto? Bem, não se cria um construto do nada. Precisamos de uma base para fazer uma cópia. Em um dos cantos superiores da cozinha, habitava minha musa inspiradora. Uma ínfima aranha, que passava o dia inteiro parada. Com aquele ânimo, era um mistério para mim como ela conseguia se alimentar. Com um gesto delicado, eu a fiz flutuar até minha mesa e pousar gentilmente em cima de uma das pedras da vida.

Então, elegantemente, ela começa a se dividir em uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete cópias de metal. Sete era um número bom.

Devolvi-a a sua casa de teia, esperando que ela não tenha se estressado.

Suas cópias, obedientemente se encaminham para o estojo de madeira. E assim que fecho o estojo, uma alegria perversa me invade.

Infelizmente a pedra, sobre a qual minha musa inspiradora havia pousado, estava menor.

Bem, meu presente de amigo oculto já estava garantido.

No caminho para o trabalho, senti que estava sendo observado. Subindo a rua Augusta, na padaria, no metrô, no ônibus, olhos me vigiavam. E os donos desses olhos eram bons, pois em nenhum momento consegui identificá-los.

Meu anel bússola não identificava que César corresse qualquer perigo. E se esse fosse o caso, através de um mecanismo complicado de explicar para você que lê este relato, nossos anéis criariam uma dobra de papel instantânea que me levaria até onde ele estivesse.

Então não havia nada, com o que me preocupar, certo? Errado. Do lado de cá do véu, o jogo nunca está ganho. Todos nós sabemos que não é possível vencer. Tudo se resume a continuar jogando e, se possível, continuar de pé.

Já no elevador da empresa, vi que as expectativas para aquela noite eram grandes.

- Menina, hoje promete, hein? - disse uma mulher jovem com voz desagradável e sorriso forçado.

- Diz que vai até diretor - disse outra, igualmente jovem e com voz igualmente desagradável.

- Aí, quem é que vai pagar mico dessa vez? - disse um homem de meia idade que tentava esconder a calvície com um penteado estranhíssimo.

- Eu só espero que ninguém me venha com abridor de garrafa, pelo amor de Deus. Eu sempre compro um presente bacana e só recebo coisa escrota! - disse a primeira de voz desagradável.

“Talvez você seja o tipo de criatura que merece coisas escrotas.”

O dia transcorreu envelopado em fino filme de expectativa. Aqui e ali, no café, no almoço, em conversas incidentais, não havia outro assunto que não fosse a festa que aconteceria mais à noite.

No final do dia, o silêncio habitual do andar havia sido substituído por uma algazarra que rivalizava a que era feita no antigo Casino do Chacrinha, o qual minha mãe nesta existência era adicta.

Às dezoito horas em ponto, às pessoas do andar começaram a se retirar em massa.

Rodrigo se ofereceu para nos levar, a mim e ao César, ao local da confraternização. César não estava lá muito excitado para participar do ritual, mas Rodrigo não escondia sua felicidade.

- Porra meu! Essa festa vai ser demais! - ele dizia enquanto dirigia o Fiat Uno.

- Parece que sim - digo eu.

- Claro que vai! Tem um monte de mina que fica bêbada no final da festa. Daí é só escolher e catar.

- Puxa, que interessante - digo eu, sentindo uma certa repulsa.

- A Estela disse que vai.

- Mas ela não tá na Alemanha? - perguntou Rodrigo.

- Pois é. Eu falei com ela hoje de manhã pelo telefone. Também achei estranho, mas ela disse que vai.

- Talvez ela esteja realmente interessada em você - eu digo.
- Maior princesa, ela - fala Rodrigo.
- Eu fiz os cálculos. Não tem como ela chegar aqui a tempo – observa César.

- Os aviões estão cada vez mais rápidos – eu digo, fingindo não saber o quão rápido querubins são capazes de voar.

- Será? - pergunta César.

- Nunca se sabe.

À noite, depois de vinte minutos de viagem, chegamos ao lugar. Era um restaurante ligeiramente afastado, chamado Bela Signora. O chão do estacionamento era todo em pedra brita, o que já indicava o estilo rústico do lugar.

Assim que coloquei o pé direito no chão, os pelos de minha nuca se eriçaram.

- Vamo lá que elas tão esperando a gente – disse Rodrigo, me causando nova repulsa.

- Quem está esperando a gente? – disse fingindo não saber do que ele falava.

- É só um jeito de falar, Marcus. Porra, tu parece japonês. Leva a sério tudo que a gente fala.

Sem que eles percebam, abro o estojo de madeira que estava dentro da minha mochila, e minhas pequenas amiguinhas de oito patas saem em debandada. Assim que elas começam a andar, passo a ter vinte e oito pares de olhos extras.

À nossa frente, um bosque de bambus. Por dentro dele uma passarela de granito através da qual, provavelmente, chegava-se até o restaurante.

A grande quantidade de postes de luz dificultava um pouco minha visão. Mas não foi difícil ver um sniper posicionado em uma caixa d'água próxima, além de homens e mulheres escondidos nas sombras do bambuzal.

“Hora do show.”

O primeiro a ser neutralizado tinha que ser o sniper. O anel bússola poderia proteger César de um tiro, mas só se as balas daquele rifle não fossem encantadas. O sniper não nota quando o

mezmer se aproxima, e antes que ele possa fazer qualquer coisa, seu tronco é transpassado por uma perna metálica com uma pata afiada como uma espada.

No bambuzal a história se repete. Eles lutam, mas no final, minhas amigas os neutralizam. O cheiro de óleo essencial de lavanda se mistura ao cheiro de sangue. Eu não tinha mais dúvidas, assassinos de Badal Singe.

Badal Singe, a cidade prisão criada pela deusa Serena para abrigar criminosos de diferentes cidades do planeta. Uma cidade dividida entre assassinos e ladrões, e governada por Salu Aramagai, também conhecido como o Coração de Maré. Mas o nome cidade prisão, usado até hoje por nós imortais, é incorreto; pois Badal Singe não é mais uma prisão. A mágica que impedia que qualquer um pusesse os pés fora da cidade deixou de existir há mais de dois mil anos atrás, por razões que até hoje ninguém entende. Agora, todos são livres para entrar e, se não forem mortos, sair da outrora cidade prisão.

Depois de alguns assassinos trucidados, chegamos ao Bela Signora.

No teto do restaurante, um sniper. A mira dele está travada, provavelmente na cabeça de César. Ele puxa o gatilho, mas graças a mim, a arma não funciona. A arma é deixada de lado. Dali mesmo ele saltará e fará o trabalho a moda antiga. Mas antes que ele levante da posição de bruços que estava, uma perna de metal, tal qual um prego, o finca no lugar, não dando qualquer chance de ele concluir seu intento.

“Até aqui, tudo corre como esperado.”

- Tudo bem aí? - pergunta Rodrigo.

- Sim, sim – eu respondo.

- Cê num tá chapado, né?

- Não.

- O César aqui me disse que tu puxa uma carreira de vez em quando.

“Quem sabe eu não devesse puxar sua língua para testar a elasticidade dela.”

- É só de vez em quando - digo sorrindo.

Nós entramos. O espaço é amplo, com muitas mesas e está lotado.

- E o meu amigo oculto é... Glaucione! - escuto, de uma mesa distante, uma voz masculina falar.

E todos batem palmas e dão vivas.

Eu reconheço aquela que é chamada de Glaucione. É a mulher de voz desagradável que eu havia encontrado no elevador.

Ela sorri e agradece a todos como se tivesse ganho um prêmio Nobel. Ela abre o presente, e seu rosto parece que está derretendo.

- Gente, um abridor de garrafa! Ai, adorei, chefe!

Que atriz. O nobel ela jamais iria ganhar, mas o Oscar, esse, como se dizia na gíria, estava no papo.

Depois de caminhar entre o mar de mesas, achamos aquela em que estava Luciano, o bom pagador. Ao me ver, sua pressão sanguínea parecia ter se elevado ligeiramente. Eu nunca tinha feito ou dito nada que ou fizesse entender que eu sabia de suas atividades extracurriculares com travestis, mas por alguma razão, depois do dia em que eu fiz a descoberta, ele passou a me evitar.

Boa noite, disseram César e Rodrigo, ao tomarem seu lugar na mesa. Ele não disse nada. Continuou a tomar sua cerveja. Mas quando eu lhe disse boa noite, ele parou de tomar e cerveja e respondeu educadamente, boa noite.

- Tá rolando alguma coisa entre vocês dois? - me sussurra Rodrigo, ao meu lado.

Enquanto isso, lá fora, mezmers de aranhas de metal trucidavam assassinos de Badal Singe.

- O que você quer dizer? - pergunto fingindo que não entendi a pergunta.

- Você é o único do andar que esse cara respeita. Alguma coisa tá rolando.

- Nós fazemos sexo no banheiro depois do expediente.

- O quê?! - ele fala alto e todos o olham com cara de interrogação.

- Brincadeira.

- Ah, bom.

- Ele foi com a minha cara, sei lá. Talvez seja só impressão sua. Você é o rei das teorias de conspiração. Você deve tá imaginando coisas.

Na mesa da frente, uma ninfeta bronzeada de cabelos castanhos olha fixamente para César.

- Aí, ô César, a menina tá te secando - fala Rodrigo.

Luciano levanta.

Então já podemos começar o amigo oculto. Acho, que tá todo mundo aqui.

“E o meu amigo oculto é...”, eles falam uns para os outros e a cada presente recebido, um agradecimento para dissimular a decepção.

Através dos meus vinte e oito pares de olhos, vejo que os assassinos de Badal Singe parecem ter desistido da sua missão. O que é pura ilusão. Uma vez que eles aceitam o contrato, só desistem quando seu alvo é eliminado.

As baixas haviam sido grandes, mas mesmo assim eles não desistiriam.

Quem os havia contratado? Assassinos e ladrões de Badal Singe custavam caro, muito caro. Muito ouro havia sido gasto para convencê-los a aceitar a missão de matar o Rompe Véus.

A noite passa e tudo parece estar sob controle. César é atraído para a varanda pela ninfeta bronzeada. Lá eles conversam animadamente.

Mas quando penso que posso relaxar, cinco assassinos, vestido de couro da cabeça aos pés, com adagas em punho, furam o cerco dos mezmers e entram na confraternização. Logo atrás, gigantescas aranhas de metal. Desnecessário dizer o quão perturbador pode ser para mortais dar de cara com uma aranha de metal de um metro e oitenta de altura.

E eis que o véu entre os dois mundos é rasgado.

O pânico é generalizado. Copos e talheres voam, garrafas se precipitam ao chão, pessoas caem e são pisoteadas por outras completamente apavoradas. Gritos e mais gritos.

Não tenho saída a não ser assumir minha verdadeira forma, o que aumenta ainda mais o pânico entre os presentes.

Rodrigo, ao me ver passar de Dr. Jekyll para Mr. Hide, fica paralisado.

- Ah, não precisa fazer essa cara, né? - eu lhe digo.

Conjuro duas katanas de lâminas negras forjadas no Vale das Sombras. O ambiente era fechado, mas mesas já haviam sido tombadas e havia espaço para movimentação de espadas longas.

Meus mezmers conseguem parar três deles, eu dou cabo de outros dois.

Os gritos continuam.

Na varanda César está paralisado. Uma aranha de metal, está próxima. Ele não entende que ela está lá para protegê-lo, e por isso seu medo.

Eu abro caminho entre as mesas e cadeiras jogadas até a varanda. Assim que chego lá, sinto um sutil deslocamento de ar e minha katana desvia a flecha direcionada a cabeça de César.

Ao me ver, ele não sabe se está com mais medo da aranha ou de mim.

- Ah, você também? - eu pergunto.

Ele reconhece minha voz.

- É você, Marcus?

- Sim sou eu e...

A ninfeta bronzeada me olha e sorri.

- Maldição!!

Maldita vampira. Eu devia ter desconfiado de todo aquele bronzeado.

“Querido, o protetor solar e a maquiagem nos libertaram”, a frase de Kazenora me veio a mente.

Ela abre a boca pronta para morder o pescoço dele e rasgar a jugular.

Subitamente, ao lado de César, pousa uma figura angelical de cabelos castanhos avermelhados, de olhos azul cobalto faiscantes, embrulhada em um sobretudo branco e calçada em botas brancas. A vampira não tem chance. Uma espada vazada,

desproporcionalmente grande, se move na velocidade da luz. A cabeça da vampira rola, depois é o corpo que cai. Do pescoço, o sangue jorra.

- Estela? - ele pergunta sem acreditar.

- Eu disse que viria.

Outros assassinos se precipitam sobre nós, mas todos tem o mesmo destino da vampira. A querubim é impressionantemente rápida. Depois de uma eternidade de cinco minutos as ondas de assassinos cessam.

- Vão e cacem - eu digo para meus mezmers.

Um gesto meu e elas se tornam invisíveis. Os assassinos haviam desistido, mas era preciso enviar uma mensagem clara para os que haviam conseguido sobreviver àquela noite. Minhas mascotes iriam caçá-los e eles espalhariam a notícia.

- Feiticeiro, faça cair o véu, agora! - Estela me diz como se eu fosse um vassalo.

O que ela me pede é um encanto de esquecimento de longo alcance. É isso que eu faço.

Invoco as névoas de Mnemósine e elas alcançam todos que viram um mezmer, um assassino de Badal Singe, Estela, ou a mim, e retira de suas mentes essas imagens. Eles lembrariam de que algo incomum havia acontecido, mas não se lembrariam do quê.

Infelizmente as chamadas à polícia não poderia ser apagadas pelas névoas.

Quando os carros de polícia e as ambulâncias chegaram, um encantamento básico de ocultação os impediu de verem tanto os corpos dos assassinos de Badal Singe quanto a nós, eu, Estela e o Rompe Véus.

- Você voa? - perguntou César ao sair de sua paralisia auto imposta.

- Algo deu errado - ela me olha assustada - o Rompe Véus não foi afetado.

- Do que você está falando? - ele pergunta para ela.

Ela não responde.

Os policiais passam por nós como se nós não existíssemos. Eles veem mesas e cadeiras derrubadas, pessoas inconscientes e só.

Entre as pessoas inconscientes no chão estava Rodrigo. Menos mal, pensei.

- Eu invoquei as névoas para afetar mortais e o encantamento de ocultação deveria afetar apenas criaturas do lado de dentro do véu.

- Então porque o Rompe Véus não foi afetado? - ela pergunta.

- Ao que parece, ele está do lado de cá do véu.

- Ei, eu tô aqui - fala César - que negócio é esse de Rompe Véus? Nossa Marcus, tu tá esquisito pra cacete. Que cara é essa?

- Tem um monte de assassinos mortos, uma mulher degolada na sua frente e você está preocupado com a minha aparência?

- Que diabo tá acontecendo? Olha o tamanho dessa espada - ele fala para Estela - Você poderia ter cortado minha cabeça também.

- Você nunca correu riscos - ela responde friamente.

- Ei policial! Cê tem que perguntar pra esses dois aqui o que tá acontecendo.

Os policiais não respondem.

- Ei policial!

- Eles não podem ver você – eu lhe digo.

- Como assim?

Ao invés de responder, crio uma dobra de papel para o meu apartamento.

- Primeiro as damas - eu digo para Estela.

Quando ele a vê sumir, os olhos dele se esbugalham que nem dois ovos fritos.

- Puta que pariu.

- Agora nós dois.

Eu o puxo antes que ele tenha tempo de reagir. E assim que passamos pela dobra, os corpos dos assassinos começam a virar fumaça.

Em meu apartamento, protegido por dezenas de pentagramas, os quais ele conseguia ver, Estela, na cozinha, lhe explica demoradamente sobre as regras do nosso mundo. Enquanto isso, exausto, eu me sento em minha poltrona e durmo.

CAPÍTULO 22

Às seis da manhã sou acordado por cutucões de uma espada embainhada.

- Feiticeiro, acorde - ela diz em tom de ordem - Eu contei tudo a ele.

- Ah, que bom - eu respondo bocejando.

- Você fica daquele jeito quando quer? - ele pergunta.

- Daquele jeito como? - eu pergunto sorrindo.

- Você sabe, alto, peludo, cabelo de vassoura, roupa de couro, cor de vela, olhar de serial killer.

- Posso assumir aquela forma quando necessário.

Eu me levanto da poltrona.

- Então, o que faremos agora? - eu pergunto.

- Ele corre perigo. Você deve protegê-lo a todo custo.

- Eu já estou fazendo isso.

“*Contra minha vontade.*”

- Então não precisarei me preocupar.

- É, mas nunca se sabe...

Eu a olho tentando emular uma genuína preocupação. Ela o amava, estava claro. Então, por que não tirar vantagem disso?

- O que você quer dizer, feiticeiro? Fale - ela ordena.

- Se você ajudasse tudo ficaria mais fácil.

- Eu... - ela parece estar com dificuldade para formar a frase.

- Eu...? - pergunto eu.

- Eu...? - pergunta César.

- Eu precisaria de um meio eficiente para saber se você está em perigo - ela fala olhando para César.

Minha deixa. Com um movimento afetado, eu materializo um anel bússola.

- Onde conseguiu isso? - ela pergunta maravilhada.

- Segredos da profissão.

- Fale. Onde conseguiu?

O tom que ela usava para pedir as coisas já estava me dando nos nervos.

- De quem você é filha?

- Por que quer saber?
 - Fale - falo em tom de ordem.
- Ela se assusta com meu tom.
“*Viu só como é desagradável?*”

- Ariel.

A agulha do disco desliza pelo disco de vinil da vida e eu sinto uma sensação péssima. Ariel, o líder dos querubins. O mais terrível deles era pai daquela menina à minha frente. Apenas um pensamento me vinha mente, e era um pensamento emprestado de Rodrigo, “Eu tô fudido”.

- Você está me dizendo que é filha de Ariel, irmão de Aurora e Kara?

- Você parece conhecer bem minha família - ela fala com um tom de frieza que só os querubins são capazes.

- César, o pai dessa menina é um dos imortais que mais despreza mortais. Se ele souber que vocês dois estão... seja lá o que vocês dois estão fazendo. Ele vai... lembra daquela vampira sem cabeça lá no restaurante?

Ele balança a cabeça positivamente.

- Tá vendo essa espada imensa na cintura dela?

- Tô.

- Ele tem duas.

- Fudeu.

- Meu amor, o feiticeiro exagera. A fama de meu pai é imerecida.

- Ah é, mocinha? Então me diga. Você já contou pra ele que está apaixonada por um mortal?

Ela tinha trezentos anos, mas olhou para baixo como uma adolescente faria.

- Ainda não. Ainda não apareceu o momento certo.

- E sabe por que não apareceu o momento certo? Porque esse momento não existe!

Primeiro Toth, agora Ariel, o que está acontecendo? Que má sorte era aquela?!

- Dê-me o anel feiticeiro. É um anel bússola, não é? Um localizador?

- Sim.
- Dê-me.
- Dizer por favor não te mataria, sabia?
- Por favor.

Eu abro a mão direita e ela pega o anel.

- E onde está o anel dele? - ela pergunta.

Eu faço um gesto, e o ocultamento se vai. O anel do bisavô se torna um grosso anel de ouro com diamantes cuidadosamente ordenados para formar símbolos que só os pictos conheciam o significado. Era uma caixa preta. Nós feiticeiros sabemos como aquela caixa preta funcionava, mas porque funcionava, isso ninguém sabia.

Eu abro a mão esquerda.

- Aqui está o anel do seu bisavô.
- Cara, cê roubou o anel do meu bisavô? Cê tem a mão leve, hein?

- Tenho a mão leve e acabei de te salvar de um monte de assassinos. De nada.

- Aí, foi mal. Mas espera aí, por que não tô achando tudo isso uma loucura total? Por que estou tão calmo?

Ela segura o rosto dele.

- Meu amor, sua mente não consegue processar o que está acontecendo, então ela simplesmente aceita. Mas assim que o conhecimento começar a se assentar, aí, é possível que você ache tudo isso uma total insanidade. Mas quando isso acontecer, por favor, não tente se matar, ok? Com a ajuda deste anel, eu vou demorar no máximo um minuto para chegar até você.

- Eu vou me lembrar disso quando estiver tentando me matar - ele fala tentando tranquilizá-la, mas a frase soa estranha.

Fios de luz começam sair dos anéis deles e se entrelaçam no ar. Pronto, estava feito.

Ela ameaça beijá-lo.

- Ei, ei, ei, vocês estão na minha casa. Eu não sou obrigado a ver esse tipo de coisa. Se querem intimidade procurem outro lugar.

- Venha meu amor - ela diz segurando a mão dele - nos voaremos até sua morada.

- Vocês não vão voar coisa nenhuma. Já tivemos exposição demais por um dia.

Abro uma dobra de papel e sinalizo para que os dois passem por ela.

- E para onde esta dobra nos levará? - ela pergunta.

- Para os fundos de um quiosque perto da REDSTAR.

- É assim que você vai pra lá todo dia? - ele pergunta genuinamente curioso.

- Nem sempre.

Ela o puxa, eles somem e a dobra se fecha.

Ora, ora, nada mal, pensei eu. O Rompe Véus tem agora uma querubim para protegê-lo. Isso me deixava parcialmente livre da obrigação de ter que monitorá-lo vinte quatro horas por dia. Além disso, os cinco anéis forjados por Ghob estavam pesadamente infundidos com minha mágica. Ou seja, eu teria acesso aos dois sempre que quisesse.

Eu ainda estava esgotado. Mas vinte quatro horas de sono me restaurariam o espírito. Mas quando eu estava pronto para desabar em minha cama, eis que ouço batidas na porta.

“Isso só pode ser piada.”

Abro a porta e vejo um ser andrógono de rosto jovem, vestido com uma camisa branca, solta, calça jeans colada e botas. Consideráveis melhorias haviam acontecido desde a última vez que ela havia batido em minha porta.

- Ai, chuchu, eu sei que tá cedo, mas eu não sabia pra quem pedir ajuda.

- Entre, por favor.

Ela entra e vai direto para cozinha. Eu não preciso ser um oráculo para saber o que ela procura. Quando chego à cozinha, ela já está com um saco de sal marinho em uma mão e uma colher na outra.

- Onde você compra esse sal? É ótimo.

- Você disse que veio pedir ajuda.

- Tá acontecendo um babado estranhíssimo, chu... Marcus. Cê não gosta que eu te de chame de chuchu, mas eu sempre esqueço.

Pois bem, eu tava batalhando, tava com um cliente, no carro dele, quando no meio da situação o cara começou a dar defeito, sabe como é que é?

- Não, não sei - eu digo sonolento.

- Deu ziquizira nele.

- Elabore.

- O cara começou a vaziar.

- Vaziar?

- É, vaziar. Começou a secar.

- Ele morreu?

- Num sei. Saí correndo, né? Se o zaliban aparece, vô pra cana né?

- Zaliban?

- Polícia.

- Ah - eu digo arqueando minhas sobrancelhas - Você já pensou em ser uma sereia?

- Sereia? Claro. Que bicha nunca pensou em ser sereia, meu amor? Inclusive eu até tenho um vestido todo coberto de paetê azul, que me custou os olhos da cara, mas que é um escândalo.

As mãos estavam delicadas. O pescoço estava alongado. Até o formato das orelhas parecia ter sido afetado. A taturana havia se tornado uma borboleta. Era hora de nos despedirmos.

- Tem uma coisa que eu preciso falar para você, Linda Carter.

- É babado?

- Pode-se dizer que sim. Lembra a primeira vez que você veio até mim?

- Claro que lembro.

- Pois é. Sabe a cura das suas doenças?

- Sei.

- Eu não fui totalmente honesto com você.

- Como assim?

- Eu disse que não tinha nada a ver com a sua cura. Bem, eu menti. Além disso, eu esqueci de dizer que para curar você eu tive que realizar um encanto antigo.

Ela para de comer o sal.

- Em troca da sua cura, eu ofereci você como serva de Kanora, a senhora dos semúrios.

- Chuchu, não tô entendendo patavina do que você tá falando.

- Você conseguiu convencer seus pais a se mudarem pra praia?

- Claro que não. Meus pais moram na mesma casa há mais de trinta anos. Nunquinha que eles vão sair de lá.

- Entendo.

- Você resolveu suas pendências?

- Num tô devendo nada pra ninguém, se é isso que cê tá perguntando.

- Já é um começo.

Do armário da cozinha, eu retiro uma tigela de vidro, encho-a de água e coloco-a no centro da mesa.

- Por favor, coloque sua mão direita na água.

Ela faz o que pedi, sem entender o objetivo.

- Pronta para pagar o preço ela está - eu digo.

- Como é que é? - ela arregala os olhos.

Ela não tem tempo de reagir. Seu corpo se torna cem por cento feito de água. As roupas caem no chão.

- Chuchu, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? - ela diz aterrorizada olhando para as próprias mãos fluídas.

- Parabéns Linda Carter, você está pronta. Sentirei sua falta.

- Hã?

O rosto líquido dela demonstra desespero.

- Vaptízia! - digo a fórmula que a levará para as profundezas do mar Adriático.

A forma humana se desfaz e dá lugar a tentáculos de água. Delicadamente eles entram na tigela de vidro sem que ela transborde. Quando a última gota de Linda Carter entra na tigela, esta seca repentinamente.

A tigela é devolvida ao armário da cozinha, as roupas e as botas de Linda são recolhidas por mim e guardadas no armário do meu quarto, as persianas são fechadas, e eu desabo na cama.

Você deve estar pensando que o que fiz foi errado, não é? Mas antes de me julgar, é bom que você saiba algumas coisas sobre os semúrios para os quais enviei minha querida Linda.

Os semúrios são antigos, muito antigos. Aparentados dos atlantes eles estavam aqui muito antes da raça humana dar o ar da sua graça. Semúrios são bissexuais e poligâmicos e encaram o sexo como uma coisa tão natural quanto comer sal. Eu sei, comer sal não é uma coisa natural, mas para eles é. Em sua sociedade não existe o conceito de propriedade privada nem de dinheiro. Em Semúria há imensos depósitos de moedas e utensílios de ouro coletados de navios naufragados os quais só são usados nas relações com humanos. Mas entre eles mesmos, ouro e prata não tem valor algum.

O que estou tentando dizer a você, que porventura esteja querendo me julgar, é que enviei Linda Carter para uma sociedade em que ela poderá existir sem ser discriminada por questões de orientação sexual ou poder aquisitivo. Eu a enviei para um lugar onde ela poderá ser ela mesma, sem ter que pedir desculpas por isso.

E então, você ainda acha que o que eu fiz, foi errado? Ah, deixa pra lá.

Acordo dezesseis horas depois. É noite. Vou até a sala e faço algo que não faço há meses, ligo a televisão.

Nela vejo Dona Hilda na sua roupa de vaqueiro coberta por uma espécie de poncho vermelho.

Magra, ossuda, olhar de ave de rapina, magnífica.

Ela tocava as músicas que eu conhecia de cor.

Em minha poltrona, eu a vi produzir sua música incomparável que estava a ser ouvida por milhares, talvez milhões, de pessoas. Ela toca durante uns quinze minutos. Depois disso, as inutilidades televisivas tomam conta de tudo, e eu desligo aquele aparelho que quase nunca tinha uma informação útil a ser aproveitada por mim.

Desligo minha máquina de fazer doidos, que era como Dona Hilda chamava os aparelhos de TV, me levanto e me preparo para voltar a dormir. Mas eis que vejo um envelope próximo da porta.

É uma comunicação oficial. Eu abro o envelope e dentro dele está uma intimação da justiça. Para minha surpresa e estranheza, vejo que fui gentilmente convidado para fazer parte de um júri popular. A palavra júri me agrada, a palavra popular, nem tanto.

Esqueço a intimação e volto para minha cama.

Naquela noite, eu sonhei com Dona Hilda vestida da mesma forma que a vi na televisão.

- Ô Marcus, cê num pode ficá bulindo com a vida dos outros desse jeito.

- Eu sei. Mas às vezes é inevitável - eu disse a mentira da forma mais convincente que pude.

E no meu sonho, nós tocamos as guaranhas mais bonitas que já foram compostas pelos mais ilustres desconhecidos.

CAPÍTULO 23

A festa de fim de ano da empresa havia sido regada a assassinos de Badal Singe, aranhas gigantes, feiticeiros de guerra e querubins. Mas ao abrir a porta e ao olhar o semblante de todos do andar, não vi qualquer sinal de que meus colegas de trabalho estivessem, nem remotamente, sobressaltados com o episódio. As galinhas continuavam a programar em frente a monitores bege, sobre bancadas bege, sobre um carpete marrom escuro.

Entre eles, apenas um tinha um olhar que traía a existência de uma grande perplexidade, César Torres.

Enquanto eu caminhava em direção a minha mesa, ele me olhava. Dizia-me com aquele olhar que tudo estava mudado. Que ele sabia quem eu era, e que sabia que o preço de revelar a existência de nosso mundo era a morte.

Antes que eu chegasse à minha cadeira, ele baixou os olhos.

Eu não tive tempo para me sentar. Antes disso Rogério, O Cortez, visivelmente perturbado me impediu de ocupar meu assento.

- O chefe quer falar com você.

“O chefe quer falar com você”, no mundo corporativo, significa “Você está em grande perigo”.

Joguei minha mochila em cima da mesa e fui averiguar o que Luciano, O Rude, queria falar comigo.

Bati na porta e entrei antes mesmo que ele dissesse entre.

Ele estava no telefone a falar com alguém desagradável, eu supunha. Seu semblante estava pesado e irritado.

- Claro, claro - dizia ele.

Pausa.

- Não, não, nós não vamos parar entre o Natal e o ano novo. Já falei pra todos que esse ano não vai ter parada, não se preocupe. A data da implantação continua sendo dois de janeiro.

Diferente do que Luciano, O Mentiroso, estava explicando, algo me dizia que a decisão de não dar férias coletivas acabara de ser tomada naquele instante, e que nenhum comunicado havia sido enviado para ninguém.

- Claro, claro. Não se preocupe.

Pausa.

- Um abraço, pra você também.

Ele desliga o telefone sem pressa e me olha em seguida.

- Pode sentar.

Eu me sento ao mesmo tempo em que tento parecer preocupado com o que ele tem a me dizer.

- Marcus, cê não veio ontem.

- Não, não vim.

Ele pega um lápis verde mal apontado e começa a brincar com ele.

- Nós estamos com um prazo apertado. Esse tipo de coisa não pode acontecer. Você nem ao menos avisou que não ia vir. Olha Marcus, eu não quero parecer chato, mas esse não é o comportamento de uma pessoa comprometida. Você não pode simplesmente decidir que não quer vir e tirar o dia de folga. As coisas aqui não funcionam assim. Você é um bom programador. Nunca tive problemas com você, mas quando for faltar, você tem que avisar. Você não pode simplesmente sumir. Isso não é profissional, entende?

Eu cruzo as pernas e ouço o som do jeans, de cada perna, atritando um com o outro conforme elas se acomodam uma em cima da outra. Depois disso, eu suspiro e olho para o chão.

- Eu estava cansado, precisava dormir.

- Marcus, todo mundo fica cansado. Isso não é motivo para faltar.

- Pois é, mas depois da festa de anteontem, eu tive que me despedir de uma grande amiga. E isso me deixou um pouco abalado.

Ele não diz nada.

- Era uma amiga muito especial. Eu era o seu confidente.

- E foi por isso que você faltou?

A sala era um aquário, o que significa que, mesmo fingindo que não, todos estavam prestando atenção no que estava acontecendo lá dentro. Eles não podiam ouvir, mas segundo um estudo científico, a regra 7-38-55, 93% da comunicação é não verbal. O que significava que 93% do que estava acontecendo estava sendo

entendido pelos que estavam nos vendo. Pelo menos em tese era isso.

- Sim.

Ele balança a cabeça e vai dizer alguma coisa, mas eu não dou espaço para sua frase.

- Linda Carter era uma grande amiga. Um tanto excêntrica, eu diria, mas muito divertida.

O sangue evapora da sua face.

- Ela me disse alguma coisa sobre mudar de ramo. Me disse que a prostituição é um bom negócio, mas que queria algo mais da vida.

Ele para de respirar.

- Nós costumávamos a ter conversas bem longas. Ela costumava me falar com detalhes sobre o trabalho que realizava nas ruas. Me falava das dificuldades dos clientes, do que eles gostavam, dos que eram legais, dos que só queriam conversar, dos que eram bizarros, enfim ela me dizia tudo.

Os olhos dele estavam arregalados, mas ele parecia querer arregalá-los ainda mais.

- Eu me lembro, por exemplo, de um cliente do qual ela gostava muito. Um homem casado, meia idade, quatro filhos e trabalha em TI. Não é uma coincidência? Ele trabalhava na área de TI, eu trabalho em TI, o senhor trabalha TI, mas eu não tenho quatro filhos, nem sou casado. E qual era mesmo o nome dele... Hummmm... alguma coisa com L... Lucas, Lauro... Não tô conseguindo lembrar o nome. Ela vivia me dizendo que ele era um cliente ótimo. Gostava de ser passivo, ativo, gostava também de um negócio chamado chuva dourada, que eu não sei o que é, mas o nome é bonito. Ai, não tô conseguindo lembrar o nome dele.

Ele estava branco como um cadáver em rigor mortis. A respiração parecia bem difícil. Fora do aquário, eu sentia os olhares intensos.

- Eu vou tentar não faltar, mas isso pode acontecer outras vezes. Mas acho que não tem problema porque sei que o senhor vai entender.

- É...

- Que bom. O senhor é uma pessoa muito compreensiva.

Descruzo as pernas, bato em minhas coxas e levanto.

- O senhor realmente avisou todo mundo de que vamos ter que trabalhar entre o dia vinte quatro de dezembro e o primeiro de janeiro?

- Eu...

- Talvez isso não seja uma boa ideia, chefe.

Eu saio e todos continuam a fingir que não estão loucos para saber o que eu e Luciano, O Sádico, conversamos no aquário.

Sento em minha cadeira sob o olhar preocupado de Rogério.

- E então como foi?

- Nada demais. Ele queria saber qual é a marca de xampu que eu uso.

- Sério?

- Sim.

- E qual é a marca que você usa?

- Nenhuma. Uso sabão de côco.

- Ah.

Ele volta a se concentrar na sua programação sem perguntar mais nada.

Eu ligo a CPU, o monitor, o sistema operacional se inicia, e assim que a aplicação cliente de e-mail sobe, uma mensagem instantânea aparece na tela.

- Rodrigo : E então como foi?

- Me: Nada demais.

- Rodrigo : O cara tá com uma cara de que morreu alguém da família.

- Me: Impressão sua.

- Rodrigo : Do que vocês falaram?

- Me : Marcas de xampu.

- Rodrigo : Ce tá de sacanagem.

- Me : Não, não. Meus cabelos são sedosos e brilhantes, você sabe. Ele queria saber o segredo.

- Rodrigo : Sedosos e brilhantes? Que porra é essa? Não quer falar não fala.

- Me : Eu disse que uso sabão de côco. É muito bom pro meu cabelo.

- Rodrigo : Quer saber? Vai se fuder.

- Me : Não me é anatomicamente possível fazer o que você me pede. Não tenho um pênis tão grande assim.

- Rodrigo : Vai à merda.

- Me : Pensarei no seu caso.

Tirando a curiosidade de todos, o dia transcorreu sem maiores problemas.

À tarde, enquanto eu estava a tomar meu café e olhar para a avenida lá embaixo através da janela, na copa, César me abordou.

- Ei, como é que foi lá com o Luciano?

- Foi uma conversa civilizada, eu diria.

Olho para entrada da copa e jogo um encantamento no batente. Toda vez que alguém se aproxima dele, muda de ideia em relação a entrar e dá meia volta. César não percebe.

- A Estela me contou o que você é. Ela disse que vocês não são confiáveis.

“*Vaca.*”

- Eu salvei sua vida.

- Pois é. Ela disse que você só está me protegendo porque está sendo obrigado. Que a natureza de vocês é não se importar com nada nem com ninguém.

“*Vaca.*”

- Ela só não disse que querubins evitam contato humano o mais que podem, e que o pai dela é um, como diria o Rodrigo, grandessíssimo filho da puta.

- Você acha mesmo que eu sou um...

- Rompe Véus? Sim, provavelmente. É uma profecia antiga. Foi feita logo depois que os deuses baixaram o véu. *"Quando mortais forem tão fortes quanto imortais, este é o sinal de que o fim do véu entre os dois mundos está próximo. De novo, mortais e imortais voltarão a caminhar juntos"*, eu cito a profecia .

Rodrigo se aproxima do batente da porta, mas muda de ideia e dá meia volta.

- A profecia foi feita por Sibila, uma das mais poderosas zelotes de Serena, e provavelmente a mais confiável oráculo deste e do

outro mundo.

Mais um se aproxima do batente e também dá meia volta.

César senta no banco alto de metal e eu faço o mesmo.

- Qual foi o cara que perguntou para Sibila sobre esse negócio de véu?

- Merlim, mas na época ele era mais conhecido como Rato.

- Você quer dizer Merlim do rei Artur, Morgana, Lancelot, Távola Redonda e essa coisa toda?

- Ele mesmo.

- Você já viu ele?

- Umas três vezes.

- E como é que ele é?

- Poderoso, muito poderoso.

- Ele é como você?

- Não. Ninguém é como Merlim. Merlim nunca teve que renascer.

- Renascer?

- Quem morre em combate no Vale das Sombras, para impedir que os habitantes daquele lugar invadam este mundo, ganha o direito de renascer. Merlim nunca caiu em batalha.

- Uau.

- E Morgana? Os dois tem um lance, né?

“Não. Merlim tem bom gosto e jamais se teria qualquer coisa com aquela cretina.”

- Os dois não tem lance nenhum, nunca tiveram. Merlim sempre foi apaixonado por Arrukzalanokai.

- Quem?

- Isabela, a dragonesa. Os dois são casados há mais de dois mil anos.

- O cara é casado com um dragão?

- Ela raramente assume a forma de dragão. Na maior parte do tempo, ela está na forma de mulher.

- Ah.

Ele vira a cabeça e olha para avenida lá embaixo.

- Acho que vou enlouquecer.

- É normal.

- É normal ficar doido?

- Não. É normal achar que vai ficar doido.

- Agora cada pessoa que eu vejo, eu fico achando que é algum tipo de freak.

Eu o olho com censura.

- Desculpa, eu não quis te ofender. Cê entendeu o que eu disse, não entendeu?

- Não se preocupe. Já fui chamado de coisa bem pior.

Ele sorri.

- Eu falei com meu pai ontem. Disse pra ele que eu tava namorando. Quando ele perguntou como ela era, fiquei sem saber o que dizer.

- Por que não disse que ela era uma querubim que cruzou o atlântico voando, em uma velocidade maior que a do som, pra te salvar?

- Eu disse que ela era alemã.

- Não mencionou que ela tem lindos olhos azul cobalto e se iluminam quando ela está irritada? - eu ironizo.

- Claro que não. A Estela me disse que se eu mencionar qualquer coisa à qualquer pessoa sobre o véu, a pessoa morre.

- Que bom que entendeu como as coisas funcionam.

- Você tá me protegendo porque tá sendo obrigado?

Eu faço uma pausa estratégica.

- Antes sim. Agora faço isso porque você é meu amigo.

Ele suspira.

- Você faz mágica. Quer dizer, mágica de verdade. Eu não entendo por que você tá aqui. Quer dizer, com as coisas que você pode fazer, você podia ser rico.

- Eu acabei de renascer, César. A coisa mais importante para mim é entender o *zeitgeist* desta época. Isso é essencial para nós. A riqueza afasta os homens da realidade e isso para mim seria fatal.

- *Zeitgeist*?

- É uma palavra alemã. Significa o espírito do tempo. Cada um de nós, nascido, precisa entender o *zeitgeist* da época em que nascemos, caso contrário enlouquecemos. E existe uma lei entre

os feiticeiros que diz que se algum de nós fica insano, este ou esta, deve ser sacrificado.

- Como um cavalo que quebra a perna.
- É mais ou menos isso.
- Acho que entendi.

Luciano aparece na entrada da copa, mas não é meu encanto que o faz dar meia volta. Tenho certeza disso.

- Que coisa esquisita. A gente tá conversando aqui há um tempão e ninguém entrou.

- Que coisa, hein?

Lá embaixo um carro se choca com um ônibus. Isso me chama atenção por uns dois segundos.

- Putz! Olha lá - ele diz apontando para o acidente.

- Oh, que coisa horrível.

- Se você não tivesse levado a gente naquele bar, eu continuaria com a minha vida normal. Por que você levou a gente lá?

“*Tédio.*”

- Não sei. Me pareceu uma coisa inofensiva. Eu não sabia que você era um Rompe Véus.

- Tem muita gente querendo me matar?

- Talvez, mas não se preocupe. Sua namorada é uma querubim. Ninguém vai ter coragem de te atacar. Mas César, um conselho. Seja um namorado fiel. Querubins são em geral criaturas frias e indiferentes. Mas quando eles amam, eles levam isso bem a sério. Não vacile. Trair um querubim é pedir para morrer. Seja honesto, nunca minta. E... deixa eu ver... fêmeas querubins tendem a ser extremamente possessivas e territorialistas. Em outras palavras, qualquer mulher que porventura dê em cima de você, pode acabar que nem aquela vampira que tentou rasgar o seu pescoço. E... acho que é isso.

Não consegui identificar a emoção que ele estava sentindo, mas me pareceu que ele entendeu tudo o que disse.

O encanto é retirado do batente, e enquanto nós saímos, o andar parece ter sido atacado por uma vontade incontável de tomar café na diminuta copa.

Voltamos os dois para nossas respectivas mesas e ele, como eu, voltou a programação como se o mundo ao redor continuasse um lugar simples com contas para pagar, brigas de trânsito, feriados, churrascos, resfriados, nascimentos, casamentos, batizados, almoços em família, desilusões amorosas, tragédias causadas por terremotos, cursos de pós-graduação e outras coisas normais as quais todos os mortais compreendiam. Só havia um pequeno probleminha. César agora sabia que tudo isso não passava de uma grande farsa mantida por criaturas como eu. Que quando necessário, faziam as pessoas esquecerem que havia um outro mundo logo ao lado. Um mundo de mágica, maravilha e terror, tudo ao mesmo tempo.

De longe, eu o vi conversando com Rodrigo que exibia cinco pontos na testa. No meio da conversa ele olhou para mim, e eu sorri de forma malévola.

“A perna de uma aranha gigante de metal o atingiu e ele bateu com a cabeça na quina de uma mesa. Mas nem eu nem você jamais poderemos contar isso pra ele. É isso que você quer me dizer?”

Ele volta a dar atenção a Rodrigo e eu volto a tentar descobrir o que há de errado com a interface que implementei em minha aplicação Java.

À noite, em meu apartamento, analiso a intimação para participar de um júri popular. Como aquilo era intrigante. Eu sei, eu sei. Era só ir lá, ouvir o réu, testemunhas, advogados e dar meu voto. Eu sei disso, mas a ideia de julgar alguém em um tribunal me parecia tão medieval.

Deixei a intimação em cima da televisão e fui dormir pensando nos desdobramentos daquele simples convite da justiça brasileira.

No dia seguinte, às três da manhã, fui acordado por batidas no vidro da janela do meu quarto.

Acordei mais curioso do que irritado.

Ao abrir a persiana, fui surpreendido por um ser luminoso, de pele muito branca, cabelos brancos, longos, lisos, olhos azuis luminescentes, sobretudo branco, botas brancas, luvas brancas e na cintura, duas enormes espadas vazadas.

O poderoso Ariel flutuava em frente à minha janela em toda sua serenidade, poder e glória.

Ele faz um sinal com o dedo indicador apontando para cima e some.

Eu assumo minha forma verdadeira, abro uma dobra de papel para o telhado do prédio e lá o encontro no meio fio a admirar a cidade de São Paulo que se recusava a dormir.

- Minha filha me contou tudo.
- Que bom.
- Você deu a ela um anel bússola.
- Sim.
- O mortal também tem um.
- Sim.
- Como convenceu Ghob a lhe fazer anéis bússola?
- Não posso lhe dar essa informação.

Ele se vira para mim e seus olhos estão faiscando.

- Você sabe que não há nenhuma lei que me impeça de forçar você a me dizer o que quero saber, não sabe?

- Tente.

Era um blefe. Ariel era cinquenta vezes mais velho que eu, ou até mais. Se ele me atacasse, eu não teria chance.

Ele coloca as mãos para trás e assume uma posição militar.

- Você sabe por que estou aqui, feiticeiro?
- Diga você.

- Você jogou algum feitiço em minha filha para que ela se apaixonasse pelo mortal?

- Não existe feitiço para esse tipo de coisa. Obsessão, paixão, essas coisas podem ser fabricadas, mas o amor não pode. É a única coisa que ri dos deuses e os torna ridículos. Não, Ariel, o que ela sente pelo mortal não é obra minha. O que os dois sentem é genuíno.

Ele suspira.

- Esta união não me agrada.
- Por que ele é mortal?

- Também. Mas você sabe, ele é um Rompe Véus. Alguns querem que o véu seja rasgado outros não.

- E de que lado você está?

- Não sei. Mas o que me interessa neste momento é que minha filha não seja manipulada por ninguém.

Ele volta a admirar as luzes da cidade.

- Um aviso, feiticeiro. Pense bem antes de usar minha filha em seus esquemas. Se ela sofrer, nem que seja um mísero arranhão, mate-se. Por que se não o fizer, eu terei que fazê-lo.

Sem aviso ele decola, e me deixa mortificado de medo.

Volto ao meu quarto e, às proteções mágicas que já protegem meu apartamento, acrescento outras. Durante horas, até o amanhecer, fiquei conjurando pentagramas e símbolos arcanos de proteção até não deixar um único centímetro quadrado desprotegido, fosse do chão, das paredes ou do teto.

Elas segurariam Ariel caso ele quisesse me fazer comer grama pela raiz? Provavelmente não. Mas entre uma falsa sensação de segurança e nada, eu prefiro a primeira opção. E claro, em background, eu já estava pensando em um plano B. Pois eu, Yani Temujin, sempre tenho um plano B.

CAPÍTULO 24

Em um julgamento sujeito a júri popular, vinte e um jurados são intimados mas apenas sete são escolhidos para votar sobre o destino do réu. Eu fui um dos sete escolhidos. Sete, o número da lei.

Um rico empresário estava sendo acusado do assassinado de sua namorada. A história era esta. Ciúme? Surto? Pura maldade? Ao que parecia ele a matara porque ela decidira abandoná-lo.

Ela era uma jornalista de classe média, filha de agricultores de Santa Maria, Rio Grande do Sul, que morava em São Paulo. Ele um magnata das telecomunicações.

O caso estava tendo visibilidade internacional.

A imprensa já o havia acusado e considerado-o culpado. Não, ninguém dizia textualmente que ele era culpado, mas os telejornais, de forma sutil, ou não tão sutil assim, insinuavam que o empresário era culpado.

A jornalista assassinada, apesar de ter sido a vítima de um tiro nas costas no momento em que voltava de um dia de trabalho para o seu apartamento, não recebia tanta atenção assim. Todos os holofotes estavam voltados para o empresário, o qual era retratado como um monstro assassino que merecia pena de morte, ou algo próximo disso.

Sempre que os pais da jornalista apareciam na televisão, a última frase que se ouvia era, "O que nós queremos é justiça". E eu pensava, "*Justiça? Vocês não deveriam estar procurando vingança como qualquer pessoa normal?*". Mas os tempos eram outros. Antes de cair no limbo, no século dezessete, vingança era um sentimento perfeitamente normal. Mas no século vinte, era algo que todos desejavam, mas era politicamente incorreto dizer que se desejava tal coisa.

As sessões do julgamento eram sempre muito instrutivas para um feiticeiro como eu a procura do entendimento do *zeitgeist*.

De um lado, o magnata das comunicações, do outro lado, os pais da jornalista assassinada. Ele, com seu exército de advogados, tranquilo, às vezes até mesmo entediado.

O promotor fazia discursos inflamados, e mostrava evidências incriminadoras que não deixavam dúvidas da autoria do homicídio. Entretanto, a defesa apresentava contra-argumentos para todos os argumentos da promotoria, e a cada dia, ficava mais difícil concluir que o magnata havia assassinado sua ex-namorada.

Com manobras que surpreendiam até a mim, a defesa desacreditou todas as testemunhas apresentadas pela promotoria.

Houve um momento em que concluí que mesmo que o réu pulasse da cadeira e cortasse a garganta do juiz, ainda assim a defesa conseguiria colocar em dúvida se a culpa do assassinato era mesmo dele.

Vi no rosto do magnata que em nenhum momento, nem remotamente, ele pensou que seria condenado. A certeza de sua absolvição estava estampada em seu rosto.

E no final, quando a pergunta sobre a acusação de homicídio com intenção de matar passou por nós do júri, a resposta foi a esperada, INOCENTE. Sim, é isso mesmo que você leu. A defesa convenceu a todos, inclusive a mim, que todas as provas eram circunstanciais.

Ele era culpado? Em meu íntimo estava claro que era. Mas naquele momento eu entendi que a função do judiciário não era exatamente aplicar a justiça. Aquele julgamento me fez entender que o judiciário dos mortais tinha a função de assegurar que os procedimentos legais fossem seguidos como mandava a lei, mas isso, estranhamente, podia não resultar na justiça que os mortais envolvidos no caso estavam esperando. A justiça brasileira era um jardim labiríntico cuja chave para saída era o dinheiro, rios de dinheiro. E o réu em questão tinha um oceano de dinheiro ao seu dispor.

Dois meses depois do início do julgamento, o magnata saiu livre, leve e solto. A justiça dos mortais, de forma que nem mesmo os deuses eram capazes de compreender, o havia absolvido.

Ele estava absolvido, mas isso não significava que meu interesse por ele havia cessado, pelo contrário. Aquela criatura impérvia a todas as acusações que lhe haviam sido feitas, saiu de tudo aquilo altiva como se fora um imperador amarelo. E foi esse

comportamento que fez com que meu interesse por ele crescesse ainda mais.

Designei um mezmer aracnídeo para seguir todos os seus passos depois do julgamento. E o que vi, durante um mês, através dos olhos de minha espiã de oito patas me deixou deveras intrigado.

O magnata, o qual doravante chamarei de imperador impérvio, possuía e morava em um triplex no tradicional bairro de Higienópolis. Possuía dois filhos do primeiro e único casamento. Os dois, já crescidos, moravam nos Estados Unidos.

Suas conversas com eles eram frequentes. Com a ex-mulher não parecia haver qualquer tipo de contato.

O apartamento de três andares era suntuoso. E vários servos eram necessários para manter tudo limpo e arrumado.

Os servos pareciam sentir que seu senhor era culpado, mas o fato parecia não impedi-los de continuar trabalhando ali, como se nada de anormal tivesse acontecido. O imperador havia matado uma mulher de forma covarde, mas e daí? Isso não era motivo para deixar de continuar trabalhando naquele lugar. Pelo menos era isso que eu depreendia daquela situação.

Ocasionalmente, figuras públicas conhecidas, celebridades, políticos e outros milionários iam visitá-lo. Eles também sabiam que o imperador era culpado. Seus semblantes não conseguiam esconder o que pensavam. Mas ainda assim, eles vinham prestar solidariedade ao assassino milionário.

O comportamento se repetia em todos os lugares com todas as pessoas.

Na reunião do conselho acionário de seu conglomerado de mídia, ao entrar na sala ele foi aplaudido de pé por todos. É isso mesmo que você leu, aplaudido de pé.

Ele havia vencido o sistema judiciário brasileiro, e saído ileso de todo o processo. E por isso as palmas não eram imerecidas.

Em poucos dias, as notícias sobre o caso, na mídia televisiva e impressa, já haviam se tornado ralas. Em duas semanas, era como se o caso jamais tivesse acontecido.

Ainda assim, eu continuava a observá-lo.

Seu passatempo favorito era cuidar de seu jardim suspenso. Horas e horas eram dedicadas aos cuidados de suas flores.

No prédio em que morava havia um heliporto. O qual era usado frequentemente pelo imperador impérvio. O helicóptero parecia ser o seu meio de transporte preferido. Tudo indicava que ele parecia ter receio em circular nas ruas e ter que conviver, ainda que de forma indireta, entre a plebe que não fazia outra coisa senão lutar pela própria sobrevivência. Seu lugar era nas alturas. Acho que era isso que o imperador pensava.

Eu não era muito fã das alturas, mesmo assim, depois de um mês de cuidadosa observação, resolvi que era hora de visitar o imperador em seu triplex.

Era noite. Ele estava em um enorme sofá, na sala, em frente a uma gigantesca televisão, a tomar algo dourado em um copo quadrado de vidro maciço.

Assim que adentrei na imensa sala, todos os aparelhos eletrônicos desligaram e todas as luzes se apagaram. Mas isso não faz o imperador se levantar ou dar qualquer sinal de medo.

- Boa noite - eu disse.
- Boa noite - ele respondeu calmamente.
- Você sabe quem eu sou?
- Acho que sim.
- E quem você acha que eu sou?
- O anjo da morte.

“Anjo da morte. Gostei.”

- Por que acha isso?
- Minha segurança é impenetrável. Tenho ex-agentes do Mossad cuidando da minha segurança desde a área ao redor deste prédio até a entrada do apartamento. Fora isso, este prédio está equipado com o que existe de mais moderno em segurança eletrônica no mundo.

Ele toma um gole da bebida que não consigo identificar o que é.

- A essa hora já era pra ter uns cem agentes nesta sala, e até agora nada. Só tem um jeito de isso acontecer, você não é uma criatura deste mundo.

Por essa eu não esperava, o imperador havia concluído, sem muito esforço, que a natureza daquele encontro era sobrenatural. Aquilo me pegou de surpresa.

- Você acertou, em parte.

Eu caminho até um dos imensos sofás.

- Posso me sentar?

- Mas é claro, fique à vontade.

Eu estava em minha verdadeira forma. Na penumbra minha silhueta deveria parecer no mínimo aterradora, mas ele continuava impassível.

Eu me sento e cruzo as pernas.

- Você não parece estar com medo.

- Há muito tempo atrás, eu aprendi a não ter medo do inevitável.

- É uma boa política.

- É sim.

- Por que você a matou? - eu pergunto sem rodeios.

- Porque ela era a coisa que eu mais amava nessa vida.

- Estranho. Os budistas costumam dizer que se você ama uma coisa de verdade, você dá a ela a chance de ser livre.

Ele fica em silêncio por um tempo.

- Eu estou ficando velho. Ela era jovem, inteligente, linda e não se importava se eu era rico ou não.

- Como pode ter tanta certeza de que ela não estava interessada no seu dinheiro?

- Tenho experiência com esse tipo de gente. É como capim. Tem em todo lugar. É fácil de reconhecer. Ela era diferente. Ela era um girassol no meio de um capinzal.

- Ainda assim você a matou.

- Sim, eu matei ela. Quando ela disse que não queria mais nada comigo, eu sabia que não acharia outra pessoa igual a ela. Alguém que me amasse pelo que eu sou e não pelo meu dinheiro. Esse tipo de pessoa não existe mais. Ela era um milagre. Então, quando ela disse que não queria mais nada comigo eu...

Ele toma mais um gole e o copo fica vazio.

- Você matou a única pessoa que realmente se importava com você. É isso?

- Sim.

- E você pensou em se matar depois?

- Sim.

- E por que não se matou?

- Minhas empresas empregam milhares de pessoas. Ser condenado ou cometer suicídio iria afetá-los de forma negativa. Eles não tem culpa do que eu fiz, não merecem ser afetados por isso.

- Mas agora você parece bem tranquilo com a possibilidade de não passar desta noite.

- Eu já fiz os arranjos necessários. Minha filha assumirá no meu lugar assim que a notícia da minha morte for veiculada. Está tudo acertado.

Com que frieza ele falava tudo aquilo.

- Bom que já tenha acertado tudo.

Ele alcança uma garrafa que estava em uma mesinha próxima.

- Servido?

Era uma garrafa de whisky. Quem ofereceria whisky ao anjo da morte?

- Não.

Ele enche o copo.

- Como consegue continuar vivendo?

- Eu não estou vivendo. Eu sou um cadáver que anda. Ela está morta. Nada mais importa. Eu apenas repito o que sempre fiz, mas nada do que faço tem mais importância. Aqui dentro - ele encosta o copo cheio de whisky no peito - não tem mais nada.

- Você tem sete dias.

Os aparelhos eletrônicos são religados, as luzes se acendem e eu não estou mais lá.

Durante os sete dias, eu o acompanhei.

Aos seus empregados ele distribui vultosas quantias em dinheiro. Para a família da namorada assassinada, ele programa, para depois da sua morte, sucessivos grandes depósitos em dinheiro de forma anônima, na conta conjunta do pai e da mãe da vítima. Fora isso,

pouca coisa mudou em sua rotina. Era um homem que gostava de rotina.

Sete dias depois, em um dia ensolarado, estou no Parque da Água Branca, sentado em um banco ao lado de Serimandos.

- E então, como foi? - eu pergunto.
- Pacífico, digno - ele responde.
- Bom.
- Você gostava dele, não gostava? - pergunta Serimandos.
- Ele era um monstro, que nem eu e você - eu respondo.
- É verdade. Um monstro com bastante estilo e classe, eu diria.
- Sim, é verdade.

Passam perto de nós dois skatistas. Ambos adolescentes com boné virado para trás e de bermuda.

- Agora vamos falar de assuntos mais importantes, Serimandos.
- O Rompe Véus.
- Sim, o Rompe Véus. Você e aquela idiota tentaram matá-lo.
- Eu não tive nada a ver com aquilo. A ideia foi dela.
- Você sabe que agora ele está sendo protegido por uma querubim, não sabe?
- Claro que sei.
- Então você deve saber que se alguma coisa acontecer a ele ou à namorada dele, Ariel fará uma limpeza nas ruas de São Paulo, não sabe?
- Sei.

Ele fala, demonstrando preocupação genuína.

- Ótimo. Diga para sua amiga, que se ela quiser continuar com a cabeça em cima do pescoço, é melhor esquecer que o Rompe Véus existe. E afinal, com ou sem véu, nós estamos em São Paulo. O estoque de gente abandonada e entregue a própria sorte é infinito.

Ele cruza as pernas e pousa as duas mãos sobre o joelho.

- Agora você falou com um verdadeiro monstro - ele diz.

Eu sorrio.

- Parecer humano não significa ser humano, Serimandos.
- Você é o melhor exemplo disso, eu devo admitir.

No mesmo dia, as notícias da morte do imperador impérvio circulam em toda mídia brasileira e internacional.

Os legistas estavam confusos.

O corpo não apresentava nenhum tipo de causa mortis.

Era como se o corpo simplesmente tivesse parado de funcionar, diziam eles. E eles estavam parcialmente certos. A energia vital havia sido completamente sugada por um íncubos, Serimandos, e isso não deixava nenhum tipo de rastro. Sem energia vital não há vida. Simples assim.

Uma semana depois a filha do imperador, chega ao Brasil, com a missão de assumir os negócios do pai.

No mais exclusivo dos clubes noturnos de São Paulo, em um mezanino, eu a encontrei a apreciar a fauna da cidade de São Paulo a dançar ao som de uma música tecno.

- Karina Denarios?

- Você me conhece? - ela pergunta apresentando um leve sotaque americano.

- Não, mas fui um grande amigo do seu pai.

- Meu pai não tinha muitos amigos.

- O que é uma boa política, na maioria das vezes.

- Era o que ele achava - ela diz sorrindo - E você é?

- Yani Temujin, ao seu dispor.

- Como você e meu pai se conheceram?

- Ele estava precisando finalizar algumas coisas depois do julgamento, e eu o ajudei nisso.

- Você é advogado?

- Não, longe disso. Você não quer dançar? - eu pergunto.

- Eu não sei dançar.

- É uma pena. Bem, senhorita Denarius, eu me vou. Foi um prazer conhecê-la.

- Igualmente. Espero vê-lo outras vezes.

- Se for necessário, nós nos veremos. Não se preocupe.

Eu desapareço, e ela fica sem entender a minha última frase.

CAPÍTULO 25

Era um falcão, um morcego, um condor, uma águia, uma harpia azul, um concorde? Não, nada disso. Era uma inofensiva mariposa. Mas apesar de não representar ameaça alguma, a presença da mariposa no andar estava causando um escândalo jamais visto por mim.

Aaaaaaah! É um bicho! É um bicho! Gritavam. Ai meu Deus! Aaaaaaah! É um bicho! A mariposa voava calmamente pelo espaço aéreo do andar, e isso causava gritos de desespero tão grandes que houve um momento em que pensei tratar-se de um B-52 que a qualquer momento jogaria em nós uma bomba nuclear.

A mariposa continuou seu voo até pousar atrás do meu monitor.

- Ai! Ela caiu na mesa do Marcus! Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah! - gritou um homem com um tal efeminamento que fez todos, inclusive eu, olharem para ele.

Atrás do monitor a mariposa começou a mudar de forma. O cinza foi ficando mais claro, as asas foram se ampliando, a textura foi ficando mais lisa, e no final, no lugar da mariposa, havia um envelope branco.

Sob os olhares apavorados dos habitantes do andar, tirei o envelope de trás do monitor.

Cadê o bicho?! Cadê ele! Cadê ele!

Ignorei os gritos de pavor, sentei em minha cadeira e comecei a ler o conteúdo do envelope. No papel branco, comecei a ver se formarem palavras em letra cursiva, em tinta prateada.

Quinze de fevereiro de 1998, 18:00 horas, meu casamento. Você está convidado.

Dandara

Mais abaixo uma corsa prateada galopava. E mais abaixo ainda, uma rosa dos eventos indicando que o endereço deveria ser encontrado através de um encanto de localização.

Casamento? Isso não fazia o estilo de Dandara. E com quem? Com o mortal que Sino havia me dito que ela estava envolvida?

Dandara casando com um mortal? Não, isso era impossível. Mas a forma como o convite havia sido enviado era decididamente o estilo de Dandara.

Eu aceitaria o convite? Mas é claro que sim. Por que não aceitaria?

Felizmente estávamos no dia trinta e um de janeiro. E haveria tempo suficiente para encontrar uma vestimenta adequada para o evento.

Para uma ocasião como aquela, o mais indicado seria algo sob medida.

No número trinta e dois da Savile Row, em Londres, havia um lugar, invisível aos mortais, no qual um velho conhecido meu havia estabelecido uma loja para nós, imortais. Neste lugar eram feitos de armaduras a ternos. E seu proprietário era um mestre armeiro conhecido por todos nós como Baltazar.

Era inverno, estava frio, era fim de tarde e as calçadas estavam relativamente vazias. Os prédios antigos e bem conservados, de três andares, davam um ar sofisticado àquela lugar. Um ar definitivamente londrino, eu diria.

Na calçada, um quadrado estava contornado por uma linha luminescente invisível aos mortais. Bati no quadrado com o calcanhar sete vezes. Segundos depois apareceu uma escada discreta que se projetava para baixo.

A escada acabava em uma sala pequena com um balcão de madeira e paredes cobertas por gavetas de vários tamanhos.

Assim que desci o último degrau, olhei para trás e vi a escada sumir.

Sobre o balcão tamborilei meus dedos durante alguns segundos até que um homem corpulento, pele da cor do mel claro, usando uma barba bem cuidada e rabo de cavalo, bem vestido em um terno cinza, apareceu.

- Yani Temujin?

- Boa tarde, Baltazar.

Ele dá a volta no balcão e me abraça com força suficiente para quebrar todas as minhas costelas.

- Você voltou! - ele sorri um sorriso sincero - Eu não sabia que estava morando aqui em Londres.

- E não estou.

- Não? Está em Paris?

- São Paulo, Brasil.

- Ah, o Brasil. Falam muitas coisas sobre esse país - ele volta para trás do balcão - É um lugar com mágica abundante, é o que dizem.

- Essa informação é verdadeira.

- Você parece bem - ele fala de forma expansiva.

Baltazar era um mestre armeiro de origem fenícia que devia ter por volta de dois mil e quatrocentos anos. Era um dos poucos mestres armeiros de nosso mundo. Na verdade, ele era o único que eu conhecia.

Nós nos conhecemos quando eu já era um aristocrata em Roma. Naqueles tempos, ele se concentrava em fazer joias sofisticadas para mulheres abastadas e vez por outra fazia a gentileza de reforçar as rodas de minhas bigas.

Nesta época o véu já tinha sido baixado pelos deuses. E quando isso aconteceu, suas opções de fornecimento de artefatos, bélicos ou não, aos mortais reduziram drasticamente; pois a eles era proibido construir qualquer coisa imbuída de mágica. Mas justamente esses artefatos mágicos é que eram o carro chefe de suas vendas. Para Baltazar o véu, decididamente, foi um péssimo negócio.

Os séculos se passaram e Baltazar se adaptou. E até o século sexto ele ainda prestava serviços para mortais. Mas com a queda de Roma, e em um mundo a cada dia mais monoteísta, ele achou melhor restringir sua clientela aos imortais. Em outras palavras, ele decidiu se concentrar em um único nicho de mercado.

- E então, o que vai ser? Espadas, adagas, escudos, braçadeiras, capacetes, sapatos de couro de corsa, cintos de força, cristais de energia, flechas que não erram o alvo, o que você está precisando?

- Um terno para um casamento.

- Casamento?

- Sim.

- Você e Dandara vão se casar?
- Dandara vai se casar.
- Ah... - ele diz entendendo o que quis dizer com minha última frase.

- E você vai ao casamento?
- Sim.
- Você foi convidado?
- Sim.
- Menos mal.
- O que você sugere?
- O grafite está em alta.
- Aceito sua opinião de especialista.
- Luppiter - ele diz depois de realizar um movimento suave com a mão direita.

As paredes se movem, as gavetas se rearranjam, e a pequena sala se transforma em um enorme salão.

Ternos e armaduras estavam lado a lado expostas em manequins. Dentro de armários de granito com portas de vidro podiam-se ver escudos, elmos, adagas cravejadas de rubis, lanças, espadas enfileiradas, balestras, arcos, aljavas com flechas dentro, luvas de boxe, leques com armações de aço, e uma infinidade de outras armas. Uma delas porém me chamou especial atenção. Eu reconheceria aquele tipo de espada em qualquer lugar. Cabo negro e tão fosco que parecia roubar a luz das proximidades. A lâmina prateada, luminescente. Olhada de perto, podia-se ver nela acontecimentos passados nos quais ela havia sido usada.

- Como conseguiu essa espada? - eu pergunto.
- É da minha mulher.
- Sua... mulher?
- Sim.
- Essa é uma espada zelote.
- É sim.
- Então sua mulher é uma... zelote de Serena?
- Talula.
- Um momento. Você se casou com uma tenente do exército de Serena?

- Não há nenhuma lei que proíba isso.
- Isso é muito estranho.
- O que é estranho?
- Ano passado eu encontrei uma zelote que também estava casada.

- Viu só? Não tem nada de estranho nisso - ele diz enquanto examina ternos em uma longa arara de roupas.

- Eu sempre pensei que as zelotes de Serena não gostassem de homens.

- Elas não precisam de homens, mas eu posso te garantir que elas apreciam, e muito, o sexo masculino.

- Sério? Elas parecem tão frias.

- Só parecem. Os primeiros cem anos de casamento não foram fáceis pra mim. Imagine uma mulher que não - ele faz um gesto com o punho pra traz e pra frente - você sabe, por dois mil anos. E um belo dia resolve recuperar o tempo perdido em um dia. Já pensou?

- Prefiro não.

- Pois é. Foram cem anos de muita ação, se é que você me entende.

Ele retira um terno da arara e examina cuidadosamente.

- Mas como vocês se conheceram? Quer dizer, o que vocês tem em comum?

- Eu estava assistindo uma peça, aqui em Londres, Otelo. Ela me reconheceu. Você sabe, ela é fenícia, eu sou fenício, ela gosta de armas, eu sou um mestre armeiro. Pintou um clima. E além disso, ela gosta de homens grandes. Depois de algumas semanas resolvemos casar. A história é essa.

- Acho que entendi, mas por que a espada dela está aqui?

- Ela trabalha com moda e está sempre promovendo almoços e jantares em nossa casa. E ter uma espada que corta a ligação do espírito com o corpo físico não é bem um objeto que combine com reuniões festivas.

- Ah, faz sentido.

Ele se detém em um determinado terno e faz um bico.

- Perfeito - ele tira o terno da arara - Vista, vista, vista.

Eu visto a peça e percebo que ela é pelo menos dois números maiores do que deveria ser para merecer o adjetivo de perfeito.

- Acho que ficou um pouco grande. Eu estava pensando em algo sob medida.

- Oh, por favor, com quem você pensa que está falando?

Ele dá três tapinhas no meu ombro direito e dois no esquerdo.

A peça começa a diminuir até ajustar-se perfeitamente a minha forma e tamanho.

- A calça, o colete, o conjunto todo é autoajustável.

Assumo minha verdadeira forma e passo de um metro e oitenta e um para um metro e noventa. A peça acompanha meu tamanho sem se rasgar.

- Perfeito - eu digo.

- Eu sou Baltazar, sou um artista. Perfeito é o mínimo que espero de minhas criações - ele diz a frase de um jeito blasé e afetado.

Ele vai até uma gaveta no alto e tira de lá um sapato preto de couro.

- Verdadeiro couro de corsa das florestas de Circe. Autoajustável e permite que você ande pelas paredes ou no teto. Bastante útil.

- E quanto vou ter que desembolsar por tudo isso?

- Quase nada. Dez mil libras e uma dobra de papel.

- Você sabe que tenho regras bastante rígidas quanto ao uso de minhas dobras.

- Eu sei.

- Ótimo. E para onde seria essa dobra?

Ele vai até um armário de granito, e de trás de um escudo viking tira uma foto. É uma foto preto e branco de um estúdio de design.

- É para este lugar.

Eu olho o estúdio e vejo a miniatura de uma Ferrari em cima de uma mesa. Em uma das paredes também noto o quadro de uma Ferrari. De repente noto que há desenhos e referências de carros de corrida em cada centímetro da foto.

- Isso é o que eu penso que é?

- O quê?

- Esse é o estúdio do Giugiaro, o designer da Ferrari?

- Talvez seja - ele fala titubeante.

- Você quer uma dobra de papel para espionar o trabalho dele?
- Do jeito que você fala, até parece uma coisa errada.
- Se você me dissesse que queria uma dobra para esfaqueá-lo pelas costas, eu não teria nada contra, mas roubar ideias, eu não posso permitir, Baltazar.

- E se eu dissesse que você não teria que pagar nada e que junto com este terno você vai ganhar cento e cinquenta páginas originais de um estudo de anatomia humana feito por Leonardo?

- Da Vinci?

- O próprio.

- Onde você quer a dobra?

Ele aponta na direção de um armário de granito vazio.

Eu fecho os olhos, me concentro e a dobra está feita.

- Está feito.

Ele sorri mostrando todos os dentes.

Ele vai até a dobra e some. Enquanto isso, eu aproveito para vestir o conjunto todo.

Quando ele volta, está com um rolo de papel vegetal na mão.

- Você vai devolver isso, não vai?

- Você quer ganhar aquelas cento e cinquenta páginas, não quer?

Eu suspiro.

Feliz da vida ele coloca o rolo de papel no armário de granito.

- Com quem ela vai casar? Um querubim, um feiticeiro, um picto, com quem?

- Um mortal.

- Hã?

- É isso que você ouviu.

- A filha de Pan, casando com um mortal?

- A mãe dela era mortal, você foi mortal.

- Isso foi há dois mil anos atrás, Yani. Não há comparação.

Ele coloca as mãos nos bolsos da própria calça.

- Ela está se arriscando, você sabe. Se ela se revelar para ele, se subir o véu para o mortal, ele morre.

- Eu sei.

- Quais deuses ele professa?

- Ele é provavelmente cristão.

- Ela vai se casar com um mortal, em um ritual cristão? Ou Dandara tem muita coragem, ou está louca e deve ser sacrificada.

Talvez nem uma coisa nem outra. E era isso que me incomodava. Havia uma chance, ainda que remota, de que Dandara estivesse realmente apaixonada. Mas não, isso não era possível. A Dandara que eu conheço achava que poodles tinham mais valor que o mais ilustre dos mortais. Essa Dandara jamais se apaixonaria por um mortal, nunca.

- Yani, estou com um péssimo pressentimento. Talvez deva reconsiderar sua decisão de ir a este casamento.

- Eu tenho que ir. É uma questão de dar fechamento às coisas e seguir em frente.

- Entendo. Se é assim, acho melhor você levar isso aqui.

Ele vai até o balcão, dá a volta, sobe em um banquinho de madeira, e de dentro de uma gaveta do alto tira um pequeno estojo de couro enrolado.

Ele o traz para mim com um olhar de, *"Você vai me agradecer depois"*.

- Leve isto.

- O que tem dentro?

- Armas. Uma dose mínima de magia e elas crescem até o tamanho normal. Tem espadas, machados, adagas, punhais, o básico.

- Eu conjuro minhas armas do Vale das Sombras, não preciso de armas extras.

- Você vai comparecer a um evento que tem o potencial de despertar a ira dos deuses, principalmente a ira de Serena. Tem certeza de que não vai precisar de armas extras?

Eu aceito o estojo.

CAPÍTULO 26

Um dia antes do casamento de Dandara, Fidel Castro havia ordenado a libertação de trezentos e dezoito presos políticos e de delito comum. Saber dessa notícia me fez esquecer os maus pressentimentos de Baltazar. Afinal, a libertação de tanta gente não tinha como não ser um bom presságio.

E foi com este sentimento de bom presságio, que me coloquei na tarefa de achar o lugar do casamento. Apesar de não ter uma foto do lugar, através da rosa dos ventos no convite e meu anel bússola, consegui criar uma dobra de papel para chegar lá. O sol estava se pondo. No céu, um risco de uma lua nova e a promessa muitas estrelas.

A primeira coisa que notei ao longe, ao me materializar, foram os minaretes, seis no total. Eram imensos, uns trinta metros de altura cada um, e bem distantes entre si. O estilo era bizantino. Aquilo me causou estranheza instantânea. Não pelo estilo bizantino em si, mas pelo fato de estruturas como aquela estarem ali, a vinte minutos de Ribeirão Preto. Quem os havia construído ali?

De alto falantes perfeitamente posicionados e ocultados, ouvia-se o verão das quatro estações de Vivaldi. Mas aquilo não era uma gravação. A peça estava sendo executada por uma orquestra.

Uma pérgula semicircular de vinte metros de raio e cinco metros de pé direito havia sido construída para o evento. Um corredor de pelo menos cinquenta metros cruzava o semicírculo, dando a impressão, de quem estivesse sobrevoando o lugar, de ser uma flecha posicionada em um arco retesado.

Onde o corredor se encontrava com o semicírculo, um palco, o qual era alcançado através de uma escada de cinco degraus, havia sido montado. Nele uma pequena orquestra de cordas, com onze integrantes vestidos de preto, executava o verão das quatro estações.

Ladeando o corredor, longos bancos, de madeira clara, cuidadosamente lixados.

O acabamento de toda a estrutura de madeira era impecável. A estrutura da pérgola, os bancos, o palco, tudo estava entalhado com

flores em estilo claramente veneziano. O cheiro da madeira recém lavrada era nítido. Um exército de carpinteiros, provavelmente importados da Europa, havia sido recrutado para construir tudo aquilo em questão de dias, era o meu palpíte.

Ao redor da estrutura de madeira, tendas brancas abrigavam mesas redondas cobertas com toalhas também brancas, com torres de taças cheias do que eu supunha ser espumante. Ao redor dessas torres, pratos doces e salgados, além de pequenos doces embrulhados em papel crepom amarelo bebê, enlaçados delicadamente com finas fitas prateadas.

Na decoração das flores, haviam sido escolhidas flores tropicais de longa duração, girassóis, margaridas, rosas brancas, e outras flores que não pude identificar.

Na iluminação, a profusão de lâmpadas mostrava que a preocupação com dinheiro não existia. Tudo estava perfeitamente iluminado com uma luz amarela perolada ideal para fotos.

Não muito longe dali, era possível ver um mar de carros esportes e algumas limusines.

Eu calculava por volta de uns quinhentos convidados. Todos, sem exceção, elegantemente vestidos.

Um exército de garçons circulava freneticamente em todas as direções para atender aos convidados. Andando entre eles, eu ouvia português, francês, alemão, inglês, e principalmente, italiano com sotaque notadamente romano.

- Então você veio - perguntou-me uma mulher pálida de cabelos muito pretos carregando um gato albino no colo.

- Fui convidado. Seria uma grosseria não vir, Mulher Confinada.

- De fato.

- Quem mais está aqui?

- Sino.

De longe vejo um homem de cabelos longos louros platinados, quase brancos, a tomar uma taça de vinho com olhar de desprezo direcionado a todos ao seu redor. Ele estava vestido com um terno preto, por cima de uma camisa preta e gravata preta. Para completar o visual sombrio, os óculos escuros para esconder o

provável descontentamento que seus olhos azul cobalto sinalizariam para qualquer um que os fitasse.

- Ele não parece lá muito contente com este casamento.

- Nenhum de nós está, mas não há nenhuma lei que proíba que algo assim seja feito. Então, só nos resta aceitar.

Ela se vai.

- Marcus? - ouço uma voz familiar.

- Leonardo?

- O que você tá fazendo aqui?

- Eu fui convidado. E você?

- Eu? Como assim, eu? O cara que vai casar é o pai da minha namorada.

- Huummmm, fascinante.

- Falou o Spock.

Ele me abraça sem aviso. Seu terno cinza chumbo parece ser de boa qualidade, mas está mal ajustado.

- Cara que saudade. Como é que tá lá em São Paulo?

- A cidade continua no lugar de sempre.

- Putz, você continua o mesmo.

“Algumas mudanças ocorreram, meu caro amigo, mas no geral continuo o mesmo.”

- Tá trabalhando aonde?

- Em um laboratório de informática da REDSTAR.

- Uau! Se deu bem, hein?

- E você?

- Eu tô trabalhando numa pequena fábrica de robôs que o pai da Carla abriu pra mim.

- Ah, ele parece ser um homem generoso.

- Ele é um cara bem legal. É podre de rico, mas é gente fina. Cê vai gostar dele.

“Não conte com isso.”

- Mas peraí, quem foi que te convidou?

- A noiva.

- Ah, você conhece ela lá do Mato Grosso do Sul, né? Ela é de lá. Ela diz que lembra de mim, mas eu não lembro dela. Cara, como ela

é bonita. Nossa, que avião.

“Você não precisa me dizer isso, acredite.”

- Mas tem uma parte da família que não gostou da ideia do seu Giuseppe casar com ela. Você sabe, ela é linda, mas é negra. Então, tem uma parte que tá se roendo de raiva do cara mais rico da família estar casando com uma negra.

- Isto não me surpreende.

- Claro que não, você é o Spock. Nada te surpreende - ele fala rindo - Cara que saudade.

“Você já disse isso Leonardo. Por favor, não comece a chorar. Seria embaraçoso.”

- E a sua namorada, onde está? - eu pergunto.

- Com o pai. É ela que vai acompanhar ele até o altar.

Eu e Leonardo andamos e conversamos durante vários minutos sobre como nossas vidas se encaminharam até que encontro alguém que não esperava ver.

- Marcus?

- Mila?

- Mila, você também aqui? - pergunta Leonardo efusivamente.

Ela estava linda, dentro de um vestido longo, verde joia. Os cabelos estavam soltos, e mais ruivos do que eu lembrava.

- Eu mesma.

- Putz, isso é incrível! - ele fala - nós três aqui como nos velhos tempos.

Chega uma mulher com um uniforme que deixava claro que ela fazia parte da organização do evento.

Senhor Leonardo, o senhor precisa tomar seu lugar. A cerimônia já vai começar.

- Aí, pessoal. A gente se vê depois.

Ele se vai, conduzido pela mulher de uniforme.

- É muito bom rever você, Mila.

- Igualmente, Yani.

- Parece que alguém descobriu meu verdadeiro nome.

- É o que parece.

- Se você descobriu isso, você deve ter descoberto que sua bolsa de estudo em Paris foi obra de Azra.

- Sim.

- E como está sendo?

- Cansativo, mas Morgana é uma ótima tutora.

- Ela é uma cretina esnobe.

- Mas é uma ótima tutora.

- Você estaria falando desta cretina aqui? - diz Morgana em inglês.

- Ah, você veio também?

Ela estava muito bem maquiada, e embrulhada em um vestido azul que combinava perfeitamente com seus olhos. Ela era bela, sem dúvida, mas eu jamais admitiria isso em voz alta.

- Sim. Estou representando Azra.

- E Azra não veio em pessoa por que...? – eu pergunto.

- Agenda lotada.

- Sei, sei.

Juntam-se a nós Sino e a Mulher Confinada.

- Acho que devemos tomar nossos lugares. A cerimônia já vai começar - diz a Mulher Confinada.

Sentamos os cinco em um dos últimos bancos.

Quinze minutos depois as cordas dos violinos começam a vibrar e o noivo inicia sua marcha até o altar acompanhado por sua filha, a fêmea de pavão.

Ela estava diferente. Estava mais magra, o rosto havia afinado, seus movimentos estavam mais elegantes. Fêmea de pavão não era mais uma alcunha correta para ela. Talvez eu devesse chamá-la pelo verdadeiro nome, Carla.

O pai era um homem entre quarenta e quarenta e cinco anos. Os cabelos eram ligeiramente grisalhos, os olhos pareciam ser azul acinzentados, as maçãs do rosto eram altas, o nariz era pequeno, o queixo era forte. Havia algo quase felino no rosto de Giuseppe Constantini. Ao chegar até o palco montado, a filha solta o braço do pai e vai se juntar a Leonardo.

Não mais que três minutos depois os músicos começam a tocar a suíte de Sonho de Uma Noite de Verão, de Felix Mendelssohn

Bartholdy.

Em seguida aparece Dandara acompanhada de seu pai nesta existência.

Aquela marcha nupcial já estava desgastada e, em minha opinião, já um tanto cafona, mas Dandara estava belíssima de branco, e a música já não fazia diferença.

Apesar d'eu achar uma ousadia que ela se apresentasse de branco, não haveria outra cor melhor para ela. Era um vestido rendado, de manga longa, que deixava a mostra o colo e valorizava os seios. Na cabeça uma grinalda de rosas de tecido branco. Em uma das mãos, um buquê de rosas e peônias em tons de rosa, champagne e branco.

Assim como eu, seu corpo havia se modificado consideravelmente em direção a sua verdadeira forma. A pele negra e sedosa estava ainda mais bonita do que eu lembrava. Os olhos castanhos dourados haviam ficado ligeiramente esverdeados. O queixo havia ficado ligeiramente mais pronunciado.

Ela chega até o palco, o pai a entrega a Giuseppe, e ambos sobem os cinco degraus.

- Pelos deuses, como isso é cafona - fala Morgana.

- Eu até que gosto - diz Mila sorrindo.

- Claro que gosta. Ainda não curamos todos os seus traços pequeno burgueses, minha querida.

E a cerimônia prossegue até o ponto que, em minha opinião, deveria ser permanentemente suprimido da liturgia deste ritual.

- Se alguém tem alguma coisa contra esse casamento, que fale agora ou se cale para sempre - disse o sacerdote.

Uma mulher ativa, de cabelo louro trançado em uma única trança, vestida em seda prateada se levanta e começa a falar em italiano.

- Giuseppe, eu tenho uma coisa a dizer.

- O que você está fazendo? - ele pergunta surpreso e assustado.

- Giuseppe, essa aí é um demônio, e não posso deixar você se casar com ela.

- *Sorella*, ficou louca?

Esperar-se-ia ouvir um burburinho entre os convidados, mas ao invés disso, um estranho silêncio.

- Não, não estou. Sou sua irmã e, como tal, é meu dever impedir que você faça essa loucura. Você, demônio, afaste-se do meu irmão!

Senti uma sensação estranha. Uma espécie de leve tontura. De repente, ouvi um clique em minha mente, Lembrei-me dos minaretes em estilo bizantino. Pessoas falando em italiano com sotaque romano. Homens e mulheres elegantes, magros. Havia pouquíssima gente fora de forma. Isso não era normal. A não ser que...

Não, não era Serena que ia aparecer dos céus e transformar aquele casamento em uma cratera, nada disso. Nós estávamos em um ninho de cacciatori di demoni!

Eu, Morgana e a Mulher Confinada nos olhamos e não precisamos de palavras para concordarmos sobre o que estava acontecendo.

Comecei a ouvir lâminas deslizarem de bainhas. Armas de fogo estavam sendo engatilhadas. Arcos estavam sendo retesados.

- Sino, proteja Dandara - eu disse.

Rápido como só os querubins podem ser, em uma fração de segundos, Sino estava próximo do palco. Todos estavam focados no casal de noivos e, talvez por isso, ninguém percebeu quando o querubim uniu as mãos e delas surgiram duas imensas espadas vazadas.

Mesmo de longe, eu pude ouvi-la.

- Giuseppe, vá. Não se preocupe, eu ficarei bem - disse Dandara.

- Não, isso é loucura! O que você está dizendo? Ninguém vai estragar o nosso casamento. Minha irmã está doida. Não ligue pra ela, padre. Vamos continuar o casamento.

O padre estava assustado.

- Sino, leve-o daqui - ela diz com calma.

- Eu não a deixarei - diz Sino.

Um burburinho começa a ser produzido quando alguns convidados notam as imensas espadas que sino está carregando.

- Por favor, Sino, faça o que estou pedindo. Eu ficarei bem.

O tom de voz dela é estranho. Ela está mudada. E Sino também percebe.

Assim que Giuseppe e Sino somem, os tiros começam a ser disparados. A maioria deles provenientes de metralhadoras.

Os convidados, que não eram caçadores de demônios, e os músicos entraram em pânico e começam a correr feito loucos. Entre eles, Leonardo e sua namorada. Quando vejo que eles conseguirão fugir, sinto um alívio.

Os seguranças da festa começam a trocar tiros com os cacciatori.

Dandara assume sua verdadeira forma, mas percebe tarde demais que não pode conjurar um escudo.

Eu me movo o mais rápido que posso para alcançá-la.

O gato angorá da Mulher Confinada é colocado no chão e rapidamente começa a se metamorfosear em Mimi, a serpente albina gigante.

Sino reaparece ao lado de Dandara com suas duas espadas em punho.

- Mimi, hora de ensinar uma lição a esses imbecis - diz a Mulher Confinada.

A serpente desliza pelo chão de madeira e começa a atacar os cacciatori que encontra pelo caminho.

Dandara estava ferida. No último segundo, ela havia conseguido criar uma bolha de tempo parado, mas ainda assim alguns tiros a haviam atingido.

Morgana, Mila e a Mulher confinada são cercadas. Eu não me preocupo com elas. Aqueles idiotas iam entender, da pior forma possível, porque Morgana Le Fey, apesar de não ser uma feiticeira de guerra, era uma das mais temidas feiticeiras de todos os tempos.

Os olhos dela brilharam e galhos e talos se transformaram em cipós fortes como aço, cobertos de espinhos de vinte centímetros, e começaram a se mover e a esmagar todos os que estavam próximos as três. O pólen das flores, um especialidade de Morgana, se transformaram em uma praga pestilenta que matava em segundos por asfixia.

Eu levito os bancos próximos do púlpito onde estava sendo realizado o casamento para criar uma barricada. Alguns cacciatori são atingidos pelos bancos.

Todos nós, com exceção de Sino, criamos bolhas de tempo parado para nos protegermos das armas de fogo. Ou seja, se eles quisessem nos matar, teriam que fazê-lo usando armas brancas ou no mano a mano. Ao passar pela parede da bolha, qualquer projétil se desacelerava e nos dava tempo suficiente para nos desviarmos deles. Mas manter aquelas bolhas não era fácil dentro de uma gaiola hexagonal.

Eu chego até Dandara. Ela havia levado seis tiros.

- Isso vai doer.

- Faça - ela diz.

Eu fecho os olhos e todas as balas saem de uma única vez. Ela grita.

Do outro lado da barricada, Mimi, Morgana, Mila e a Mulher Confinada parecem estar encurraladas.

Eu me concentro e saboto as últimas armas de fogo em um raio de quinhentos metros.

Eles são muitos e vem em ondas.

- Por que não consigo conjurar minhas armas? - ela pergunta.

- Estamos em uma gaiola hexagonal. Existem seis minaretes ao redor deste lugar. Eles formam um hexagrama perfeito. Não tem como sair daqui a não ser da forma convencional.

Uma flecha passa rente a minha cabeça em alta velocidade.

- Sua mágica está se gastando rápido - ela diz.

- Eu sei.

- Eu preciso de uma arma - ela diz.

Eu tiro do bolso o estojo de Baltazar e abro-o.

- Escolha.

Ela escolhe dois machados. Assim que ela os tira do estojo, eles crescem. Eu retiro duas espadas longas.

- Você está bem? - eu pergunto.

As mangas do vestido estão rasgadas. Os chifres em sua cabeça estão maciços, curvados para trás, como os chifres de um bode. Seus olhos são duas esmeraldas raivosas.

- Sou uma feiticeira de guerra, Yani.

Ela se levanta e dá um salto espetacular por cima da barricada. Eu e Sino fazemos o mesmo.

Nós cinco contra um exército de cacciatori di demoni. Se sobrevivêssemos seria uma ótima história para contar.

Relâmpagos conjurados por Mila, que havia se tornado uma poderosa feiticeira elemental, caem e destroem o teto da magnífica pérgula construída, ao mesmo tempo em que vaporizam nossos inimigos que tentavam nos atacar vindos de cima. Outros são transformados em pedra pela Mulher Confinada. Um encantamento que era sua especialidade. Outros perecem vítimas da constrição de Mimi ou da constrição de cipós encantados Morgana. E outros caem vítimas de nossas espadas e machados.

Mas não importa quantos deles nós derrotamos, outras ondas aparecem.

Durante uma dessas ondas, Dandara é atacada por um guerreiro realmente hábil. Ela o subestima, e perde o antebraço esquerdo por causa disso. Antes de cair de joelhos por causa da dor, ela corta a cabeça dele. O antebraço, assim que se desprende, vira pó. Aquelas lâminas estavam encantadas por um tipo de magia que me era familiar.

Não havia como pedir ajuda. Estávamos em uma gaiola hexagonal. A direção da magia era de dentro para fora, mas o contrário não era possível. O único jeito de sair daquele lugar era abrindo caminho através dos caçadores.

Abrir uma dobra de papel não seria possível. Encantos de transporte para outros lugares fora da gaiola não funcionariam.

Quando Sino vê Dandara sem o antebraço, seus olhos se transformam em dois faróis azuis.

Ele é rápido. Nós não vemos o que acontece. Mas quando ele acaba, um mar de corpos está espalhado ao nosso redor, inclusive o dele próprio.

Morgana corre na direção de Sino e se ajoelha ao seu lado.

- A vida dele está por um fio. A gaiola gastou quase toda a energia vital dele. Temos que tirá-lo daqui agora! Se Ariel souber

que seu irmão morreu por nossa causa, nenhum de nós vai ver outro amanhã.

A Mulher Confinada pega Mimi no colo.

- Eu sei, meu bebê, que você está cansada e ferida, mas preciso que você faça isso por mim.

A gata é colocada no chão e, com muito esforço, se transforma em uma égua albina.

Morgana monta em Mimi, e Sino é colocado na garupa, desacordado. Ela precisaria chegar ao primeiro carro que encontrasse e sair da influência daquela gaiola antes que a Sino chegasse à verdadeira morte.

Enquanto Morgana saía a galopar em Mimi, levando consigo o irmão de Ariel na garupa, eu rezava para nossos terríveis deuses para que ela tivesse êxito.

- Ele se sacrificou por mim, e nós nem estamos mais juntos - Dandara diz escondendo a dor do braço decepado.

- Querubins tem que manter a fama de anjos - eu digo, fingindo que não estou preocupado com o ferimento dela.

- Seu braço não está sangrando - eu observo.

- Não, não está - diz a Mulher Confinada examinando uma espada caçadora - estas lâminas foram banhadas em água do rio das lágrimas. Elas cheiram a desespero. Mas como esses animais tiveram acesso ao rio das lágrimas. Como conseguiram acesso ao Vale das Sombras?

- É uma boa pergunta - eu digo.

Mila se aproxima de Dandara.

- É um tipo de cauterização mágica. Talvez eu possa fazer alguma coisa.

Ela se concentra, murmura encantamentos de regeneração, mas nada acontece.

- Temos que sair daqui. Talvez, sem a influência deste lugar, Morgana consiga regenerar seu braço - diz Mila.

- O problema não é esse Mila. Se essas lâminas foram banhadas nas águas do rio as lágrimas, não há como fazer esse braço se regenerar - digo eu.

- Os deuses podem - diz a Mulher Confinada.

Ao nosso redor tudo é destruição.

- Podem, mas não o farão - diz Dandara - não depois do que aconteceu aqui.

Era noite. No céu a lua nova sorria em um céu negro e esplêndido de estrelas. Boa parte da iluminação havia sido destruída. No palco, um violoncelo abatido a tiros nos olhava com censura.

De repente os corpos ao nosso redor começaram a se incendiar. Uma cortesia de Mila Modesto. Eles queimariam até virarem cinzas. Não podíamos deixar rastro, ela estava certa.

Vejo um homem caído e reconheço-o. Era o pai de Dandara.

- Dandara, seu pai - eu aponto para o homem caído que reconheci.

- Não se preocupe. Ele não era meu pai. Era um ator contratado. Não vejo minha família desde que este corpo tinha treze anos. Mila, não esqueça aquele ali - ela aponta para o ator.

Aquela tinha sido sua última atuação. Pelo menos havia sido uma grande atuação, pensei eu.

- Eu preciso ver se Giuseppe está bem - Dandara fala com uma preocupação sincera.

Ela estava mudada. Como eu temia, ela se importava de verdade com aquele mortal.

Minutos mais tarde, nós encontramos Sino e Morgana à sombra de uma árvore.

Para nosso alívio, ele estava cambaleante, mas vivo.

- Sino, onde está Giuseppe?

- Em um lugar seguro, não se preocupe. Preocupe-se com ele depois, nós temos que dar um jeito nesse braço - ele diz.

- O braço pode esperar, eu preciso ver se ele está bem.

Sino o havia deixado em uma casa simples de agricultores. A casa me lembrou a dos meus pais.

Quando Giuseppe a viu sem o antebraço, chorou. Mas ela o tranquilizou, dizendo que aquilo não era nada.

- Quando eu encontrar aquela ordinária, eu vou matá-la - ele disse se referindo a sua irmã.

- Não se preocupe com isso. O que importa é que estou viva - disse Dandara, usando uma voz quase maternal.

- Mas o seu braço. O que fizeram com você é uma monstruosidade, meu amor.

- É, é sim - ela diz olhando para mim.

E aquele olhar significava, *"Se você algum dia sentiu algo por mim, cace essa vadia até o fim do mundo"*.

Eu me limitei a acenar positivamente com a cabeça.

E antes que ele fizesse mais perguntas, ela jogou-lhe um encanto e ele dormiu. Quando acordasse, ele se lembraria de muito pouco do que havia ocorrido.

Morgana tentou, também sem sucesso, regenerar o braço de Dandara. Só mesmo os deuses conseguiriam fazer aquele braço crescer de novo. E nós sabíamos que eles não fariam isso.

Mas se não era possível fazer um braço crescer de novo, quem sabe não houvesse outra alternativa?

CAPÍTULO 27

- Você não vai me contar como convenceu Ghob a fazer isso, vai? - Dandara me pergunta.

- Você é bela, e Ghob gosta de mulheres belas.

Estávamos em uma sala ampla toda em granito, cilíndrica, de teto alto e pedregoso, iluminada por várias erupções de cristais de quartzo luminescentes.

Dandara, de calça jeans, camiseta branca e botas, recostada em uma chaise longue de madeira clara, e eu, em pé, ao seu lado, esperávamos Ghob.

Ao nosso redor, vários pictos descalços vestidos com bermudas de surfistas. Eles estavam apreensivos. Na parede cilíndrica, triquetas celtas se moviam com suavidade na direção horária como se estivessem sendo sopradas pelo vento.

- Eu não sou Isabela, não sou a dragonesa de jade. Por que ele concordou em fazer isso?

- Você é Dandara, isso é o suficiente - eu minto.

- Não, não é, mas não quero discutir com você.

Ela suspira.

Ghob aparece com uma caixa de madeira escura. Todos fazem uma mesura com a cabeça assim que ele passa pelo arco de entrada da sala.

Ele se aproxima de Dandara e simplesmente me ignora.

- Você está pronta?

Ela passa a mão pelo toco do braço esquerdo.

- Acho que estou.

Ele abre a caixa e tira um braço de ouro dela. Um picto próximo se apressa em segurar a caixa escura.

- Da última vez que fizemos um desses foi para o rei Nuada. No caso dele achamos melhor fazer um de prata. Mas no seu caso, achamos melhor mudar o material. Você é uma feiticeira, filha de Pan. Um quarto de você é feito de mágica pura. A prata poderia ser rejeitada pela parte mágica do seu corpo.

- Parece pesado - ela diz.

- Terá o mesmo peso do braço antigo, não se preocupe. Pronta?

Ela olha para mim.

- Faça.

- Entenda que não isso não tem volta.

Os pictos fazem um círculo ao redor de nós e começam a bater os pés no chão de granito. Os cristais começam a vibrar e a cantar. Seus corpos se mexem ao som da música dos cristais e eles começam a desenhar símbolos arcanos no ar.

- Apenas faça.

Ele aproxima o antebraço de ouro do toco e filamentos dourados começam a se projetar e a penetrar no braço de Dandara. Ela tenta não demonstrar, mas eu vejo pelos olhos dela que a dor é excruciante. Nervos, tendões, carne e sangue se combinam com ouro picto. E ao final de longos segundos, a junção está pronta.

Os pictos param de dançar, os cristais param de cantar, as triquetas celtas param de girar na parede.

- Está feito - diz Ghob.

Ela mexe os dedos de ouro e fica maravilhada.

- Dandara, braço de ouro - ela diz.

- Ele vai durar enquanto você viver.

Aos poucos a superfície dourada vai sendo substituída por pele.

- Você é mesmo um artista - ela diz.

- Enquanto você estiver acordada, a aparência será de um braço normal. Mas quando você estiver dormindo, ou quando você tiver alguma mudança de humor muito brusca, o dourado pode aparecer.

Ela se levanta e mexe o braço.

- Sou-lhe eternamente grata, rei Ghob.

Ele me olha e não diz nada.

- Que bom que ficou satisfeita com o resultado. Agora se me dá licença.

Ele sai, acompanhado dos outros pictos.

- Acho que já podemos ir embora - eu lhe digo.

Ela suspira.

- Yani, você ainda me ama?

- Eu sempre a amarei, Dandara - eu respondo sem vacilar.

- Mas não como antes - ela fala.

- Não, não como antes. Eu mudei, você mudou, o amor também mudou.

- É, nós mudamos.

Aquela não era a Dandara que eu conhecera séculos atrás. Algo estava fundamentalmente e profundamente alterado em sua personalidade.

- Como vocês se conheceram?

- Eu e o Giuseppe? Eu substituí a antiga secretária dele. Quer dizer, eu tive alguma coisa com o fato de ela não querer mais trabalhar, mas não se preocupe. Ela continua viva e com saúde. A ideia inicial era me aproveitar dele e só. É pra isso que os mortais servem, não é? Mas ele é diferente. Ele é especial. É difícil explicar. Ele não tem mágica nenhuma, mas quando estou perto dele eu me sinto outra pessoa. É estranho. Eu nunca pensei que sentiria isso por um mortal.

“Você não se sente outra pessoa, minha querida, você virou outra pessoa.”

- Que ideia foi essa de casar numa gaiola hexagonal? Você não percebeu nada de errado?

- O Giuseppe disse que casar ali era uma tradição da família. E eu estava tão feliz. Mas você também não percebeu.

Dias depois, Giuseppe Constantini e Dandara casaram-se secretamente em um cartório em São Paulo, capital. Eu, Sino, Morgana, Mila e a Mulher Confinada, comparecemos ao evento para garantir que nenhum bastardo caçador de demônios aparecesse e estragasse tudo. Leonardo e sua namorada Carla Constantini, apesar de estarem ainda traumatizados com o que havia acontecido na cerimônia religiosa, estavam lá para dar um toque de humanidade ao evento.

Com seu novo braço, perfeito em cada detalhe, a aliança de casamento podia ser colocada em sua mão esquerda. E foi assim que minha linda e cruel Dandara tornou-se senhora Constantini.

Mas antes de sair do cartório com seu novo marido para uma nova vida, ela me sussurrou um pedido.

- A vadia que arruinou meu casamento...

- Não se preocupe - eu lhe disse.

E quando ela passou pela porta do cartório eu sorri aliviado. Ainda havia um puco de crueldade em minha linda Dandara.

Mas você não quer saber como convenci Ghob a fazer um braço encantado perfeitamente funcional para Dandara? Bem, primeiro tive que convencer uma certa menina chamada Andreza a mergulhar em um certo poço barbalara, e pegar todas as pedras da vida que encontrasse no fundo. Isso, infelizmente, esgotou o poço pelos próximos cem anos. Que é o tempo que um poço de água da vida leva para formar novas pedras da vida. E o que dei em troca do favor que Andreza me fez? Dei a ela um lindo anel bússola, o qual, felizmente, ela não faz a menor ideia de como funciona.

A negociação com Ghob não foi fácil. Eu lhe ofereci cinco pedras, ele pediu dez. Fechamos o acordo em oito. Foi um bom acordo.

E quantas pedras me sobraram? O bastante, não se preocupe.

O problema de Dandara estava resolvido, mas algumas pontas soltas precisavam ser aparadas e, modéstia parte, eu sou muito bom em aparar pontas soltas.

Os caciattori di demoni precisavam de uma lição e eles a teriam. Chiara Constantini estava por aí, livre leve e solta e isso não podia continuar. Não depois do que ela havia feito. Ela e todos os seus asseclas iriam entender que ameaçar imortais não era bom para a saúde.

Assim que voltei a São Paulo, comecei a investigar sobre a vida de Chiara Constantini. Ela era uma mulher rica, assim como seu irmão, e, quem diria, uma caçadora aposentada. Três filhos e viúva duas vezes. Além de dona de grandes fábricas de tecido localizadas no norte da Itália ela era uma apaixonada pela velocidade.

Visitei sua coleção de carros. Era algo realmente belo de se ver. Ferrari, BMW, Porsche, Bentley, Lamborghini, ela possuía todos os carros que eram sonhos de consumo de muitos ao redor do mundo.

Depois dessa vista, através de Morgana Le Fey, requisitei uma audiência com a toda poderosa Azra Mahai. Esta, surpreendentemente, aceitou me receber em um de seus luxuosos spas na Normandia.

Em um salão com chão de carpete alto, com paredes decoradas com tapeçaria persa, ela me recebeu vestida em uma espécie de trench coat vermelho que ia até a altura do joelho. Os cabelos continuavam vermelhos, mas lisos como os cabelos de uma japonesa. Nos pés, um stiletto altíssimo também vermelho. No rosto, sem maquiagem, enormes óculos escuros. No pescoço, um colar de esmeraldas. Nas mãos, luvas brancas.

Ela estava sentada em uma cadeira de ferro, atrás de uma pequena mesa redonda com tampo de mármore.

Quando me vê, ela sinaliza com a mão para que eu me sente.

Antes de me sentar, eu toco meu joelho esquerdo no chão e baixo a cabeça.

- Minha senhora, grato por me receber.

- Por favor, pare com isso. Há mortais nos observando. Sente-se.

Eu me levanto e me sento na cadeira de ferro.

Uma jovem de uniforme preto aparece com uma bandeja de prata sobre qual estão um bule de porcelana e duas xícaras também de porcelana.

Ela nos serve um chá de jasmim na temperatura correta.

- Merci, Madeleine - Azra diz dispensando a jovem.

Ela toma um gole de chá.

- Fale, Yani Temujin - ela diz.

- Fomos atacados por um exército de caciattori di demoni.

- Eu fui informada deste incidente. Fui também informada que você convenceu Ghob a criar uma prótese para Dandara. Foi um feito admirável.

- Alguma coisa será feita para ensinar esses caciattori que o que fizeram foi errado?

Ela toma outro gole de chá.

- Nada será feito.

- Nada?

- Dandara, associou-se a um mortal. Não é ilegal, mas tão pouco é desejável. Se ela não tivesse tido esta atitude, nada disso teria acontecido.

- Entendo.

- Eu espero que realmente tenha entendido. O véu é uma lei dos deuses, e qualquer coisa que o ameace, deve ser evitada.

- É claro minha senhora - eu digo escondendo minha irritação.

- Você não tocou no seu chá - ela diz como uma mãe preocupada com um filho pequeno.

E em resposta à sua preocupação maternal, eu tomo meu chá.

CAPÍTULO 28

Existe um parque na Avenida Paulista, em São Paulo, de nome Parque Tenente Siqueira Campos, mais conhecido como Parque do Trianon. É um parque sombrio, com uma história sombria. Entre os anos de 1986 e 1989, misteriosos assassinatos foram realizados naquele lugar. Um serial killer, um garoto de programa, assassinou uma série de homens entre trinta e sessenta anos, todos seus clientes, com requintes de extrema crueldade.

Uma manhã de domingo, em um um lugar com uma história dessas me parecia a combinação ideal para me inteirar do que estava acontecendo no mundo.

Através de minhas dobras de papel, uma vez por semana, quase sempre no domingo, eu visitava as principais capitais do mundo e comprava variados jornais.

Corriere della Sera, Le Monde, The Guardian, Berliner Zeitung, New York Times e Independent eram os jornais que eu costumava comprar.

No Corriere della Sera, li uma notícia terrível. Chiara Consantini, empresária, mãe, viúva, morre em acidente misterioso. A perícia relatava que por alguma razão não identificável, os freios de seu lamborghini prata pararam de funcionar no momento em que ela fazia uma curva. Uma notícia terrível, realmente. Quem sabe alguém, eu, não havia sabotado magicamente todos os seus lindos carros? Era uma possibilidade.

No Le Monde, uma notícia bombástica. Uma explosão, até o momento inexplicável, havia transformado um spa de luxo na Normandia em uma gigantesca cratera. Mais uma notícia terrível, mas não de todo inesperada. Talvez alguém (eu quem sabe?) tenha enviado uma carta anônima para a central dos cacciatori di demoni, no Vaticano, explicando que a dona de um certo spa na Normandia era simplesmente a mais poderosa feiticeira do planeta. E o que será que aconteceria se um exército de caçadores de demônios resolvesse enfrentar essa feiticeira que por acaso era Azra Mahai, Olhos de Prata, herdeira de Anu-Ansar-Mashra? Bem, talvez o resultado disso fosse uma cratera, talvez.

Acabo minha leitura, reúno todos os jornais e me preparo para sair quando alguém resolve se sentar ao meu lado.

Ele é um homem alto, bronzeado, vestido com um terno de linho bege, camisa branca, suspensórios, sapatos marrons, meias brancas e chapéu Panamá. Não estávamos em Cuba e havia trinta e um anos que Ernest Hemingway havia falecido. Se Ernest Hemingway não havia voltado dos mortos, alguém vestido daquele jeito e com aquela aparência só podia ser Max, o mais imprevisível de nossos três deuses.

- Tenho que admitir. Seus esquemas são verdadeiras obras de arte.

Eu petrifico ao ouvir aquela voz. Eu não precisava olhar a face daquele que me dirigia a palavra para saber que o deus Max, o Pai da Chama Eterna, estava ao meu lado.

- Sabe, Yani, eu o estou observando-o há algum tempo. Você é talentoso, e eu gosto de pessoas talentosas. Você sabe, também sou o deus dos artistas. E pelo que vejo, você é uma artista.

Eu continuo em silêncio e petrificado.

- Relaxe, eu não estou aqui para lhe fazer nenhum mal. Você me diverte e você sabe como eu gosto de uma boa diversão.

Usando todas as minhas forças, eu aceno positivamente com a cabeça.

- Pois é, mas existe uma coisa que não me diverte. E você sabe qual é, não sabe?

Eu aceno positivamente com a cabeça, de novo.

- Isso mesmo, o véu. É verdade que você achou um Rompe Véus, é verdade que nós deuses somos obrigados a respeitar as palavras dos oráculos, mas - ele faz uma pausa e tira o chapéu - quando e como o véu será levantado continua sendo uma decisão minha e de minhas irmãs. E nada e nem ninguém pode mudar isso. Fui claro?

- Sim, meu senhor.

- Então vamos recapitular. Você pode continuar me divertindo, mas o véu continua baixado. Estamos entendidos?

- Sim, meu senhor.

- Ótimo.

Quando finalmente encontro forças para virar o rosto na direção dele, ele não está mais lá. Em seguida, olho para minhas calças para ver se não urinei nelas e percebo com alegria que minha dignidade está intacta.

- Tudo bem aí? - Mila me pergunta.

Eu estava tão apavorado que não a vi chegar.

- Tudo bem.

- Acabou de ler os jornais?

- Acabei.

- Que bom. O que tem em mente para nós fazermos? - ela pergunta.

- Caminhar um pouco, depois, um cinema – eu digo, fingindo não estar apavorado.

- Parece um programa bem normal de se fazer.

Vestida como uma hippie dos anos sessenta e com aqueles cabelos vermelhos, ela parecia ter saído do musical Hair.

Caminhando pela Avenida Paulista, nós fingimos que somos pessoas normais.

- Morgana não foi contra o fato de você querer vir me visitar?

- Quando disse que iria para o Brasil te visitar ela me deu um olhar de desprezo. “Não sei por que você insiste em perder tempo com aquele feiticeiro de segunda classe”, foram as palavras dela.

- Que cretina.

Vejo uma lixeira e aproveito para jogar os jornais.

- Como está o Rompe Véus? - ela pergunta.

- Mudou-se para Berlim. Ariel não parece muito contente com a escolha da filha e ela parece simplesmente ignorar o desconforto que seu relacionamento causa ao pai.

Durante a conversa, eu lhe digo que Rodrigo, o qual ela não conhece, foi para o Havaí para passar três semanas e nunca mais voltou. Menciono também que Luciano, O Bom Pagador, o qual ela também não conhece, pediu para ser transferido para outra filial da REDSTAR. Se não me engano a filial de Buenos Aires, não tenho certeza. Ela fica feliz ao saber que escolheram a mim como novo gerente do laboratório de P&D.

Ela me pergunta sobre Dandara. E eu digo que ela está feliz em seu casamento, e que está representando bem seu papel de esposa e dona de casa.

Comento sobre minha magnífica Dona Hilda, heptagenária, que se tornou uma estrela da música brasileira. E isso a deixa realmente surpresa.

No meio da conversa, eu pergunto se ela tem notícias de Azra.

- Na verdade, eu nunca a vi pessoalmente. Mas Morgana diz que Azra anda irritada.

- Por quê? - pergunto com certo ar de inocência.

- Tem haver com o fato de um exército de caciatorri di demoni ter atacado ela no seu castelo hotel, na Normandia. Parece que a agora, a política de Azra é "O caçador de demônios bom, é o caçador morto".

- Huuummmm - eu sorrio.

Repentinamente, eu paro e tiro do bolso um anel.

- Mila, tenho um presente para você.

- Um presente?

- Sim.

Abro a mão e, ao ver o anel bússula, seu rosto se ilumina.

- Uau! Um anel bússula!

Ela pega o anel da minha mão e coloca no dedo médio da mão direita.

- Morgana me disse que essa belezinha pode fazer mil coisas.

- E ela está certa.

Ela coloca a mão na bolsa de pano que levava no ombro e dela tira um estojo.

- Eu também tenho um presente pra você.

Quando abro o estojo, uma pena de prata.

- Uma caneta mágica.

- Eu mesma fiz. É só você falar e ela escreve sozinha.

- É um presente muito útil mesmo.

- E veja o que está escrito nela.

Na pena, em letra cursiva, estava escrito meu nome, Yani Temujin.

- Adorei o presente.

De repente e sem aviso, uma neblina espessa começa a se precipitar. Em poucos minutos toda a cidade de São Paulo fica coberta por um nevoeiro que faz tudo ficar fantasmagórico.

- É você que está fazendo isso? - eu pergunto para Mila.

- Não, não sou eu. Mas seja lá quem for, é um encanto em tanto.

É então que eu sinto um frio, como se mil invernos tivessem escapado de alguma caixa mágica.

Surge então, a nossa frente, vestida com um longo vestido negro, cabelos pretos, longos, partidos ao meio, testa alta, nariz fino, lábios grossos, pele assustadoramente branca e olhos negros como um poço de piche. Eu fico paralisado. Não com o frio, mas sim, porque sei quem é a criatura que me olha como um corvo olha um animal morto. É ela, O Terror dos Bravos, Serena.

- Yani Temujin - Serena diz meu nome em sua voz de contralto, e minha medula espinhal parece congelar - O que é a vida, se não um sonho na neblina? E o que é essa neblina, se não um véu que protege mortais e imortais? Elástico é este véu, feiticeiro. Mas não o force a ponto de rasgá-lo. Considere este aviso com cuidado, pois você bem sabe que eu não costumo avisar duas vezes.

Do mesmo jeito que veio, ela se vai, como um sonho. Mas não antes de me dar um sorriso que me faz verificar de novo se não urinei em minhas calças.

- Ei, Yani, cê tá bem?

- Sim, sim, estou. Vamos andando?

- Você não está curioso pra saber quem fez isso?

- Honestamente, não.

Depois daquela aparição de Serena, muitas coisas aconteceram. Muitas histórias tenho para contar sobre isso. Histórias que triplicaram o volume do meu livro das sombras. Mas não são histórias para serem contadas hoje. Quem sabe elas serão contadas por mim em um outro dia na eternidade?

* * * Fim * * *

Outros livros deste autor

Da coleção, Um futuro como você nunca imaginou
2363

Da coleção, Histórias peregrinas dos dias de sal
Um sol e dois olhos âmbar
Rumo às colinas de aço

Contato

Página do livro no facebook

<https://www.facebook.com/pages/Um-sonho-na-neblina/1513132432291141>

Página do autor no facebook

<https://www.facebook.com/yndanielreal>

Blog do autor

<http://yndaniel.blogspot.com.br>

Twitter do autor

<https://twitter.com/yndaniel>

* * *